

A CANÇÃO DOS
QUATRO
VENTOS

EDDIE VAN FEU





A Canção dos Quatro Ventos

Eddie Van Feu

A Canção dos Quatro Ventos

Agosto de 2014

1ª edição

Rio de Janeiro

Capa:

Marcus Pallas

Design:

Ricky Nobre

Revisão:

Dany Fernandez

Foto da autora:

Fotógrafo: Vinícius Bertoli

Produção: Helena Galvanho Myara

www.clubedafantasia.com.br

Visite nosso endereço no outro plano

(o virtual):

www.linhastortas.com

www.alcateia.com

Editora Linhas Tortas

Endereço para correspondência:

Rua Engenheiro Adel, 83/102

Rio de Janeiro - CEP: 20260-210

Tel: (21) 3872-4971

Endereço Eletrônico:

linhastortas@alcateia.com

Conselho Editorial:

Renato Rodrigues

Luciana Werneck

Ricky Nobre

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[**Prioridades**](#)

[Capítulo 2](#)

[**Prisioneiro**](#)

[Capítulo 3](#)

[***O homem que gostava de histórias***](#)

[Capítulo 4](#)

[***Tão perto, tão longe...***](#)

[Capítulo 5](#)

[***O Tachan***](#)

[Capítulo 6](#)

[***Entre as chamas e a noite***](#)

[Capítulo 7](#)

[***Um traço de luz na escuridão***](#)

[Capítulo 8](#)

[***Com licença, onde fica o setor de informações?***](#)

[Capítulo 9](#)

[***A sina de um escravo***](#)

[Capítulo 10](#)

[***A escuridão dentro de nós***](#)

[Capítulo 11](#)

[***A verdade nos espelhos***](#)

[Capítulo 12](#)

[***O que nos muda***](#)

[Capítulo 13](#)

[***Indo às Compras***](#)

[Capítulo 14](#)

[***Ventanias***](#)

[Capítulo 15](#)

[***Prision Break***](#)

[Capítulo 16](#)

[***A Feira Encantada na Estrada Assombrada***](#)

[Capítulo 17](#)

[***Notícias ruins sempre nos encontram***](#)

[Capítulo 18](#)

Caminhos separados

Capítulo 19

Batendo de porta em porta

Capítulo 20

Perdendo a compostura

Capítulo 21

O Riacho das Pedras Roladas

Capítulo 22

É preciso ir devagar

Capítulo 23

A Canção das Fadas

Capítulo 24

O fundo do poço nem sempre é o fundo do poço

Capítulo 25

A Cabana

Capítulo 26

Na cela em frente

Capítulo 27

Um presente para uma fada triste

Capítulo 28

Humanidade

Capítulo 29

Aprisionados

Capítulo 30

Às vezes, as escolhas são poucas.

Capítulo 31

Perto daquela árvore, ao lado daquela pedra

Capítulo 32

A beleza está nos olhos de quem vê

Capítulo 33

Mundo pequeno este!

Capítulo 34

A fada na cela em frente

Capítulo 35

Noite silenciosa

Capítulo 36

Ao som dos bandolins

Capítulo 37

Reflexo

Capítulo 38

Fogo cruzado

Capítulo 39

O plano de Marcos

Capítulo 40

O poder da inspiração

Capítulo 41

Tão perto do fim

Capítulo 42

A verdadeira alma

Capítulo 43

Reencontros e despedidas

Epílogo

Agradecimentos

Sem dúvidas, devo um enorme agradecimento às pessoas que despertaram suas asas através da história de Bianca e Zac e me deixaram saber o quanto se emocionaram. Agradeço também às fadas que me trouxeram essa história linda, à Frabato que sempre me ensina como viver e à Uriel, que sempre encontra uma forma inusitada e surpreendente de atender um pedido. Agradeço à Dany Fernandez e à Rebecca Becker, minhas primeiras leitoras desse terceiro número. E agradeço a você, que não se contentou com Lua das Fadas e fez questão de ir mais longe!

“Os anjos são fiéis à sua velha casa
Basta virar uma pedra e despertar uma asa.
És tu, é tu
Que com tua face rancorosa
Deixas de ver uma coisa esplendorosa!”

Francis Thompson - The Kingdom of God

Prefácio

Cacau é uma cachorrinha muito... única. Bem, ela não é necessariamente bonita, nem especialmente inteligente. Seu latido é estridente e irritante e está sempre com um estranho sorriso de hiena. Quando anda, ela o faz de lado, como se o traseiro estivesse apostando corrida com a parte da frente. Ela acredita que os humanos estão ali apenas para servi-la e por isso não tem o menor constrangimento em puxar a mão de alguém – qualquer um que esteja por perto – com a pata, exigindo um carinho imediatamente. Mas ela não gosta de colo, nem de ser agarrada e apertada. Sim, Cacau é uma cachorrinha muito estranha...

Quando foi adotada pela Família Grandier de Sant'Anna, ela virou o novo xodó. Bianca tinha então dez anos e Cacau era todo o seu mundo. Era uma vira-latinha meio amarela, meio marrom, meio esquisita e com uma energia incomparável. Ela foi amada por Lorena, a mãe de Bianca e por Urbain, que, no começo não entendia muito bem o apreço que as pessoas tinham por animais. Não o julgue, Urbain pertence a um outro tempo. Literalmente. Mas bastou um abanar de cauda e um sorriso que só os cães possuem para Urbain se render também àquela criaturinha serelepe.

Cacau não entendeu muito bem o que aconteceu. Um dia, sua dona saiu de casa. Cacau pôde sentir, embora não fosse lá muito sábia, que Bianca, naquele momento com 16 anos, estava indo para uma longa jornada. De repente, sua dona voltou muito antes do que ela esperava! Cacau ficou muito confusa, mas como é muito dispersa, logo esqueceu.

Poucas semanas depois, um jovem começou a frequentar a casa. Cacau gostava dele. Ele tinha mãos! Como todo mundo, ele achava uma graça que ela exigisse carinho puxando sua mão com a pata. Cacau sabia que era chata e a família já tinha descoberto isso. Era bom ter alguém novo e iludido para não achá-la uma mala sem alça. Tudo estava bem e Cacau estava feliz porque todo mundo estava feliz. Até que...

Todo mundo sumiu! Cacau ficou muito confusa! Ela ficou com a mãe de Lorena, uma senhora que ela adorava porque cozinhava muito melhor que Lorena, mas Cacau sentia falta de sua família. Assim, ela se deitou, dia após dia, de frente para a porta, esperando... Levantava as orelhas a qualquer sinal ou movimento. Às vezes, dava seu latido estridente. No final, não eram eles. Cacau voltava a se deitar, olhando atentamente para a porta. Um dia, sua família entraria de novo por aquela porta. Ela sabia. Cacau sabia de muito poucas coisas. Mas se tinha uma coisa que ela sabia era essa: eles iriam voltar!

Bianca acordou esticando a mão para o nada num reflexo de um sonho. Ainda estava escuro e as estrelas pontilhavam o céu. Analice a olhava curiosa e uma fogueira crepitava perto delas.

– Tudo bem? – perguntou Analice.

Bianca se sentou, passando as mãos nos cabelos fartos.

– Tudo... – murmurou a outra.

Bran estava de guarda, observando o perímetro, e Bianca viu sua silhueta à luz da Lua. A moça meneou a cabeça levemente, se perguntando como chegara àquela situação. Um dia, sua melhor amiga desaparecera. Bianca decidira ir atrás dela e recebeu a ajuda de um anjo. O nome dele era Zacariel e demorou uns quinze segundos para virar Zac nos lábios de Bianca. Foi a aventura de uma vida.

Ela achou que ia conseguir, mas as coisas ficaram complicadas. Bem complicadas. Bianca achou que tinha perdido Zac para sempre, mas ele voltou. E então, ele foi tirado dela. A menina não se deu por vencida quando perdeu a melhor amiga, não era surpresa que ela lutaria por Zac. Ela só não imaginava que meteria a família inteira nessa confusão.

Era como se o mundo inteiro estivesse de cabeça pra baixo. Não sabia onde estava Lorena, sua mãe, e seu tio Marcos. Desencontrara-se de Urbain, seu pai, e da fadinha de asas pequenas, Eileen. Quando encontrou Zac e reencontrou Analice, achou que as coisas finalmente iam se acertar, mas foi justamente quando tudo saiu do controle.

Zac não era mais o anjo que ela conhecera, nem o rapaz que ela amava. De alguma maneira, o pior nele fora despertado, com uma ajudinha do elfo Asram, noivo (agora ex) de Analice. Zac agora era um troll, com asas de morcego e orelhas pontudas. Bianca não teve muita oportunidade de vê-lo de perto depois disso, pois foi presa e jogada no calabouço de Asram. Zac nunca olhou para trás e não tentou resgatá-la. E isso partiu seu coração...

Porém, alguém apareceu para tirá-la daquela cela escura. Bran, o guarda elfo encarregado de tomar conta de Analice os traíra, mas quando viu que sua boa intenção os levara ao desastre, procurou se redimir, proporcionando uma fuga da prisão. Agora, estavam ali os três: ela, Analice e Bran. Perdidos, famintos, confusos e assustados. E se não fosse possível voltar atrás? E se Asram os capturasse? Já viram do que o príncipe elfo era capaz!... E se Zac estivesse perdido para sempre? E se nunca encontrassem o que estavam procurando?...

– Você estava sorrindo.

Bianca olhou para Analice, os grandes olhos amendoados fitando-a no escuro.

– Eu estava sonhando... – murmurou Bianca.

– É mesmo? – perguntou Analice. – Com o quê?

Bianca precisou fazer um esforço para se lembrar, pois as preocupações já tinham tomado conta de sua cabeça, expulsando as suaves e gostosas imagens de seus sonhos. Então ela lembrou e sorriu com uma doce lembrança e uma saudade cor de salmão.

– Estava sonhando com a Cacau!...

Prioridades

Assim que o Sol banhou o bosque com seus primeiros raios, Bianca acordou com uma leve sacudidela de Bran, que também acordava Analice. As duas moças piscaram várias vezes e esfregaram os olhos sonolentos.

– Melhor nos prepararmos para partirmos – explicou o elfo, colocando um monte de frutinhas vermelhas numa folha diante delas.

– O que é isso? – perguntou Bianca, que desde que tinha sido traída por Asram e pelo próprio Bran, desconfiava até da própria sombra.

– Amoras silvestres e frutas das fadas – explicou Bran, sem se ofender. Ele sabia que consertar o que tinha feito seria um longo caminho. – Colhi no bosque.

Ele dividiu um pão entre elas. Analice percebeu que ele mesmo não ficara com nada. Ela partiu seu próprio pão e estendeu o pedaço para ele com um sorriso.

– Não precisa, eu estou bem – disse ele.

– Coma isso, ou eu vou bater em você! – ordenou Bianca.

Ele aceitou. Bianca estava mal humorada, mas ninguém podia culpá-la. Não só era cedo demais para qualquer bom humor acordar, como seus últimos dias tinham sido tenebrosos. Resgatou o namorado torturado de uma masmorra, fugiu de soldados, foi novamente emboscada e agora estava fugindo de novo. Não tinha ideia do que tinha acontecido com seus pais, Lorena e Urbain, ou seu tio, Marcos. Ao menos seu tio Marcel tinha tido juízo o bastante para ficar longe daquela furada... E também não sabia onde estava Zac, que já não era a pessoa que ela tinha conhecido.

Comeram o café da manhã em silêncio e depois de mastigar um pedaço de pão, Bianca partiu um pedaço e estendeu para Bran. O elfo a olhou com os enormes olhos negros.

– Você precisa ficar forte – disse Bianca. – Temos uma jornada e tanto pela frente e não sabemos exatamente se Asram virá atrás de nós.

– Ah, ele virá! – respondeu Bran. – Pode ter certeza disso! Estamos com a noiva dele. E eu o traí. E você pode ajudá-lo a capturar Zac.

– E ele tem um ego do tamanho do universo! – completou Analice. – Não vai deixar barata nossa fuga...

Os três ficaram mais uma vez em silêncio, como se mergulhassem em seus próprios medos por um momento. Um pássaro voou e o vento agitou as árvores, tirando-os do torpor que o medo geralmente provoca.

– Precisamos de um plano! – disse de repente Bianca, como se tivesse acordado de um transe.

– Só um? – perguntou Bran.

Ele tinha motivos para perguntar isso. Havia uma lista de coisas a fazer bem longa na agenda de Bianca.

– Muito bem, precisamos achar sua família! – começou Analice, tentando enumerar as tarefas.

– E precisamos achar Zac – completou Bianca.

– E descobrir se podemos reverter o que houve com ele – tornou Analice.

– E precisamos achar um jeito de voltar pra casa! Ainda temos que conseguir o elixir de Tyr Nan Og para que não envelheçamos quando voltarmos para o nosso mundo.

– Muito bem, por onde começamos? – perguntou Bran.

– Para sabermos para onde vamos, precisamos saber onde estamos! – disse Bianca. – Precisamos de um mapa!

Bran rapidamente remexeu numa das mochilas de provisões que ele arrumara pouco antes da fuga. Puxou um papel dobrado e abriu-o diante das meninas.

– Aqui é a Colina dos Amores Perfeitos, o Reino de Maya, onde Asram governa. O portal do círculo das fadas que nós usamos nos trouxe até aqui, Bosque dos Gnomos, a pelo menos 100 quilômetros de nossos perseguidores.

– Eles não podem usar o mesmo portal que nós para nos alcançar? – perguntou Analice.

– Poderiam, mas eu fiz um acordo com as fadas e o portal ficará fechado pelos próximos três dias, depois que nós passamos.

– Você pensou em tudo mesmo, hein? – admirou-se Bianca.

– Era o mínimo que eu podia fazer... – respondeu ele, de cabeça baixa.

Analice tocou a mão dele e a apertou, fazendo-o olhar para ela.

– Você não sabia. Esqueça isso, estamos todos no mesmo barco agora!

– A Vila das Fadas D'Água!!! – gritou Bianca, apontando para o mapa. – Era aqui que estávamos quando os trolls sequestraram meu pai, Eileen e eu!

– Acha que eles ainda estão lá? – perguntou Analice.

Bianca lembrou de sua família por um instante.

– Duvido... – respondeu desanimada.

– Como vamos achá-los? – perguntou Bran.

O silêncio foi a resposta.

– Bom... – continuou ele. – Então teremos que ir até lá de qualquer maneira. Se eles não estiverem lá, pelo menos saberemos para onde eles foram.

– Frabatto!!! – gritou Bianca de repente.

– Quem é Frabatto?

– O mago!!! Ele nos ajudou das outras vezes! E ele tem uma sala cheia de espelhos de onde ele pode ver todo mundo! Parece o pacote mais caro da TV a cabo, pega tudo! Sem falar que ele sabe muitas coisas, pode saber um jeito de revertermos o que houve com o Zac!

– Parece ótimo! – animou-se Analice.

– É, parece! – Bran também estava empolgado com uma solução aparentemente simples. – Onde ele mora?

– Na casa dele!

Os outros dois ficaram olhando para Bianca, esperando que tivesse sido uma piada.

– Calma, não deve ser difícil de achar! Ele mora num castelo! – explicou Bianca.

– Bianca, você sabe quantos castelos tem nesse mundo?

– É um castelo assombrado! – insistiu Bianca, esperando que Analice ou Bran soubessem onde era.

– Bianca, você sabe quantos castelos assombrados tem nesse mundo?

A moça se levantou, mexendo na cabeça, tentando massagear o cérebro ou algo assim.

– Calma! Eu vou me lembrar!

– O que tinha por perto? – perguntou Bran. – Como você chegou lá?

– Eu estive lá duas vezes... – disse Bianca. – Na primeira vez, nós passamos por um gigante chamado Jack que trazia cabeças vivas na cintura e tentou nos matar... Na segunda vez, fomos levados a um lugar horrível de desova de um cavalo do diabo que comia fígados.

– Não sei se é uma boa ideia irmos a esse castelo... – murmurou Analice.

– Esse gigante, ele tinha correntes? – perguntou Bran.

– Tinha! Era um som horrível! Era o que prendia as cabeças na cintura dele!

– É Jack, o Acorrentado! Eu já ouvi muito sobre ele! – contou Bran, feliz em ter um referencial.

– Então você sabe onde ele fica?

– Não, mas alguém na cidade deve saber!

Eles voltaram a se reunir em volta do mapa.

– Aqui é a Cidade dos Ventos, a apenas algumas horas de distância a pé! – apontou Bran no mapa. – Lá, poderemos pedir informações, conseguir mais mantimentos e comprar uns cavalos.

– Comprar? – Bianca desanimou, lembrando que era assim que se sentia sempre que via a etiqueta de uma roupa bonita numa loja de grife. – Não temos dinheiro...

– Droga! – Analice se sentou chateada no chão. – Eu tinha dinheiro! No meu quarto!

– Me perdoe senhora... – disse timidamente Bran, sem encarar Analice.

E então ele retirou um saquinho dourado cheio de moedas e algumas joias de dentro do casaco e entregou para ela.

– Minha bolsa!!! – festejou Analice.

– Me perdoe, mas eu tive que pegá-la antes de fugirmos! Eu não quis faltar com o respeito e não quero que pense que sou um ladrão!

Analice sorriu feliz.

– Está brincando, Bran? Você provavelmente nos salvou de novo!

– É que eu peguei mais uma coisa em seus aposentos...

Então, diante dos olhos curiosos de Analice, ele tirou uma coisa embrulhada em tecido de dentro da mochila. Analice se iluminou quando viu o caderno de poesias que viera de seu mundo.

Bianca olhou surpresa para o caderno.

– Sério? Um monte de coisas preciosas e você pega um caderno de poesias??! Ah, qual é?!

– Cala a boca, Bianca! – ralhou Analice com a amiga, abraçada ao livro. – Esse livro veio do nosso mundo! É a única lembrança que eu tenho de minha casa...

E então ela pareceu murchar e entristecer.

– Asram foi buscar esse livro na minha casa no nosso mundo... – disse ela.

– Mesmo sendo perigoso, ele foi até lá e trouxe para mim meu caderno de pensamentos... Foi a coisa mais bonita que alguém já fez por mim...

Bianca não falou mais nada. Bran também não. Recolheram as coisas e se colocaram a caminho.

Nessa mesma manhã, outras quatro pessoas tinham uma discussão parecida, mas em cavalos. Lorena, mãe de Bianca, ia em seu cavalo com a pequena Eileen, a fadinha de asas pequenas demais para voar, ao lado de Marcos e Marcel. Cavalgavam em direção a Luzandefall com um objetivo similar ao dos três jovens que tomavam a direção da Cidade dos Ventos: buscar informações.

Depois de ver a cabana onde Urbain Grandier e Eileen estavam queimar até o chão, acreditando que estavam ambos mortos, a esperança voltou com as asas da fada que não voa, que surgiu de uma mata onde tinha se escondido. Eileen, ainda apavorada, contou o que aconteceu. Urbain fora atacado e levado por mercadores

de escravos. A ideia era assustadora, mas nem se comparava com a morte nas chamas, destino do qual ele já escapara antes.

– Se o querem como escravo, vão mantê-lo vivo! – disse Marcel, tentando acalmar Lorena. – Escravo morto não vale muita coisa...

Isso era um fato, mas todos eles conheciam o temperamento de Urbain. Entre o charme e a cólera, Urbain Grandier fora um padre polêmico que teria terminado na fogueira depois de torturas terríveis. Não escapara totalmente das torturas, mas escapara da fogueira, graças à ajuda de Lorena, Marcos e Marcel, 17 anos antes. Urbain amadurecera, mas mantivera a vaidade e o charme. O temperamento brigão tinha sido controlado, mas não sabiam como ele iria agir se colocado à prova. Escravizar Urbain seria como domesticar um jaguar. Haveria sangue. Ou do jaguar, ou de quem estivesse tentando domesticá-lo. E, justamente por isso, não tinham muito tempo.

Chegaram à cidade e foram direto à taberna onde arrumaram confusão assim que chegaram. Claro que não foram muito bem recebidos, mas algumas moedas no balcão amenizaram o humor do dono.

– Estivemos aqui antes – disse, redundantemente Marcel.

– Eu sei – respondeu como um bloco de gelo o homem atrás do balcão. – Eu me lembro.

– O homem com quem o nosso amigo brigou, o que estava atazanando suas garçonetes, quem era? – disse Marcos.

– Minhas o quê?!

– As moças que estavam servindo! Quem era o abusado e onde podemos encontrá-lo?

O homem pareceu desconfortável e olhou em volta. Mais algumas moedas jogadas sobre o balcão por Marcel e uma ameaça de Lorena de tornar a vida dele miserável se não falasse a verdade aceleraram sua decisão. Assim, quando Lorena, Marcos, Marcel e Eileen saíram dali, tinham algumas informações. Não eram muitas, mas era o bastante para começar. Agora era torcer para que Urbain aguentasse a barra sem fazer nenhuma besteira.

Caminhava por corredores escuros e úmidos, as pedras como mudas testemunhas de sua passagem. Não estava com medo. Lembrava-se disso. O lugar era assustador, mas não tinha medo porque não tinha motivos para ter medo. O medo só chegou quando a porta se abriu e viu os instrumentos de tortura.

Foi agarrado e preso, ninguém respondia às suas perguntas, e antes que pudesse pensar, o chicote estalou em seu corpo, rasgando sua carne, cortando sua alma, fazendo-o gritar.

Zac acordou sobressaltado, suor na testa e uma respiração ofegante. Na porta de seu quarto surgiu a figura de Kajinski, um troll velho e magro de olhos miúdos que pareciam ver muito mais longe do que se podia imaginar.

– Algum problema, majestade?

Zac tentou falar, mas não conseguiu. Levantou-se da cama úmida com seu próprio suor e foi até a mesa, onde molhou o rosto com a água de uma bacia de cobre.

– Foi um pesadelo? – sondou Kajinski, andando pelo quarto mal iluminado por velas como se fosse uma assombração, os olhinhos brilhando na escuridão.

Zac olhou diretamente para ele, um tanto surpreso.

– Não... Foi uma lembrança... Descobri como fui parar nas mãos de Asram. Achei que ele tinha me capturado, mas eu fui andando ao lado dele. Era como se fôssemos... amigos.

– Então é ainda pior! – aproximou-se Kajinski. – Significa que ele o traiu! Por isso mesmo ele e seu povo devem pagar caro!

– Mas... – Zac tentava voltar ao pesadelo para ver mais, saber mais. – Como um elfo da realeza poderia ser amigo de um troll como eu?

Zac andou pelo quarto. Sua memória estava em frangalhos. Lembrava-se de sua vida de troll, mas aos pedaços, como se fossem flashes. Não reconhecia de fato nenhum daqueles trolls que o cercavam. Lembrava-se que um dia teve um irmão e um pai. E a lembrança o fazia tremer. Lembrava-se muito vagamente de Kajinski, sempre ao lado de seu pai. E então... De repente estava atacando elfos e erguendo Asram com ódio até o céu, soltando-o para a morte a seguir. Não tinha certeza de como achou o caminho até o covil dos trolls onde Kajinski os mantinha, mas tinha certeza de que estava transbordando de ódio. Sentia-se traído, aviltado e seu sentimento se traduziu numa única ordem. Assumiu o lugar que de certa forma sabia ser seu. Seu pai era o rei dos trolls. Na falta dele e do irmão mais velho, só restava ele. E seu primeiro ato foi ditado pelo ódio e pela dor: Kajinski deveria reunir todos os trolls que encontrasse. E deviam se preparar. Porque haveria guerra.

– Talvez tenha sido um pesadelo, majestade, e não memórias... – começou a falar Kajinski, mas seu rei o interrompeu.

– Não fale mais nada, Kajinski! Apenas saia e me deixe dormir!

O velho troll hesitou por um momento, mas terminou por concordar com um movimento de cabeça e se retirou.

No quarto, Zac olhou novamente para a cama e caminhou até ela com determinação. Deitou-se e olhou para o teto, as asas negras abertas e a mente

também. Se essas lembranças queriam chegar a ele, que chegassem então. Ele queria saber o que diabos acontecera.

No corredor, Kajinski caminhava lentamente enquanto sua mente trabalhava muito mais rápido. Ele sabia da importância de Zac em seus planos. Tê-lo de volta à sua antiga forma era mais do que ele podia querer, mas não podia se dar ao luxo de perdê-lo. Suas lembranças eram um risco. Somos as nossas memórias. Sem elas, somos caixas vazias. Se Zac tivesse suas lembranças de volta, na ordem certa, ele saberia quem era. Kajinski sempre teve esperança de que Zac trazia dentro dele uma parte selvagem e cruel, sua herança troll, pois certas coisas nunca mudam. Porém, não gostaria de arriscar. Era hora de dar uma espiadinha nas possibilidades. E ninguém melhor para isso do que uma bruxa.

Prisioneiro

Numa floresta escura e assombrada por almas perdidas, havia uma cabana de cuja chaminé subia uma fumaça escura. Uma mulher velha remexia num caldeirão como um cliché quando alguém bateu à porta. Ela reconhecia as batidas e já abriu a porta sorrindo.

– Como vai, Kajinski! Não esperava vê-lo tão cedo!

Kajinski entrou, desconfiado. Se a bruxa não sabia prever que ele poderia aparecer, como poderia prever outras coisas?

– Sente-se! Estou fazendo uma sopa de cogumelos!

Ela serviu a sopa para o troll que torceu o nariz.

– Não vim aqui para comer, velha.

– Você está tão mal humorado, seu velho diabo... O que houve? Achei que agora que conseguiu que o último membro da realeza assumisse o trono, seus problemas tinham acabado...

A mulher de cabelos crespos e esvoaçantes, já meio grisalhos, sentou-se diante dele e mergulhou um pedaço de pão na sopa quente.

– O problema é que ele anda tendo sonhos com sua vida como humano. Quero saber se há o risco dele se lembrar de tudo.

– Hum... Entendo... Trouxe meu pagamento?

Kajinsky retirou um saquinho de seu manto e entregou para a mulher que o pegou e abriu com ansiedade. Pedras coloridas brilharam à luz da lamparina sobre a mesa.

– São lindas! Mas muito pequenas! Veja se me traga pedras maiores da próxima vez, seu troll pão duro!

O troll bufou, mas a mulher nem ligou. Começou a olhar para a sopa diante dela e a dizer palavras que ele mal ouvia. Então, ela começou a dizer o que via em seu próprio prato.

– Bem... As lembranças dele querem voltar... Se voltarem, ele mudará. Voltará a ser o que era. É isso.

E então ela voltou a comer.

– Ele não pode se lembrar!!! Kajinski bateu na mesa. – Vai colocar todo o meu plano a perder!

A bruxa nem piscou, continuando a saborear sua sopa.

– É muito simples, meu caro Kajinski. Basta que você alimente nele as memórias que o fazem ser um troll. E afaste toda e qualquer lembrança do que ele

já foi. Com certeza, há coisas e pessoas que vão despertar o melhor nele. E o melhor nele é o que você não quer.

Kajinski olhou longamente para um canto escuro. Havia alguém em especial andando pelo reino que certamente despertaria o passado de Zac. E essa pessoa seria um perigo constante enquanto caminhasse livremente por aí...

O caminho foi desconfortavelmente silencioso até a Cidade dos Ventos. Aparentemente, cada um estava imerso em seus próprios pensamentos e sentimentos. Não demorou muito a avistarem a cidade. Caminharam entre as pessoas – ou o que quer que fossem – numa rua movimentada como dia de feira num domingo. Era uma cidade bem maior do que a Vila das Fadas D'Água, com grandes construções em estrutura greco-romana e centenas de pessoas caminhando por suas largas ruas.

– É o lugar ideal para desaparecermos na multidão – disse Bran.

E nesse exato momento, uma guarda élfica foi avistada ao fim da rua onde caminhavam. Arregalaram os olhos ao identificar os uniformes dos soldados de Asram. Bran imediatamente puxou as meninas para uma rua lateral, onde podiam se esconder nas sombras.

– Estão procurando pela gente? – perguntou Analice.

– Não, estão comprando meias-calças! – respondeu Bianca. – É claro que estão procurando a gente!

– Vamos ter que ser cuidadosos. Venham!

Bran as guiou até uma loja de roupas, perucas e sapatos cuja vitrine mostrava um chapéu engraçado com um manto, numa combinação meio estranha. Meia hora depois, saíram os três de lá com outras roupas. Analice escolheu também um chapéu com uma aba que ocultava parte de seu rosto, já que os guardas certamente a reconheceriam imediatamente se a vissem. Bran preferiu um manto com capuz, muito utilizado por viajantes em geral. Já Bianca preferiu se vestir de homem. Prendeu o cabelo e o escondeu dentro de uma boina, sentindo-se muito confortável com as calças e o colete sobre a camisa de algodão.

– E agora? – perguntou Analice.

– A mulher da loja me disse que tem um homem muito velho na cidade que sabe de todos os seres abissais do reino. Vamos até ele. Provavelmente, ele saberá nos indicar onde fica o Castelo de Frabatto ou as horríveis referências que Bianca tem do lugar.

Atravessaram as ruas com cuidado. Os soldados já não estavam na rua, mas eram sempre um perigo. Caminharam apreensivos, observando tudo com atenção, seguindo pelas ruas que a senhora indicou na loja. Pouco antes de entrarem na rua indicada, mais um grupo de seis elfos armados com o brasão do reino de Asram surgiu, caminhando em sua direção, olhando atentamente no rosto das pessoas. Apressaram-se e entraram na rua antes de toparem com eles, chegando num beco sem saída.

– Isso não pode ser bom sinal.

– Calma! Tem uma porta ali! – apontou Bran.

Foram até aquela porta azul já descascada e bateram. Aguardaram. Nada aconteceu. Bateram novamente.

– Talvez ele não esteja em casa... – chutou Bianca.

– Ele tem que estar! Ou vamos acabar dando de cara com os guardas de Asram! – disse Bran, preparando-se para bater de novo.

Quando Bran ergueu a mão para bater pela terceira vez, a porta se abriu. Um rosto surpreso surgiu, olhando para eles.

– O que querem?

– A senhora da loja de roupas nos dis...

– Quem? A Mercedes?

– É, acho que é...

– O que aquela bruxa quer? Eu a odeio! Ela me vendeu uma calça e os fundilhos rasgaram! Ela disse que foi culpa minha! Não quis devolver meu dinheiro! Ladra safada!

O trio se entreolhou.

– Será que o senhor podia nos dar umas informações?

O homem os olhou com desconfiança. Olhou para os dois lados do beco, como se procurasse mais alguém. Nesse momento, um pequeno tumulto chamou a atenção deles. O grupo de guardas estava revistando pessoas bem na frente do beco. Se eles resolvessem entrar naquela rua sem saída, seria um problema.

– Vocês querem o meu dinheiro! Todos querem o meu dinheiro!

– Não, nós só queremos informação, só isso! Nós juramos! – insistiu Analice, meio apavorada.

– Nós compramos a sua calça rasgada! – sugeriu Bianca.

Então ele abriu a porta e os deixou entrar.

A casa por dentro era simples e por um momento eles se perguntaram onde estaria o dinheiro que ele julga que todos querem. Mas foi só um momento, porque estavam mesmo nervosos com a aproximação dos guardas.

– Por que estão fugindo dos guardas? – perguntou o velho homem, assim que entraram.

– Err... Não estamos...

– Vocês mentem muito mal! E você, menina, porque está vestida como um rapaz?

Bianca respirou, tentando achar uma explicação, mas não conseguiu.

– Moço! O senhor faz umas perguntas muito difíceis!

Horas antes, quatro homens estavam em volta de uma fogueira. Um deles estava amarrado. O céu estava escuro e o vento, frio, o que tornou aquela fogueira necessária. Um dos três voltou para perto dos outros depois de sua tarefa cumprida.

– Espalhou o sal?

– Espalhei. Essas coisas encantadas não nos aborrecerão essa noite.

Olharam para o homem desacordado, os cabelos negros cobrindo quase todo o rosto.

– Quanto acham que conseguiremos por ele?

– Depende de para quem vendermos... Mas temos que ter cuidado. Esse aí é tihoso...

Cadman se lembrava bem da briga com o homem na taberna, dias antes. E, depois, na casa do minerador. Dava-lhe um prazer único tê-lo agora subjugado, mas não esqueceu os golpes que levou. Subitamente, o homem caído acordou. Ergueu-se esperneando, pronto para lutar, correr ou sabe-se lá o quê. Vendo-se com as mãos amarradas às costas, não demorou para perceber que estava entre seus captores, que agora o olhavam com cinismo.

– Teve um pesadelo, Feiticeiro? – perguntou Cadman.

Urbain estava sentado e a visão estava um pouco embaçada, mas sua última memória era tão aterrorizante que quase o fez gritar.

– A menina! Vocês incendiaram a cabana com a menina ainda lá dentro!

– Que menina? – perguntou em tom monossilábico o outro. – Aquela fadinha que estava com você?

Urbain grunhiu e tentou se soltar, aflito.

– A menina fada! Ela estava lá dentro!!!

Ele esperava alguma reação dos homens. Uma coisa é capturá-lo. Urbain Grandier vivera o bastante para saber que odiá-lo e querer lhe dar uma surra não era exatamente um pecado, muito menos o pecado de poucos. Mas Eileen era uma menina! Uma criança de quatro ou cinco anos!

Achou que os homens iam se levantar correndo e procurar por ela. Não tinha noção de quanto tempo se passara, mas não podiam estar tão longe. No entanto, os homens riram. Gargalharam, na verdade.

– Você está desesperado por causa de uma fada? – riu um deles. – Há milhares delas por aí! Todas inúteis! Se ao menos pudéssemos vendê-las...

E então continuaram rindo.

Urbain os encarou por uns instantes, atônito. Então, olhou para a fogueira, onde imaginou que a menina de quem cuidara nos últimos dias – que já lhe pareciam anos – estava morta, queimada viva num incêndio criminoso. As lágrimas lhe subiram aos olhos e ele virou o rosto, evitando que os homens o vissem.

O dia clareou e ganhou tons cinzentos. Ao longe, nesgas de nuvens alaranjadas anunciavam o sol que ainda não surgira. Urbain não pregara o olho, apesar do cansaço. Tentara, no entanto, forçar as cordas que lhe apertavam os pulsos. Só conseguiu se ferir. Os homens se levantaram e apagaram a fogueira. O puxaram, obrigando-o a se levantar.

– Vamos, Feiticeiro! Temos uma longa estrada pela frente e muitas moedas ao final dela!

Urbain fingiu estar grogue e, quando o homem estava na posição que ele queria, chutou-o com tanta força que Cadman caiu na fogueira apagada. Jogou-se em cima de um segundo, que também foi ao chão, mas logo foi novamente dominado. Cadman o encarou surpreso pela audácia.

– Você é muito abusado, Feiticeiro da Lua Negra! Só não o mato agora porque você vale dinheiro.

– Esse dinheiro não vai pagar sua vida... – rosnou Urbain, com a fúria a brilhar nos olhos negros. – Porque eu juro, eu vou matar vocês.

Cadman esboçou um sorriso, esperando que os outros rissem. Mas nenhum deles sentiu muita vontade de rir. Aquelas palavras tinham peso. Tinham textura. Tinham profundidade. E, o que era muito desagradável... Tinham verdade...

O homem que gostava de histórias

– Desculpe, senhor...

– Bariato! Muito bem, sentem-se! – o homem colocou umas canecas e cerâmica sobre a mesa e derramou um líquido cor de salmão. – Bebam! É só chá!

Eles se sentaram na velha mesa de madeira carcomida e pegaram suas canecas com hesitação. O homem sentou e olhou com ansiedade, como se esperasse alguma notícia muito boa.

– Muito bem! Contem! Contem tudo! Por que estavam evitando a guarda élfica?

– Err... – ensaiou Bianca. – O senhor nos entendeu mal. Não estávamos...

– Ah, não?! – gritou o homem antes que ela terminasse. – Então não se importarão de convidar os guardas para tomar um chá conosco.

Ele se levantou decidido e todos gritaram ao mesmo tempo. Ele se voltou para os jovens.

– O senhor venceu! – explicou Bianca. – Estamos fugindo dos guardas!

– Isso eu já sei! Quero saber por que!

– Desculpe... – Analice pareceu confusa. – Mas por que o senhor quer tanto saber isso?

O velho senhor de cabelos arrepiados voltou para a mesa com os olhos brilhantes de uma criança.

– Por quê? Não é óbvio? Eu adoro uma boa história! Façamos um trato! Vocês me contam sua história e eu lhes dou o que vocês estão procurando!

O trio se entreolhou.

– Bom, ele parece um senhor muito simpático... – sussurrou Analice. – Que mal fará?

Bianca respirou, vendo-se sem saída. Há algum tempo, ela confiaria de graça no bom e velho senhor de cabelos cor das nuvens. Mas depois que confiou num elfo galante e num pônei fofinho, começou a ficar um pouco mais desconfiada. De todo mundo.

– Bom, tudo começou quando Zac sumiu – começou Bianca, tentando resumir o máximo que podia. – Ele era um anjo, mas depois que ele morreu, virou humano. Ele foi raptado por trolls e trazido pra este mundo. Nós fugimos, mas o príncipe Asram achou que Zac sabia onde era o esconderijo dos trolls! Ele me deu um boa noite Cinderela e torturou meu amigo para ter a informação que ele queria.

Eu, Analice e Bran fugimos com ele, mas Asram nos achou e Zac virou um troll. Agora, Asram está atrás de nós e do Zac.

O velho senhor ficou parado olhando para eles com olhos atentos.
– Quem é Zac?

Considerando que aquilo ia demorar um pouco, Bianca se serviu de mais chá, enquanto Bran bebericava um pouco da bebida cor de rosa e Analice olhava em volta, admirando a decoração.

Como se alguém pisasse sobre seu túmulo, ou sussurrasse seu nome numa noite escura, Zac acordou suando frio. Os fragmentos do sonho – pesadelo – que estava tendo ainda flutuavam a sua volta, mas eram tão incompreensíveis quanto pedaços de espelho. Era com isso que pareciam. Seus olhos azuis, agora muito escuros, fitavam o teto da caverna enquanto sua respiração voltava ao normal. A sua volta, pedaços de espelho ainda flutuavam, cada um mostrando um pedaço do tempo e da história que ele não compreendia.

Ele se ergueu, as asas negras de morcego, aveludadas e estranhas, nas costas. Elas não lhe pareciam “suas”. Passou a mão pelas cicatrizes no peito nu. Aquilo também não parecia “seu”.

Levantou-se e caminhou pelo quarto, sentindo-se estranho. Um barulho do lado de fora chamou sua atenção. Saiu e seguiu o som de grunhidos e gritos. Os trolls estavam animados com alguma coisa.

Um grupo de trolls torcia e espetava com suas clavas e lanças alguma coisa que ele não conseguia ver. Zac abriu caminho entre eles, tentando ver quem tinha sido capturado. Viu-se de frente a três fadas. Duas pareciam adolescentes e uma era uma criança de uns oito anos. As roupas estavam rasgadas, os braços estavam arranhados e elas estavam assustadas até a morte, abraçadas, tentando se proteger enquanto esperavam o fim.

Os pedaços de espelho voltaram...

Uma fada caiu do céu.

Ela estava em seus braços...

Era só uma menina, e estava morrendo...

E de repente havia luz em suas mãos...

E asas brancas, muito brancas em suas costas...

Eles brincavam numa colina...

E havia uma festa...

Uma roda...

E alguém segurava sua mão

A lembrança daquele toque explodiu em sua cabeça como um sol e então tudo se apagou.

– Quem as trouxe aqui?

A pergunta pareceu pegar os trolls desprevenidos e eles demoraram a responder.

– Fomos nós, majestade! Nós as trouxemos para o senhor!

Zac deu um violento soco no troll que respondeu. A criatura caiu no chão atordoada e confusa.

– Libertem-nas!

Houve hesitação e confusão.

– AGORA!!!

Imediatamente as correntes que as prendiam foram retiradas. Zac, o rei dos trolls, se aproximou delas.

– Eu sinto muito por isso... – disse, com voz gentil.

Virou-se para os trolls e berrou a ordem.

– Nossa guerra é com Asram e seus soldados! Não quero nenhum de vocês ferindo fadas ou humanos de novo, entenderam?

E então deu ordem para um troll escoltá-las até a saída. Zac se retirou, deixando os trolls perplexos e insatisfeitos. Num canto mais afastado, Kajinski observava preocupado. Ele estava se lembrando de quem era. Ele apenas ainda não sabia disso.

O velho troll de olhos argutos pegou um vidro cor de musgo que a bruxa lhe passara. Não tivera a oportunidade de usá-lo ainda, mas agora via que teria que dar um jeito de fazer o jovem rei tomar aquilo. Segundo a bruxa, aquele elixir despertaria o pior nele através dos sonhos. Caberia a ele alimentar o ódio quando seus olhos se abrissem.

De volta à casa do senhor Bariato, a conversa seguia animada. Sentindo-se mais confiantes, os jovens se empolgaram em contar a história, que se tornou muito mais interessante quando o chá ganhou a companhia de leite e pão fresco com queijo. Depois de quase duas horas, sentiam-se na casa de um velho tio excêntrico.

– Suas histórias são muito interessantes, minhas jovens! Mas eu não ouvi muito você, rapazinho – disse Bariato.

– Minha história é ordinária, senhor. Nada de interessante nela.

– Ah, eu duvido. Sabe por quê? Porque você está aqui, agora. Isso significa que suas escolhas o trouxeram até aqui. E são escolhas interessantes que fazem uma história interessante. Pois o acordo era que me contassem suas histórias! As meninas cumpriram sua parte! Agora, falta a sua!

Todos os olhos da sala se voltaram para o jovem elfo de pele clara e cabelos escuros e ele pareceu apavorado.

– Eu... não sei o que dizer!

– Conte como se tornou um guarda do castelo! – sugeriu Bariato.

Bran olhou para baixo e então contou sua história.

– Eu me esforcei muito. Eu era um camponês. Tive que lutar muito para ser aceito no castelo. Um dia, a rainha Nístika me viu e conversamos um pouco. Ela pediu que eu fosse aceito na guarda e então eu entrei.

Todos continuaram olhando pra ele, esperando alguma coisa a mais.

– E é isso, gente!

– Nossa! Sua história é uma droga! – disse Bariato. – Você precisa trabalhar mais nessas suas histórias, meu jovem! Felizmente para você, as duas moças aqui já me deram histórias o bastante para pagar pelo que vocês querem. Aliás, o que vocês querem mesmo?

– Precisamos chegar num lugar, mas não sabemos como – adiantou-se Bianca, que sentia uma urgência em encontrar sua família e Zac.

– E como eu posso ajudá-los?

– É o castelo de um mago chamado Frabatto! Ele parece assombrado e fica perto do Jack, o Acorrentado, o gigante que carrega cabeças vivas na cintura, e do covil de um Kelpie, um cavalo demoníaco que come gente.

Bariato os olhou novamente.

– Tem certeza de que vocês querem ir lá?

Tão perto, tão longe...

Deixaram a casa de seu anfitrião algumas horas depois. Não faltava muito para escurecer, mas era preciso colocar o pé na estrada. Bianca tinha o mapa desenhado nas mãos e Bran trazia uma bolsa com uma calça de fundilhos rasgados que eles compraram com algumas moedas. O senhor Bariato pareceu muito feliz com a visita, mas não tardou em se despedir e fechar a porta assim que eles saíram.

A guarda élfica de Asram não estava nas imediações. Uma brisa mais fresca anunciava a chegada da noite e eles se puseram a andar.

– O que eu faço com isso? – perguntou Bran, mostrando o saco com a calça.

– Jogue fora! Quem vai querer uma calça furada? – respondeu Bianca, sem tirar os olhos do mapa.

– Acho que precisamos de umas provisões... – disse Analice. – A gente vai pegar caminhos em florestas, bosques... E se a gente precisar fazer um lanchinho?

Bianca riu. Analice sempre se preocupava com lanchinhos. Na verdade, ela também! Numa outra época. Agora, ela estava tão desesperada para chegar mais perto de uma solução que estava esquecendo até de comer.

Pararam numa taberna e compraram algumas coisas. Felizmente, dinheiro não era problema. Caminharam com cuidado pelas ruas da cidade, ocultando o rosto quando alguém os observava mais atentamente. Até que as pessoas foram rareando, assim como as lindas casas que pareciam saídas de algum conto de fadas.

Bianca se sentiu aliviada ao deixar a cidade para trás e não diminuiu o passo, até que percebeu que Bran e Analice estavam ficando para trás. Ela parou e se virou.

– Por que pararam? – perguntou ela, levemente irritada.

– Não sei se é a coisa certa deixarmos a cidade a essa hora... – disse o elfo. – É tarde, daqui a pouco o Sol irá embora e ficaremos sozinhos, no escuro, no meio do nada, quando as coisas mais bizarras e hostis andam por aí.

– Ele tem razão, Bianca – concordou Analice. – Talvez seja melhor sairmos amanhã bem cedo.

Bianca olhou para frente. O Sol estava em eclipse decadente bem diante dela. Ele ainda banhava a floresta pela qual teriam que passar.

– Eu sei o quanto esse lugar é perigoso... – disse ela, voltando-se para os amigos. – E por isso mesmo temos que partir agora. Meus pais, meu tio e Zac estão lá fora. Tá, Zac parece saber se defender muito bem sozinho agora, mas meus pais

podem estar em apuros! Eu tenho que achá-los e cada minuto conta. Eu vou compreender se vocês não quiserem vir...

Bianca voltou a andar na direção da floresta. Bran suspirou e a seguiu, junto com Analice.

Os três cavaleiros e a pequena fada que os acompanhava não pareceram chamar tanta atenção quando achavam. A cidade tinha ruas de pedras claras perfeitamente encaixadas e pessoas e criaturas caminhavam alegremente com bolsas de compras. Eram elfos, anões, humanos em sua maioria, mas de vez em quando um ser diferente se destacava.

– Um centauro!!! – quase gritou Marcos.

– Seja mais discreto, Marcos! – disse Marcel, entredentes. – Que falta de educação!

– Eu nunca tinha visto um centauro!

O meio homem, meio cavalo, passou garbosamente por eles, não parecendo muito constrangido pela atenção recebida.

– Sabe? Eu li um livro uma vez que me deixou muito curioso sobre como os centauros fazem para ir ao banheiro! Eu posso perguntar agora mesmo e descobrir!

Marcel agarrou as rédeas do cavalo de Marcos assim que este se lançou na direção do centauro que já se afastava.

– Não tem banheiro aqui, sua anta!!! Eu já expliquei isso, Bianca já explicou isso, todo mundo já disse que aqui aproveitamos tudo o que comemos, nada sai!

– Ah, é... Dá um desconto, Marcel! É muita informação! E você ficou mais chato depois que virou um homem casado, sabia?

A lembrança do compromisso que Marcel assumira com uma princesa de um dos muitos reinos daquela terra caiu-lhe tão bem como um prato de sopa fria numa noite gelada. Ele soltou as rédeas do cavalo do amigo. Lorena percebeu o momento esquisito e interveio.

– Esta é nossa última cidade antes de entrarmos na Floresta Negra, para onde os traficantes de escravos estão levando Urbain. Se tivermos que comprar alguma coisa, melhor que seja agora.

– É uma boa ideia. Uma cidade grande como essa deve ter um bom mercado...

Uma tropa de seis elfos armados passou por eles quando desmontavam. Um deles se aproximou de Lorena e a olhou nos olhos. Marcel se colocou entre eles.

– Algum problema?

O elfo de nariz fino e olhos profundos olhou atentamente para a mulher, ignorando Marcel, e então se afastou.

– Alguém deve ter deixado os irmãos do Legolas irritados! – comentou Marcos.

Deram alguns passos, Lorena sempre segurando a mãozinha de Eileen, a pequena fada menina de asas diminutas que agora os acompanhava. A cidade tinha lojas de tecidos finos e coloridos, barracas de frutas, doces, um boticário com ervas e flores de todos os tipos e, dentre outras lojas, uma padaria de onde um aroma de pão fresquinho saía.

– Olha! Um mercado! – apontou Eileen.

Três pessoas saíam do lugar, uma moça e dois rapazes, ainda ajeitando as compras em suas mochilas. Seguiram na direção oposta e, poucos segundos depois, Lorena, Marcos, Marcel e Eileen entraram no estabelecimento. Marcel foi direto ao balcão, enquanto Marcos passeava pelo lugar, curioso em saber o que se vendia no mundo das fadas.

– Boa tarde, cavalheiro! Gostaríamos de comprar algumas coisas. Vejamos... Uma corda, três lamparinas, uma lona e uma besta com as flechas, pra começar...

Marcos olhava com atenção grãos em sacos, como veríamos normalmente em mercados no nosso mundo. Mas os grãos eram diferentes. Eram mais coloridos do que qualquer coisa que ele já vira, chegando a parecer miçangas. Ele encheu a mão com um punhado de sementes no formato de feijões que brilhavam em furta cor.

Lorena se uniu a Marcel, pedindo outras coisas das quais poderiam precisar, enquanto Eileen resolveu brincar com o grande gato cinza que vira passeando pelo lugar. O homem do balcão, um senhor de bigodes fartos e pouco cabelo, trazia as coisas e as colocava sobre o balcão.

– Infelizmente, não tenho uma besta!

– Não tem? – Marcel ficou desapontado. Era algo em que Marcos era bom e se pretendiam resgatar Urbain precisariam de todas as armas e mãos que pudessem.

– Acabei de vender a única que eu tinha um segundo antes de vocês chegarem!

– Não tem problema, Marcel! – disse Marcos, se aproximando do balcão com alguns sacos com as sementes mais bonitas que já vira. – Eu ainda tenho a

besta que trouxe do nosso mundo! Seria bom ter uma reserva, mas... Bom, eu vou levar um pouco dessas coisas!

– Ah, que ótimo! O senhor vai fazer bolos das fadas?

– Bolo? – disse Eileen, aparecendo de repente como num passe de mágica.

– É! O senhor teria a receita? – perguntou Marcos, imaginando que precisaria de ajuda para saber como usar aqueles grãos e sementes.

– Não, minha mulher e filha é que sempre fazem no Equinócio de Primavera. Mas é sempre bom agradar às Fadas!

Com as compras devidamente pagas e embrulhadas, eles saíram e caminharam mais um pouco. Pegaram uma rua lateral, enquanto discutiam se deveriam pousar ali por uma noite ou se deviam seguir adiante.

– A Floresta Negra, pelo que disseram, é sempre escura como se fosse de noite. – disse Lorena.

– Então não deve fazer diferença a hora que saímos. Estará de noite a qualquer hora que chegemos – deduziu Marcel.

– Olha o que eu achei!!!

Marcel e Lorena pararam para ver Marcos retirando algo do lixo.

– Uma calça! E está novinha!!! Quem jogaria uma calça no lixo?!

– Não está novinha! – disse Marcel, pegando a calça e mostrando um rasgo para o amigo. – Os fundilhos estão rasgados, está vendo?

– Mas dá pra costurar! É veludo! Vou levar!

– Marcos, você é o cara mais bagulheiro e xepeiro que eu já vi!

E assim, decidiram prosseguir. Passaram na padaria e compraram pães, bolos e queijos. Comeram numa taverna e partiram quando o sol já tingia o horizonte de cores quentes, mas o vento se tornava a cada instante mais frio.

Estavam em silêncio, caminhando decididamente em direção à floresta. A relva em que pisavam era fofa e verde, como um tapete. E Bianca apertava as alças da sua mochila de tão tensa que estava. Nem percebeu que estava trincando os dentes.

– Acha que Asram vai mandar seus soldados atrás de nós também fora das cidades? – perguntou Analice.

Bianca não respondeu de imediato. Preferia acreditar que o príncipe elfo ia ter mais o que fazer e não ia mandar todos os seus guardas caçá-las como raposas por todo o mundo das fadas, mas não podia ter certeza disso.

– Possivelmente.

A resposta veio do sempre quieto Bran. Ele continuava olhando para o chão enquanto andava com a besta novinha que acabara de comprar em suas costas.

O silêncio voltou a se instalar entre eles. Ainda não tinha anoitecido, o crepúsculo pintava o céu daquelas fantásticas cores que só o céu do mundo das fadas possui. Um violeta profundo tomava conta da abóbada e se estendia como um manto, conforme o Sol se afastava.

– Bianca, você está meio calada...

Bianca olhou para a amiga ao lado dela.

– Estou pensando.

– Isso nunca a impediu de falar o tempo inteiro!

Bianca sorriu. A verdade é que estava preocupada. Muito preocupada. E, de vez em quando, também ficava zangada. Como tudo fora dar tão errado? E tentava não pensar nisso, porque se sentia uma idiota egoísta, mas sentia falta de Zac e a cada minuto que passava, sentia que o estava perdendo.

– Tenho muitas coisas na cabeça agora, Analice... É difícil colocar em palavras...

Analice baixou a cabeça. Temia que a amiga a culpasse por tudo o que ocorrera. Bran se aproximou delas.

– Estamos entrando na floresta. Procurem fazer silêncio para não atrair as coisas que vivem aí.

E nesse exato instante Analice deu um grito horrendo. Assim que Bianca viu o que a fez gritar, berrou também, tão alto que os pássaros nas árvores próximas se assustaram e levantaram voo em algazarra desesperada.

O Tachan

Diante deles estava uma das mais bizarras criaturas que qualquer um já viu. Da altura de um humano normal, ele tinha apenas um pé, um olho, um ouvido e uma mão que saía de um braço bem do meio de seu corpo. E ele gritava. Um grito horrível que parecia um urro num túnel muito longo. Analice e Bianca se agarraram gritando. A criatura gritou de novo. Bran correu para as moças e tentou acalmá-las.

– Calma! Calma! É só o Tachan! Não vai nos fazer mal!

Elas pararam de gritar, mas o ar ainda parecia pouco e seus corações pulavam. A criatura parou de gritar. E então começou a chorar. Um choro horrível! Barulhento, desagradável, e fluido saía de seu nariz, misturando-se com as lágrimas de seu único olho.

– Viu? Vocês o assustaram! – reclamou Bran.

– NÓS o assustamos?! – gritou Bianca.

A criatura chorou ainda mais alto e Bran fez um sinal nervoso com a mão para Bianca para que não falasse mais nada. Ele se aproximou devagar, retirando uma fruta da mochila. Era uma maçã vermelhinha que eles compraram na cidade, junto com outras coisas.

– Calma, Tachan! Ninguém vai machucá-lo! Tome, uma maçã bonita pra você. Agora pare de chorar, está bem?

O Tachan pegou com sua única mão a maçã e a analisou rapidamente, parando de chorar, mas ainda fungando. Então começou a comê-la.

– O que é isso??? – sussurrou Analice, ainda horrorizada. – Parece que fugiu do desenho dos Monstros S.A.!

– É o Tachan! – respondeu Bran. – É um elemental, não faz mal a ninguém, mas muitos jogam pedras nele porque ele é muito esquisito, até para os padrões do mundo das fadas... Mas ele pode ajudar numa coisa!

Bran virou-se para ele com um sorriso enquanto o Tachan devorava o resto da maçã.

– Tachan, você por acaso sabe nos dizer se viu guardas elfos por aqui na floresta?

A criatura olhou para cima com seu único olho, como se estivesse pensando. Então balançou a cabeça.

– Nããão...

Bran agradeceu e já ia se virar quando a criatura continuou.

– Mas eu vi homens maus com escravo... Por ali!...

O jovem elfo se virou para ele sem esconder o medo nos olhos. Agradeceu mais uma vez e o Tachan saiu pulando em seu único pé, desaparecendo floresta adentro.

– Isso é mau...

– O que foi?

– Ele viu traficantes de escravos por aqui...

– Escravos?! Que coisa horrível! – exclamou Analice que nunca tinha ouvido falar disso em seu período ali.

– É gente ruim – ponderou Bran, olhando as imediações. – Muito ruim. Não podemos esbarrar com essa gente, ainda mais com Asram pagando qualquer coisa pelas nossas cabeças. Vamos na direção oposta.

– Mas não vamos perder tempo? – questionou Bianca.

– Vamos – respondeu Bran. – Mas é melhor do que perdermos nossas cabeças!

Urbain tentava marcar o caminho e imaginava que se encontrariam logo em uma cidade. Numa cidade, as distrações são maiores e seriam maiores suas chances de fugir. E ele não estava errado. Quando a noite caiu, avistou ao longe luzes de um povoado. Estava cansado, mas mantinha-se alerta. Sua chance ia chegar, era só esperar.

– Nosso amigo de preto está bem calado... – provocou Cadman.

– Deve ser a fome...

Os homens riram. Urbain lutou contra a ira que crescia dentro dele. Depois de quase 20 anos, sabia que explodir quando a fúria o consumia nem sempre – na verdade, quase nunca... – era solução para os seus problemas.

Porém, eles pararam muito antes de entrar na cidade. As luzes de lamparinas ainda estavam longe quando pararam numa casa feita de pedras perfeitamente intercaladas. Um homem veio recebê-los com uma lamparina.

– Mercadoria nova? – perguntou o sujeito, cujo rosto parecia sujo, como todo o resto.

Cadman arrancou Urbain do cavalo e ele quase caiu. Puxou-o pelo braço e ele ficou frente a frente com o homem.

– Achei que iam chegar aqui com uma mulher e uma criança... Além de umas pepitas de ouro.

– Não tinha nada lá! E a mulher debandou com a criança antes de finalizarmos a transação. Mas trouxemos algo melhor! Um Feiticeiro da Lua Negra, bravo como um gato selvagem!

O homem de cara suja ergueu a lanterna para olhar melhor o rosto do homem de mãos amarradas.

– E tem um belo rosto também... Vai fazer sucesso nas arenas... Terá melhor preço do que nas minas!

Então o puxaram para dentro da casa. Lá dentro, nada demais. Apenas uma mesa com algumas cadeiras na sala com cheiro de cerveja, vinho, carne e outras coisas que Urbain não identificou, e um aposento fora de vista.

Os homens continuaram falando de preços e Urbain deu uma olhada ao redor. Notou que a cozinha estava vazia e apagada. De onde vinham os aromas que sentia?

Um dos homens ficou na janela, vigiando. O outro segurou Urbain, e os dois restantes afastaram a mesa. Debaixo de um tapete puído, um alçapão foi revelado. E abaixo dele, uma escada. Empurraram-no para baixo e ele não teve escolha.

A lanterna iluminava os degraus tortos de madeira e um cheiro de umidade subiu, misturando-se aos outros aromas, que pareciam ainda mais fortes ali embaixo.

Chegaram ao que Urbain achou ser um porão, desses de filme de terror, mas assim que um dos homens ergueu a lanterna, percebeu que havia um caminho estreito, um túnel. Um ligeiro empurrão o fez entender que era para ir por ali. Seguiram por mais alguns minutos até que encontraram outro alçapão. Desceram novamente.

O cheiro ficou muito forte, tão forte que Urbain chegou a sentir fome. E um burburinho de vozes se tornou uma constante crescente.

Chegaram num aposento pequeno com apenas uma porta. Assim que ela se abriu, o inferno se mostrou.

Uma feira subterrânea de todo tipo de criaturas fervilhava. Carne era assada e vendida assim como bebidas, joias e mercadorias que Urbain nem imaginava o que fossem. Cachimbos de cristal colorido eram fumados, deixando seus usuários caídos na sarjeta com um olhar perdido e embaçado. Mulheres, crianças e homens eram vendidos como animais. Gritos por lances se misturavam ao choro dos mais fracos.

Seu coração bateu mais rápido. A ideia de arrumar uma distração para fugir não parecia tão boa. Não era nem ao menos viável...

O guiaram por um tumulto de pessoas suadas, criaturas estranhas e ele se sentiu um pouco enjoado. Viu um corpo no chão. Não era alguém simplesmente caído. Era alguém que definitivamente estava morto. Há alguns dias... E as pessoas continuavam passando por ali, sem se importar.

Nem sentiu direito quando parou. Estava numa fileira com gente de cabeça baixa. Viu um elfo de traços tão finos que parecia uma pintura, uma criança agarrada com uma mulher e homens e rapazes. A fila prosseguia, com mais humanos chegando para serem vendidos. Os homens que os cercavam, mantendo-os sob controle, eram brutos e grosseiros. Alguém gritou e uma briga começou do outro lado. Dois homens começaram a brigar selvagemmente, trocando socos e pontapés. Um deles caiu contra uma barraca, provocando a ira de outros. No final, uns cinco homens se amontoaram contra o primeiro, espancando-o sem parar.

– Parem! Vão matá-lo!!!

Uma bofetada explodiu no rosto de Urbain. Era Cadman, mandando-o calar a boca. O leilão não tinha sido interrompido e todos pareciam concentrados em seus negócios. Urbain viu o homem espancado parar de se mover depois de um espasmo. Os outros saquearam seus bens e o arrastaram para um canto, jogando-o no lixo.

Sentindo-se num pesadelo, Urbain olhou aquilo tudo. Vivera num lugar e numa época onde muitas coisas aconteciam. Mas nunca tinha visto nada como aquilo... O elfo de cabeça baixa foi levado e colocado no pequeno palco onde a mercadoria era apreciada. Os lances foram altos por ele. Urbain imaginou o que poderiam fazer com ele, por que um elfo seria tão valioso. Fosse o que fosse, não era bom. A criança ao seu lado chorou e a mulher a pegou no colo.

– É sua? – perguntou Urbain para a mulher de cabelos longos e ruivos.

– Não... A mãe morreu antes de chegar aqui...

Urbain olhou a face do menino que não devia ter mais do que dois anos e se lembrou de Eileen. Seu coração doeu. Ele tentou sorrir para o menino, que se fixou em seus olhos negros.

– Vai ficar tudo bem...

A criança resfolegou mais um pouco e parou. Talvez estivesse muito cansada, ou talvez tivesse acreditado nele.

No palco, um movimento súbito levou a um desfecho trágico para o elfo. O jovem conseguiu pegar uma adaga que o homem que o leiloava tinha. E então a enfiou em si mesmo. Caiu em sangue, enquanto alguns homens praguejavam pela perda de seu investimento.

A criança voltou a chorar. E Urbain engoliu em seco, sentindo um nó na garganta e lágrimas subirem. Não as deixou cair. Não estava acabado. Não estava. Não pra ele. Não para aquela criança. Não para Bianca e Lorena... Então, ergueu a cabeça com sua postura altiva.

A mulher e a criança não chegaram a subir ao palco dos horrores. Um homem alto de cabelos grisalhos vestindo um manto de veludo azul negociou por

elas. Urbain viu o saco de moedas passando para as mãos de captores e então a mulher e a criança o acompanharam.

– Esse estranho Kilian... – comentou um dos homens que o capturaram. – Sempre vem aqui e oferece um bom dinheiro pelos piores lotes.

Ao perceber que Urbain prestava atenção, o homem se dirigiu a ele.

– Os mais fracos, como mulheres e crianças. Não aguentam trabalho pesado, só dão despesas. Mas Kilian sempre os leva.

– O que faz com eles? – ousou perguntar Urbain, sem ter certeza se queria ouvir a resposta.

– Quem sabe?

– É um mago! – interveio outro que Urbain não conhecia. – Provavelmente faz experiências macabras com eles. É assim que esses magos descobrem novas fórmulas.

Urbain observou a mulher e o menino desaparecerem na multidão, seguidos de perto pelo homem de manto azul. Cadman se aproximou dele com um sorriso de deboche.

– Pena que ele não quis você, feiticeiro! Ia ser ótimo ver seus órgãos dentro de vidros depois que as experiências acabassem!

Um “lote” foi gritado e Cadman pegou Urbain pelo braço e o lançou na plataforma de madeira. O sangue ainda estava sob seus pés. Os homens gritavam lances. Ele olhou para aqueles rostos, imaginando como chegaram àquele ponto. Escravizar alguém é tão baixo, tão vil, que rebaixa qualquer alma a um estado inferior a um animal. Como aquilo acontecera com aqueles homens? Ele baixou a cabeça novamente, olhando o sangue sob seus pés, enquanto os lances subiam.

Entre as chamas e a noite

Com a aproximação da noite, não viram alternativa a não ser parar. Com poucas palavras, escolheram um lugar perto de uma grande árvore e começaram a recolher gravetos para fazer uma fogueira. Analice acompanhou Bianca, ajudando-a a pegar alguns galhos do chão.

– No que está pensando? – perguntou Analice.

– Estou pensando na última vez que minha vida fez algum sentido...

Analice riu.

– Considerando que você é você, acho que nunca!

– Eu nunca pensei que fosse dizer isso, mas eu começo a odiar esse lugar! – desabafou Bianca.

– Achei que gostasse daqui!

– Eu também!

Bianca se abaixou para pegar um feixe de gravetos que estava logo à frente. Ela o pegou e começaram a voltar para o acampamento.

– Mas este mundo está tomando tudo o que eu tenho! Tomou Zac, tomou meu pai, tomou Eileen! E sempre que eu acho que estou me acostumando, surge alguma coisa bisonha, como aquela coisa lá atrás, de um braço, uma perna e um olho!

– É... Aquilo foi esquisito... – concordou Analice.

– Começo a achar que Zac tem razão. Esse lugar é lindo, mas quando escurece, ele é sombrio demais!

Bianca sentiu os gravetos pesarem mais do que deveriam, então parou um pouco para ajustá-los. Percebeu que Analice carregava os dela sem dificuldade e não quis pedir ajuda, porque não queria ficar para trás.

– Há muitas coisas legais aqui... Mesmo Asram era um cara legal até bem pouco tempo!

– Era nada! – quase gritou Bianca. – Nunca valeu nada aquele lá! Você é que é uma tonta em ainda ver alguma coisa de boa nele!

– Por que está zangada comigo?

– Porque você é a única que não percebeu que Bran está caidinho por você! Ele faz tudo por você e em troca você fica citando o cretino do Asram o tempo todo!

Analice parou de andar.

– Bran está caidinho por mim?...

– Está, sua idiota!

Bianca tentou ajeitar os gravetos que pareciam pesar uma tonelada.

– Quer ajuda? – perguntou Analice.

– Não, estou bem! Vamos voltar logo antes que alguma coisa esdrúxula aconteça!

– Bianca, nem tudo aqui é estranho ou bizarro! Tem muita coisa bonita!

Sem aguentar mais, Bianca acabou deixando os gravetos todos caírem no chão. E então, o feixe de gravetos se levantou com uma gargalhada aguda e começou a dançar diante delas. As duas moças gritaram e deram um salto para trás, enquanto os galhos dançavam e gargalhavam. Até que saíram saltando pela floresta.

Bianca olhou para Analice com olhos arregalados.

– O que você dizia mesmo?...

Trolls se sentiam mais à vontade sob o véu da noite. Zac ainda estava se adaptando a sua nova forma, embora a sentisse muito familiar e não se lembrasse de ter sido outra coisa a não ser um troll. Eles fizeram uma farta refeição com carne e batatas com Kajinski, enquanto este lhe passava algumas informações.

– Já temos cerca de 500 trolls e mais algumas centenas vão se unir a nós. Se sua majestade desejar, já podemos fazer alguma coisa hoje à noite.

– Que coisa? – perguntou Zac, que estava distraído.

– Um ataque, majestade! Não foi para isso que mandou reunir os trolls?

– Foi, mas não podemos vencer Asram, que terá milhares de elfos, humanos, anões, centauros e sei lá mais o que com apenas 500 trolls!

– Mas podemos mandar um recado! Podemos atacar uma cidade, matar alguns humanos!

– Sem matar!!! – gritou Zac, batendo na mesa.

Kajinski semicerrou os olhos e recostou-se na cadeira.

– Como desejar, majestade.

Zac bocejou. Sentiu os olhos pesarem e um cansaço inesperado se abateu sobre ele.

– Estou cansado...

– Claro. Descanse majestade. Estarei a postos, caso precise.

Zac se levantou quase trôpego.

– Não precisarei...

– Deixarei os trolls a postos, caso mude de ideia sobre hoje à noite.

Zac alcançou a cama forrada com uma colcha feita com peles de animais. Antes de fechar os olhos, ainda balbuciou uma resposta.

– Não mudarei...

Na floresta, a fogueira os aquecia. Bran ainda ria do susto que as duas levaram.

– Qual o nome da criatura? – perguntou de novo Bianca.

– *Hedley Kow* – respondeu Bran. – Ele sempre faz isso. Ele não é perigoso, só travesso. Ele gosta de assustar as pessoas com uma gargalhada e grito estridente.

– Ele faria muito sucesso nesses programas de pegadinhas... – murmurou Bianca.

Eles comiam pão e queijo que haviam comprado na cidade. Analice despertou sua curiosidade sobre o elfo que agora ela via com outros olhos.

– É verdade o que você disse para Bariato?

Bran ergueu os olhos negros, sem entender muito bem.

– Que sua vida foi sem graça?

– Bem, se comparada a de vocês, com certeza!

Analice esperava que ele continuasse, mas ele voltou a mastigar seu pão.

– Como foi sua infância? – perguntou Analice, que decidiu não largar o osso.

Bran parou um pouco e olhou para a fogueira. Pareceu pensar longamente, como se Analice tivesse lhe perguntado o sentido da vida. Então respondeu:

– Uma droga...

E voltou a mastigar seu pão e seu queijo.

Pouco depois, estavam se ajeitando para dormir. Bran disse que ficaria de guarda no primeiro turno, mas Analice não achou necessário. Estavam no meio da floresta, ela não acreditava que os guardas de Asram fossem tão longe atrás deles, até porque não tinham a menor ideia de onde eles poderiam estar depois que entraram no círculo das fadas. Porém, Bran lembrou que há outros perigos no mundo das fadas, além dos soldados de Asram. Por isso, ele ficou de guarda na primeira parte da vigia, deixando a segunda parte para ser dividida entre as duas, dando-lhes assim mais tempo para dormirem.

Bianca estava cansada e mal humorada. Algo dentro dela não ia bem. Por isso mesmo, dormir lhe pareceu incrivelmente atraente, um verdadeiro alívio. Ajeitou-se e olhou as estrelas no céu negro. Eram tantas estrelas que parecia que alguma criança arteira tinha jogado um balde de purpurina de todas as cores para o céu. Bianca percebeu que não estava cansada de andar, mas de pensar. Pensar no

que tinha que fazer e em como Zac e sua família estavam, a deixaram mentalmente exausta. Então decidiu relaxar. Fechou os olhos e deixou que o mundo girasse sem ela por algumas horas.

Sentiu a água fria no rosto. Voltou a si com um susto, tentando entender o que estava acontecendo. Sentiu os pulsos presos numa parede fria. Reconheceu com horror o calabouço onde fora torturado. Asram estava bem a sua frente. O corpo doía e o coração disparava. Aquilo já durava horas. Ouviu elfos rirem e sentiu o sangue escorrer pelas costas.

– Diga!

– Dizer o quê?

– Diga! – gritou o elfo.

– Eu não sei o que você quer! – insistiu Zac.

Asram pegou um ferro em brasa e o aproximou dele.

– DIGA!!!

– Eu não sei!!!! – respondeu com um grito inconformado.

Então o ferro em brasa encontrou seu peito. O cheiro de carne queimada subiu e a dor foi inimaginável. Acordou gritando na enorme cama em seu quarto real. Debatendo-se, rolou e caiu no chão, onde rastejou até a parede mais próxima. Levou a mão ao peito e sentiu a cicatriz da queimadura, estranhamente quente. Passou a mão no rosto suado e frio.

Kajinski estava dando ordens para dois trolls num salão quando a porta do quarto do rei abriu-se num supetão. Zac saiu de lá com olhos faiscantes e furiosos.

– Kajinski! – gritou o rei. – Prepare um grupo! Vamos atacar hoje!

Kajinski sorriu.

– Sim, majestade...

Bianca dormia pesadamente. Tão pesadamente que não sentia mais nada. Não tinha consciência de que tinha um corpo, e que esse corpo estava deitado na relva numa floresta no meio da noite. Até que ouviu uma voz conhecida.

– Acorde menina!

Bianca sentiu os olhos e o corpo pesarem muito. Ela já teve aquele tipo de sono, o tipo que parecia minar todas as defesas do corpo, o tipo que ela não acordaria nem se a cama estivesse pegando fogo. Mas a voz insistiu.

– Bianca! Acorde!

Então ela abriu os olhos devagar e viu ao seu lado dela um velho amigo ajoelhado. Focou os olhos e o reconheceu.

– Frabatto???

– Ande logo! Levante-se!

Bianca fez um enorme esforço para se levantar e precisou que Frabatto a ajudasse. No entanto, quando se pôs de pé, sentiu-se bem novamente.

– Você nos achou??! Que bom! Precisamos da sua ajuda!

– Agora não! – interrompeu Frabatto. – Você precisa fazer uma coisa antes!

Ele a guiou para longe da fogueira e Bianca viu Bran sentado bem perto deles. No entanto, o jovem chegou a olhar na direção deles, mas não demonstrou reação.

– Grande vigia esse daí! – reclamou Bianca.

Quando já estavam longe, Frabatto explicou.

– Eu sei que estão com problemas, mas terão que chegar até meu castelo. O que precisam está lá.

– Estamos tentando!

– Eu sei que estão. Mas agora temos um problema premente! Venha comigo!

Ele pegou na mão de Bianca.

– Pense em Zac.

Bianca obedeceu, embora não entendesse por que. Então ela viu o lugar em volta deles mudando. Era como se a floresta de repente ficasse translúcida e outro lugar surgisse. Era um lugar quente, com grandes labaredas e fogo.

E então, eles estavam no meio de um ataque de trolls, com humanos correndo e um grande pomar em chamas.

Frabatto a puxou para trás de uma carroça.

– Preste atenção! Zac não pode matar ninguém! Se ele matar alguém, se ele derramar sangue, ele estará para sempre preso na forma em que está e perderá de vez a memória de quem ele já foi.

Bianca arregalou os olhos diante da possibilidade tenebrosa.

– E por que ele mataria alguém?

– Porque ele está ferido... E pessoas feridas agem de maneira estúpida. Você precisa impedi-lo!

– Eu????? Como????

– Você consegue! Vai!

E então Frabatto a empurrou e Bianca se viu no meio de uma batalha desigual. Os humanos corriam atarantados, sendo pegos por trolls e jogados no ar. Bianca ouviu cavalos e viu um grupo de soldados elfos chegando. Virou-se para pedir ajuda à Frabatto, mas ele não estava mais lá.

Foi então que viu o capitão Arland, homem de confiança de Asram, liderando um grupo com cerca de 15 elfos. Seis deles prepararam rapidamente seus arcos e atiraram flechas nos trolls. E então, um troll voou e atacou Arland, tirando-o do cavalo e erguendo-o a mais de três metros.

Bianca reconheceu aquele troll. Não era difícil. Ele se destacava dos outros com clareza. Zac jogou Arland com violência a alguns metros de distância. O elfo passou por uma porta de madeira de um celeiro e ela ainda o ouviu derrubando algumas coisas na queda.

Zac caminhou até ele, as asas negras abertas. Lá dentro, Arland se levantou rapidamente, a tempo de escapar de um ancinho que voou em sua direção. A espada tinha caído na queda e ele não teve tempo de procurá-la. Quando Zac partiu para cima dele, Arland esquivou-se do primeiro soco, mas não se esquivou do segundo. Caiu num monte de feno e dois cavalos e uma vaca se agitaram. Zac saltou em cima do elfo, impedindo que ele se levantasse e então apertou seu pescoço. Arland tentou lutar, mas o ar lhe faltava e as mãos que o sufocavam pareciam irreduzíveis. Os olhos de Zac brilhavam de ódio enquanto via a vida do elfo se esvair em suas mãos.

– Zac, pare!!!!

Zac olhou para frente e viu aquela garota. Como ela chegara ali?

– Pare!! Por favor!! Você não pode fazer isso! Você tem que parar!

Zac olhou para Arland, já roxo, e então, sem saber exatamente por que, soltou-o. Arland levou as mãos ao pescoço, tentando recuperar o fôlego, tossindo e engasgando-se.

O troll se levantou e se aproximou da garota que o intrigava. Parecia conhecê-la, mas não se lembrava de como, ou quando, ou onde.

– Quem é você? – perguntou ele. – E por que está aqui?

Ouvir isso partiu o coração de Bianca. Ele não se lembrava dela...

– Você não lembra?... – perguntou ela, sentida.

Os animais se agitaram de novo e somente então eles viram que o celeiro estava em chamas.

– Você tem que ajudá-lo! – disse Bianca, em tom de urgência.

– Por quê? – perguntou o troll, olhando o elfo no chão, ainda desorientado demais para se levantar e correr.

– Porque é assim que você vai se salvar! – respondeu Bianca. – Você me perguntou porque estou aqui! Estou aqui por você!

As chamas lambiam rapidamente o lugar e Zac não conseguia tirar os olhos dela. Algo naquela moça o comovia, o tocava, o mudava, o tornava diferente. Tornava tudo diferente. Bianca correu para os animais e os guiou para fora. Estes prontamente seguiram seu comando.

Pouco depois, do celeiro em chamas, saíram dois cavalos, uma vaca, algumas galinhas e um troll carregando um elfo ferido. Ele deixou Arland no chão e outros elfos vieram correndo em seu socorro, apontando espadas e flechas para o troll. Este se afastou alguns passos e então alçou voo. Do alto, ele olhou em volta e não viu mais a moça. Gritou para os trolls que retornassem. E, assim como vieram, eles se foram, deixando um rastro de fogo e destruição ao seu redor. Muitos feridos, mas nenhum morto.

Bianca saíra do celeiro e deu de cara com Frabatto.

– Onde você estava??! – gritou ela.

– Aqui, ué! – respondeu ele, com seu ar bonachão.

– Zac! Preciso ir atrás dele!

– Não agora. Você foi bem, mas é hora de voltar!

– Mas...

Frabatto pegou sua mão e olhou em seus olhos.

– Sem mas. É hora de voltar para seu corpo!

– O quê?

E então, Bianca se sentiu flutuando acima de todo aquele caos e fogo.

– Como...?

Ela não terminou a frase. Soltoou a mão de Frabatto numa distração e caiu. Passou pelas copas das árvores, debatendo-se e gritando até finalmente cair em seu próprio corpo.

Analice estava ao seu lado, aflita.

– Bianca, você está bem?

Ela sentou-se e olhou em volta, levantando-se em seguida.

– Pra onde ele foi?

– Ele quem? – perguntou Bran.

– Frabatto! Ele estava aqui!

– Eu estava de vigia, Bianca. Ninguém veio aqui.

– Ele veio! E me levou! E passamos quase na sua frente, seu elfo míope, e você não nos viu!

Então Bianca parou, percebendo que estava agindo como uma louca. Passou a mão nos cabelos e respirou.

– Eu vi Zac.

Um traço de luz na escuridão

Bianca andava para lá e para cá enquanto o fogo crepitava e soltava pequenas faíscas que se elevavam ao céu.

– Eu não estou maluca! – dizia Bianca.

– Não, imagine! – concordou Analice. – Você está agindo como uma pessoa super normal agora!

– Foi só um sonho, Bianca – explicou Bran.

– Não foi um sonho! – Bianca parou de andar para encará-los. – Frabatto esteve aqui e me levou até um lugar onde Zac e os trolls estavam atacando! Foi muito real!

– Ninguém veio aqui e você não saiu – explicou Bran. – Eu teria visto!

Foi aí que Bianca olhou para o fogo, deixando que sua mente se iluminasse com a razão.

– Tem razão... – concordou ela. – Nós passamos quase na sua frente e você nem tchum!

Bran não sabia o que tchum queria dizer, mas preferiu deixá-la terminar seu raciocínio, ou o que quer que fosse aquilo.

– Eu não saí! Meu espírito saiu!

Analice arregalou os olhos.

– Como um fantasma? – perguntou ela.

– Sim, eu já li algo a respeito! Eu saí em viagem astral! E Frabatto veio aqui assim também! Por isso Bran não nos viu!

– Nossa! E você já fez isso antes? – perguntou Analice, curiosa.

– Sei lá! Acho que aqui as coisas são mais intensas! Porque eu lembro de tudo como se fosse real! Do calor, dos gritos, do cheiro de queimado...

Eles se sentaram perto da fogueira e Bran quis saber mais.

– Como era o lugar? – perguntou ele.

Bianca contou o que viu. Bran reconheceu o lugar como uma das plantações de frutas de Asram. Um ataque a uma plantação dessas comprometeria a alimentação do reino.

– O que ele está tentando fazer? – perguntou Analice.

– Se vingar, acho... – respondeu Bianca. – Ele ia matar Arland, o capitão da guarda... Ia mesmo! Eu vi nos olhos dele e era ódio puro!

– E por que ele não matou? – perguntou Bran.

– Porque eu pedi! Eu gritei pra ele e ele me viu! E me ouviu quando pedi que ajudasse o elfo a sair do celeiro que pegava fogo.

– Estando em espírito, você seria vista? – pensou alto Analice.

– Talvez... – respondeu Bran. – Considerando quem estava com ela, tudo é possível... Frabatto é um mago bem peculiar, pelo que dizem.

Bianca abraçou os joelhos e apoiou o queixo neles.

– Zac não é mais Zac...

Ficaram em silêncio ouvindo os estalos da fogueira por alguns momentos, até que Analice levantou a cabeça e saiu de seu aparente torpor.

– Não, não é! Mas ele se lembra de alguma coisa!

Os outros a olharam curiosos. Analice se levantou, animada.

– Bianca, ele ainda pode ser o Zac que conhecemos! Talvez ele só precise que nós o lembremos, como você fez agora! Pense bem: ele poderia ter matado Arland! Na verdade, ele ia matá-lo! Mas parou por você! E depois, ainda o tirou do celeiro em chamas e retirou os trolls, interrompendo um ataque que estava indo muito bem até agora. Isso quer dizer que há algo nele que só precisa de uma ajuda para vir à tona... Como uma brasa que precisa ser soprada!

Os olhos de Bianca brilharam com a constatação de que a amiga estava certa. Ela se virou para Bran, que sempre parecia friamente sensato.

– Ela tem razão... – concordou o elfo de cabelos cor da noite. – Agora, conte-nos tudo o que Frabatto lhe disse! Talvez possa nos ajudar!

Bianca então contou tudo o que aconteceu, tentando se lembrar dos mínimos detalhes. Eles memorizaram o que consideraram importante, antes de finalmente dormirem por algumas horas.

Quando os trolls retornaram ao seu covil, o estardalhaço lembrava homens bêbados sacudindo lonas enquanto falavam muito alto. Kajinski foi até Boldan, um troll grande e que tinha um chifre de ponta quebrada e que Kajinski considerava razoavelmente inteligente.

– O que aconteceu? – perguntou Kajinski. – Por que voltaram tão cedo?

– O rei interrompeu o ataque! Ordenou a retirada.

– Por quê?!

– Não sabemos! Ele ia matar o capitão da guarda. Então o jogou dentro de um celeiro e depois o tirou de lá e ordenou a retirada.

Boldan não sabia dizer mais nada e Kajinski foi até os aposentos de sua majestade. Não podia deixar que sua antiga personalidade aflorasse de jeito nenhum. Precisava mantê-lo numa vibração que lhe permitisse continuar sendo um troll.

Kajinski entrou no quarto e se deparou com seu rei andando nervosamente pelo aposento. Dava para ver pelos seus olhos que ele não estava de fato ali.

– O que aconteceu, majestade? – perguntou Kajinski.

– Com o que? – retrucou Zac, sem parecer muito interessado.

– Com o ataque à plantação do reino de Asram! Boldan me disse que vossa majestade ordenou a retirada quando estavam em clara vantagem!

– Ah, isso! – Zac fez um movimento com a mão no ar. – Não importa, esqueça!

– O quê?!

– Nós precisamos achá-la!

– Achar quem, majestade?

– A moça! Ela apareceu pra mim e eu senti... algo! Era como se eu fosse outra pessoa e vivesse em outro lugar! Ela deve saber! Precisamos achá-la!

Kajinski viu o brilho nos olhos de Zac. O que ele temia estava acontecendo. Lhe dera três doses da poção das sombras para aumentar a escuridão na alma dele. E bastou apenas um olhar, um segundo na presença da menina que a escuridão já começava a recuar.

– Claro, majestade! Como quiser!

– Mande os melhores trolls! Os mais inteligentes, porque não quero que a machuquem, entendeu? Não, deixe! Melhor eu mesmo dar essa ordem! É importante demais!

– Majestade! – interpelou-o Kajinski, que queria estar a sós quando desse a ordem que pretendia aos trolls. – Pode deixar que eu faço isso!

Zac o olhou e então, como se percebesse alguma coisa em seus miúdos olhos avermelhados, respondeu.

– Não. Eu faço isso.

Ele saiu e Kajinski o seguiu, tentando disfarçar seu contragosto. Chegaram aos aposentos dos trolls que eram considerados mais fortes e inteligentes, os que comandavam os outros. Eram mais de quarenta e Zac queria mandar todos, mas Kajinski lembrou que eles também estavam sob ataque, pois agora a guerra era uma realidade, já que atacaram uma das plantações do reino. Zac pensou um pouco.

– Está bem. Talvez seja melhor, não quero assustar a moça... Irão apenas três.

– Majestade, escolha Boldan. É um troll eficiente, vai conseguir o que vossa majestade pediu.

Zac concordou, escolhendo então Boldan, Task e Jurubin.

– Quero que prestem atenção! Procurem por uma moça de cabelos escuros! Ela tem uma aura brilhante, um tom de voz engraçado, um brilho no olhar!

Os trolls se entreolharam confusos.

– Talvez seja melhor dar uma descrição menos poética, majestade... – ajudou Kajinski.

– Ah, claro!

Zac se virou, pensando um pouco. Então descreveu Bianca como pode. Lembrou de uma única coisa que talvez fizesse diferença.

– Ela usa uma garrafinha de cristal no pescoço, como um colar!

Bom, não eram muitas moças que usavam tal adorno peculiar, então isso podia ajudar.

– E lembrem-se! Não a machuquem! Eu a quero aqui inteira, entenderam?

Zac os dispensou e saiu. Kajinski ficou para trás e chamou Boldan, enquanto os outros se dirigiam para a área de alimentação, onde comeriam antes de saírem nessa estranha missão.

– Boldan, preciso que faça uma coisa para mim...

Escurecera. Os cavalos trotavam calmamente e a conversa subitamente morreu. Lorena, Marcos e Marcel olhavam em volta. As folhas da floresta negra eram escuras e brilhantes e os cascos das árvores pareciam feitos de petróleo. Eileen seguia no cavalo de Lorena e permanecia quieta.

– Estou preocupado... – disse Marcel.

– Você?! – debochou Marcos. – Preocupado? Nossa, que surpresa...

– Está muito quieto aqui...

O cavalo de Marcel se agitou e ele parou.

– Há perigo adiante... – murmurou Marcel.

Todos sentiam o calafrio que precede um perigo. Parte da intuição ou de um instinto mais antigo que o homem, o da sobrevivência, os fizeram sentir que havia algo errado.

– O que fazemos?

Eles estremeceram. A temperatura havia caído abruptamente, embora não houvesse vento. O silêncio era total e nem mesmo as folhas eram ouvidas em seus murmúrios. Marcel desceu rapidamente do cavalo.

– Rápido! – ordenou ele. – Desçam e amarrem os cavalos!

Marcel falava e agia com a propriedade de quem sabia o que estava fazendo, embora Marcos e Lorena não tivessem ideia de como isso seria possível. Obedeceram e amarraram os cavalos em uma árvore muito próxima, enquanto Marcel traçava um círculo com um pó branco em volta deles e dos cavalos.

– O que é isso? – perguntou Lorena.

– Não faço ideia! – respondeu Marcel, terminando o círculo. – Mas Oisín me deu e disse que nos protegeria de seres encantados mal intencionados!

Na pressa, ele não traçou um círculo enorme, mas apenas o suficiente para que todos coubessem dentro dele.

Lorena pegou Eileen no colo, pois a menina estava assustada. A floresta em volta deles continuava escura e silenciosa como uma mortalha e o círculo de pó branco não parecia proteção contra coisa nenhuma.

Ouviram galopes. Eram secos e o chão tremia. Juntaram-se dentro do círculo, Marcos e Marcel puxando suas espadas, Lorena apertando a fadinha no colo. Os cavalos se agitaram e relincharam, tentando se livrar e se não estivessem amarrados, teriam corrido para muito longe dali em poucos segundos.

E então, do meio do breu da floresta, surgiu uma visão apavorante. Um cavalo negro galopava em sua direção. A ausência da cabeça fez os três gritarem. No lugar desta, labaredas de fogo avermelhado iluminavam o forte corpo do cavalo que vinha em desabalada correria na direção deles.

O primeiro impulso foi saírem correndo, mas Marcel gritou para que não saíssem do círculo. Quando a criatura alcançou a linha do pó branco estancou com violência, empinando agressivamente. A coisa deu alguns passos para trás e então cavou a terra com um dos cascos dianteiros. Começou a correr em volta do círculo, apavorando os cavalos, que começavam a se soltar.

– Segurem os cavalos! – gritou Lorena. – Eles não podem sair do círculo!

Apesar da paralisia que o terror lhes impingia, eles se moveram. Tentaram acalmar os cavalos, enquanto a criatura continuava correndo desvairada em volta deles. Os animais estavam apavorados e um deles empinou e derrubou Marcos, que caiu de costas no chão. Então, Lorena fez algo insano. Virou-se para a criatura do inferno e gritou com todas as suas forças.

– Vá embora!!! Nós não temos medo! Eu sou mais forte que você e eu te ordeno que vá embora! Volte para o buraco de onde você saiu AGORA!!!!

E então, havia apenas silêncio.

Os cavalos se acalmaram. A floresta retornou ao silêncio. A criatura tinha desaparecido.

Lorena, sentindo as pernas bambas, caiu de joelhos. Eileen voltou a se pendurar em seu pescoço e ela a abraçou.

– Isso foi corajoso... – disse Marcel.

– Não... – respondeu Lorena. – Isso foi desespero...

Marcos se levantou e se aproximou dos outros com os olhos arregalados e a pele branca de susto.

– Gente!... – disse ele. – Isso foi uma mula sem cabeça???

Com licença, onde fica o setor de informações?

Terem sido atacados pela mula sem cabeça deu um nó em suas cabecinhas. Mas serviu para mostrar que naquele lugar tudo era possível. Diante dos perigos da noite, preferiram ficar dentro daquele círculo mágico e dormir um pouco. Tinham mantas e comeram um pouco antes de se aninharem uns nos outros e dormirem.

– Sabe o que isso me lembra? – perguntou Lorena, com um sorriso.

– Hum? – murmuraram os outros dois.

– Loudun!...

E cada qual ficou a sós com a memória da cidade que mudou suas vidas e definiu quem se tornaram.

Quando a manhã despertou Lorena, Marcel já estava acordado e preparando os cavalos. Sentaram-se para comer alguma coisa enquanto tentavam espantar o sono. A fadinha tinha folhas no cabelo que Marcos tirou com cuidado.

– Sonhei com Loudun hoje! – disse Marcos, pegando um pedaço de pão.

– É mesmo? – espantou-se Lorena. – Que coincidência! Eu também!

Marcel não disse nada e os outros dois continuaram falando de seus sonhos.

– Sonhei que tínhamos voltado! – disse Marcos. – Só que era como se já soubéssemos de tudo o que aconteceria depois daquilo tudo e tínhamos que decidir se mudávamos alguma coisa ou não.

– Nossa! – comentou Lorena, partindo um pedaço de bolo entre ela e a fada. – Que intrincado! Eu não me lembro bem. Sonhei apenas que vagava pelas suas ruas no meu cavalo.

– E você, Marcel? – perguntou Marcos. – Sonhou com alguma coisa?

– Não me lembro. Bem, melhor irmos!

E então levantaram acampamento, seguindo na direção da cidade que lhes indicaram onde poderiam ter maiores informações sobre compra e venda de escravos. Pouco antes, porém, algo inusitado aconteceu.

– AI, MEUDEUSOQUEÉISSO???!!!!!! – berrou Marcos horrorizado.

Marcel e Lorena gritaram imediatamente, assustando também a menina fada que também gritou. Numa reação em cadeia, a criatura de um pé, um olho, uma mão e uma orelha que estava diante deles também gritou, um grito meio desafinado e demente, com o único olho esbugalhado.

– MATA!!! MATA!!! – gritava Marcel, tentando pegar uma besta.

– VAI EMBORA!!! XÔÔ! – gritava Marcos, jogando pedaços de pão contra a criatura.

A menina fada começou a chorar, Lorena continuou gritando, e quando Marcel finalmente conseguiu pegar a besta, a criatura assustada saiu pulando para dentro da floresta, saindo de vista.

Marcel se virou para os outros, ainda de arma em mãos.

– Eu odeio esse lugar!

A manhã ia alta e pássaros de todas as cores coloriam as árvores, mas Bianca não notava. Ela mantinha o passo firme, concentrada no caminho. O quanto antes chegassem ao castelo de Frabatto, mais rápido teria soluções pra todos os seus problemas. Porém, uma coisa a intrigava. Se Frabatto teve condições de chegar até ela na noite anterior, por que não fazia isso de novo? Afinal, era meio óbvio que eles precisavam da ajuda dele.

– Ele deveria ter vindo até nós!

Bianca nem notara que pensara tão alto, até observar os enormes olhos de Analice nela.

– Quem? Zac?

– Não! Frabatto! Se ele sabe que precisamos dele, por que não veio até nós?

– E por que viria? – perguntou Bran com toda naturalidade.

– Ué! Porque precisamos dele!

– Não é razão suficiente – respondeu friamente o elfo.

– Bran tem razão – concordou Analice. – A menos que ele seja o Super Homem.

Vendo que Bianca continuava confusa, Bran parou a caminhada para lhe explicar.

– Não é obrigação de ninguém ajudar quem quer que seja. Ao menos, não aqui.

– Mas isso é horrível! No meu mundo, todos devem ajudar quem precisa! – retrucou Bianca.

– Aqui, não! Aqui ajuda é algo que se merece.

A ideia de que ela não era merecedora de ajuda fez Bianca parar um pouco. Mais do que isso, a fez se sentir como uma menina mimada, achando que todos deveriam se mover para ajudá-la a conseguir o que queria. Bianca se sentia um jiló. E isso a fez ficar calada pelo resto daquela manhã.

O clima mudou na parte da tarde. Ventos mais frios sopravam do norte e nuvens cinzentas cobriram os céus. Ainda não era noite, mas escureceu rapidamente. A floresta tinha terminado e agora se encontravam em um

descampado, onde uma estrada de pedras surgia sob seus pés. Uma série de seres luminosos azulados surgiu diante deles, em fileira.

– O que é isso? – perguntou Analice.

Bianca se lembrou que já vira aquelas fadas antes. Elas simplesmente ficavam sentadas na beira da estrada, de ambos os lados, observando quem passava em silêncio. Respondeu o que Zac dissera a ela.

– Um tipo estranho de fadas...

Quando passaram pela última, a luminescência desapareceu. Olharam para trás e não havia mais ninguém. Foi então que Bianca lembrou que estrada era aquela.

– Ai, meu Deus!

– O que foi? – perguntou Analice, já assustada.

– Essa é a estrada do Jack, o Acorrentado!

Bran arregalou os olhos e paralisaram por alguns momentos, esperando algum forte pisar, ou o chão tremer, ou o gemido das cabeças que Jack trazia na cintura. Mas nada aconteceu. Apenas o vento continuava soprando frio na noite escura.

– Talvez ele esteja de folga hoje... – sugeriu Bianca.

Continuaram seguindo o caminho, com cautela e atenção. Uma coisa era certa. Estavam mais próximos do castelo de Frabatto.

Não demorou muito até que Bianca o avistasse. Ruínas escuras recortadas contra o céu cinzento, onde as nuvens passavam com formas assustadoras.

– Olha! É o castelo de Frabatto! – disse animada, apontando para o lugar cercado por árvores mortas cujas carcaças lançavam aos céus galhos em formas de mãos ossudas.

– Tem certeza, Bianca? – perguntou Analice.

Bran olhou o lugar, sem conseguir evitar engolir em seco.

Bianca começou a andar animada na direção do castelo.

– Tenho! Mas tem uma coisa que vocês precisam saber! O castelo não é o que parece! Isso é um teste para afastar os picaretas e interesseiros! Então, não peguem nada lá dentro! Mesmo que chovam moedas de ouro, não peguem nada! Entenderam?

Bianca se virou para os amigos e se deparou com o vazio.

– Analice? Bran?

Ela olhou em volta, chamando-os de novo. Então, virou-se novamente para o castelo horripilante. Teria coragem de enfrentar o homem que caía sozinho? Bianca deu alguns passos trôpegos na direção do lugar. Uma revoada de morcegos a fez gritar e saltar. Olhou para trás novamente, na esperança de encontrar os

amigos, mas não havia nada. Então, voltou a seguir na direção do castelo, ouvindo o próprio coração saltando dentro do peito.

Quando o sol começava seu trajeto no horizonte, pintando a despedida do dia com suas cores douradas, Lorena, Marcos e Marcel chegaram numa pequena cidade chamada Lágrimas de Ontem.

– Quem deu esse nome? – riu Marcos. – Parece nome de filme de Supercine! Ou aqueles romances de banca!

– Se forem lágrimas de ontem, tudo bem! – disse Marcel. – Eu não quero é chorar hoje!

– Muito bem! – disse Lorena. – Disseram que era aqui que teríamos informação sobre venda de escravos. Como vamos conseguir essa informação?

Os três se entreolharam. A fadinha disse:

– Perguntando?

– É uma ideia! – concordou Marcos.

– Gente, não vamos perguntar onde se compra pão! – explicou Lorena. – Vamos perguntar sobre algo ilegal! Algo perigoso e imoral!

– Será como perguntar onde fica um bordel? – perguntou Marcos.

– O que é um bordel? – perguntou Eileen.

– É um lugar onde mulheres vão pra trabalhar durante a noite, meu anjo! – explicou rapidamente Lorena.

– Bem... – Marcos se pôs a pensar. – Já sei! Entramos numa taberna e damos um aperto nos caras que encontrarmos lá!

Marcel soltou uma sonora gargalhada.

– Somos tão intimidadores quanto o elenco de Friends! Ninguém vai nos levar a sério, isso se não nos chutarem daqui até quinta-feira passada, que nem a mãe do Chris!

– Tive uma ideia! – gritou Marcos animado. – Marcel chegará lá dizendo que capturou uns escravos e precisa vender! Os escravos somos nós!

Lorena fez uma careta de que não parecia um bom plano. Marcos voltou a pensar.

Chegaram ao centro da cidadezinha, muito menor do que as cidades em que estiveram antes. Todo o movimento se concentrava na taberna e o céu já estava pintado de azul escuro.

– Entremos! – declarou Marcos. – E vejamos o que acontece!

Ele desceu do cavalo, amarrando-o numa árvore em seguida. Os outros o seguiram. Não tinham um plano melhor.

Eles entraram na taberna e chamaram atenção das pessoas que lá bebiam. Não eram pessoas muito receptivas. Havia homens e mulheres. Todos feios. Todos com cicatrizes de velhas brigas ou batalhas e deu para sentir que aquele lugar não era uma simples taberna, mas algum lugar de reunião de pessoas de negócios escusos.

– Ainda dá tempo de sair... – murmurou Marcel.

A porta se fechou atrás deles e um homem careca e enorme se colocou de braços cruzados na saída.

Um homem se aproximou deles e olhou para Lorena com um olhar desagradável. Lorena trazia a fadinha pela mão e não desviou o olhar.

– Que tal se...

Lorena não tinha a menor ideia do que o homem ia dizer, e ninguém descobriu, porque ela lhe deu uma testada bem no meio do nariz. O homem cambaleou para trás tonto e nem viu o que o atingiu. Lorena pegou a menina e a jogou nos braços de Marcos. Então, numa agilidade impressionante, saltou sobre o balcão e pulou em cima do homem tonto. Bateu com a cabeça dele no chão, desacordando-o. A mulher se levantou e gritou para todos na taberna.

– Tive um dia horrível e não tô a fim de graça!

Então ela foi até uma mesa e olhou para os dois sujeitos que estavam nela. Imediatamente, os homens pegaram suas bebidas e saíram do caminho. Lorena se sentou e os amigos a seguiram. Um sujeito gordo veio anotar os pedidos.

– Lorena!!!... – balbuciou Marcos. – Você parecia até a Xena!

– Fui forjada no calor de Loudun! – respondeu a morena, bebendo a cerveja que foi colocada na sua frente em uma grande caneca de cerâmica.

– Nada mal... – concordou Marcel. – Não sei o que você faria se todo mundo nessa taberna resolvesse nos dar uma surra, mas funcionou, então está bem!

– E agora? – perguntou Marcos.

– Agora esperamos. Algo me diz que alguém vai puxar conversa com a gente... – disse Lorena.

E ela estava certa. Depois de algumas cervejas, um sujeitinho esquisito se aproximou da mesa deles. Era baixinho e uma leve semelhança com o Mr. Bean fez Marcos ter uma crise de riso. Podiam dizer que era culpa de cerveja, mas não era. Marcos achou mesmo o sujeito a cara do Mr. Bean. O homem, que se chamava (ou dizia se chamar) Fairuz, queria saber de onde eles eram e se não estavam interessados em alguma diversão na cidade.

– Que tipo de diversão? – perguntou Marcel, enquanto Marcos escondia o rosto para não mostrar que estava chorando de rir.

– Temos muita coisa interessante... Temos jogatina e bebida, vocês podem ganhar muito dinheiro.

– Na verdade, estamos mais interessados em comprar alguns escravos... – disse Marcel.

O homem arregalou os olhos.

– Oh, não temos esse tipo de coisa aqui... É contra todas as leis!

Marcel o olhou sem nenhuma expressão.

– Que pena.

E voltou a tomar sua cerveja.

Fairuz saiu da mesa e desapareceu.

– Espero que ele não chame os guardas... Ou que quer que tenham por aqui... – murmurou Lorena.

Marcos secava as lágrimas, tentando recuperar o fôlego.

– Ai, eu quase morri... Não acredito que vocês não perceberam que aquele sujeito era a cara do Mr. Bean! Ainda bem que ele foi embora, ou eu ia ter um troço de tanto rir!

E nesse exato instante, Fairuz voltou, o rosto meio oculto por um manto, mas exposto o bastante para fazer Marcos cair na gargalhada de novo.

– Qual o problema do seu amigo? – perguntou ele.

– Ele bebeu o chá do riso, daqui a pouco passa.

– Bem, acho que talvez eu tenha o que vocês procuram... Mas vai custar dinheiro!

Marcel deu um sorriso e colocou uma moeda de ouro na mão do homem.

– Pra começar, está bom...

E então o homem os chamou e eles o seguiram para fora da taberna.

A sina de um escravo

Deixar aquele palco dos horrores foi tão ruim quanto entrar. Urbain não entendeu direito quando, mas em algum momento, um lance por ele foi aceito. Foi então arrastado para fora dali e entregue a um homem negro sem cabelo. Este o olhou e apertou seus braços, confirmando o que seu lance comprara.

– Eu disse que ele é forte!

Disse Cadman ao comprador. O homem olhou nos olhos de Urbain e então entregou um saco de moedas para o outro.

– Parece que sua promessa não vai ser cumprida, corvo! Sussurrou Cadman, antes que o homem negro com chicote levasse Urbain.

Ele foi levado por uma rua. Pensou em tentar uma fuga ali mesmo, mas não iria longe estando amarrado e, certamente, aquele não era um lugar receptivo a fugitivos. Ao fim da rua onde cheiros de bebida e suor se misturavam, havia uma carruagem totalmente fechada. Não era nobre, parecia mais uma carroça fechada. Urbain foi jogado ali dentro e grilhões foram colocados em seus pés.

Havia mais seis homens ali, todos amarrados e com as mesmas correntes nos pés. Urbain olhou para eles, sem saber exatamente como começar uma conversa naquela situação. Olhou para a porta que se fechou, imaginando quanta força seria necessária para abri-la. Pular de uma carruagem em movimento não era assim tão terrível. Já fizera coisa pior e sobrevivera.

– Não pense nisso! – disse o rapaz ao lado dele.

Urbain o olhou surpreso. Como podia saber o que ele estava pensando?

– Está pensando em fugir – disse o rapaz. – Está escrito na sua testa. Nem pense nisso! Se tentar uma fuga, todos nós vamos pagar caro.

– Desculpe... – disse Urbain. – Eu nunca fui escravo antes, ainda não sei as regras de etiqueta. Sou Urbain Grandier. E você?

– Edward Lelance.

– E como você chegou a isso, Edward?

– Estava escoltando uma princesa quando fomos atacados. Levei uma pancada na cabeça no meio da luta e quando acordei, estava sendo arrastado pela floresta por mercadores de escravos. E você? Como veio parar aqui?

Urbain pensou na pergunta e como seria complicado respondê-la.

– Sei lá... Um dia eu estava num piquenique com minha bela esposa, meus amigos, minha filha e o namoradinho dela... E então, puf! Tudo aquilo sumiu e aqui estou eu...

Ficaram em silêncio, assim como os outros, que apenas ouviam.

– E agora? – tornou Urbain. – O que acontece?

A carruagem se moveu e eles começaram a andar.

– Agora seremos entregues aos nossos novos donos... – respondeu Edward.

O caminho foi de silêncio. Havia os trotes dos cavalos e nada mais. Urbain observou os homens ali. Pareciam alquebrados, deprimidos, derrotados... Ele esperou que não estivesse com aquela aparência também. Seus pensamentos vagaram e as costelas doeram. Foram as primeiras. Logo depois, a cabeça doeu, o ombro também e finalmente, o estômago. Urbain lembrou que levou uma surra e que estava faminto. Apesar de querer saber um pouco mais sobre aqueles cinco homens, seu interesse perdeu para a dor, o cansaço e a fome. Recostou a cabeça na parede da carroça-prisão e fechou os olhos por alguns minutos.

Acordou com um solavanco. A carroça havia parado e ele, definitivamente havia dormido. A porta se abriu com barulho e dois homens fortes gritaram para que eles saíssem. Os homens saíram um tanto desorientados e ouviram as ordens. O sol se punha por trás das árvores e o céu perdia sua cor viva.

– Vamos dormir aqui! Vocês não são mais homens! São propriedades! Se alguém tentar fugir, todos pagarão, então não façam besteira!

Com mãos amarradas e pés acorrentados, não havia muitas chances de fuga. Ordenaram que eles se sentassem no chão e lhes deram pão e água. Os dois homens comiam afastados deles, conversando entre si. Algo se moveu entre as folhas e Urbain apurou os olhos, na dúvida se tinha mesmo visto o que achou que viu.

– O que diabo é aquilo? – murmurou, chamando a atenção de Edward.

Este seguiu seu olhar atônito e viu, entre as folhagens, tentando se esconder, um grande olho e uma boca com um só dente.

– Ah! – respondeu Edward. – É o Tachan!

– O que?

– Um elemental esquisito que vive por aqui.

– É muito feio... – tornou Urbain.

– É, mas é inofensivo. Não se incomode com ele...

Os homens terminaram de comer, mas Urbain guardou metade de seu pão na roupa. Os dois captores retornaram com uma pequena frutinha vermelha e deram uma para cada um. Urbain não entendeu quando recebeu o que lhe pareceu uma cereja muito pequena.

– Comam! – ordenou o negro.

Os homens obedeceram e Urbain colocou a frutinha na boca. Em alguns minutos, os seis homens prisioneiros esfregaram os olhos e bocejaram. E então, um

a um, caíram em sono profundo. Menos um. Urbain fingia dormir, a frutinha guardada na mão.

Quando tiveram certeza que todos estavam dormindo, os dois captores também foram dormir mais perto da fogueira que tinham feito. Urbain se sentou e procurou a criatura nas folhagens. Ele ainda estava lá, olhando curioso. O homem tirou o pão de dentro da roupa e fez um gesto com a mão chamando o Tachan.

Desconfiada, a criatura saiu de seu esconderijo. Urbain tentou não gritar de susto quando surgiu diante dele um ser de um pé, um olho, uma boca com um dente e uma mão saindo do meio do corpo. Era, oficialmente, a coisa mais feia que ele já vira. E ele já vira muita coisa feia!

Ele continuou chamando a criatura, tentando sorrir e passar confiança. Hesitante, o Tachan chegou bem perto e Urbain lhe deu o pedaço de pão.

A criatura pegou o pão e enfiou inteiro na boca enorme, comendo e espalhando farelos. Quando terminou, lambeu os beiços e esboçou um sorriso.

– Você pode me fazer um favor? – perguntou Urbain num sussurro.

– Huh!

Urbain interpretou isso como um sim.

– Uma mulher bonita com longos cabelos escuros e dois homens virão atrás de mim. Se eles passarem por esta floresta, você poderia lhes dizer em que direção eu fui?

– HUH!

Urbain não tinha muita certeza se estava sendo entendido. Mas, em todo o caso, sorriu gentilmente.

– Obrigado...

A criatura respondeu com seu sorriso estranho de um dente só e então saltou para a mata escura. Urbain se deitou, imaginando o quão estranho era aquele lugar. E estranho do jeito que era, talvez desse sorte. Que Lorena, Marcos e Marcel estavam atrás dele, ele não tinha dúvidas. Conhecia aqueles três e eles eram teimosos. Se o Tachan os encontrasse e pudesse lhes dar uma pista, seria de grande valia. Ele acabou dormindo, pensando nisso, e sonhou que estava em casa de novo e que Cacau latia pedindo biscoitos.

E assim, cerca de 24 horas depois, a seguinte cena aconteceu. Você já a viu, mas entenderá melhor se vir agora:

– AI, MEUDEUSOQUEÉISSO???!!!!!! – berrou Marcos horrorizado.

Marcel e Lorena gritaram imediatamente, assustando também a menina fada que também gritou. Numa reação em cadeia, a criatura de um pé, um olho,

uma mão e uma orelha que estava diante deles também gritou, um grito meio desafinado e demente, com o único olho esbugalhado.

– MATA!!! MATA!!! – gritava Marcel, tentando pegar uma besta.

– VAI EMBORA!!! XÔÔ! – gritava Marcos, jogando pedaços de pão contra a criatura.

A menina fada começou a chorar, Lorena continuou gritando, e quando Marcel finalmente conseguiu pegar a besta, a criatura assustada saiu pulando para dentro da floresta, saindo de vista.

Marcel se virou para os outros, ainda de arma em mãos.

– Eu odeio esse lugar!

Acordou com o estalar do chicote numa pedra.

– Vamos, imprestáveis! É hora de seguir viagem!

O sol mal tinha se levantado, deixando tudo com um prateado levemente azulado que Urbain chegou a achar belo por alguns instantes, antes de ser erguido com brutalidade e empurrado de volta para a carruagem prisão, junto com seus companheiros de escravidão.

Assim que se sentou e a porta se fechou, sentiu uma urgência em fazer alguma coisa. Os cavalos já partiam e a cada minuto que passava, ficava mais longe de Bianca, de Lorena, de tudo. Depois de uma noite de sono, sentia-se um pouco mais preparado para uma boa briga, mas não conseguiria sair dali sozinho. Observou seus companheiros. Seus rostos fitavam o chão, como se tivessem culpa do que lhes acontecia. Pior! Como se não tivesse nenhuma saída.

– Precisamos sair daqui! – arriscou dizer em voz alta.

Todos o olharam com um rosto vago, vazio, como se ele tivesse falado em alguma língua alienígena.

– Somos seis! E eles são apenas dois! – insistiu, esperando alguma faísca de rebeldia naqueles homens derrotados.

– Hã?...

Urbain olhou para Edward. Percebeu que seus olhos estavam realmente vazios, como uma pessoa embriagada. Ou drogada...

Parou para pensar na pequena fruta vermelha que lhe deram e que ele apenas fingira comer. Edward estava falando normalmente no dia anterior e agora parecia um parvo. Aquela frutinha era o artifício que usavam para manter os homens sob controle na viagem. Recostou na parede de madeira que sacolejava. Precisava de um plano. E rápido...

Fechou os olhos por um momento. A imagem de Loudun lhe veio à mente. Essa é uma imagem que ele sempre bloqueava. Mas dessa vez, deixou que ela viesse. Loudun era um lugar que o assombrava há muito tempo. Mas talvez fosse hora de rever alguns de seus cenários mais assustadores...

Viu a vida que vivera, no século XVII, como um padre superstar, amado pelas mulheres, odiado pelos homens, implacável com seus inimigos. Reviu seu orgulho, seu ego indomável, seus erros, até finalmente terminar numa cela, nu, humilhado, nas mãos dos mesmos inimigos que criara. Lembrou-se da dor, das risadas, do sarcasmo deles, do cheiro de sangue... E então, num momento breve de silêncio e solidão, viu o rosto de uma jovem mulher. Ela o estava ajudando, ou tentando. Tirou suas amarras, cobriu seu corpo nu e ferido com um manto. Aquela mulher mudara tudo. Mudara o rumo de sua história trágica, mudara o homem que era. E aquela mulher ainda estava naquele mundo e ele iria voltar para ela, custasse o que custasse. Abriu os olhos com uma certeza: ele não era um homem qualquer. Ele era Urbain Grandier. Ele escapara de seu destino e certamente não o fizera para terminar como um escravo num raio de mundo cheio de fadas e trolls.

Mexeu os pés, tilintando as correntes. Agora, seus grilhões estavam ligados a todos os outros e eles não estavam em condições de correr por aí. Ou de fazer qualquer coisa. Começou a testar as correntes, pensando o que seria preciso para parti-las. Vira as chaves na cintura do negro calvo com cara de mau. O homem dava uns dois dele e não era um adversário que ele gostaria de enfrentar. Porém... A chave estava com ele. Sua mente começou a arquitetar um plano. Em algum momento, teriam que parar para esticar as pernas, beber água e comer algo. Seus dois captores esperavam que todos os homens estivessem lerdos. Bom... Ele não estava.

A escuridão dentro de nós

Bianca tentava tirar coragem de cada fio de cabelo, mas estava apavorada. Apesar de tudo o que passara, ainda morria de medo de fantasmas. E agora não tinha Zac ali para socorrê-la, aninhá-la ou abrir suas enormes asas e levá-la para longe do perigo. Nem tinha mais seus amigos e nem conseguia parar para pensar no que acontecera com eles porque estava apavorada demais para isso.

Chegou à porta da frente. Dessa vez, ela não se abriu sozinha, rangendo como uma coisa doente, como da outra vez. Bianca voltou a olhar para trás, em busca dos amigos, mas só viu escuridão e uma neblina assustadora.

– Tudo bem... – murmurou para si mesma. – Eu encontro Frabatto e ele me ajudará a achar Analice e Bran também...

Colocou a mão trêmula na maçaneta fria e girou. Porém, ela não abriu. Tentou de novo, mas nada aconteceu. Pensou em bater, mas o silêncio daquele lugar parecia algo sagrado, algo que não devia ser quebrado levemente. Então se afastou e começou a caminhar em volta do lugar. Tocava as paredes do castelo em ruínas, como se precisasse sentir alguma coisa concreta naquele ambiente de sonho. As pedras eram geladas e úmidas e mato rasteiro abafavam seus passos. Ainda ouvia seu próprio coração bater apressado e tentava parar de tremer. Precisava ser corajosa. Ela sabia que Frabatto era um amigo leal e não havia nada a temer. Então, por que tremia tanto?

Chegou aos fundos do castelo e viu uma porta de madeira escura. Porém, antes de chegar nela, viu um vulto feminino delinear-se na neblina.

– Analice? – chamou.

Aproximou-se da figura, tentando ver quem era. Chegou finalmente perto o bastante para ver sua mãe, belíssima, parada diante dela.

– Mãe?!

Lorena sorriu e então se virou e caminhou na direção oposta. Isso é um sinal para qualquer pessoa pensante que já viu uns dois ou três filmes de terror para não seguir a aparição. Mas quando se está na situação, as coisas são diferentes. Bianca já vira vários filmes de terror, mas a ideia de que sua mãe estivesse ali ao seu alcance era tentadora demais. Ela a chamou de novo e correu em sua direção.

Reencontrou-a um pouco a frente. Ela estava de pé, com a mão em uma pedra alta.

– Não tenha medo – disse Lorena.

Bianca não entendeu. Mas a neblina se dissipou e ela pode ver que a pedra que sua mãe tocava graciosamente era uma lápide. E na lápide estava escrito o

nome de seu pai. Sentiu o corpo estremecer, e então ouviu novamente sua mãe.

– Não tenha medo!

A serenidade de seu rosto foi quebrada como um cristal de maneira súbita. Uma mancha vermelha surgiu em seu estômago e uma ponta de espada aflorou. Bianca gritou e levou as mãos à boca, as lágrimas já subindo aos olhos. Atrás de Lorena, uma figura negra de grandes asas se formou. Ela levou as mãos ao ferimento mortal e a espada foi retirada com violência. Seu corpo caiu, revelando a figura alada que tirou sua vida. Bianca viu Zac, os olhos completamente negros, as asas de morcego gigantes e ameaçadoras, o peito nu repleto de cicatrizes, o rosto sem nenhum vestígio do rapaz que ela conheceria.

Do chão, com os olhos ainda vidrados, Lorena disse pela última vez:

– Não tenha medo!

Zac deu um passo ameaçador na direção dela e Bianca disparou a correr, sentindo as pernas tremerem e as lágrimas correrem pelo rosto. Sentiu que ele estava logo atrás dela, mas não parou para olhar. Alcançou a porta de madeira e virou a maçaneta, empurrando-a. A porta se abriu e ela a fechou. Antes de passar o trinco, uma pancada ensurdecadora a fez gritar. A coisa tentava abrir a porta e ela gritava por uma ajuda que não vinha. Uma garra negra e peluda passou pelo vão da porta, tentando mantê-la aberta. Bianca usava toda sua força, mas não conseguia fechar a porta. Até que algo prateado cortou a garra, que caiu ao lado dela. Um urro foi ouvido e a porta pode ser finalmente fechada. Bianca viu quem a ajudara enquanto passavam juntos o trinco. Viu suas mãos sujas de terra segurando a espada manchada de sangue.

– Bran?!

Ele se recostou na porta fechada, ofegante. A franja se colava na testa suada e ele estava branco. Aparentemente, ele também enfrentara alguns fantasmas.

– Essa coisa matou minha mãe! – disse ela, soluçando.

– É uma ilusão... – respondeu Bran.

Bianca pegou a garra morta ao lado deles e a mostrou pra ele.

– Ilusão uma ova!!!! – gritou.

Ela jogou a coisa morta longe.

– Isso é um goblin que cria ilusões – respondeu ele. O perigo era real. Mas o que ele mostrava era ilusão, algo para paralisá-la e facilitar o trabalho dele.

Bianca respirou um pouco.

– E onde está Analice?

Bran olhou pra ela. E Bianca sentiu o coração gelar.

Foi numa fração de segundo. Geralmente, é como as tragédias ocorrem. Num momento você está vivo, saltitando por aí e no outro, BUM! Vem um carro e te pega que nem tomate. Num momento as coisas estão bem e tudo está certo. E no outro... Bem, no outro tudo muda... É geralmente numa fração de segundo...

Bran estava ao lado de Analice quando Bianca simplesmente desapareceu na névoa. Eles a chamaram, mas ninguém respondeu. Sons de galhos partidos ao seu redor fizeram com que Analice segurasse sua mão. E ele lembra perfeitamente de que, naquele momento de perigo, tudo o que pensou foi no calor da mão dela.

Ciente do perigo que os rodeava, ele a puxou para o castelo. Se Bianca estava certa, era o lugar mais seguro dali, embora isso parecesse muito difícil de acreditar. Foi então que a mão dele foi puxada. Analice tinha caído e estava sendo arrastada por mãos em forma de galhos para um túmulo.

– Segure-se em mim!!! – gritou ele.

Ela estava gritando e ele não podia nem imaginar perdê-la. Nunca tivera nada, então não se incomodava de perder o pouco que tinha. Até conhecer Analice. A partir daquele momento, ela se tornou seu tesouro mais precioso, mesmo que ela nem imaginasse.

Ele caiu no chão, tentando segurá-la, mas sua mão foi escorregando e as mãos do túmulo eram muitas. Então, Analice se foi. A terra a consumiu e ela desapareceu.

Houve um momento de silêncio. Então Bran começou a gritar feito um louco e a cavar o túmulo onde ela desaparecera. Chamou por ela e então ouviu alguém responder. Mas não era ela...

– Seu inútil! – disse a voz. – Não faz nada direito!

Bran se virou e puxou a espada, procurando quem falava com ele. Reconhecia aquela voz, alguém do passado, alguém que o assombrara por muito tempo.

– É um fracassado! Um nada! Um ninguém! – continuou a voz.

– Cale a boca! – gritou Bran, sentindo a voz falhar por desespero ou ira.

– Sua mãe devia tê-lo afogado assim que nasceu! Aliás, era o que eu devia ter feito quando aquela imprestável morreu me deixando esse enjeitado!

Bran tapou os ouvidos, mas a voz não se calava e ele ainda podia ouvi-la. E, tantos anos depois, ela ainda o feria da mesma maneira.

– Você é uma fraude! Uma farsa! Quanto tempo acha que vai enganá-las? Você não é o que diz ser! Você não é nada! E vai fracassar sempre que tentar!

Palavras são mais poderosas que a espada. Elas ferem, machucam e destroem com tanta força quanto uma pancada bem dada, e, depois de proferidas, continuam corroendo por dentro como ácido, destruindo tudo em seu caminho. Nunca, nunca subestime o poder das palavras.

Bran ouvia de novo o que ouviu quando criança e enquanto crescia. Sempre se sentindo menos que nada, sempre infeliz em nunca ser capaz de agradar a família que o recebeu depois da morte da mãe e do abandono do pai. Não os via há muitos anos e essas palavras foram trancadas numa gaveta bem escondida dentro de seu coração. Até agora.

Justamente quando perdia seu bem mais precioso, aquelas palavras voltavam para se fincar em seu coração. Encolhido no chão, sentindo as lágrimas banhando seu rosto, pensou que seria melhor desistir. Eles tinham razão. Ele era um inútil e confiar nele era o maior erro que se poderia cometer.

Havia alguém na frente dele...

Ele não erguera a cabeça e ainda sentia o coração sangrando. Mas sentia que havia alguém na frente dele. Alguém ruim...

Foi quando ouviu a voz de Analice.

– Eu confio em você.

Palavras ferem. E também curam. Bastou que ele ouvisse uma vez para que pegasse a espada e fincasse na criatura diante dele.

Foi quando viu o ser horripilante. Era uma mulher que parecia um esqueleto, com cabelos ralos grudados no crânio e dentes lhe faltando. A pele repuxada colada no corpo e no rosto era de tom cinza e seus braços eram mais longos do que o normal. Com suas órbitas vazias ela o olhou, tentando retirar a lâmina de seu estômago. Então, ela emitiu um grito horrível e se transformou em milhares de pequenos morcegos negros que se espalharam pela noite.

Ofegante, o elfo se virou e ouviu passos apressados de animais. Animais bem grandes. Correu na direção do castelo e entrou pela porta da frente. Assim que a trancou, percebeu que o castelo em ruínas tinha um grande buraco no teto e a Lua era a única iluminação que tinha. Felizmente, como elfo, ele conseguia enxergar muito bem no escuro. Precisava encontrar uma maneira de ajudar Analice, pois ainda acreditava que ela estava viva, talvez presa num covil de trolls. Começou a andar pelo castelo, procurando outra saída. Foi quando ouviu gritos e correu na direção, esperando ser Analice. Ao invés dela, encontrou Bianca, brigando contra um goblin monstruoso. E agora ele tinha que responder a pergunta que ele mesmo não queria fazer.

– E onde está Analice?

Estavam sentados contra a parede gelada do castelo abandonado em silêncio. Lá fora, o vento fazia um som assustador, mas eles não o ouviam. Estavam imersos em seus próprios pensamentos.

– Eu sinto muito... – disse finalmente Bran. Eu devia tê-la segurado mais forte!

– Pare de se culpar... – respondeu Bianca. – Eu conheço Analice. Ela está viva. Só precisamos encontrá-la.

Bran olhou para o lugar, não vendo nada além de desolação.

– Achei que fôssemos encontrar ajuda aqui...

Bianca olhou para o teto.

– Eu também...

– O que acha que aconteceu?

– Sei lá... Talvez seja o castelo assombrado errado... Eu nunca fui boa de direção mesmo...

Ficaram em silêncio mais alguns minutos, até que Bran falou.

– O que quer fazer?

– Ver um filme debaixo das cobertas comendo pipoca quentinha...

– Podemos ir, se quiser... – disse ele.

– Não... Não há mais nada a temer... Vamos descansar um pouco e então continuaremos a procurar Analice.

Bran não reclamou da sugestão. Estava exausto e um descanso de alguns minutos não lhes faria mal. Bianca recostou a cabeça no ombro dele e ele a abraçou. Ela se aninhou, sentindo uma súbita saudade de Zac, apesar da última imagem aterradora que tivera dele.

– Só vou fechar os olhos por alguns minutos... – prometeu ela.

– Tudo bem... – concordou ele.

Bianca acordou e a primeira sensação que teve foi a de um travesseiro sob sua cabeça. Sentiu o tecido suave e um perfume de lavanda. Assim que sentiu isso, levantou num salto. Estava sozinha, num quarto em que nunca estivera, ricamente decorado com temas florais. Olhou pela janela e viu jardins com flores coloridas e pássaros num céu azul.

Correu até a porta e assim que a abriu deu de cara com Bran, que parecia tão surpreso quanto ela.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Sei lá! Nós cochilamos e acordei agora numa cama confortável! Vim ver se você estava aqui!

Bianca segurou a mão dele e o puxou pelo corredor. Desceu as escadarias conhecidas com ansiedade, ignorando as perguntas dele.

E então entraram numa sala com uma enorme mesa com um farto café da manhã. Na cabeceira da mesa, Frabatto sorria, enquanto preparava seu chá.

– Vejam só quem acordou! – disse ele.

E na mesa, compartilhando o café da manhã, Analice abriu seu belo sorriso. Ela se levantou e correu até os amigos. Os três se abraçaram longamente, aliviados do pesadelo ter acabado. Bom, ao menos aquele pesadelo!

A verdade nos espelhos

Quando o abraço terminou, eles se voltaram para Frabatto, sentado à mesa com uma xícara de chá na mão e um sorriso no rosto. O lugar em ruínas havia se transformado em um castelo belíssimo, com tapetes de cores vivas, móveis brilhantes e quadros de belas paisagens. Bianca reconheceu a menininha sentada à mesa comendo um pedaço de bolo. Era a filhinha de Frabatto que ela conhecera da outra vez. A menina lhe sorriu e acenou.

– Por favor, sentem-se e tenham um bom café da manhã! É a refeição mais importante do dia!

Eles começaram a se sentar, mas Bianca não resistiu e disparou a pergunta indignada antes mesmo de seu traseiro tocar a cadeira almofadada.

– Frabatto!!! Por que tentou nos matar??!

O mago arregalou os olhos ofendido:

– Quem??? EEEEEU?

– É! Você! Fui perseguida por um Zac maquiavélico que tinha acabado de matar minha mãe!

– E eu vi Analice ser sugada por um buraco! – reclamou Bran.

Foi quando ele se virou rapidamente para Analice.

– Aliás, como foi que você saiu do buraco?

– Eu cai numa espécie de porão vazio e fiquei com muito, muito medo, pois pensei que estava sozinha! – contou Analice, servindo-se de mais chá. – Eu fiquei com tanto medo que paralisei! Me encolhi e fiquei balançando pra frente e pra trás que nem uma demente! Aí, de repente, eu ouvi a voz de Bianca dizendo: “Você não está sozinha”. Me enchi de confiança e comecei a procurar uma saída. Depois de andar, achei uma escada e vim parar na cozinha do Frabatto, onde ele já estava me esperando!

– Achei que seu castelo não fosse mudar pra mim! – disse Bianca. – Eu já estive aqui antes!

– Isso é discutível, minha cara menina – respondeu Frabatto.

– Como assim? Vai dizer que eu não estive aqui?

– Sim, você esteve. Mas você não era a mesma pessoa que é hoje.

Bianca parou um pouco.

– E falando nisso, por que está vestida como um rapaz?

Bianca olhou para si mesma.

– Estamos sendo perseguidos por Asram, um elfo psicopata. Achei que era melhor me disfarçar.

Frabatto se recostou na cadeira.

– Vejo que você mudou bastante mesmo... Definitivamente, não é a mesma pessoa.

De certa forma, Bianca entendeu o que ele disse. Ela não se sentia ela mesma. Mas não sabia o que exatamente estava acontecendo. Pegou um pedaço de pão doce na frente dela e passou um pouco de manteiga, um hábito que tinha (passava manteiga em tudo).

– É... Coisas aconteceram e eu mudei... – disse ela. – Mas não é motivo para tentar me matar!

Frabatto riu e colocou a xícara sobre a mesa.

– Eu não tentei matá-la, criança... Eu tentei salvá-la. Na verdade, tentei salvar todos vocês! E como estão aqui comendo comigo hoje, acredito que fui bem sucedido.

Os três garotos se entreolharam confusos.

Frabatto pegou uma fruta parecida com uma mexerica vermelha, com gomos rubros como cerejas, e começou a descascá-la, enquanto explicava o que acontecera.

– Este lugar possui suas regras. Qualquer um que entre aqui precisa provar que é merecedor de minha hospitalidade. Por isso, cada um que aqui entra é testado. Como você e seu amigo anjo foram testados da primeira vez, há bem pouco tempo! Vocês foram testados em suas maiores fraquezas. Eu tentei avisá-los.

– Você falou conosco! – compreendeu Bran. – Quando ouvi a voz de Analice dizendo que confiava em mim, era você!

– Isso mesmo, meu jovem! Você é muito perspicaz!

Bianca parou de mastigar enquanto ligava os pontos.

– Foi você que falava pela ilusão de minha mãe para não ter medo... – deduziu ela.

– E foi você que disse que eu não estava sozinha! – falou Analice.

– Isso mesmo! Tentei mostrar a ilusão onde estavam caindo, uma ilusão criada, na verdade, por vocês mesmos. Os perigos eram reais, mas usavam suas fraquezas para darem o bote.

O assunto rendeu um pouco mais e conversaram enquanto terminavam o café da manhã. Em seguida, Frabatto os convidou para um passeio nos jardins, onde poderiam dizer o que queriam com ele.

Caminharam pelo castelo iluminado pelos raios de sol que passavam pelos vitrais coloridos nas janelas até uma porta lateral que se estendia em um caminho de pedras. Ao redor, um belíssimo jardim florescia, borboletas voavam com asas de cores nunca antes imaginadas e pássaros cantavam com a alegria que só a liberdade pode dar.

– Precisamos de sua ajuda! – disse Bianca.

– Imaginei! – sorriu Frabatto.

– Mas você já me ajudou – voltou ela. – E eu gostaria de agradecer.

Frabatto riu novamente, sabendo do que ela estava falando.

– Bom saber que você manteve a memória de nosso passeio até seu amigo Zac. Achei que você esqueceria. Mas diga, o que querem de mim?

Havia uma mesinha branca de metal cercada por cadeiras no meio do jardim. Frabatto se sentou e os outros o acompanharam, admirando a beleza do lugar.

– Trolls sequestraram Zac lá no nosso mundo e eu e minha família viemos atrás dele – tentou resumir Bianca. – Só que agora estamos todos perdidos! Nos desencontramos e não sei como estão meus pais e meu tio. E Zac... Bem, você já viu no que ele se transformou... Precisamos de sua ajuda para achar meus pais e meu tio e para saber se há como reverter o que aconteceu com Zac.

– Hum... – Frabatto colocou a mão no queixo, observando a menina vestida de rapaz.

– Você mudou muito...

– Como?

Ele a analisava com cuidado, deixando-a desconfortável.

– Bem, podemos começar com os espelhos mágicos! – disse, de repente, levantando-se.

Em poucos minutos, estavam na imensa sala de espelhos de todos os tamanhos. Analice se sentiu atraída por um espelho de moldura azul metálica com rosas entalhadas. Ela se deixou mergulhar no próprio reflexo por alguns minutos e a voz de Frabatto e Bianca ficaram distantes. Foi quando ela viu a si mesma, alguns anos antes, ainda uma criança, num dia na praia com seus pais. O sol estava se pondo e eles brincavam com uma imensa bola colorida. Foi um raro momento em que eles não atenderam o celular, nem falaram de negócios, nem da vida alheia. Eles estavam ali para ela. Apenas para ela.

– Analice! Venha!

A imagem se diluiu e ela a perdeu. Seguiu a voz no grande salão de espelhos e se uniu ao grupo.

– Quem você quer encontrar primeiro?

– Meu pai e Eileen! – respondeu Bianca. – Eles estavam juntos!

– Concentre-se em seu pai então... – pediu o mago, com voz suave.

Bianca relaxou e deixou os olhos pousarem no espelho de moldura prateada. A moldura pareceu se encher de neblina e então uma imagem surgiu. Viu

uma carroça se movendo por uma estrada de árvores secas. A carroça parou e dois homens abriram a porta. Viu homens acorrentados saindo.

– Há algo errado! – disse Bianca. – Meu pai não está aí!

E foi quando ela o viu. Ele estava entre os homens acorrentados. O rosto estava um pouco machucado, mas ele estava com a mesma roupa de feiticeiro da Lua Negra que recebera na Vila das Fadas D'água.

Com um movimento da mão de Frabatto, a imagem se diluiu e desapareceu.

– Por que fez isso? – protestou Bianca.

– Você não tem treinamento energético para acessar espelhos mágicos. – explicou Frabatto. – Você já viu seu pai e já tem as pistas de que precisa para encontrá-lo.

– Que pistas? – Bianca nem saberia por onde começar.

– Ele é um escravo! – disse Bran. – Foi sequestrado e vendido e agora está na estrada para Goltaca, um lugar onde escravos são comuns.

Bianca sentiu-se sonolenta, mas lutou contra o sono.

– Tudo bem, vamos ver se achamos minha mãe agora.

Ela se concentrou nela e viu Lorena num cavalo com Eileen. Ao lado dela, viu Marcos e, para sua surpresa, seu tio Marcel, que achara que tinha ficado em seu mundo. Estavam andando numa floresta na companhia de um homenzinho engraçado de capuz que se parecia demais com o Mr. Bean. Riu, imaginando que essa certamente foi a primeira coisa que seu Tio Marcos falou.

Mais um movimento de mãos de Frabatto e tudo desapareceu. Bianca sentiu-se tonta e foi amparada por Bran.

– Reconheceu o lugar?

– Não, lamento... Pareceu uma floresta como outra qualquer.

– Mas ao menos você viu que eles estão bem! – consolou-a Analice.

Bianca se sentiu apoiada e não teve certeza de como chegou em sua cama. Era dia, ainda cedo, mas ela realmente precisou se entregar a algumas horas de sono.

– Ela está bem? – perguntou Analice, observando a amiga dormindo pesadamente na cama.

– Ah, ela está ótima! – respondeu Frabatto com um tom descontraído. – Vai dormir por algumas horas e estará nova em folha!

Eles saíram do quarto e Bran e Analice se sentiram um pouco perdidos.

– Por que vocês não dão um passeio e tiram um tempo para vocês também? – sugeriu Frabatto. – Tenho alguns assuntos a resolver, eu os verei no almoço!

Seguindo o conselho, o jovem casal se pôs a andar pelos jardins, aproveitando o dia de sol.

– Nunca me canso de ver a beleza desse lugar! – disse Analice.

Bran não disse nada. Parecia meio incomodado.

– Você está bem? – perguntou ela.

– Eu perdi você – ele disse sem sentir. Quando viu, as palavras já tinham saído de sua boca. – E foi horrível...

Analice sorriu.

– Eu estou bem aqui!

– Eu segurei sua mão! – disse ele. – E não pude salvá-la!

Analice segurou o rosto dele com as duas mãos, olhando em seus olhos.

– Bran, meu querido amigo... Não podemos salvar as pessoas de suas escolhas...

Ele sentiu o coração bater mais forte e seus lábios estavam bem próximos. Pássaros voaram de uma moita muito próxima, fazendo uma algazarra, assustando os dois, que se afastaram imediatamente.

– Eu precisava enfrentar a solidão para não temê-la nunca mais – disse Analice. – Foi apavorante! Foi horrível! Mas eu saí mais forte dali! Eu sei que não preciso mais ter medo de ficar sozinha. Meus pais, meus amigos, Asram... Todos acabaram me deixando, de uma forma ou de outra. Mas eu tenho a mim mesma. E tenho bons amigos que nunca me abandonam. Como Bianca e você.

Bran baixou a cabeça, pensando sobre aquilo.

– E você? – perguntou ela. – O que enfrentou?

Ele não sabia se estava pronto para falar sobre isso, mas admirava a coragem da moça em falar de seus medos. Se ela podia falar daquilo, ele também podia. Ele se sentou numa pedra.

– Minha mãe morreu no parto, meu pai me abandonou – disse ele, olhando para frente. – Fui criado por uma tia que me odiava. Ela, o marido e os filhos deles, todos mais velhos que eu, viviam me dizendo o quanto eu era um enjeitado, um imprestável e inútil. Eu nunca fazia nada certo. Acreditei por um tempo que eles tinham razão...

Analice se sentou na mesma pedra, bem perto dele, tocando seu ombro carinhosamente.

– Mas um dia eu saí de casa e procurei ser alguém. E assim virei um guarda do Reino. Quando perdi você, tudo aquilo voltou, as vozes deles dizendo que eu não iria conseguir que seria sempre um fracassado... Foi horrível!

– O que o trouxe de volta? – perguntou ela.

– Você! – disse ele, olhando em seus olhos. – Eu ouvi sua voz dizendo que confiava em mim. Foi quando reagi e decidi ser quem eu queria ser, não quem eles queriam que eu fosse!

Analice sorriu.

– Obrigada, Bran... – disse ela. – Você tem sido um bom amigo...

O brilho nos olhos dele esmaeceu um pouco. Não era o que ele esperava ouvir. Ou o que desejava ouvir. Então ele sorriu e se levantou, pegando-a pela mão como uma dama.

– Vamos voltar ao castelo. Assim que Bianca acordar, pedimos mais alguns conselhos para o mago e partimos.

O que nos muda

Bianca acordou com um sentimento de urgência que a fez abrir os olhos com o coração saltando. Percebeu que ainda estava muito cansada, mas não conseguiu ficar na cama. Assim que se recostou na cabeceira da cama, percebeu que Frabatto estava no quarto com ela, sentado numa confortável poltrona preta com um livro nas mãos.

– Boa tarde! – disse ele com um sorriso. – Dormiu menos do que eu esperava!

Bianca piscou algumas vezes, tentando acordar seu cérebro.

– É mesmo? – balbuciou ela com uma voz que não parecia a sua.

Ela pigarreou antes de falar de novo.

– Ainda estamos no mesmo dia? – voltou ela, preocupada. – Porque não podemos perder tempo!

Ela se sentou rapidamente, procurando os sapatos.

– Preciso de sua ajuda em mais uma coisa, Frabatto!

– Lá vamos nós de novo...

Bianca tinha pressa e não percebeu que estava sendo ríspida, chegando com sua lista de pedidos para o mago como se ele fosse algum balconista de mercadinho.

– É Zac! Você viu como ele está! Tem alguma forma de fazer com que ele volte? O que eu tenho que fazer? Você tem um mapa? Acho que vamos precisar para...

– Pare!

Bianca, que já estava de pé, se virou para ele, confusa.

– O quê?

Frabatto se levantou e deixou o livro sobre sua poltrona. Caminhou até ela decidido e a segurou pelos ombros, fazendo-a olhar em seus olhos.

– Pare – repetiu. – Pare e respire.

– Mas...

– Cale a boca. Pare e respire.

Sem entender, Bianca obedeceu. Parou de falar e respirou profundamente com impaciência, não sentindo mudança nenhuma. Olhou para o mago, aguardando novas ordens.

– Não está fazendo direito. Não é só parar de falar, mas parar de pensar. Esvazie a mente e respire profundamente.

Bianca percebeu que se não fizesse direito, ele não a deixaria em paz. Então fechou os olhos, esvaziou a mente e respirou profundamente. Quando abriu os olhos, notou que estava mais lúcida e havia uma outra mudança nela que não conseguia discernir com clareza. Mas algo estava diferente, com certeza.

– O que você fez? – perguntou ela.

Frabatto a soltou.

– Nada. Você fez sozinha... – Caminhe comigo.

Eles começaram a andar pelo castelo onde enormes quadros de moldura dourada mostravam pessoas e paisagens estonteantes. O tapete azul índigo abafava seus passos e nenhum som era ouvido.

– Você disse que eu tinha mudado... – disse Bianca. – Em que sentido?

– Sim, você mudou... E não foi para melhor.

Bianca o olhou surpresa. Achou que era uma pessoa melhor agora, mas quando ele disse isso, percebeu que não se sentia melhor em nada.

– A Bianca que pisou neste castelo da primeira vez podia ter medo de fantasmas, mas não tinha medo de enfrentar o que aparecesse na sua frente – disse Frabatto, chegando numa grande janela que dava para os jardins, onde fadas que pareciam flores flutuavam graciosamente e flores de formatos bizarros pontuavam árvores.

– Agora – continuou ele, – você está com medo. E seu medo é tão grande que mudou você. Você não é mais destemida. O que aconteceu?

Bianca se apoiou no parapeito de pedras brancas da janela com ar triste.

– Perdi Zac. E foi horrível. Aí voltei para o meu mundo só para descobrir que eu tinha perdido tudo lá também.

– Mas você teve uma segunda chance, não teve?

– Tive, mas...

– Mas o quê?

Bianca franziu o cenho, confusa.

– Doeui demais perder as pessoas que eu amo! Não posso nem imaginar que eu possa perdê-las de novo! E se eu as perder, como saberei que terei uma segunda chance?

Frabatto pensou um pouco. Então se virou para ela. O sol batia em seus rostos, aquecendo-os.

– Sempre vamos perder alguma coisa... – respondeu ele. – Porque na verdade, elas não nos pertencem. Nos são... emprestadas! E nós devemos deixá-las partir quando for o momento. Você precisa aprender a se desapegar, porque o apego está gerando um medo tão terrível que está paralisando você! Quanto mais medo você tiver, mais vai construir as situações que você teme!

– Tipo O Segredo?

– Tipo o quê?

– O Segredo! – tentou explicar Bianca. – Um livro que fala que tudo o que pensamos atraímos para nós.

– E é a mais pura verdade! É assim no seu mundo. Porém, aqui, nesse mundo, isso é muito mais perigoso – explicou Frabatto. – Tudo o que você pensar tem mais chances de acontecer nesse mundo, porque tudo aqui vibra na mesma faixa dos pensamentos. Você atrai o que você pensa. Você atrai o que você teme. Você atrai o que você odeia. Se está no seu pensamento, está sendo construído no seu futuro.

Bianca demorou um pouco para processar todas as informações até que finalmente arregalou os olhos em terror.

– Ai, meu Deus!

– Entende agora por que vi tanta diferença em você? – tornou Frabatto. – A Bianca que conheci tinha medo do perigo real, não do perigo imaginário. E ela sempre esperava o melhor. Por isso ela teve uma segunda chance.

Ele tocou no ombro dela como um pai.

– Domine seu medo, minha amada amiga. Ou ele vai dominar você.

– E como faço isso, quando tenho tanto a perder? – perguntou Bianca.

– Simples! Concentre-se no que você tem agora!

Bianca ouviu seu nome e se virou para o fim do corredor de onde surgiam Bran e Analice. Eles se aproximaram e ela sorriu.

Eles estavam juntos. Zac não entendia como, pois ele era um troll e essa era a única coisa que sabia. Mas, ainda assim, estavam juntos no mundo dos homens. Ah, o mundo dos homens! Estavam em um parque de diversões e riam entre luzes coloridas que traçavam caminhos coloridos com as estrelas brilhando acima deles. Ela segurava sua mão e sua mão não tinha garras escuras, como agora.

Abriu os olhos, tendo a certeza de que a música que tocava no parque, melodiosa e bela, ainda ecoava pelo quarto de pedras escuras. Levantou-se, sentando-se na cama coberta com peles de animais. Olhou para suas mãos e viu que suas garras pareciam unhas crescidas. Eram negras, mas na raiz eram brancas, como unhas humanas.

Foi até um grande espelho que tinha no quarto real e se olhou. Seu corpo era humano. Muito humano. Apenas suas asas e suas garras o denunciavam. Como teria chegado ao mundo dos homens assim? E por que não se lembrava de nada? A lembrança da moça e seu sorriso maravilhoso encheram seu coração e ele sorriu.

Aquela sensação era boa e não queria se desfazer dela. Fechou os olhos, relembando e tentando puxar mais alguma lembrança. Quando abriu os olhos de novo, olhou para suas mãos e viu suas garras ficando brancas e transformando-se em unhas humanas.

Seu coração disparou. Então, será que poderia se transformar em um humano? E viver o que eles viviam? O amor, a alegria, a arte, o poder de criar e aprender?

Batidas na porta precederam a entrada de Kajinski.

– Majestade?

Zac se virou, o semblante totalmente diferente e seu conselheiro percebeu imediatamente.

– O que deseja, Kajinski?

– Vim lhe trazer um chá, Majestade. Vai ajudá-lo a recuperar a memória.

Kajinski entregou a caneca de louça para o rei que a recebeu. Notou que Kajinski percebeu a mudança em suas garras que agora se pareciam com unhas grossas e mal cuidadas, um tanto compridas demais, mas bem diferentes das garras negras capazes de rasgar uma garganta.

– Que memórias? – perguntou Zac.

– Aquelas que sua majestade deseja recuperar... – respondeu Kajinski.

– Obrigado. Pode ir, eu tomarei em minha cama.

Kajinski hesitou, mas viu que o rei o encarava, esperando que ele deixasse o aposento. Então, fez uma reverência e o deixou só.

Depois que ele saiu, Zac olhou para a caneca longamente. Ninguém mencionara suas memórias perdidas até aquele momento. Nem ele. Na verdade, tudo o que sabia é que era um troll e estava em uma guerra contra Asram, que o traíra e torturara. Talvez suas memórias perdidas pudessem lhe dizer quem era aquela moça. Então, bebeu de um só gole o chá amargo que lhe fora dado.

No último gole, caiu de joelhos. As memórias vieram. Horríveis, sangrentas, revoltantes. Sentiu seu estômago se revirar e viu Asram e a ponta do chicote. Viu sua pele ser queimada. Viu seu sangue derramar. Sentiu sua carne sendo aberta e machucada. Viu suas asas sendo arrancadas. Ouviu o grito e o lamento da moça cujo nome não sabia, seu rosto banhado de lágrimas enquanto mãos firmes a seguravam. E viu sua vida se esvaír, deixando de viver tudo o que poderia.

Com um grito de dor e o rosto coberto de lágrimas, ele se virou e jogou a caneca contra o espelho, quebrando sua imagem. Olhou suas mãos e viu suas garras negras e afiadas de volta.

No castelo de Frabatto com suas grandes torres se elevando ao céu, era hora do almoço. A mesa farta estava posta e Bianca pediu alguns minutos antes de se juntar a eles, tendo falado algumas palavras para Frabatto que, sorrindo, chamou uma de suas criadas para acompanhá-la.

Quando Bianca desceu, estava de vestido. Ele era azul escuro e bege com detalhes em dourado e vermelho e um capuz que fazia parte dele. Ela desceu animada as escadas.

– Nossa! Adorei o visual! – disse Analice.

– Está ótima, mas... E a sua ideia de disfarce? – perguntou Bran.

– Não vamos nos preocupar com isso agora, meu querido amigo Bran! – respondeu Bianca, sentando-se à mesa. – Agora, vamos viver o momento!

Ela se virou para Frabatto e ambos riram, começando a se servir. Na mesa, tinham tortas de legumes, sopa, um tipo de grão parecido com arroz absurdamente delicioso, quiche de queijo e batatas fritas. Analice arregalou os olhos quando viu.

– Batata frita???? Há quanto tempo eu não como batata frita!!!

Frabatto também se servia, sempre com seu sorriso de amigo confiável e cuja presença já tranquilizava.

– Eu também acho muito interessante as iguarias que seu povo tem! De vez em quando, nos meus passeios por lá, copio algumas receitas!

Bran perguntou como ele conseguia isso e Frabatto explicou-lhes sobre sua capacidade para se desdobrar e assim visitar, com ajuda dos seus espelhos mágicos, várias outras dimensões, incluindo a dos humanos. O papo girou em torno da curiosidade dos jovens e das explicações sempre bem humoradas do mago, até que a sobremesa chegou.

– Nossaaaa!!!!

Era um bolo de chocolate vermelho com uma calda branca de glacê e recheio de creme branco. A aparência era simplesmente divina. Frabatto cortou a primeira fatia e serviu à Bianca.

– Esse é o Red Velvet? – perguntou Bianca, que gostava de ver de vez em quando alguns reality shows sobre cozinheiros. – Eu vi uma vez na televisão! É outro bolo que você copiou da gente?

– Não, minha cara! – respondeu ele, servindo o próximo pedaço à Analice. – Esse, vocês roubaram de nós!

Depois do almoço divino e da sobremesa maravilhosa, Eles se reuniram numa sala de poltronas e sofás confortáveis e Frabatto lhes disse o que poderia fazer quanto ao problema de Zac.

– O que aconteceu com seu amigo é muito incomum – explicou Frabatto. – Não é comum que um anjo volte como um humano, ainda mais numa espécie de paradoxo temporal. Acho que alguém lá em cima deve ter feito uma gambiarra... Tudo ficaria bem se ele não tivesse voltado para cá, um lugar que desperta suas memórias de sua vida de troll.

– Mas ele não virou um troll quando veio para cá – lembrou Bianca.

– Não, foi um gatilho que fez isso. Acredito que a violência que ele sofreu sendo torturado nas mãos de Asram. Ah, o que a ganância pode fazer...

– Podemos reverter isso? – perguntou Analice.

– Eu fiz um encanto muito especial para essa situação...

Frabatto se levantou e pegou um saquinho de veludo vermelho e cordinhas prateadas.

– Isso é um pó do Espelho das Almas!

Houve um silêncio, até que Analice se pronunciou.

– Parece nome de filme de terror.

Frabatto riu.

– Fique tranquila, é um artifício para acessarmos vidas passadas. Vejam!

Frabatto pegou um pouco do pó e o jogou no ar bem na frente dele. Imediatamente, as partículas brilhantes que lembravam purpurina ao sol se uniram em riscos de luz prateada e criaram um espelho flutuante tão fino que quase não se podia vê-lo de lado e tão nítido que não se saberia dizer a diferença entre o que ele mostrava e a realidade.

Eles viram no espelho um sacerdote egípcio sem cabelos e de baixa estatura, sorridente, flutuando pedras gigantes para as pirâmides. A imagem mudou para alguém que acharam ser Merlin, pois estava cercado de cavaleiros e de um homem que parecia ser o Rei Arthur. Depois viram outros homens, até verem um elegante conde francês circulando numa corte do século XVII. Em todos os casos, eles sabiam que aquelas pessoas eram Frabatto.

Com um movimento de mão, Frabatto desfez o feitiço e o espelho voltou a ser pó, que flutuou por toda a sala até desaparecer.

– Que incrível! – murmurou Bran.

Frabatto fechou o saquinho.

– No momento, Zac está vivendo uma vida não planejada, como se fosse uma entrelinha. Vocês devem jogar isso na frente de Zac. Ele verá suas vidas passadas, mas seu coração vai escolher a vida que ele quer viver agora. Aquela que ele escolher vai transformá-lo de vez.

Ele entregou o saquinho para Bianca.

– E se ele escolher ser um troll, ou um anjo, e não o Zac que ia ao cinema comigo? – perguntou a moça num tom preocupado.

Frabatto fez um movimento com os ombros.

– Lamento, menina... É escolha dele quem ele quer ser, não sua.

Bianca olhou para o saquinho em suas mãos. Ele podia ser sua salvação, ou confirmar definitivamente sua perda.

– E mais uma coisa! – tornou Frabatto. – Ele não pode matar ninguém com as próprias mãos, ou ficará preso irremediavelmente na forma em que está agora. Então, sugiro que se apressem!

Indo às Compras

Saíram da taberna na companhia do Mr. Bean, quer dizer, de Fairuz, afastando-se do cheiro de carne assada e dos sons de conversas. Assim que se viram envolvidos pela escuridão, o desconfiômetro apitou.

– Para onde estamos indo, ô baixinho? – perguntou Marcel.

– A diversão que procuram não se encontra por aqui! – respondeu o sujeito sob o manto. – Precisaremos adentrar o submundo.

Lorena, Marcel e Marcos se entreolharam.

– Que submundo? – perguntou Marcos – O submundo das drogas? Da prostituição? Do tráfico de figurinhas da Copa?

Fairuz não respondeu, apenas apertando o passo e entrando em becos escuros e desertos da cidadezinha. Eileen apertou a mão de Lorena, buscando confiança.

Marcel hesitou, ficando um pouco para trás.

– Não estou gostando disso... – disse ele.

– Não temos muita alternativa – sussurrou Lorena. – E se algo acontecer, estamos em maioria.

Fairuz chegou em uma porta de madeira velha e bateu cinco vezes. Alguém abriu, mas não conseguiram ver. O homenzinho conversou alguma coisa que eles não foram capazes de ouvir com quem abriu a porta e então os chamou. Ele entrou e a porta ficou aberta, esperando que eles passassem.

Entraram e lá dentro se depararam com oito homens com caras de poucos amigos e armados. Eileen pulou no colo de Lorena, agarrando-se ao seu pescoço.

– Acho que a história de sermos a maioria já era... – murmurou Marcos.

Marcel se virou para Fairuz.

– Se isso for uma cilada, quero informar que vou te matar primeiro.

– Fairuz nos disse que vocês querem comprar escravos...

– Isso mesmo.

– E vocês podem pagar?

– Certamente!

Marcel mostrou o saco de moedas, fazendo os olhos dos homens brilharem. Imediatamente ele percebeu o erro e voltou a guardar a algibeira, dizendo.

– O restante está em lugar seguro, caso vocês tenham o que estamos procurando.

– Vocês sabem que o comércio de escravos é expressamente proibido em quase todos os reinos daqui, não sabem? – Perguntou um dos homens, um ruivo de

barba e um colar de dentes de gosto duvidoso.

– Percebemos.

– Para que querem escravos?

– Como assim? – se perdeu Marcel.

– Para serviço pesado, para experiências ou para as arenas?

Os três se entreolharam confusos.

– Arenas! – respondeu Marcel, sem saber o que fazer.

Os homens se entreolharam.

– Homens para arenas custam caro!

– Como eu disse, se tiver o homem certo, pagaremos o necessário.

O homem que falou primeiro se aproximou. Tinha cabelo bem curto e roupas de couro. Era alto, mas não muito forte. Estendeu a mão para Marcel.

– Meu nome é Hublot! Vamos fazer negócio!

Foram levados a um outro aposento onde um grande armário estava repleto de livros, o que era muito estranho considerando que os homens que estavam ali não pareciam grandes fãs da arte escrita. Tudo se explicou quando a estante se moveu e revelou uma escada larga que descia rumo à escuridão.

– Vocês sabem que quando isso acontece em filmes de terror é morte certa, né? – disse Marcos.

Cercados, não tinham muita escolha, além de descer e seguir Hublot, que ia à frente com uma lamparina.

Chegaram a um túnel. Continuaram caminhando. Perceberam que apenas dois homens os seguiram, indo logo atrás. Ao fim do túnel, uma luz.

– Eu não gosto muito de túneis com uma luz no final... – reclamou Marcos.

A luz era um lampião pendurado ao lado de um grosso portão de ferro trancado. Hublot puxou um enorme molho de chaves e abriu o cadeado, abrindo o portão que fez um gemido de pesar. Assim que passaram pelo portão perceberam que do outro lado era uma outra cidade. Havia pessoas, barracas, cheiro de comida e bebida.

– Isso aqui parece Os Miseráveis, só que sem a música... – murmurou Marcos.

Hublot caminhou alguns minutos, cumprimentando um ou outro que encontrava no caminho. Até que entrou por uma porta de madeira, depois de falar brevemente com o homem que a guardava. Entraram com ele e lá dentro viram que era uma espécie de ringue. Homens apinhavam o lugar, gritando e sacudindo dinheiro nas mãos. No ringue, dois homens se batiam com porretes.

– Aqui é o ringue onde só um sai vivo. Podem escolher entre os vencedores ou olhar as jaulas dos que entrarão pela primeira vez.

No ringue, um homem deu com o porrete na cabeça do outro, que caiu inerte. Todos comemoraram.

– Vamos ver os novatos!

Uma rápida olhada nos 16 homens ali presos foi o bastante para três coisas:

1. Perceber que nenhum deles era Grandier.
2. Terem uma urgente vontade de sair correndo dali.
3. Terem uma urgente vontade de sair correndo dali e chamar a polícia.

Marcel se virou para Hublot.

– É só o que você tem?

O homem o olhou com um misto de desconfiança e suspeita.

– Eu esperava algo mais... mais... mais...mais...

Sem saber o que dizer, Marcel esperava algum apoio de seus amigos idiotas, mas tanto Lorena quanto Marcos estavam atônitos olhando o ambiente. Hublot continuou esperando ele terminar a frase. Percebendo que estava perdendo seu disfarce, Marcel virou-se e apontou para o primeiro sujeito que viu.

– Quanto é aquele ali?

Hublot olhou, de braços cruzados, e respondeu em tom monocórdico.

– Aquele ali está morto.

Só então Marcel percebeu que o homem que ele apontou estava pendurado e muito morto. Procurou de novo, dessa vez tentando achar um vivo.

– Não, não, aquele outro ali! – tentou consertar Marcel.

Hublot mandou alguém buscar o homem. Ele tinha cabelos longos e lembrava um jovem apache.

– A saúde está perfeita, mas não é muito forte... – disse Hublot. – 150 moedas de ouro.

– O quê???! Isso é um roubo! – interrompeu Marcos. – Um frangote desses? Você acha que nós somos idiotas?

Marcel e Lorena não tinham ideia do que Marcos estava fazendo, mas esperaram pra ver o resultado.

– Damos 80 moedas! – declarou Marcos.

– Vão embora! – respondeu Hublot, dando-lhes as costas.

– Tudo bem, vamos levar nosso dinheiro para outro lugar!

Hublot parou. Voltou até onde eles estavam.

– Cento e vinte moedas!

– 100 e não falamos mais nisso!

Hublot pensou. Então concordou.

Marcel pagou pelo homem e Hublot lhe entregou a chave dos grilhões e um saquinho de frutinhas vermelhas.

– Tome, dê isso a ele uma vez por dia e ficará manso como um gatinho até chegar onde você quer.

E então ele se afastou, deixando-os com sua nova aquisição. Marcos comemorou.

– Puxa! Eu nunca tive um escravo antes!!!

– Marcos! – ralhou Lorena. – Você sabe que isso é horrível, não sabe?

– Sei, mas ainda é empolgante! Qual é o seu nome?

O homem respondeu com um olhar duro de poucos amigos.

– Hum... – concluiu Marcos. – Acho que ele vai nos matar assim que tiver chance... Marcel! Qual era o plano?

Marcel verificou se ninguém mais estava ouvindo.

– Ele estava desconfiado! Tive que fazer uma compra para que não nos matassem aqui mesmo!

Lorena se aproximou do escravo que tinha as mãos e os pés acorrentados.

– Qual o seu nome?

O homem hesitou, mas respondeu.

– Pé de Vento.

– Muito bem, Pé de Vento. Você quer ser um homem livre? E voltar para sua casa, sua cidade, sua família?

Sua expressão mudou, como se ela estivesse falando alguma coisa impossível.

– É o meu maior desejo, senhora.

Então Lorena pegou a chave das mãos de Marcel e soltou suas mãos, entregando-lhe a chave a seguir. Ainda surpreso, ele soltou os grilhões dos pés.

– Você está livre, Pé de Vento. – disse ela. – Mas precisamos da sua ajuda. Se quiser, pode nos ajudar. Mas como homem livre.

Ele olhou surpreso para ela e para Marcos e Marcel. E então saiu correndo a toda velocidade, desaparecendo na multidão.

– Bom... – disse Marcel. – Lá se vão cem moedas de ouro...

– É... – concordou Marcos. – Dinheiro na mão é vendaval...

Ventanias

No castelo de Frabatto, Bianca, Bran, Analice e o mago conversaram sobre seus próximos passos. Agora, tinham posse de informações importantes. Sabiam que Urbain estava com problemas, que Lorena, Marcos, Marcel e Eileen estavam juntos e, aparentemente, bem. Sabiam que Zac podia voltar a ser o que era, mas não podia matar ninguém. Só não sabiam exatamente o que fazer.

– Precisamos ajudar meu pai... – pensou Bianca, tentando estabelecer prioridades.

– Sinceramente, Bianca – interrompeu Analice. – Eu conheço seu pai e ele se vira muito bem. Acho que precisamos nos concentrar no Zac. Se ele matar alguém, acabam as chances dele voltar a ser quem era.

– E pior! – lembrou Bran. – Teremos um rei definitivo da Corte Unseelil e nada poderá deter uma guerra que afetará todo o reino.

Bianca se virou na direção de Frabatto, como que procurando por uma resposta.

– Pense no que é mais importante agora, minha amiga. Mas afaste o medo.

Bianca respirou fundo e pensou por um momento. Abriu os olhos com uma decisão.

– Vocês têm razão – disse ela. – Zac é a prioridade.

– Como o encontraremos? – perguntou Bran.

– Nas cercanias da Colina dos Amores Perfeitos – respondeu Analice. – É onde ele está atacando.

– Puxa! Que ótimo! – riu Bianca. – Vamos voltar para a boca do leão! Temos que voltar para o reino de Asram!

As janelas estremeceram e um assobio foi ouvido. Logo depois, uma janela se abriu violentamente e Frabatto se levantou para fechá-la. Ele ficou observando as árvores se revoltando lá fora enquanto nuvens escuras se aproximavam. Os jovens chegaram perto, olhando o retrato da tempestade que se aproximava.

– Isso vai nos atrasar... – disse Bran.

Frabatto tinha um ar sério, coisa rara no mago bonachão.

– São os ventos no norte... – murmurou ele.

– O que isso significa?

O vento espatifou uma janela e um galho de árvore se partiu com a violência. O mago deu um longo suspiro, observando folhas e pássaros sendo levados pelos redemoinhos.

– Considerando a violência da ventania, nada de bom...

Lorena, Marcos e Marcel caminhavam naquele estranho submundo buscando informações sobre um feiticeiro da lua negra que teria sido vendido como escravo. Apesar de não ter ligado para o escravo que fugiu, Marcel começava a se preocupar com o fim do dinheiro que Oisin lhe dera.

– Restam menos de 30 moedas – disse.

– Ainda temos as pepitas de ouro que achamos na casa incendiada – lembrou Marcos, segurando Eileen pela mão.

Marcel concordou com a cabeça e viu que Lorena conversava com um homem que lhe apontou uma direção. Logo depois, ela voltou com a primeira informação relevante.

– Aquele homem disse que um feiticeiro da lua negra foi vendido há dois dias aqui.

– Ele sabe quem o comprou?

– Sabe, um tal de Klaus. Os homens dele o levaram.

– Pra onde? – perguntou Marcos.

– Meu dinheiro acabou e a memória dele também.

Marcel deu suas moedas para Lorena e ela voltou ao homem. Minutos depois, ela voltou, o rosto apreensivo.

– Eu sei para onde o levaram. Eles o levaram para as arenas.

Eileen chamava a atenção. Não era um lugar para uma menina fada, ou uma fada menina, fosse lá o que ela fosse. Olhos de más intenções começavam a recair sobre eles. Pessoas que tinham algum cuidado com uma fadinha daquelas eram tidas como fracas, tolas ou ingênuas, e esse tipo de pessoa era sempre uma boa presa. Marcel foi o primeiro a sentir os pelos da nuca se eriçarem.

– Lorena já tem as direções. Melhor sairmos daqui. Não é um lugar seguro.

Ninguém argumentou. Começaram a procurar a saída daquele lugar, até que perceberam que estavam sendo seguidos. Apertaram o passo. Tentavam voltar por onde vieram, mas já não tinham certeza se estavam na direção certa. O lugar era enorme.

Viraram à direita onde não deviam e se viram num beco sem saída, repleto de poças de sei lá o quê, e paredes de pedras escorregadias. Atrás deles, seis homens tão cheios de más intenções que transparecia em seus olhos. Um deles puxou uma corrente, o outro puxou uma faca.

– Vão passando todo o dinheiro e talvez nós os matememos rápido... – disse o homem da faca, um sujeito de rosto sujo e alguns dentes negros.

Lorena imediatamente passou Eileen para trás, mandando-a se esconder. A fadinha já conhecia essa rotina que Urbain lhe ensinara e logo achou um cantinho atrás de uma caixa velha abandonada e se abaixou. Com a menina fora do caminho, os três puxaram suas espadas.

– São apenas seis! – disse Marcos. – Vai ser mole!

Ao vê-los armados, o cara da faca gritou para trás:

– Eles têm espadas!

E então mais cinco homens armados surgiram.

– Droga... – resmungou Marcos.

– Há alguma forma de conversarmos sobre isso? – perguntou Marcel, que começava a ficar preocupado.

Um chicote estalou perto de seu pé, o que o fez saltar. Os homens avançaram para cima deles e a luta começou. Lorena feriu dois homens, mas uma corrente se enrolou em sua espada, desarmando-a. Um chicote fez o mesmo com a espada de Marcos. Marcel usou sua espada para cortar o chicote que agora prendia o braço de Marcos, conseguindo libertar o amigo, mas um grito o fez parar. Lorena tinha uma faca no pescoço. Marcel paralisou.

Era óbvio que se ele largasse a espada, não haveria chance para nenhum deles. No entanto, se não largasse, o que aconteceria com Lorena?

De repente, o homem que segurava Lorena arregalou os olhos como se tivesse visto algo assombroso. E provavelmente viu. Lorena sentiu que a pressão em seu pescoço cedera e logo depois, o homem que a segurava caiu morto no chão com uma faca nas costas. Sem pensar muito, ela pegou a espada que tinha caído e correu para perto dos outros, ao mesmo tempo em que uma confusão se formara no meio de seus agressores.

– O que é isso? – perguntou Marcos, que, como os outros, não conseguia entender o que estava acontecendo.

Um furacão do tamanho de uma pessoa passava pelos homens e então eles caíam. Alguns feridos, alguns mortos. Estavam no subsolo. Não poderia ter um furacão de verdade. Em questão de segundos, seus inimigos estavam fora de ação. Alguns fugiram, outros ficaram pelo chão mesmo. E então, o furacão parou e surgiu a figura de um homem.

– Pé de Vento???

O jovem se aproximou.

– Eu lhes devo minha liberdade – disse ele. – E não gosto de dever nada a ninguém. A dívida está paga!

– Não está não! – Marcel se adiantou.

Pé de Vento franziu o cenho. Como não? Não tinha acabado de salvar a vida deles?

– Eu salvei suas vidas!

– Nós estávamos indo muito bem, obrigado! – retrucou Marcel. – Se quer mesmo pagar a dívida, nos ajude a encontrar uma pessoa, um escravo como você já foi.

Pé de Vento pensou um pouco. Então concordou com a cabeça.

– Ele foi levado por um homem chamado Klaus para as arenas – explicou Marcos, na esperança de que Pé de Vento soubesse ao menos uma direção.

– Isso não significa nada para mim – respondeu Pé de Vento, acabando com as esperanças de Marcos.

– Você sabe como sair daqui? – Perguntou Lorena, pegando Eileen no colo novamente.

O homem anuiu com a cabeça e correu, sendo imediatamente seguido pelos outros.

A ventania não trouxe chuva ou tempestade. Apenas um momento de destruição e caos na natureza lá fora. Logo, as nuvens se dissiparam e o vento parou, voltando tudo a ser como antes. Mesmo assim, já era tarde e logo iria escurecer. Frabatto aconselhou-os a passarem a noite ali, pois a noite no mundo das fadas era perigosa e inesperada. O encontro com o Kelpie, o cavalo dos infernos, avivou a memória de Bianca sobre os perigos da noite e decidiram partir somente pela manhã.

Bianca dividiu a cama com Analice no antigo quarto que dividira com Zac da primeira vez em que estiveram ali.

– Esse lugar é incrível! – disse Analice. – Frabatto é incrível!

– Sim, ele é – concordou Bianca.

Ficaram em silêncio por alguns segundos, olhando o teto.

– Você se lembra quando fazíamos isso na minha casa? – perguntou Bianca. Analice sorriu.

– Nós víamos filmes de terror e sua mãe fazia pipoca quentinha com manteiga pra gente!...

– E depois nós íamos dormir com medo e deixávamos a luz acesa! – riu Bianca.

– E aí ainda ficávamos falando de histórias de fantasmas, ficando com mais medo ainda!

Elas riram, imaginando que isso nem fazia tanto tempo assim.

– Agora nós enfrentamos castelos assombrados ao vivo... – comentou Analice.

Elas riram e suspiraram. A Lua iluminava o quarto e podiam sentir o calor uma da outra.

– Estou com medo, Analice... – confessou Bianca.

A amiga a olhou com surpresa.

– Você? Você não tem medo de nada!

Bianca a olhou longamente mostrando sua vulnerabilidade.

– Mas estou. Frabatto me fez ver que estava sendo consumida pelo medo.

Me desculpe se fui ríspida ou bruta nos últimos dias. Você tem sido uma boa amiga e não tem culpa do que aconteceu com Zac. Mas o medo me transformou em outra pessoa. Uma pessoa pior.

Analice abraçou a amiga.

– Não pense nisso agora. Estamos aqui e estamos seguras. Vai ficar tudo bem...

Cansadas, adormeceram. Na manhã seguinte, acordaram cedo e tomaram café. Frabatto lhes deu alimentos para a longa viagem, assim como um mapa. Nem podiam acreditar que estavam tristes em deixar um lugar que quase os matou de medo, embora fosse quase impossível associar o atual castelo de Frabatto, com jardins floridos e árvores frondosas, ao lugar em ruínas cercado por lápides e seres monstruosos. De qualquer forma, estava na hora de se despedirem.

– Alguma chance de você vir conosco? – perguntou Bianca, achando que valia a pena a tentativa.

Frabatto deu sua risada gostosa.

– Outros assuntos me prendem aqui, meus amigos, mas sei que estarão bem e cumprirão sua missão com esmero.

Ela o abraçou carinhosamente, sendo abraçada de volta.

– Obrigada, meu amigo... – disse ela.

– Não tem de que. E não se esqueça: não tenha medo.

E assim eles partiram, retomando o caminho para a Colina dos Amores Perfeitos, onde esperavam encontrar um troll zangado e tentar não esbarrar em um elfo traiçoeiro ou qualquer um de seus soldados.

Prision Break

Dentro da carroça, parecia haver horas que estavam ali a sacolejar pelo caminho de terra. Urbain tentava, vez por outra, olhar pelas frestas para ver o caminho, mas só via árvores que iam ficando mais secas conforme seguiam adiante.

– Ouça, Edward... – sussurrou Urbain para o jovem ao seu lado.

Edward se virou para ele. Dessa vez, seus olhos pareciam mais cheios de consciência.

– Há quanto tempo estamos nessa carroça? – perguntou o rapaz.

Urbain não tinha um relógio e estranhou a pergunta.

– Há um dia e meio, acho.

– E não paramos para dormir? Ou comer?

Urbain arregalou um pouco os olhos.

– Paramos ontem. Nos deram pão e água e você me falou sobre aquele ser esquisito de um pé, um olho e um braço, o Tachan.

Edward sacudiu um pouco a cabeça, confuso.

– Lembro-me vagamente do Tachan, mas achei que tinha sonhado...

– Me escute, rapaz! Eles estão nos dando uma frutinha vermelha que é como uma droga. É isso que está deixando você lerdo e confuso. Da próxima vez que lhe derem aquilo, não coma.

– Tudo bem... – respondeu Edward, vendo que havia algo mais naquela recomendação. – O que está planejando?

– Estou planejando fugir. Se quiser vir comigo, pare de comer aquela porcaria. Não posso levar um zumbi comigo.

– Escravos que fogem são severamente punidos! – disse Edward, sempre sussurrando, mas em tom de extrema preocupação.

– Não sou escravo de ninguém – respondeu Urbain. – E vou sair daqui. Tenho uma lista de coisas a fazer. Achar minha família e matar três homens. Se não quiser vir comigo, tudo bem, seja feliz em sua vida de escravo. Só não fique no meu caminho.

Edward não disse mais nada.

A carroça parou. A porta foi aberta e, como da outra vez, eles foram retirados. Urbain olhou em volta, reconhecendo o terreno. Podia ser a chance de sua fuga.

O sol o cegou momentaneamente. Assim que voltou a enxergar, preocupou-se. Não estavam numa floresta, como da outra vez. Era uma espécie de porto. Havia mais homens e os dois homens que os levavam conversavam com um sujeito barbudo e corpulento. Urbain viu uma escuna sendo carregada. Seu coração acelerou. Viu o mar diante deles e imaginou que se entrasse naquele barco, suas chances de realizar suas duas missões iam ficar muito, muito pequenas. Olhou em volta o mais discretamente que pode, tentando ver suas chances de fuga. Havia estivadores e piratas, além de outros barcos menores e maiores ancorados. Viu facas e espadas nas cinturas dos homens. Viu algumas mulheres, também piratas. Se lembrou de seu dom de atrair a simpatia das mulheres na mesma intensidade em que atraía a ira dos homens. Se pudesse ter um breve contato, mesmo que fosse um relance, com alguma daquelas piratas, talvez sua sorte mudasse.

O homem negro veio e pegou o homem ao lado de Urbain, um que parecia sempre assustado. Entregou-o ao barbudo e recebeu sua sacola de dinheiro. Isso feito, mandou que eles subissem novamente na carroça. Já lá dentro, Urbain ainda viu por uma fresta quando o prisioneiro foi levado para dentro do navio.

– O que vão fazer com ele? – murmurou para si mesmo, sabendo que poderia ser ele ali.

– Pode ser só um escravo para trabalhar no barco... – disse Edward.

Urbain se virou para ele, pressentindo um “ou”.

– Ou devem estar atrás de algum tesouro...

– Não entendi – disse Urbain.

– Precisam de alguém descartável quando vão atrás de um tesouro – explicou Edward. – Alguém para testar as armadilhas, ou ser dado para algum monstro carnívoro como distração enquanto passam.

– Isso é horrível! – foi só o que Urbain foi capaz de falar.

A carroça se moveu. Ele olhou em volta. Agora eram cinco. Pelo menos não estava num navio, prestes a cruzar os sete – quantos mares aquela terra tivesse.

– Temos que fugir hoje – murmurou Urbain.

Edward olhou para ele seriamente.

– Conte comigo.

O estômago roncava, mas Urbain não sentia a fome. Passava e repassava seu plano na cabeça enquanto a carroça seguia seu caminho. Tudo o que pedia é que pudessem pernoitar mais uma vez em um local deserto. Ele já estivera numa prisão de trolls e sabe como foi difícil escapar de lá. Esperava que um covil de trolls não estivesse no itinerário dos escravagistas. Os outros homens cochilavam

ou permaneciam alheios a eles. Ele aproveitou para passar em sussurros o que pretendia para Edward.

Urbain se esforçava para manter o foco. Aprendera a se controlar a duras penas depois que fugira de Loudun com a ajuda de Lorena, Marcel e Marcos. Seus primeiros anos nesse admirável mundo novo foram difíceis e ele não teria conseguido sem a ajuda desses valiosos amigos. No entanto, lembra-se com clareza que por mais que aquelas três pessoas tivessem feito toda a diferença em sua vida, quem mudou seu coração para sempre foi aquela coisinha pequenininha embrulhada numa manta cor de rosa.

Ele sorriu, lembrando-se de Bianca em seus primeiros anos. Foi por ela que aprendeu a buscar soluções mais sensatas. Foi por ela que procurou se tornar melhor. Abriu os olhos, desfazendo o sorriso que a memória lhe trouxe. Onde estaria sua filha agora? Esperava que ainda estivesse com Zac. Confiava no rapaz para cuidar dela e, como ela contou, ele já a guiara para fora dali uma vez. Sacudiu a cabeça. Não era hora de pensar nisso. Bianca estava bem. Era inteligente e sabia se cuidar. Ele a criara assim. Preocupar-se não ia ajudá-la. O que ele precisava era se concentrar em se livrar daqueles grilhões.

A carroça finalmente parou. Os homens desceram. Esticaram-se, sentindo dores da viagem desconfortável. Mandaram que se sentassem e deram uma frutinha vermelha para cada um. Todos jogaram a frutinha na boca. Urbain viu que os três homens começaram a sorrir e a olhar o céu com um ar de contentamento que não condizia com suas condições. Percebeu que Edward também estava com seu ar apatetado olhando as estrelas. Preocupou-se do jovem ter engolido a fruta carmesim, mas este lhe deu um cutucão. Urbain ouviu o tilintar das chaves atrás dele e começou a olhar apaixonado para o céu também. O homem que tinha as chaves na cintura lhes deu pão e água que eles tomaram calmamente, apesar de não terem visto comida decente naquele dia. Ou no outro. Disfarçado pelo cabelo que lhe encobria o rosto, Urbain observava os movimentos dos dois homens. O negro com o chicote era meio assustador. Era forte e tinha um olhar de quem vai te matar se você respirar fora do ritmo. Já o outro não parecia tão ameaçador. Claro que aparências enganam. Era bom ficar pronto para tudo, por mais redundante e impossível isso pudesse parecer.

Os três homens começaram a se deitar, e Edward fez o mesmo. Urbain os imitou. Em algumas horas estariam bem longe dali. Ou mortos.

A fogueira crepitava e os dois homens ainda conversavam baixinho entre si quando um grito foi ouvido entre os prisioneiros. Edward se contorcia, gritando e babando, enquanto os outros acordavam lentamente. Urbain tentava ajudar, mas foi empurrado quando os dois homens chegaram para tentar ajudar o rapaz.

Empurrado para trás, Urbain ficou exatamente onde precisava estar. Fora da vista dos homens, viu quando Edward roubou o molho de chaves e jogou na direção dele discretamente, disfarçando pelo seu ataque, onde se contorcia e revirava os olhos. Urbain usou a chave para libertar seus pés, mas não libertou as mãos, pois receava que o rapaz não tinha muito tempo até perceberem sua armação ou o desacordarem de vez. Num movimento rápido, usou as correntes que prendiam seus braços para estrangular o homem negro, o que julgou ser mais difícil de negociar.

O outro homem, pego de surpresa, tentou reagir, mas Edward puxou suas pernas, fazendo-o cair de cara no chão. Menos de um segundo depois, o jovem soldado estava em cima dele, esmurrando-o com toda a força que tinha.

O homem estrangulado reagiu dando cotoveladas em seu agressor. Urbain sentiu as pancadas, mas não aliviou a pressão. O homem se jogou para trás, tentando acertar uma cabeçada que certamente faria com que seu oponente o soltasse, mas Urbain apenas caiu para trás também, evitando o golpe. Os homens rolaram no chão, até que o homem sem ar parou de resistir e finalmente perdeu os sentidos. Urbain se levantou e correu para ajudar Edward, que estava tendo problemas com o outro.

Apesar de ter lhe dado os socos mais fortes de que era capaz, foi o mesmo que nada. O homem o olhou com ódio nos olhos e lhe deu um soco que o tonteou. Virou o jogo, colocando-o por baixo e começou a socá-lo. Ia dar o terceiro soco quando uma corrente enroscou em seu pescoço. Edward se levantou e lhe deu mais alguns murros, até que finalmente o homem caísse desacordado.

Urbain pegou a chave e soltou os grilhões dos pulsos. A seguir, soltou pés e mãos do rapaz, que se levantou e pegou a faca que tinha na cintura do homem que derrubaram. Fez menção de matá-lo, mas Urbain segurou seu braço.

– Não foi isso que combinamos.

– São mercadores de escravos! – retrucou o jovem que perdera toda a serenidade no rosto. – Roubam vidas, roubam honra, são monstros!

– Eles são assim. Nós, não.

Edward afrouxou a mão e Urbain o soltou. Deu-lhe as chaves.

– Tome, solte os outros.

– Eles não vão conseguir fugir assim.

– Talvez não agora, mas amanhã já estarão menos apatetados – explicou Urbain, usando as correntes para prender os homens desmaiados.

Com ajuda de Edward, acorrentou os dois mercadores numa árvore e desatrelou os cavalos. Cada um ficou com um, deixando a carroça desaparelhada. Pegaram uma besta, que ficou com Edward, e uma espada, que ficou com Urbain. Os três homens, agora livres, ainda os olhavam com ar confuso quando Urbain e Edward montaram nos cavalos e cavalgaram para dentro da escuridão da floresta.

A Feira Encantada na Estrada Assombrada

Estavam a caminho da Colina dos Amores Perfeitos há cerca de uma hora, conversando sobre detalhes do plano que não tinham. Na bolsa de Bianca, o bem guardado saquinho vermelho do pó de espelho das almas era a esperança de tudo dar certo. De vez em quando, Bianca apalpava a bolsa de tecido para ver se ainda estava lá.

Bran mantinha a atenção no caminho e em qualquer movimento suspeito. De vez em quando, paravam para ver o mapa e conferir se estavam na direção certa.

– Quanto tempo levaremos para chegar lá? – perguntou Analice.

– Se nada nos atacar e se encontrarmos aquele círculo de fadas, uns dois dias...

– Eu estava pensando nisso! – disse Bianca. – Se acharmos um círculo de fadas, podemos economizar muito tempo!

– Não é tão fácil! Precisamos saber para onde o círculo de fadas vai.

Continuaram com suas conjecturas até que chegaram à velha estrada que costumava ser assombrada pelo gigante Jack, o Acorrentado. Era dia e havia ali uma espécie de feira de elementais, com goblins, duendes e gnomos vendendo frutas, caçarolas e bolos.

Ninguém pareceu se importar com a presença deles e Analice logo se interessou pelo que estava sendo vendido. Bianca, no entanto, continuava olhando em volta, esperando um tremor assustador denunciar a presença do gigante assassino a qualquer momento.

– Isso é tão estranho... – murmurou Bianca.

– O que é estranho, menina? – perguntou um duende com cara marota.

– Esta estrada costumava ser assombrada por um gigante horrível! E agora virou uma feira!

– Ah, sim! Jack, o Acorrentado! – concordou o duende.

– O que aconteceu com ele? – perguntou, curiosa, Bianca.

– Ninguém sabe! O que importa é que ele não está mais aqui! Que tal comprar sapatos novos?

– Olha! – disse Analice contente. – Um par de brincos!

Bianca concordou que eram lindos e comprou três pedaços de bolo de uma gnoma. Não estava com fome, mas sabia que os seres encantados possuíam um código de comportamento muito diferente dos nossos e temeu que passar por uma feira sem comprar nada pudesse parecer falta de educação.

Foram andando e comendo o bolo, observando a alegria da feira, onde alguns elementais tocavam instrumentos e outros dançavam rodopiando. Assim que terminou o bolo, Analice começou a colocar os brincos. E foi quando Bianca a viu fazer isso que sua mente se acendeu numa lembrança.

– Eu conheço esses brincos! – disse ela, pegando um deles da mão da amiga.

Bianca colocou o brinco diante dela para ter certeza.

– Estes são os brincos que dei à Leanan Sidhe!

– Quem? – perguntou Analice.

– A fada da inspiração. Uma mulher desejada e muito difícil – respondeu Bran. – Você se encontrou com ela?

– Me encontrei! Da primeira vez em que estive aqui, com Zac. Dei os brincos a ela em troca de...

Bianca preferiria não ter começado a frase, mas agora que começara, teria que terminar.

– Bom, em troca dela não beijar Zac!

Bran e Analice não seguraram o riso. Era engraçado ver Bianca com ciúmes.

– Vocês estão perdendo o ponto! – ralhou Bianca. – Como os brincos que estavam com ela vieram parar nessa feirinha?

– Podemos perguntar para quem vendeu! – sugeriu Bran.

Eles se viraram para voltar e não havia mais feira nenhuma. Apenas a estrada enorme e deserta, com descampado ao redor e uma brisa fresca.

– Eu odeio quando isso acontece... – reclamou Bianca.

– É... – concordou Bran. – Eu também. Mas é comum que essas atividades de elementais surjam e desapareçam num piscar de olhos.

Analice não se preocupou muito e colocou os brincos. Bran esqueceu o assunto. Bianca, porém, continuava encucada. Algo não estava certo.

Assim que saíram da estrada, encontraram a floresta. Pela posição do sol, já passava do meio-dia.

– Foi nessa floresta que encontramos Leanan Sidhe! – lembrou Bianca.

– Então está explicado! – resolveu o caso Analice. – Ela os perdeu, ou não os quis mais e aquele duende os encontrou.

Não deixava de fazer algum sentido, dada à proximidade. Mas Bianca continuava com aquele ar de desconfiada que não a deixava até que desvendasse o mistério. Continuaram andando e foi quando Analice viu algo que poderia poupar muito tempo.

– Olhem! Um círculo de fadas!

Foram até lá para olhar com atenção. Bran observava com desconfiança.

– Eu nunca vi um círculo de fadas com cogumelos negros...

– Pode poupar tempo! – disse Bianca.

– Pode nos mandar para muito mais longe! – explicou Bran.

– Nossa, Bran! Você tem que ser sempre tão pessimista?

– Alguém aqui tem que ser! – justificou ele.

Depois de uma breve discussão, acabaram por acatar a decisão de Bran. Seguiram caminho e Bran teve que aturar as duas moças reclamando do quanto estavam andando e que seus pés estavam doendo. Ele já ia sugerir uma parada para descansarem e beberem um pouco d'água, quando ouviram um pesado bater de asas.

Folhas caíram e três trolls pousaram na frente deles. Bran puxou o arco e preparou a flecha, dando passos para trás, protegendo as duas meninas. Analice e Bianca também davam passos para trás, tentando pensar no que fazer se aquelas coisas atacassem.

– Veja! Ela tem uma garrafinha no pescoço! – disse Task. – É o que nosso rei pediu!

– Você! Venha conosco! – declarou Jurubin.

– Uma ova! – gritou Bianca.

Bran disparou uma flecha que passou raspando pelo braço de Boldan, que foi rápido em desviar. Os três jovens saíram correndo, mas os trolls voavam.

– Por que essas coisas voam??!!!! – gritou Bianca, inconformada com alguns critérios do Universo.

Aparentemente, só estavam tentando capturá-los, o que explicava estarem inteiros ainda. Como eram pequenos e muito ágeis, escapavam com facilidade das garras dos trolls.

– Por aqui! – gritou Bianca.

E os amigos a seguiram. Só perceberam onde estavam quando Bianca parou de repente e ficou esperando algo acontecer.

Bran olhou preocupado para o círculo de cogumelos negros.

– Não sabemos onde essa coisa vai dar! – disse.

– É. Mas sabemos onde essas coisas vão dar! – justificou Bianca, apontando para os trolls que corriam na direção deles.

Pouco antes deles os alcançarem, tudo ficou turvo e a floresta onde estavam desapareceu. Em seu lugar, surgiu uma outra, meio morta, muito seca e fria.

– Melhor continuarmos correndo! – declarou Bran. – Vamos!

Saíram dali e correram sem saber para onde. Quando o fôlego acabou, pararam um minuto.

– Que lugar é esse? – perguntou Analice.

– Não sei... – Bran olhava em volta, tentando achar algum sinal.

Ouviram pedidos de socorro. Seguiram as vozes com cuidado, pois era sabido que muitos goblins e fantasmas sabiam imitar vozes de pessoas para atrair humanos incautos para suas ciladas. Encontraram uma carroça sem cavalos, grande e fechada, com apenas umas janelinhas gradeadas. E dois homens acorrentados a uma árvore.

– Por favor! – pediu um deles, um negro sem cabelo. – Nos ajudem!

– O que aconteceu com vocês? – perguntou Bran.

– Fomos roubados! – respondeu o outro. – Estamos aqui desde ontem!

– Onde estão as chaves? – perguntou Bianca.

– Os ladrões levaram, mas tem uma extra ali na carroça, na parte de baixo!

Bianca foi até a carroça e achou uma chave escondida numa fenda da carroça. Chegou correndo e começou a soltar os homens.

– Muito obrigado, donzela! – diziam eles, enquanto ela os soltava. – Somos muito gratos! Está salvando nossas vidas!

Bran, que analisava a carroça, se virou para os homens.

– O que vocês transportavam? – perguntou.

Os homens, já livres e de pé, se entreolharam. Bianca se afastou, achando que eles eram grandes demais.

– E se os roubaram, por que ainda estão com suas algibeiras? – tornou Bran, já pegando o arco e colocando-o em posição.

– Vamos nos acalmar, meus jovens... – disse o negro. – Nós não mentimos. Fomos mesmo roubados. E somos mesmo gratos pela sua ajuda. Mas compreendam que precisamos repor a mercadoria perdida...

Bran atirou. O negro desviou e antes que o elfo conseguisse atirar a segunda flecha, correu e pegou Analice como refém.

– Solte a arma agora se não quiser que eu quebre o pescoço dela!

– Se quebrar o pescoço dela, não vai recuperar seu prejuízo! – retrucou Bianca.

Bran baixou a arma. E então um troll pousou entre eles e gritou, mostrando os dentes e as garras.

– Eles são nossos!!! Solte nossas presas!!!

Analice aproveitou o momento de estupor do homem que a segurava e mordeu seu braço, obrigando-o a soltá-la. Nesse momento, os dois homens e os dois trolls se engalfinharam, enquanto os três jovens correram para o mais longe que podiam dali. No desespero, se separaram.

Quando Bianca percebeu que se perdera dos outros, parou. Nesse exato momento, um terceiro troll parou na frente dela. Ele tinha um chifre quebrado e era

maior que um homem normal. Ele olhou para a garrafinha, agora vazia, que ela trazia no pescoço.

E então ele a pegou pelo pescoço e apertou. Bianca sentiu o ar faltar e ele continuava a estrangulá-la com desconfortável facilidade e apenas uma mão.

Uma espada fez um corte profundo em seu braço e o troll grunhiu e soltou Bianca, que caiu de joelhos, tossindo com a mão no pescoço.

Com o braço bom, o troll tentou acertar seu agressor, mas este se abaixou e deu outro golpe na perna do troll, fazendo-o cair. O troll deu uma patada em quem o atacava, mas seu oponente não se intimidou. O troll levantou voo e então voou diretamente num mergulho agressivo para seu adversário. Suas garras se fincaram nos ombros que sangraram, mas seus olhos esbugalhados perderam a luz em alguns segundos. O corpo do troll caiu inerte com uma espada no coração.

Bianca estava tonta e a visão estava turva. E por isso ela não tinha muita certeza do que estava vendo. E então tudo escureceu muito rápido.

Notícias ruins sempre nos encontram

Urbain e Edward correram com seus cavalos recém roubados para longe por alguns minutos, mas sabiam que não podiam manter aquele ritmo sem correr o risco de cair num precipício, num buraco, num lago ou que os cavalos tropeçassem e sofressem um acidente. A lua iluminava certas partes do caminho, mas em outras, ela era encoberta por nuvens que não estavam colaborando com a fuga no meio da noite.

Acharam uma caverna e levaram os cavalos para dentro.

– O que fazemos agora? – perguntou Edward.

– Esperamos – respondeu Urbain, sentando-se.

– Nem acredito que conseguimos! – Edward parecia ter recuperado a confiança perdida.

– Às vezes, só é preciso tentar – concluiu Urbain, procurando descansar um pouco.

Na manhã seguinte, Urbain e Edward estavam prontos para partir. Só não sabiam exatamente para onde.

– Bem, eu preciso voltar para meu capitão e minha cidade – disse Edward.

– Eu lhe serei eternamente grato.

– Essa fuga não teria sido possível sem você, então não me agradeça – respondeu Urbain, aceitando o cumprimento de mão.

– E você? Para onde vai agora como homem livre?

Urbain olhou em volta. A verdade é que não tinha a menor ideia de onde estava e mal tinha ideia de para onde ir.

– Preciso chegar à Vila das Fadas D'Água. Sabe onde fica?

– Desculpe, não conheço. Gostaria de poder ajudar mais...

E então Edward seguiu seu caminho. Urbain alisou seu cavalo, vendo seu companheiro de fuga desaparecer no sol amarelo da manhã.

Talvez devesse ter seguido com Edward, até ao menos ter um mapa. Ele levantou a cabeça. Um mapa! Lembrou que havia um mapa nas mãos do homem negro que os levava. Bastava voltar à carroça e pegá-lo!

Montou no cavalo e partiu na direção da carroça, onde deixara seus captores acorrentados a uma árvore. Esperava que ao menos os escravos que deixara livres tivessem aproveitado a oportunidade e sumido dali.

Pouco antes de chegar ao lugar, desceu do cavalo. Queria saber se os homens ainda estavam presos e se era seguro, pois a última coisa que queria era voltar para os grilhões. E foi aí que alguma coisa aconteceu. Sem saber como, sem saber por que, ele simplesmente se perdeu. Sabia que o local deveria estar a apenas alguns metros dele, mas ele simplesmente não o encontrava. Começou a andar em círculos. Achava o caminho e a seguir o perdia. Seus pés estavam doendo e começava a experimentar a velha ira que o consumia. Pela posição do sol, passaram-se horas e ele simplesmente não conseguia achar o caminho para a carroça, nem o caminho de volta à caverna.

Sentou-se numa pedra, cansado. E foi quando ouviu gritos. Levantou a cabeça e ouviu passos na sua direção. Levantou-se com a espada em riste e viu Bianca correndo e olhando para trás. E então, um troll pousou diante dela e apertou seu pescoço.

Ah, a boa e velha ira... A que o fez ser amado e odiado. A que o fez ser preso e perseguido. A que o fez defender a cidade de Loudun quando precisou. A que o fez inflamar sermões inspiradores contra injustiças. A que o fez criar muitos, muitos inimigos... Achou que ela estava controlada. Que bom que se enganou.

Bianca sentiu a consciência voltar aos poucos. Achou que estava sonhando, mas quando abriu os olhos percebeu que as coisas podem, de fato, melhorarem.

– Pai!!!

E ela se agarrou em seu pescoço, chorando de felicidade, sentindo o abraço apertado de seu pai, que acabara de salvar sua vida.

– Você está bem? – perguntou ele, também com olhos marejados.

– Estou!

Passos apressados fizeram com que Urbain se levantasse rapidamente com a espada em guarda. Bran e Analice estancaram ao ver o homem de preto com a espada para eles. Bran apontou seu arco. Mas Analice o acalmou.

– É o pai da Bianca!!!

Bianca se levantou, explicando ao pai que Bran era um amigo. E assim as armas foram baixadas.

Uma breve apresentação e Urbain e Bran trocaram apertos de mão. Bianca olhou em volta, procurando por alguém.

– Onde está Eileen?

Se Bianca tivesse notado a expressão no rosto de Urbain, teria pressentido o pior, como Bran e Analice, que estavam olhando diretamente para ele na hora da pergunta. Urbain se viu numa situação muito difícil. Deveria quebrar o coração da filha e lhe contar a verdade? Ou deveria mentir e adiar a dor da perda injusta?

– Ela está com você? – perguntou Bianca. – Ou a deixou em algum lugar?

Urbain puxou a filha para um tronco caído onde alguns matinhos verdejantes cresciam teimosamente. Eles se sentaram e ele lhe contou o que aconteceu. Um pouco mais longe, Analice e Bran e viram Bianca desabar em lágrimas num abraço de acalento do pai.

Urbain não era assassino. Mesmo em seu tempo em Loudun, quando ele era uma peste, nunca matara ninguém. Mesmo quando a vontade era grande, pois algumas pessoas não facilitam, isso nunca lhe passou pela cabeça. Depois, ele veio a ter que matar para não morrer, mas ele não considerava isso um assassinato. Era autodefesa e sobrevivência. Por isso ele se sentia diferente agora. Naquele momento, em que consolava a filha, seus olhos negros brilhavam e seu coração enraizava o desejo que já nascera quando aquela casa pegou fogo. Ele iria matar aqueles homens.

Lorena, Marcos e Marcel seguiram Pé de Vento até a saída mais próxima. Esperavam que os homens caídos lá atrás não chamassem a atenção de alguém antes que estivessem fora dali. Aparentemente, pessoas roubavam e morriam com certa frequência, pois nada acontecera até que chegassem ao portão de ferro. Seguiram por um túnel até uma escadaria que os levou a um alçapão.

Era um porão cheio de coisas velhas. Estava escuro e a luz da lua não chegava ali. Lorena tropeçou em alguma coisa, Marcos se assustou e Pé de Vento fez um SSSHHH!

Obedeceram e fizeram silêncio, esperando os olhos se acostumarem com a escuridão. A porta se abriu e uma mulher trazia uma lamparina. Lorena colocou Eileen no colo, por precaução.

– Quem são vocês e o que...

Ela não terminou a frase, pois Pé de Vento lhe acertou um soco bem no meio do nariz, jogando-a para trás já desacordada e pegando a lamparina antes que esta caísse com ela.

– Nossa, cara! Você é um grosso! – reclamou Marcos. – É só uma mulher!

– É uma mercadora de escravos.

– Ah... – compreendeu Marcos. – Então pode bater!

Com a lanterna, subiram escadas mais iluminadas até uma casa onde homens e mulheres jogavam e bebiam. A porta de saída estava bem no caminho.

– Se nosso amigo bonito aí não tivesse socado a dona lá embaixo, poderíamos sair tranquilamente agora – sussurrou Marcel. – E agora? Como saímos sem que nos vejam?

Pé de Vento se transformou num pequeno ciclone e passou pela sala levantando cartas, copos, cadeiras e pessoas. Em alguns segundos, estavam todos no chão, tontos ou desacordados, e ele já estava na porta, chamando os outros, que correram para a saída.

Correram para longe dali até uma estrada iluminada pela lua. Passaram pelo lugar onde deixaram os cavalos amarrados e os pegaram. Lorena e Pé de Vento dividiam um cavalo, enquanto Eileen seguia com Marcos. Quando já estavam a uma certa distância, decidiram se afastar da cidade, pois ela não parecia um lugar muito seguro, com tantas entradas para o Submundo.

– E então? – perguntou Marcos para seu novo companheiro de viagem. – O que diabos é você?

– Marcos, não seja grosso!!! – ralhcou Lorena. – O rapaz está nos ajudando!

Pé de Vento não sorria muito. Mas dessa vez esboçou um sorriso.

– Vocês não são daqui, são?

– Não, somos de um mundo distante – resumiu Marcel. – Você deve ser daqui, imagino...

– Sim, sou daqui. E sou humano, como vocês.

– E como você faz essa parada esperta??! – perguntou Marcos, curioso, fazendo com a boca e as mãos uma imitação de um furacão.

– Ganhei um presente dos silfos.

– E como conseguiram te prender se você pode fazer isso? – perguntou Marcel.

– O ferro das correntes corta meus poderes.

– Que interessante! – exclamou Lorena, atraindo o olhar do rapaz. – Digo, interessante o seu poder, não a história do ferro!

– Vejam! Uma fazendinha! – apontou Marcel.

Caminharam para lá e viram que a pequena fazenda tinha um celeiro ao lado, onde dormia uma vaca e um cavalo.

– Podemos dormir algumas horas aqui – sugeriu Lorena, vendo Eileen já apagada dormindo nos braços de Marcos. – Descansamos e ficamos longe de problemas.

Todos concordaram. Faltavam poucas horas para o amanhecer e precisariam usá-las para um merecido sono. Seus dias não prometiam ficar mais simples.

Caminhos separados

Bianca não podia acreditar que Eileen tinha partido. Precisou se controlar, pois além de odiar que a vissem chorando, não podia desabar. Isso tiraria a confiança dos outros, até mesmo de seu pai. Ela podia sentir que ele se culpava pelo que acontecera.

Então, ela se levantou, secou as lágrimas, respirou fundo e voltou para o jogo.

Urbain explicou que tinha fugido e voltado para pegar um mapa, pois estava totalmente perdido.

– Eu acho melhor não voltar lá não... – disse Bran.

Eles explicaram que trolls os atacaram e os mercadores de escravos estavam soltos. Além do mais, eles tinham um mapa. Urbain ainda parecia meio atordoado, não sabiam se pela notícia que acabara de dar ou por tudo que passara.

– Eu tentei sair daqui, mas não consegui! – explicou. – O caminho ficava mudando, tentei por horas!

– Eu sei o que é isso! – disse Bianca, começando a procurar alguma coisa pelo chão.

Ela deu alguns passos onde estavam até que viu uma coisa se mover. Apanhou a moita e mostrou um duende de dentes afiados se debater. Em suas costas, a moita que fazia parte de seu disfarce. Bianca o jogou longe.

– Pronto! É um *stray Sod*. Quando pisamos nele, libera um tipo de encantamento e nos dá a direção do duende.

– Nos dá o quê? – perguntou Urbain.

– A direção do duende! Ele nos deixa perdidos, mesmo num lugar conhecido. Perdemos horas da outra vez que encontramos com um desses!

– Geralmente, teríamos que colocar a roupa do avesso para achar o caminho certo de novo – explicou Bran. – Mas, nesse caso, só Urbain está enfeitiçado. Ele pode simplesmente nos acompanhar.

– Ótimo – disse Urbain, ávido para sair dali. – Eu tenho um cavalo, as meninas podem ir nele e nós vamos a pé.

– Que cavalo? – perguntou Analice.

Urbain olhou em volta, atônito.

– Ah, droga!... Perdi o cavalo!

E assim, sem cavalo, mas juntos, eles se puseram a andar enquanto traçavam planos. Urbain contou à Bianca que Marcel estava com eles e Bianca lhe

disse que vira isso no espelho de Frabatto. Marcel, inclusive, foi o motivo de Bianca não ter observado melhor a imagem no espelho. Ela não se deu conta disso, mas ficou tão surpresa vendo seu tio Marcel que não percebeu que Eileen estava sob o manto de Lorena, abraçadinha em seu pescoço. Se ela tivesse percebido isso, teria tirado um grande peso do seu coração e do coração de Urbain. Mas ela não sabia. Ao menos Urbain ficou aliviado de saber que a esposa e os amigos estavam bem, embora não tivesse a menor ideia de onde.

– E o que vamos fazer agora? – perguntou Bran, enquanto caminhavam. – Seguimos com o plano de achar Zac?

– Ah, é! – lembrou-se Urbain. – E Zac? Onde está ele?

Depois de ter explicado quem era Frabatto e como ela podia ver as coisas nos espelhos wi-fi dele, Bianca teve que explicar o que aconteceu com Zac e como ele se transformou num troll. Urbain parou de andar para entender melhor.

– Como assim? – perguntou, sem entender.

– Aparentemente, a tortura na prisão despertou o pior dele e ele se transformou num troll.

– Isso não faz nenhum sentido! – argumentou Urbain.

Bianca se lembrou também que seu pai não sabia das vidas passadas de Zac. Então ela explicou isso também. Foi uma confidência de Zac num momento de dor e vulnerabilidade, mas ela achou que, àquela altura do campeonato, ele não se importaria.

– Ele era um troll que um dia ajudou um humano raptado pela Corte Unseelil, da qual o pai dele era o rei. O humano escapou, mas ele foi severamente punido pelos trolls, incluindo o pai e o irmão. Então, um dia, ele foi resgatado e passou um tempão trabalhando nas esferas superiores como um elemental de Rafael.

– O anjo?! – surpreendeu-se Urbain.

– O próprio! – continuou Bianca, feliz de contar a história e tirar a perda de Eileen da cabeça. – Então, um dia, ele foi promovido e virou um anjo. Eu fui sua primeira missão!

– Nossa... – murmurou Urbain, que nem imaginava que ia viver para ver aquilo tudo.

– Nós descobrimos uma maneira de tirá-lo desse estado trollesco – disse Analice. – E é por isso que estamos indo atrás dele agora!

Urbain estancou.

– Como é?

– Precisamos encontrá-lo antes que ele mate alguém! – explicou Bianca, mas as palavras não saíram exatamente como ela esperava.

– Bianca, eu sinto muito, mas Zac agora é perigoso! – disse Urbain. – Ele não é mais o rapaz que você conheceu. Ele é outra coisa agora! Você não pode correr na direção da boca do leão!

– Pai, ele ainda é o Zac! Ele só não lembra! E se ele matar alguém será tarde demais!

– O fato dele poder matar alguém é que me preocupa, Bianca! Ele pode matar vocês três! Você não vai atrás dele!

A discussão entre pai e filha começava a alcançar tons de voz mais altos, deixando Analice e Bran como uma plateia atônita e muda.

– Não posso abandoná-lo!!! – disse Bianca, sacudindo os braços. – Nós podemos ajudá-lo e é o que vamos fazer!

– Não vão não! – gritou Urbain. – Vocês vão comigo! Acharemos Lorena e os outros e sairemos desse pesadelo!

Ele agarrou o braço da filha, que tirou com fúria.

– E se fosse eu? – gritou Bianca. – Você me deixaria para trás assim?

Urbain parou. Por alguns instantes, só houve silêncio.

– Não... – respondeu ele enfim, com uma voz mais branda. – Claro que não.

– Então? – perguntou Bianca, a voz um pouco trêmula. – Vai nos ajudar?

Urbain suspirou fundo. Sabia que Lorena, Marcos e Marcel estavam atrás dele naquele exato minuto. Sabia também que Bianca não existiria se esses três tivessem preferido seguir suas vidas e não tivessem colocado a vida de um estranho e o senso de justiça acima de suas necessidades. E ele não era muito diferente de um troll naquela época. Marcos e Marcel não teriam feito o que fizeram, incendiar uma cidade num resgate suicida, se não tivesse sido por Lorena. Bianca tinha a quem puxar afinal. Se Lorena não tivesse visto algo além nele, ele não estaria ali. Como poderia condenar a atitude da filha?

– Para que direção temos que ir? – perguntou.

Bran pegou o mapa e tentaram se localizar mais uma vez.

Lorena acordou pela manhã ouvindo risadas infantis. Em seu sonho, via Bianca ainda pequena, rindo com bolhas que surgiam na banheirinha. Conforme a consciência se assentou, percebeu que as risadas eram de Eileen. Ela estava sentada na entrada, onde o sol a banhava, ao lado de Pé de Vento. Ele criava pequenos redemoinhos de pétalas de flores na palma da mão e a menina se divertia. Lorena observou a cena com um sorriso. Nunca pensara em ter mais filhos, mas agora sentia falta daquela risada em casa. Logo, Bianca sairia de casa e abriria suas asas para sua vida, e ela sabia disso. Logo, estariam ela e Grandier sozinhos de novo,

embora nunca estivessem de fato sozinhos e tinham energia e vigor o bastante para encher seus dias de aventuras e atividades. E Urbain tinha planos. Ele estava ansioso por conhecer o mundo, viajar e pisar novamente em sua velha França, sua terra natal. Certamente ele não ia querer se prender novamente em casa com uma criança. Eileen riu de novo.

– Eu viveria isso de novo... – murmurou Lorena, pensando em como seria ter uma criança em sua vida mais uma vez e esquecendo em um segundo todos os contras.

– Viveria o quê? – balbuciou Marcos, acordando cheio de feno no rosto e no cabelo desgrenhado.

Marcel surgiu na porta com algo embrulhado em um tecido.

– Bom dia, alegria! – Vamos acordar porque o pássaro que primeiro levanta, pega a minhoca!

Ele deu um pão quentinho para Eileen e um para Pé de Vento, enquanto Marcos reclamava.

– Isso lá é uma frase de inspiração para começar um dia? Estamos no mundo das fadas, Marcel! Seja mais poético! Quem quer comer uma minhoca de manhã?

– Não enche ou como seu pão e você terá que caçar minhocas lá fora! – ameaçou Marcel.

Todos ganharam um pão quentinho e o comeram com alegria.

– Onde conseguiu isso? – perguntou Lorena.

– O pessoal da fazendinha! Eu dei algumas moedas para eles pela nossa estadia involuntária e eles ficaram tão felizes que me deram esses pães!

Eileen se aproximou deles para terminar o pão e Pé de Vento terminou o seu onde estava.

– Muito bem, qual o próximo passo? – perguntou Marcos.

– Precisamos achar o tal de Klaus... – disse Marcel.

Pé de Vento se levantou ao ouvir o nome.

– Klaus?

Os outros olharam para eles esperançosos.

– Você o conhece?

– Não, nunca o vi. – respondeu Pé de Vento. – Mas todos o conhecem. É o principal mercador das arenas. Ele compra escravos para lutas de vida ou morte.

Houve um silêncio.

– Isso não parece bom... – disse Marcos.

– Ao menos Urbain sabe lutar... – tentou amenizar Marcel.

Lorena ficou em silêncio. Marcos tinha razão. Aquilo não parecia nada bom...

Batendo de porta em porta

O que parecia uma centena de trolls se amontoava debaixo da colina encantada onde a Corte Unseelil se reunia. Zac observava as criaturas, imaginando se seus cérebros limitados lhes permitiriam perpetrar uma invasão bem sucedida. Kajinski estava ao seu lado, satisfeito em ver seu rei seguindo instintos guerreiros. Zac estava de calça e botas, embora suas garras já começassem a furar o couro. O peito estava nu, mas o manto do que parecia ser uma pele de urso o aquecia.

– O que planeja, majestade? – perguntou Kajinski.

– Uma invasão ao castelo de Asram.

Kajinski se surpreendeu com a ousadia. O lugar estaria fervilhando de guardas elfos e humanos.

– É um tanto arriscado...

– Mas podemos dar um fim nisso de uma vez. Os três que mandei atrás da moça já voltaram? – perguntou ele de repente.

– Ainda não, majestade.

Zac se agitou.

– Continuem treinando! Ainda estão longe de estarem prontos para uma invasão.

E então ele se virou, irritado.

– São uns idiotas! Seria melhor eu mesmo ter ido!

– Mas e a invasão, majestade? – perguntou Kajinski, tentando mudar o foco.

– Se eles não podem achar uma garota, que dirá invadirem o castelo do inimigo! Só vou prosseguir com isso quando os três voltarem com alguma notícia.

E saiu, deixando Kajinski em algum ponto entre irritado e preocupado.

Pouco depois, Kajinski visitava sua amiga bruxa, caminhando de um lado para outro.

– Preciso de algo mais forte!

– Não posso lhe dar algo mais forte – respondeu ela tranquilamente, colocando folhas de uma árvore como se fossem cartas de tarô sobre a mesa.

– Ele continua obcecado pela menina! Mandei Boldan trazê-la morta. Se ele o fizer, coloco a culpa nos elfos de Asram e tudo se resolve, é só esperar a ira do rapaz transformá-lo num troll de verdade.

– Então por que está tão preocupado? – perguntou a bruxa, erguendo os olhos.

– Porque não sei se Boldan vai conseguir! Essa menina tem uma sorte infernal!

– Bom, não posso dar nada mais forte para ele, ou poderia matá-lo. Então, tenha paciência e espere. Talvez Boldan já tenha a solução em suas mãos.

Kajinsky pensou um pouco. Precisava de um plano B. Despediu-se brevemente da bruxa e saiu, pensando num plano arriscado. Os trolls eram seres muito ariscos e muito pouco sociáveis. Só se uniam sob uma liderança de linhagem. Zac era o último da linhagem real e o único capaz de mantê-los juntos. Porém...

Um corvo voou e Kajinsk o observou. O pássaro negro grasnou para ele, como se o recriminasse pelo simples pensamento. Kajinsk parou um pouco. Se o jovem não correspondesse às suas expectativas, decidiu que o mataria. Teria que armar o crime de maneira que todos os trolls pensassem que tivesse sido Asram, ou os humanos, ou qualquer bode expiatório conveniente no momento. Ele, Kajinsk, os lideraria para uma guerra de vingança e, depois de terminada, ele se declararia o novo líder. Quem seria contra? Seria uma nova linhagem real. O ser abominável sorriu. Precisava pensar nos detalhes do plano, mas, por enquanto, estava bom.

Bianca tinha cansado de falar. Estavam andando já há algum tempo e estavam todos meio exaustos. O silêncio fez com que seu coração doesse, mas ela não chorou. Segurou as lágrimas, pois não queria que seu pai visse sua dor e se sentisse culpado. Eileen era como uma irmãzinha para ela e não podia acreditar que ela tivesse partido. Pensou no que acontecia com os seres daquele mundo quando morriam. Eles voltariam em um novo corpo, para uma nova experiência? Ou virariam estrelas? Talvez se unissem à Fonte Universal, um termo que ela leu em um livro e não compreendeu muito bem. Talvez virassem purpurina, ou algo bonito que desaparecesse e vivesse apenas nas lembranças.

– Olha! Uma cidade! – apontou Bran.

– Ótimo! Podemos descobrir onde estamos afinal – disse Analice.

– Vamos ter cuidado... – disse Urbain. – Não sabemos se são amistosos.

Assim que entraram, perceberam que a cidade era de seres mágicos. No entanto, não pareciam felizes. Muitos fecharam as janelas quando eles passaram. Outros se esconderam. As árvores estavam sem cor e meio raquíticas.

– O que houve com esse lugar? – perguntou Bianca. – Parece uma cidade fantasma!

– Isso é estranho!... – desconfiou Bran. – Cidades de seres encantados costumam ser receptivas e animadas...

Encontraram uma taberna e entraram. Lá dentro, um duende de um metro, nariz e orelhas compridos e pontiagudos, estava no balcão, servindo um leprechaun que já parecia meio bêbado. Assim que os viu, a criaturinha arregalou os olhos e o nervosismo ficou evidente. Era como se dissesse: “Por que não fechei mais cedo hoje?”

– Olá... – disse Urbain. – Poderia nos ajudar, por favor?

– Vocês não deveriam estar aqui! – respondeu o duende. – Vão embora!

– Calma, amigo!... – Urbain se aproximou. – Só precisamos saber onde estamos.

– Estão aqui, ora essa! – respondeu o ser, irritado. – Na minha taberna! Onde não deveriam estar!

– Não... – Urbain se controlou para não puxar a criatura pelo colarinho e dar logo um sacode nela. – A cidade. Precisamos saber onde estamos nesse mapa aqui!

Ele abriu o mapa, mas o ser ficou mais nervoso e empurrou o mapa para fora do balcão.

– Vão embora! Vão embora! Vocês são problema! Vão embora agora!

Bianca puxou o pai pelo braço gentilmente. Era evidente que não encontrariam ajuda ali.

– Tudo bem, pai... Encontraremos ajuda em outro lugar.

Eles saíram do estabelecimento um tanto confusos.

– Isso foi estranho... – comentou Bran. – Ele parecia de fato assustado.

– Será que ele achou que íamos lhe fazer algum mal? – deduziu Analice.

– Sei lá... Mas ainda precisamos de informação.

– Estamos em grupo, talvez se assustem – disse Bran. – Vamos nos separar.

Todos o olharam como se ele tivesse sugerido um suicídio coletivo.

– Você nunca viu um filme de terror na vida, né? – perguntou Bianca.

– Não precisamos ir longe! – explicou Bran. Só alguns metros.

E dizendo isso, Bran se dirigiu a uma casa. Bateu na porta e esperou. Ninguém atendeu. Ele foi para outra.

– Talvez ele tenha razão. Vamos apenas bater em algumas portas. Ninguém entra! Só queremos uma informação.

Urbain foi bater em uma porta e Bianca e Analice foram em outra.

Quando se bate em tantas portas, uma hora uma delas se abre.

E a porta abriu justamente para as moças. Quem as atendeu foi uma velhinha. Ou parecia uma. Era uma criaturinha de cabelos presos num coque, olhos miúdos, orelhas pontudas e uma ligeira corcunda. Os pés e as mãos eram um pouco grandes demais para ela e a boca era bem grande. Não parecia assustadora, então as meninas perguntaram onde estavam.

– Estão na cidade de Carnos – respondeu a velhinha. – O que fazem aqui? Não sabem que é perigoso?

– Não vamos lhes fazer mal! – explicou Analice com seu belo sorriso.

A velhinha deu um riso de surpresa.

– Não, minhas queridas. É perigoso para vocês! Aqui há mercadores de escravos! E eles estão sempre atrás de alguém que possam usar. Estão capturando os mais fortes de nós, mas eles têm predileção por humanos e elfos.

– Capturando para quê? – perguntou Bianca.

– Jogos, eu acho...

E então a velhinha deu um soluço de susto e puxou as duas meninas para dentro. Bianca ouviu barulho na rua e tentou sair, mas a velhinha não deixou.

– Não vá lá fora! Não vá lá fora ou pegarão você também!

Bianca e Analice correram para a janela e viram quando jogavam uma rede em Urbain, prendendo-o.

– Pai!!!

Bianca tentou sair correndo, mas Analice a segurou com firmeza.

– O que acha que vai fazer? Ser capturada também?!

– É o meu pai! – gritou Bianca, se debatendo e Analice deu uma bofetada que explodiu no rosto de Bianca, forçando-a a olhar para ela.

– Seu pai terá mais chances sem você no pé dele!

Com os olhos cheios d'água, Bianca olhou para a janela, de onde viu o pai ser imobilizado. Ele olhou para ela e com um leve e discreto balançar de cabeça, lhe disse para não ir lá e ficar onde estava.

Eram seis homens armados e fortes. Urbain foi acorrentado mais uma vez, não acreditando que aquilo estava acontecendo novamente. Também não acreditou quando viu quem aparecia na sua frente.

– É este o corvo que voou da sua gaiola, Galdrun?

O homem negro, com algumas cicatrizes e o chicote na mão, finalmente ganhava um nome. Ele sorriu diante de Grandier.

– Não devia ter feito isso, escravo... – disse ele. - Seu destino agora será muito pior.

E deu-lhe um soco no estômago, fazendo-o cair de joelhos. Deu uma ordem e os homens o levaram.

Perdendo a compostura

Bianca caiu de joelhos e se recostou na parede. Colocou as mãos na cabeça, a respiração acelerada, tentando pensar no que fazer. Analice ao seu lado ainda olhava discretamente pela janela, oculta pelas cortinas.

– Eu disse que aqui é um lugar perigoso para vocês! – disse a velhinha goblin, ou fosse lá o que ela fosse.

– Precisamos fazer alguma coisa... – murmurou Bianca. – Não posso perder meu pai de novo! Acabei de achá-lo! Temos que ir atrás dele!

– Quem?! Nós duas? – perguntou Analice. – E o que nós vamos fazer? Bater neles com nossos sapatos?

– Cadê o Bran? – perguntou Bianca, se levantando. – Ele pode nos ajudar!

Na verdade, Bianca não podia imaginar porque Bran não tentara ajudar seu pai.

– Da última vez que o vi, ele estava batendo naquela porta vermelha – disse Analice, observando pela janela algum movimento na outra casa.

– Na porta vermelha???! – a velhinha correu para a janela para ter certeza.

– Aquela porta vermelha?

Analice confirmou. A velhinha balançou a cabeça em desalento.

– Que pena, minhas filhas! Eu não teria muita esperança de encontrar seu amigo...

– Por quê? – Analice arregalou os olhos e Bianca se levantou alerta.

– Aquela é a casa de Maricite!

Bianca imaginou quem teria um nome que parece uma doença, mas não disse nada.

– Ela é uma velha gananciosa que deixa os springgans usarem sua casa para fazer a partilha de seus roubos!

– Springgans? O que é isso? – perguntou Bianca.

– São pequenos seres detestáveis de má índole! Roubam, destroem e ferem tudo o que encontram. Se eles estão lá, já pegaram seu amigo!

– E o que vão fazer com ele?

– Com certeza, roubá-lo. Mas certamente vão dar um jeito de ganhar mais dinheiro com ele! São criaturinhas vis e gananciosas!

Bianca não falava palavrões. Sua mãe achava deselegante e seu pai condenava. Por isso, ela nunca falava palavrões, mesmo quando dava topadas em pedras, quando seu time perdia ou quando os membros do Congresso votavam um novo aumento para si mesmos na calada da noite. Porém, dessa vez, Bianca gritou

vários palavrões. Ela saiu andando pela casa, agitando os braços para o alto e chutando as paredes e o ar, gritando todos os palavrões que conhecia e mais alguns que não tinha certeza de serem palavrões, mas que ouvia seu pai falando quando as coisas davam muito errado.

A velhinha e Analice observaram a crise de fúria de Bianca, até que ela simplesmente saiu pela porta como um furacão na direção da outra casa. A velhinha goblin se virou para uma Analice perplexa.

– A mocinha ficou brava!...

Analice agradeceu à gentil senhora por salvar suas vidas e correu atrás de Bianca que não parecia estar raciocinando direito. Alcançou-a no meio do caminho.

– Bianca! O que você vai fazer?

– Vou entrar naquela “(!&*”(*“@!&*”!&(de casa e perguntar para aquela @&”!&%#””@% de velha o que aconteceu com o Bran!!!

– Mas e os sprin... spran.. Sprites?

– Mando todos ”*”@!”*%!”%”%”\$!”#\$!”!!!

E assim Bianca chegou na porta vermelha e bateu com força. Quando ia bater a segunda vez, uma velhinha atendeu. Era uma velhinha mais alta que a outra, com vestido de florzinhas, rosto fino e olhos miúdos. Assim que ela atendeu, recebeu um murro de Bianca, que já entrou pulando em cima da velha.

– Bianca! – horrorizou-se Analice. – Você está batendo numa velhinha!

Bianca não ouvia. Estava fora de si e usava toda sua força espancando a velha caída no chão, que gritava pedindo socorro. Bianca pegou um pedaço de abajur caído e ameaçou-a.

– Se gritar de novo, eu enfio pela sua isso goela abaixo!!!

A velha parou de gritar e a olhou preocupada.

– Onde está o elfo que bateu na sua porta? – perguntou Analice, entrando no jogo.

– Elfo? Que elfo? – perguntou a velha.

Bianca bateu três vezes com o abajur na cabeça dela.

– Se eu tiver que perguntar de novo, vou me aborrecer! – rosnou Bianca. – Onde está o elfo?

– Os springgans o levaram!!! Saíram pelos fundos!

Bianca bateu mais uma vez com o abajur na cabeça dela e se levantou, correndo para a porta dos fundos. Analice a seguiu correndo.

Chegaram numa área verde e viram entrando num bosque Bran se debatendo, amarrado e amordaçado, com vários seres pequeninos segurando as cordas que o prendiam, enquanto outros usavam lanças afiadas para espetá-lo, tentando fazer com que ele parasse de se debater. As criaturas não tinham mais do

que meio metro de altura e pareciam uns gremlins esquisitos, pretos, com grandes olhos puxados e orelhas pontudas. Bianca pegou um pedaço de pau no chão.

– Pegue algo pra bater, Analice! – avisou. – Vamos bater numas cabeças!

Analice obedeceu e as duas correram na direção do grupo. Quando conseguiram se aproximar, eles já estavam dentro do bosque. Bianca e Analice se esconderam na vegetação, observando melhor a situação. Eram cerca de 15 springgans e Bran estava sangrando um pouco das espetadelas. Mesmo assim, considerando sua disposição em se debater, ele estava bem. Bianca viu as armas e a mochila dele nas mãos de alguns seres pequeninos. Cinco deles tinham lanças feitas à mão com pontas afiadas, mas os outros não tinham nada.

– E então? – perguntou Analice. – Você tem algum plano ou vai continuar bancando a maluca que sai espancando tudo o que vê pela frente?

Bianca se virou para ela.

– Funcionou da primeira vez, não funcionou?

E então partiu na direção das criaturas o mais silenciosamente que podia. Assim que os alcançou, começou a usar o pedaço de pau como um porrete e em seu primeiro golpe, jogou três deles longe. Analice chegou pelo outro lado e arremessou outros quatro, batendo com um pedaço de pau e chutando-os com toda sua força. Elas gritavam, chutavam e batiam com fúria, fazendo com que alguns deles batessem com a cabeça contra pedras e troncos e já caíssem desacordados. Outros caíam feridos e saíam guinchando como morcegos, mancando para longe delas.

Quando limparam a área, ainda havia uns três ou quatro deles nos arredores, mas elas não viram perigo e se ocuparam em soltar Bran, que havia caído de joelhos. Assim que ele se viu livre da mordaca e das cordas, se levantou pegando suas coisas e dando um grito.

– São springgans! Vamos correr! Rápido!!!

Analice e Bianca não entenderam, pois era óbvio que tinham ganho aquela batalha.

– Calma, Bran! – disse Bianca. – Nós demos um jeito na situação!

Ele puxou as duas pelos braços e correu com elas, que continuavam sem entender, mas não resistiram. Correram com ele.

– Por que estamos correndo? – perguntou Analice.

– Porque são springgans!!! – respondeu Bran.

Bianca ouviu barulho atrás deles e se virou. Seus olhos se arregalaram. As quatro pequenas criaturas corriam atrás deles, saltando pedras e passando por entre moitas. O problema é que a cada passo elas cresciam! Cresciam tanto a ponto de fazer o chão tremer. Os três corriam em ziguezague, tentando despistá-los, mas eles estavam a apenas alguns metros deles.

Bianca viu uma gruta e por mais que parecesse uma bocarra escura e aberta, gritou para os amigos correrem para lá junto com ela. Eles voaram para dentro da caverna com um salto no exato instante em que uma das criaturas avançou, tentando abocanhá-los.

Felizmente, ela ficou entalada na entrada e apenas parte de sua cabeça conseguia entrar. Os três se arrastaram para o fundo da caverna, sentindo o bafo quente do monstro. Seus dentes eram enormes, tortos e muito afiados e seus olhos eram vermelhos e estavam injetados de ódio. Ele forçou sua entrada com golpes que fizeram pedras caírem e os três jovens gritaram, com medo de que a caverna cedesse e eles terminassem ali mesmo sua jornada.

Porém, depois de algumas tentativas, o ser saiu e eles puderam ver os outros três cercando a entrada da caverna, enfurecidos.

– O que é isso?... – perguntou Bianca, resfolegante.

– Springgans podem assumir formas gigantes monstruosas. Achemos que são espíritos de gigantes... – explicou Bran, já se levantando. – Vamos! Temos que sair daqui ou vão nos matar!

– Vamos ver se tem outra saída! – sugeriu Analice, levantando com a ajuda de Bran.

Ela percebeu que ele estava sangrando com arranhões no rosto, nos braços e nas pernas.

– Você está bem?

– São só arranhões! Vamos!

Eles se enfiaram no caminho que podiam seguir, pois o outro era do tamanho de uma toca de coelho. Foram andando, mas tudo ficou escuro muito rápido. Bianca tropeçou e caiu, levando Analice com ela.

– Vocês estão bem? – perguntou Bran, que ia na frente.

– Não! – respondeu Bianca, mau humorada. – Não estamos enxergando nada!

– Ah, é! Eu esqueci disso! Segurem minha mão!

E Bran começou a guiá-las. Elfos tinham excelente visão e escuridão não era problema para eles. Foram devagar, pois não sabiam o que poderiam encontrar. Alguns minutos depois, encontraram um buraco. Bran parou antes que caíssem.

– Não podemos passar por aqui – disse.

– Por quê? O que tem aí?

– Um abismo...

Voltaram pelo mesmo caminho, acreditando que os springgans já tivessem se cansado e ido embora. Porém, quando se aproximaram, ouviram o barulho de pancadas no teto. Abaixaram-se por instinto e pedrinhas caíram sobre sua cabeça.

– Estão tentando demolir tudo! – deduziu Bianca, meio assustada.

– Temos que sair daqui!

– Como?

Outra pancada e eles se abraçaram com o susto.

– A roupa do avesso! – gritou Bianca.

– Não sei se funcionará com eles! – disse Bran.

– Funcionou com o *stray sod*! Vamos, virem suas roupas do avesso!

Eles fizeram isso o mais rápido que puderam, ouvindo as pancadas e os gritos dos monstros fora da caverna, sentindo as pedras cada vez maiores caindo sobre suas cabeças.

Assim que terminaram, os grandes monstros emitiram um grito terrível e então começaram a diminuir. O grito foi ficando agudo e então eles voltaram a ser do tamanho em que os conheceram.

Os três jovens saíram correndo e gritando da caverna, armados com pedras e Bran de posse de seu arco e flecha. As criaturinhas rosnaram, como gatos quando ameaçados, mas não ficaram para ver o resultado dessa luta. Correram, dando grandes saltos pela floresta até desaparecerem.

O Riacho das Pedras Roladas

Estavam longe quando pararam de correr. Os pulmões pegavam fogo e as pernas tremiam. Bianca olhou em volta e viu que se encontravam numa parte qualquer da floresta, onde um riacho corria com água cristalina. Ela se aproximou e bebeu um pouco de água, molhando o rosto e um pouco dos cabelos. Analice e Bran fizeram o mesmo e levaram algum tempo apenas recuperando o fôlego.

– Acho que nunca corri tanto! – disse Analice, sentando-se um pouco.

– Eu já... – comentou Bianca, lembrando-se de um número razoável de vezes em que teve que fugir para salvar sua vida naquele mundo. – Será que eles podem voltar a crescer?

– Não, não podem fazer isso seguidamente. Quebramos o encanto deles, vão voltar para o buraco de onde saíram... – explicou Bran.

O sol jogava raios suaves no riacho que corria diante deles, criando pontos de luz que se expandiam e dançavam na superfície da água. Bianca olhou para as pedras que brilhavam no fundo, redondas, perfeitas, parecidas com pedras de gelo. Entre elas, peixes com muitas cores passeavam. Havia uma brisa com perfume de flores acariciando seus rostos.

– Precisamos ir...

– SSHHH!

Bianca interrompeu Bran e colocou o indicador sobre os lábios. Nem Bran, nem Analice, entenderam, mas acharam que era mais algum perigo mortal nas proximidades e aguardaram o que Bianca ia fazer. No entanto, ela não parecia tensa ou preocupada. Pelo contrário, havia um sorriso em seu rosto e uma serenidade em todo o seu corpo. Ela voltou a olhar para o riacho, as flores pequeninas que cresciam ao seu redor, as árvores jovens e velhas que se estendiam além dele. Pássaros coloridos voaram, dando seu belo canto como um presente para eles.

– Olhe! – Analice apontou para onde Bianca estava.

Seis peixes que pareciam ter saído de algum filme de computação gráfica se juntavam perto dela, como se esperassem alguma coisa. Bianca se sentiu feliz e grata por viver aquele momento. Repleta dessa energia, ela tocou suavemente a água e ela mudou. Ficou mais iluminada e os peixes acenderam como se fossem feitos de fios de luz. Eles se moveram no que Bianca interpretou como uma dança de alegria, saltaram diante dela e então voltaram a se lançar nas águas cristalinas.

– Foi isso o que Frabatto quis dizer... – disse Bianca.

– Com o que? – Analice não tinha ideia do que ela estava falando.

– Frabatto falou que o meu medo estava me mudando. Eu passei esse tempo todo aqui com medo. Medo de perder meus pais, de perder Zac para sempre, de morrer... Agora, por exemplo, acabamos de sair correndo de uma situação de vida ou morte! E essa é a primeira vez que eu realmente volto a ver a beleza desse lugar. Olhem em volta! Vejam que coisa maravilhosa!

Analice e Bran olharam em volta. Bianca temeu que eles dissessem “São apenas árvores”, mas viu que Analice fechou os olhos por alguns instantes e então voltou a abri-los e um sorriso se desenhou em seu rosto. Bran parecia cansado, mas então olhou para as árvores mais altas e alguma coisa nele mudou. Bianca passou a observar a beleza de seus amigos e a apreciar o momento, como Frabatto dissera.

– Frabatto disse que, apesar do perigo ser real, o medo é fruto da nossa imaginação, porque tememos algo que ainda não aconteceu – explicou Bianca. – Tememos algo que pode acontecer. O problema é que nosso medo ajuda a fazer com que essa coisa que tememos aconteça. E enquanto temos medo, perdemos as coisas belas da vida...

Ficaram em silêncio por alguns momentos, pensando naquilo e deixando que aquele momento os envolvesse, até que a voz de Bran foi ouvida.

– Há uma lenda sobre um elfo aprendiz e um elfo rei e sábio que vivia num grande palácio de maravilhas incríveis. O aprendiz foi até o rei sábio e lhe perguntou qual o segredo da vida. O rei então lhe deu uma colher e pingou 13 gotas de perfume nelas, dizendo:

– Esse perfume é meu bem mais precioso! Estou confiando a você para caminhar por todo o meu palácio e voltar aqui, com todas as 13 gotas nessa colher.

Então o aprendiz pegou a colher com todo o cuidado e caminhou com muita atenção para não derramar. Depois de uma hora, ele conseguiu retornar à sala do rei com a colher.

– Que bom que você voltou! – disse o rei. – E então? Você viu as maravilhas do meu palácio? O que achou dos belos jardins tão bem cuidados com flores de toda parte do mundo? E das tapeçarias que contam histórias do nosso povo? Viu os quadros que ornamentavam as paredes com nossos mais belos locais? Conheceu a minha biblioteca com os livros que nossos sábios, poetas e escritores mais criativos escreveram nos últimos cem mil anos? O que achou das esculturas que enfeitam as entradas e corredores?

Confuso, o aprendiz disse que não viu nada, pois estava concentrado na colher e no perfume. Então o rei disse:

– Então volte e preste atenção nas maravilhas que perdeu.

Então o aprendiz caminhou pelo palácio e realmente se extasiou com tanta beleza, tanta história, tanta riqueza. Quando retornou ao rei, contou tudo o que viu e ouviu em seu magnífico palácio. E o rei perguntou:

– E o meu perfume? Você cuidou bem dele?

E somente então o aprendiz percebeu que sua colher estava vazia, pois tinha derramado o perfume no caminho.

Bran parou de falar e as duas meninas ficaram olhando para ele, esperando o resto da história.

– E o que aconteceu? – perguntou Bianca.

– Nada! – respondeu Bran. – Era só isso!

– Que raio de história é essa? – perguntou de novo Bianca.

Bran riu.

– É uma parábola! Você precisa entender o que significa, não exatamente achar um final.

As duas moças olharam para o nada por alguns instantes, tentando descobrir o que significava.

– E o que significa? – perguntou finalmente Analice.

– O perfume são as virtudes que temos, o que forma nosso caráter, o que rege nossas ações – explicou Bran. – As belezas do palácio são as belezas da vida. O segredo da vida é apreciar as belezas e aprender tudo o que pudermos, sem deixar de prestar atenção em nossas virtudes e sem perdê-las no caminho.

E então as duas moças disseram ao mesmo tempo:

– Aaaaaah... Entendi!...

Ficaram em silêncio por alguns minutos, até que Bianca falou de novo.

– Isso é muito difícil...

– O quê?

– Passar pela vida sem perder nossas virtudes...

Bran se levantou, respirando fundo.

– Bom, é hora de pensarmos no que vamos fazer. Temos que voltar para pegar Urbain. Por que ele não veio com vocês? Ele ficou na cidade?

Bianca se levantou também, parecendo mais calma e mais centrada.

– Meu pai foi levado pelos traficantes de escravos.

Bran foi pego de surpresa. Levou alguns minutos para que as duas lhe contasse o que aconteceu e como Bianca espancou uma velhinha.

– O que fazemos agora? – perguntou Bran.

– Eu não sei... – Bianca voltou a olhar para o riacho.

– Continuamos com o plano – disse Analice.

Eles olharam para ela, que olhava para uma árvore cujos galhos se entrelaçavam com outra árvore, fazendo-as parecerem duas amigas de longa data. Analice se virou para eles com olhos duros.

– Desculpe Bianca, mas precisamos ver qual é a emergência aqui. Seu pai sabe se virar. Ele já se virou antes. Se não chegarmos a Zac antes dele matar alguém, teremos um troll fora de controle começando uma guerra que vai ser uma desgraça para um monte de pessoas e seres encantados.

Bianca pensou por um momento. Seu coração estava dividido. Sentia uma urgência em ajudar seu pai, mas Analice tinha razão. Ele sabia se virar. Sabia lutar e já fugira antes. Já Zac... Zac era realmente uma emergência. Se não fosse por ela e a ajuda de Frabatto, ele já teria matado o capitão da guarda élfica de Asram naquele ataque às plantações.

– Então... que seja! – declarou Bianca, tomando a decisão. – Vamos manter o plano original.

– Ótimo – disse Bran. – Só precisamos saber onde estamos.

Bianca balançou a cabeça, pensando em como parar naquela cidade tinha sido um grande erro. Foram atacados, perderam seu pai e não conseguiram informação nenhuma.

– Eu não quero voltar àquela cidade! – falou Analice.

– Deve ter algum outro lugar onde possamos perguntar – ponderou Bianca, que também não queria voltar lá.

– Perguntar o quê?

Bianca se virou para Bran.

– Como assim, Bran? Você está bêbado? Que pergunta é essa?

– Eu não perguntei nada! – defendeu-se Bran.

– Perguntar o quê?

E foi aí que elas perceberam que não foi Bran que falara, mas um dos peixes no riacho. Ele mantinha a cabeça para fora, os olhos fixos neles e a boca que parecia um sorriso só se movia quando ele falava.

– Você fala? – espantou-se Bianca.

– Claro que falo! Você também não fala? Por que acha que eu não deveria falar?

Bianca se abaixou para ficar mais perto dele.

– Precisamos saber onde estamos.

– Ah! Isso é fácil! Vocês estão nas margens do Riacho das Pedras Roladas.

– Sabe a cidade? – perguntou Bran, se aproximando, junto com Analice.

– Claro! O que vocês acham que um peixe faz o dia inteiro?

Bianca deu de ombros.

– Nada! – respondeu.

– Pois você está enganada! – respondeu o peixe. – Nós somos muito curiosos e estudamos muito! Sabemos tudo o que tem nesse riacho e o que acontece ao redor dele! Sabemos que há homens maus, muito maus que estão

escravizando pessoas e seres encantados! Sabemos quais criaturas surgem ao nascer e ao pôr do sol. Só não sabemos onde nasce esse riacho e onde ele morre, porque este é um conhecimento que um peixe só descobre quando chega a sua hora.

– Nossa! Como você fala! – exclamou Bianca. – Então, você sabe onde estamos?

O peixe mergulhou e falou com outros peixes. Então ele voltou.

– Vocês estão nas imediações da Cidade de Lyr, na Floresta das Musas, embora quase não as vejamos mais por aí, o que é uma pena, pois sentimos falta das belas músicas, da poesia e das histórias que elas inspiravam.

Bran pegou o mapa, ansioso.

– Estamos longe... – concluiu Bran. – Mais longe do que estávamos antes...

– Aonde querem chegar com tanta pressa? – perguntou o peixe.

Bran apontou um lugar no mapa e mostrou para seu novo e inusitado amigo.

– Aqui, na Colina dos Amores Perfeitos.

– Ah! Sim, vocês estão bem longe! Mas podem achar um círculo de fadas!

– Onde?

– Sei lá! Por aí! Vocês acham que nós voamos? Somos peixes!

Analice sorriu. Inclinou-se para o peixe rosa e verde.

– Obrigada! Você foi muito gentil e é o peixe mais lindo que já vi na minha vida!

E então ela deu um beijo nele. O peixe mergulhou logo depois, para então surgir dando cambalhotas acrobáticas, fazendo-os sorrir. Quando voltou, Analice e Bianca lhe acenaram adeus, agradecendo com sorrisos pela ajuda!

– Espero que encontrem o que estão procurando, amigos! E quando quiserem, podem nos visitar!

É preciso ir devagar

Urbain não era um assassino e ele sabia disso. Porém, naquele momento, se arrependia muito, muito mesmo de não ter dado um fim em Galdrun. Perguntava-se onde estava o outro. Estava de novo dentro de uma carroça, uma outra, mais reforçada, e dessa vez estava bem preso. Abriram sua boca e forçaram a frutinha vermelha. Tentou não engoli-la, mas foi em vão.

– O prejuízo que você causou foi tão grande que agora terei que dar um jeito de você compensá-lo.

Galdrun trocou palavras com os outros homens. Urbain se debateu inutilmente, fazendo as correntes tilintarem. Se perguntava como não vira os homens chegando, como não pressentira o perigo. Ao menos, Bianca e Analice estavam a salvo. Torceu para que Bran as protegesse. Agora, infelizmente, ele não lhes seria muito útil. Seus olhos pesaram e ele sentiu que a frutinha do diabo estava fazendo efeito. Esta carroça não tinha frestas e ele estava na total escuridão, totalmente sozinho. Percebeu que não conseguiria lutar contra o efeito do sonífero e acabou por apagar de vez.

Caminharam por cerca de meia hora pela floresta, falando pouco, pois cada um estava concentrado em encontrar uma solução para o problema premente. Bianca tentava se agarrar ao momento de iluminação que teve no riacho. Mas conforme adentrava a floresta, seu coração tremia com as más notícias. Eileen havia morrido. Seu pai fora capturado. E ela estava muito longe para ajudar Zac. Lembrou do que sua mãe lhe dissera quando achou que seu mundo estava acabando.

“Confie um pouco mais, querida. Coisas incríveis acontecem o tempo todo”.

Mas como confiar com tanta nuvem negra acima de nós?

– Eu tive uma ideia! – disse Analice, de repente.

Os dois pararam e esperaram que ela contasse.

– Bom, precisamos de um círculo de fadas, certo? Mas não sabemos onde tem um. Nem para onde ele vai. Porém, se achássemos uma fada, ela poderia nos

dizer!

– Tenho olhado para ver se encontro uma entre as folhas – disse Bran, – mas não estou encontrando nenhuma.

– Essa é a minha ideia! – interrompeu Analice. – Vamos atraí-las!

– Como? – perguntou Bianca.

– Fadas gostam de coisas bonitas e tudo relacionado à arte. Podemos fazer algo que as atraia, como dançar, cantar, declamar uma poesia...

Bran parecia meio cético quanto ao plano, mas foi minoria. Assim, Bianca resolveu tentar cantar Blue Moon.

Nada aconteceu.

Analice fez seu número de dança com uma música imaginária.

Nada aconteceu.

Viraram-se então para Bran, que permanecia de braços cruzados, vendo aquela papagaiada.

– Não vou fazer isso.

Se você for um rapaz e tiver amigas mulheres, ou mesmo irmãs, sabe como elas são convincentes quando usam argumentos inteligentes, como bater os pezinhos e fazer bico. Foi o que Bianca e Analice fizeram, convencendo finalmente Bran, que, a contragosto, recitou uma poesia sem muita vontade e não muito alto.

– *“Quanto mais fecho os olhos,
melhor vejo...
Meu dia é noite quando estás ausente...
E à noite eu vejo o sol
se estás presente...”*

Ficaram esperando alguma coisa e...

Nada aconteceu.

– Viu? Eu disse que isso não ia funcionar! Fadas são muito espertas.

– Que bonita essa poesia! – disse Analice. – Você que fez?

– Não, é de Shakespeare.

– Shakespeare? – estranhou Bianca. – Como pode isso?

– As obras verdadeiramente inspiradas dos humanos sempre chegam até aqui.

Uma vegetação mais fechada próxima deles se mexeu, colocando-os em alerta. Seriam as fadas? Ou seria outra coisa?

Do meio da vegetação, uma donzela surgiu. Tinha as feições finas e delicadas e um lindo vestido de brocado cor de rosa. Logo atrás dela surgiu um

jovem de belas feições e olhos surpresos. O trio se deparou com o casal e ficaram todos se encarando paralisados.

– Vocês são fadas? – perguntou Bianca. – Porque não parecem fadas.

O rapaz imediatamente se colocou a frente da moça e ergueu a espada. Bran imediatamente fez o mesmo.

– Quem são vocês? – perguntou o rapaz. – E o que querem?

– Quem são vocês? – devolveu Bran. – E por que estão aqui?

– OK, rapazes! – interrompeu Bianca, ficando entre as duas espadas erguidas. – Vamos dar um tempo nessa festa de testosterona e agir como seres inteligentes! Baixem suas armas.

Houve hesitação entre os dois, até que Bianca gritou:

– AGORA!

Eles baixaram as espadas e Bianca falou primeiro.

– Eu sou Bianca. Este é Bran e aquela é Analice. Estamos tentando chegar na Colina dos Amores Perfeitos e tentávamos atrair fadas para que nos mostrassem um círculo de fadas que pudesse nos levar lá mais rapidamente. Sua vez.

– Meu nome é Fergus e esta é...

O rapaz pareceu hesitar e a moça passou a sua frente.

– E eu sou Maeve. Lamento nossa apresentação desastrada, mas há perigos por toda parte hoje em dia...

– Estão sozinhos? – perguntou Fergus, olhando desconfiado em volta.

– Estamos! – respondeu Bianca, um tanto rápido demais.

– Estamos indo na mesma direção – disse Fergus. – Se importariam se acompanhássemos vocês?

O trio se entreolhou e concordou. Assim, retomaram o caminho agora com dois estranhos.

– Por que suas roupas estão do avesso? – perguntou Maeve.

– Ah, é! – respondeu Bran. – Tínhamos nos esquecido.

Eles contaram sobre o ataque dos springgans, o que pareceu horrorizar a moça. Analice logo notou que os dois andavam de mãos dadas e sorriu, imaginando que eram um belo casal.

– Há quanto tempo estão juntos? – disparou Analice.

Imediatamente, eles soltaram as mãos e pareceram um gato pego com a boca cheia de penas e a gaiola vazia.

– Não estamos... digo... Somos... – Fergus não conseguia falar.

Bianca e sua sutileza de trator terminou o serviço que Analice começara.

– Vocês não deveriam estar juntos, né?

Fergus e Maeve se entreolharam assustados e eles juraram que aqueles dois iam sair correndo com as mãos para cima naquele exato instante. Mas eles apenas

olharam de volta com aquela expressão de quem não tem a menor ideia do que dizer.

– Tudo bem! Fiquem calmos! – disse Bianca. – Se vocês se amam, podem contar conosco para ajudarmos no que pudermos.

Eles sorriram, mas não falaram mais sobre o assunto, voltando a perguntar sobre os springgans e sua brilhante fuga. Com a fome e o cansaço começando a fazer o papo murchar, decidiram parar e comer um pouco. Maeve e Fergus dividiram com eles alegremente o que tinham. Bianca, Bran e Analice colocaram pães, queijo e bolo que Frabatto lhes dera e perceberam a grande diferença entre os alimentos que eles tinham e os alimentos que Maeve e Fergus traziam. Os deles eram finos bolinhos decorados, tortas salgadas douradas e frutas belíssimas. Aqueles alimentos pareciam ser muito delicados e finos. Pareciam ser caros! Analice já tinha reparado na roupa de Maeve e começou a desconfiar que ela era uma nobre. Já Fergus, apesar de um rapaz lindo, tinha roupas simples, muito parecidas com as roupas de um guarda ou soldado. Analice preferiu não comentar nada, mas Bianca não se importava em ser inconveniente.

– Você é rica? – perguntou Bianca. – Está fugindo com ele porque ele é pobre e seus pais ricos não aceitam o casamento?

Bran riu. Analice olhou para o nada, imaginando porque ainda se dava ao trabalho de ser discreta se sua amiga fazia tudo para derrubar todos os talheres e pratos num restaurante.

– Podemos confiar em vocês? – perguntou Maeve.

– Claro! – respondeu Bianca, comendo um pedaço de bolo.

– Sou a princesa Maeve do Reino do Sul, herdeira do trono do Fogo, filha do Rei Augustus e da Rainha Maura. Fui prometida para o filho do Reino do Norte, mas me apaixonei por Fergus, que era o capitão da guarda que liderava a comitiva que estava me levando. Então, hoje, nós decidimos fugir!

– Oh, uma história de amor! – disse Analice.

– Peraí... – preocupou-se Bran. – Então vocês dois estão sendo procurados?

– Bem... – titubeou Maeve com um sorriso amarelo. – Talvez!

Bran se levantou.

– Se formos pegos com eles, seremos todos presos!

– Mas nós não fizemos nada!!! – reclamou Bianca, ainda com a boca cheia de bolo.

– Não interessa! – continuou Bran. – Vão nos acusar de cumplicidade! Ou de sequestro! E aí pode esquecer de ajudar o Zac!

– Quem é Zac? – perguntou Maeve, como se isso fosse de alguma forma relevante.

– O rei dos trolls! – respondeu Analice.

E aí foi a vez de Fergus se levantar apreensivo.

– Vocês estão ajudando o rei dos trolls?!

– Não é o que parece! – disse Bran.

– Tudo bem, isso foi um erro! – Fergus começou a arrumar suas coisas e ajudou Maeve a se levantar. – Sigamos nosso caminho, vocês seguem o de vocês!

Bianca e Analice se levantaram também.

– Calma, gente! – disse Analice. – Tenho certeza de que podemos nos entender.

Sem dar tempo para maiores explicações, Fergus e Maeve partiram. Bianca colocou as mãos na cintura e se virou para Bran.

– Pô, Bran! Você é um grosso!

– Estou tentando nos manter vivos! – explicou o elfo. – E isso está ficando cada dia mais difícil!

Bianca sentou emburrada e continuou a comer, porque não era qualquer coisa que lhe tirava o apetite.

Assim que terminaram o lanche, e Bianca e Analice ficaram felizes por Fergus e Maeve terem deixado os bolinhos e a quiche de queijo que estavam divinos, se levantaram e continuaram a andar.

A tarde ia embora, a noite se aproximava e Bran se preocupou.

– Precisamos de um lugar para passar a noite... – disse ele.

– Precisamos é de um milagre! – reclamou Bianca. – Você disse que levaremos cinco dias para chegar lá. Em cinco dias o Zac já matou toda a torcida do Flamengo!

– Matou quem? – perguntou Bran.

– Um monte de gente! – traduziu Analice.

– Eu não sei o que podemos fazer a respeito, Bianca! – defendeu-se Bran. – Mas aceito sugestões!

Bianca caminhou, vendo o dourado do sol se transformando em laranja, sentindo o tempo escorrer pelos seus dedos.

– Precisamos arrumar algum lugar para dormir, não podemos andar por aí de noite, é muito perigoso – insistiu Bran.

– Eu só queria um jeito de chegar logo e pelo menos avisar Zac que ele não pode matar ninguém!

Bianca olhou para o sol, começando seu caminho de despedida.

– Uma pena eles terem ido embora... – lamentou Bianca. – Fergus e Maeve poderiam ajudar.

– Ajudar como? – respondeu Bran. – Atraindo uma legião de soldados para cima de nós?

– Não, seu grosso! Talvez tivessem alguma ideia sobre atrair fadas!

– Estavam tão apaixonados! – comentou Analice.

E então Bianca teve um lampejo. Virou-se para eles com um sorriso de vitória.

– É isso!!!

– Isso o quê?

– Nós fizemos tudo errado! Não basta recitarmos uma poesia, ou cantarmos, ou dançarmos. Temos que fazer isso com amor! Com sentimento, com emoção! Temos que emanar amor! Aí as fadas aparecem.

Analice e Bran não pareciam muito convencidos, mas o que tinham a perder?

Bianca via o crepúsculo e sentia que aquele era o momento.

– Melhor então colocarmos as roupas direito – lembrou Bran. – Roupas do avesso podem ofender as fadas.

Cada um foi para um canto mais oculto na mata e desviraram suas roupas. Quando voltaram, Bianca esfregava as mãos animada.

– Vamos conseguir! Só precisamos escolher o que vamos fazer e fazer com o coração.

Bianca ficou em silêncio. Ela já cantara pela sua vida e pela de Zac e sabia que não podia ser qualquer música. Tinha que ser uma música que tocasse o coração. O dela e o dos outros. Portanto, tinha que ser algo que ela estivesse sentindo naquele momento.

Bran e Analice esperaram enquanto Bianca buscava dentro de si a canção certa.

– Como vamos saber se deu certo? – sussurrou Analice, tentando não atrapalhar a amiga.

– Dizem que um vento precede as fadas – explicou Bran.

Então Bianca levantou a cabeça decidida.

– Eu vou cantar... – disse ela. – E vocês dois vão dançar.

– Como assim? – perguntou Analice, meio nervosa. – Juntos?

– É!

Bianca foi até eles e os colocou juntos.

– Fadas gostam de casais. E no momento, eu não sou um casal. Sou uma coitada solitária apaixonada por um troll que deve beber, fumar e bater em todo mundo. Vocês vão completar a canção, vão torná-la verdadeira!

– Mas...

– Mas nada! Dancem!!!

Então ela voltou para um ponto onde o sol banhava tudo de dourado e laranja. Respirou fundo. Achou o tom e então cantou. Era uma música antiga, uma

das favoritas de sua mãe, uma canção em inglês de uma banda progressiva do Reino Unido dos anos 70 chamada Renaissance. Bianca sempre desafinava quando a cantava, mas ia se esforçar para não desafinar ali. Precisava da ajuda das fadas. Olhou em volta mais uma vez, vendo Analice e Bran juntos como duas vassouras. Esperava que eles relaxassem e não estragassem tudo. As árvores se moviam lentamente, o sol jogava sobre tudo caminhos dourados, as folhas de início de outono no chão pareciam um tapete e as folhas tinham uma miríade de tons de verde. Era o cenário perfeito. Bianca achou que seria uma ótima sequência de uma animação da Disney, se não estivessem tão desesperados. Bianca fechou os olhos, concentrou-se e deu o seu melhor. Apesar das palavras serem em outro idioma, Bianca sabia o que cantava e isso parecia fluir com sua voz:

*Dando um tempo para encontrar o verso certo
Falando calmamente com os pensamentos que você quer dividir
Inclinando-me, eu sinto você crescendo em minha mente
Descendo furtivamente, eu sinto você crescendo em minha mente*

Bran e Analice começaram se mover, nitidamente constrangidos. Bran lutava com todas as suas forças para não cavar um buraco no chão e se enfiar nele. Analice tinha deixado claro que não tinha nenhum sentimento por ele e colocá-lo naquela situação era cruel. Teve vontade de estrangular Bianca, mas ela parecia não perceber – ou não se importar – com a situação vergonhosa em que eles se encontravam. Continuava cantando.

*É preciso ir devagar, levando o amor na única direção
É preciso apenas deixar fluir, fazendo amor e dando tempo para ele crescer*

*Encontrando maneiras de achar o verdadeiro você
Passando dias apenas de mãos dadas e se sentindo livre
Brinque e veja o sol vindo e atravessando tudo
Venha comigo, fique por perto e veja o amor crescer com você.*

Em algum momento, não havia mais para onde desviar o olhar. Bran terminou encontrando os grandes olhos de Analice e ela não os desviaram. E então seus corpos, tensos e sem ritmo, encontraram a fluidez da canção, movendo-se lentamente, belamente, livremente. Dançar é uma expressão de liberdade, mas dançar com alguém é uma prova de confiança. Naquele momento, descobriram que confiavam um no outro.

Bianca sentia as palavras nascerem no coração e se espalharem por entre as árvores. Balançava o corpo dançando com o acompanhamento imaginário e sorriu, sabendo que estava conseguindo tornar sua canção sincera, como fizera quando cantara para os grifos de Paralda.

*É preciso ir devagar, levando o amor na única direção
É preciso apenas deixar fluir, fazendo amor e dando tempo para ele crescer*

*Dando a você o amor que você me deu
Vivendo o amor com as coisas que nós temos para compartilhar
Poesia, ouça as palavras que você diz para mim
Fique por perto, aqui comigo, mantenha nosso amor fluindo livremente*

Um vento balançou as árvores e elas derrubaram pequenas flores amarelas sobre eles. Bran e Analice continuavam sua dança, presos um nos olhos do outro. Pássaros cantaram e o sol pareceu retardar sua partida para vê-los.

*É preciso ir devagar, levando o amor na única direção
É preciso apenas deixar fluir, fazendo amor e dando tempo para ele crescer*

E então um pequeno ser alado de cor viva voou diante de Bianca. Outros mais surgiram e cercaram Bran e Analice. Surpresos, eles pararam e sorriram, percebendo que o plano funcionara.

A Canção das Fadas

A conversa no celeiro seguiu o rumo de algo parecido com um plano. Pé de Vento fora escravo tempo o bastante para saber algumas coisas sobre esse bizarro mundo escravocrata e isso poderia ajudá-los bastante.

– Então esse Klaus domina as arenas... – disse Marcel.

– Não é a única coisa que ele faz, mas é sua especialidade – respondeu Pé de Vento. – Ele também vende escravos para piratas e para as minas de kobolds.

– Como vamos saber para onde mandaram Urbain? – perguntou Marcos.

– Descrevam o seu amigo – pediu Pé de Vento.

Antes que Lorena e Marcel abrissem a boca, Marcos resumiu as virtudes de Urbain Grandier.

– Alto, forte, bonito, arrogante, quizumbeiro, encrenqueiro e teimoso feito uma mula.

Pé de Vento não precisou pensar muito.

– Arena, com toda a certeza!

– Você sabe chegar lá? – perguntou Lorena, com Eileen sentada em seu colo brincando com uma florzinha de sete pétalas da cor do céu.

– Sei. Podemos partir agora.

– É muito longe? – perguntou Marcos.

– Um pouco – respondeu Pé de Vento, levantando-se. – Uns cinco dias daqui. Se pegarmos alguns atalhos, fazemos em três.

– Melhor em três então – decidiu Lorena. – Precisamos ir rápido.

– Acha que conseguimos comprá-lo desse tal de Klaus? – perguntou Marcel.

Pé de Vento fez uma cara séria.

– Infelizmente, não há nada que não possam comprar naquela cidade.

Marcel abriu o mapa e Pé de Vento mostrou onde precisavam ir e qual a rota que fariam. Com tudo combinado, se prepararam para partir.

Recolheram as coisas e Lorena pegou a mão de Eileen. Juntas, seguiram para a porta do celeiro, onde o sol já cobria as verdejantes pradarias.

– Quando vamos ver Ban?

Lorena olhou para a pequena menina fada que olhava para ela enquanto caminhavam para os cavalos.

– Em breve, meu bem, em breve... – respondeu Lorena.

A menina não pareceu acreditar. Baixou o rostinho triste olhando para as pedrinhas sob seus pés.

– Eileen com saudades...

Lorena se abaixou e a olhou nos olhos.

– Eu sei, minha linda fadinha... – disse ela, com um sorriso. – Eu também estou com muitas saudades. Mas nós vamos encontrá-lo e quando o fizermos, vamos abraçá-lo bem forte para que nunca mais vá embora! Vamos fazer um grande bolo de chocolate com cobertura e pipoca quentinha, e vamos ver filmes juntos, ir à praia, passear na floresta, ir ao parque e compensar todo esse tempo perdido.

Ela ajeitava o cabelo da fadinha enquanto falava, imaginando se poderiam mesmo fazer tudo aquilo, não porque tivesse alguma dúvida sobre encontrar seu marido, pois tinha certeza de que o encontrariam. Mas a verdade é que não sabia como iriam voltar para casa. E se voltassem, o que fariam com a fadinha? Poderiam levá-la também?

– Tudo pronto?

Lorena viu Marcel montando no cavalo, garboso e elegante como ele sabia ser. Marcos vinha logo atrás com sua mochila cheia de cacarecos que ele acreditava terem valor quando voltassem ao seu mundo.

– Onde está Pé de Vento?

Olharam em volta e perceberam que o índio tinha sumido.

– Iiiih... – falou Marcos. – O vento levou!

Ao som de galopes, Pé de Vento chegou. Tinha um cavalo também.

– Onde conseguiu o cavalo?

– Troquei.

– Pelo que? Você não tem nada?

O rapaz abriu um grande sorriso de dentes muito brancos e contra o sol ele ficou parecendo algum pôster de filmes para meninas de 15 anos.

– Tá, deixa pra lá! – Marcel desistiu de saber como ele conseguira o cavalo.

– Vamos embora.

Saíram a galope com o sol nascente às suas costas, esperando que Pé de Vento soubesse para onde estavam indo.

Algumas horas depois, numa colina verdejante, fizeram uma parada para esticar as costas e descansar os cavalos. Eileen brincava com dentes de leão que voavam e faziam desenhos. Lorena admirava a vista. A relva de um verde brilhante era suave e mudava de cor conforme o vento a tocava. Abaixo, via um rio que brilhava ao sol, se tornando dourado, uma floresta e, muito a frente, montanhas

azuis com picos de neve. Acima deles apenas um céu azul com algumas nuvens esparsas alaranjadas.

– Este lugar é lindo demais!

Lorena olhou para o lado e viu Marcos, admirando a paisagem ao lado dela.

– Não é incrível que possa ter tantas coisas terríveis em um lugar tão bonito? – continuou ele.

– Não é diferente do nosso mundo... – respondeu Lorena. – Lá também há coisas belas e coisas terríveis. É estranho imaginar que a mesma espécie capaz de criar uma sinfonia pode também causar sofrimento em outros seres.

– Belo ou cruel, não importa... – disse Marcel, chegando ao lado deles. – Tudo o que eu quero é recuperar nossas pessoas perdidas e voltar para casa.

– Vocês não são daqui.

Aquilo não foi uma pergunta. Foi uma afirmação. Eles se viraram para Pé de Vento, que estava deitado na relva, esticando as costas ou olhando o céu, ou ambos. Não sabiam de fato porque ele estava deitado. Pé de Vento se levantou e ficou sentado olhando para eles.

– Eu suspeitei. Não são daqui. De onde vocês vieram?

O trio trocou olhares.

– Somos do mundo real – respondeu Marcel.

Pé de Vento riu.

– Aqui o mundo é real!

– Ele quis dizer que viemos do mundo dos humanos.

Pé de Vento arregalou os olhos levemente numa expressão de surpresa contida.

– Como vieram parar aqui?

– Os trolls sequestraram um amigo nosso – Marcos contou. – Nós viemos atrás dele. Aí, quando chegamos aqui, deu tudo errado e nos separamos e estamos até agora tentando achar uns aos outros.

– Vocês conhecem as regras, não conhecem? – perguntou Pé de Vento, vendo que aqueles três sonhavam com uma volta que ele não tinha certeza se era possível.

– Não podemos comer ou beber nada daqui e não podemos beijar um ser deste mundo, ou ficaremos presos aqui para sempre – contou Lorena. – Sim, nós conhecemos as regras.

– Felizmente, ganhamos um presente de umas fadas d’água e podemos comer e beber de tudo – completou Marcos.

Marcel se afastou do grupo e foi até seu cavalo. Marcos se aproximou de Pé de Vento e continuaram a conversa, enquanto Lorena foi até Marcel, percebendo que algo o aborrecia. Ela tocou em seu ombro.

– Nós vamos dar um jeito – disse ela com a suavidade que lhe era característica. – Você vai voltar conosco!

Marcel a olhou por alguns momentos e ela não soube exatamente o que passou pela sua mente. Então ele sorriu e concordou levemente com a cabeça. O descanso acabou e retornaram à caminhada, durante a qual Pé de Vento ficou sabendo um pouco mais sobre aquela estranha família que se perdera no mundo das fadas.

Bianca, Analice e Bran estavam felizes com a presença das fadas. Não só porque era o que tinham planejado, mas porque era belíssimo. Elas mediam cerca de 20 centímetros e volitavam em volta deles, com suas asas brilhantes e seus corpos emanando um brilho próprio. Elas preencheram o lugar de cores e era impossível não se deixar envolver por aquele momento de magia onde o impossível os cercava em todas as cores.

– Amigas aladas, precisamos de sua ajuda! – disse Bran.

– Em verso! – disse uma delas.

Eles não entenderam de pronto.

– Rimando! – pediu outra.

– Cantando! – ordenou uma fada de asas violetas.

Bianca não entendeu muito bem, mas obedeceu.

– Fadas, fadinhas, da sua ajuda precisamos!

Na Colina dos Amores Perfeitos precisamos chegar

Por isso para vê-las nós cantamos e dançamos

Esperando que vocês pudessem nos ajudar!

As fadas voaram felizes, soltando risadinhas e batendo palmas, deixando Bianca orgulhosa.

– Peçam rimando, peçam cantando! Se gostarmos, seu desejo realizamos! – disse uma fadinha com guirlanda de flores na cabeça.

Analice se pronunciou.

– Temos pressa e nossa causa é nobre!

Queremos impedir uma guerra de espadas

Não pedimos ouro, nem prata, nem cobre

Apenas que nos indiquem um círculo de fadas!

Mais risadinhas felizes ecoaram pela floresta. Aparentemente, versinhos para elas era uma grande diversão.

– Venham com a gente, o caminho mostraremos!

Para o círculo de fadas que um portal abrirá

Para na Colina dos Amores Perfeitos

Mais perto poderem chegar.

As fadas voaram em grupo e eles correram atrás delas, pegando atrapalhadamente as bolsas que estavam no chão. As fadas voavam no crepúsculo espalhando uma alegria juvenil e cores brilhantes num caminho de sonho que eles seguiam correndo e saltando. Eles começaram a rir também, contagiados pela alegria do povo pequeno.

Correndo entre as fadas, Bianca viu Analice sorrindo e sorriu também. As moças riram porque aquele era um momento único e elas se lembrariam dele para sempre. Saltaram troncos de árvore, correram com seus vestidos esvoaçantes e sentiram o vento no rosto. Correr entre as fadas era como voar com elas.

E de repente, chegaram.

As fadas circularam um local e perceberam um círculo de fadas, feito com cogumelos em um círculo perfeito, onde pequenas flores amarelas também nasciam, deixando o centro vazio. Então, as fadas se foram, tão repentinamente quanto vieram. O vento passou e a noite chegou, tudo num passe de mágica.

– Isso foi incrível... – murmurou Bianca.

– Nem acredito que funcionou! – exultou Bran. – Conseguiremos chegar muito mais rápido agora!

Bianca abriu um grande sorriso.

– Viram? Quando esperamos o melhor, o melhor acontece! Esse lugar tem coisas maravilhosas também!

E assim que Bianca disse isso, uma sombra voou entre eles. Analice foi jogada no chão e Bran recebeu um golpe que o jogou contra uma árvore. Bianca mal viu o que a agarrou e, mesmo se debatendo, não conseguiu escapar. Atordoados, Bran e Analice ainda gritaram por Bianca e tentaram correr atrás dela, enquanto um troll a levava voando por entre as árvores escuras.

O fundo do poço nem sempre é o fundo do poço

Bianca estava apavorada, mas gritar não estava adiantando. Mesmo assim, ela continuou gritando. A criatura a segurava firmemente, o que era bom, pois estavam a uma altura imensa. O troll subiu acima das copas batendo suas asas de morcego. Escurecera realmente muito rápido e Bianca já tinha dificuldades de ver algo além de árvores de copas escuras. Seus olhos marejaram por causa do vento e seu rosto estava frio. Sentiu o medo devorar seu coração e alma e se lembrou de Frabatto.

“O medo não é real”.

Ficou repetindo isso para si mesma, até que desistiu. Uma ova que o medo não era real! Aquela coisa a estava para algum covil para que ela fosse o jantar de alguma família troll. Ela seria devorada como um frango enquanto papai troll, mamãe troll e trollzinhos 1 e 2 assistiam o Fantástico.

O troll movia a cabeça como se procurasse por alguma coisa, até que mudou radicalmente de direção. Deu um mergulho e Bianca gritou como se estivesse numa montanha russa. A criatura se aproximava do chão sem diminuir a velocidade.

– Nós vamos todos MORREEEEEEEEEERRR!!! – gritou Bianca, vendo o chão se aproximar rapidamente.

A criatura entrou num poço de pedras, continuando a descer. Atingiram a água fria e Bianca engoliu água, se debatendo. O troll não a soltou, continuando a levá-la sabe-se lá para onde. Quando achou que seus pulmões não iam mais conseguir se encher de água, o troll e Bianca saíram da água num voo direto. Bianca tossia e estava quase desmaiada. Mal viu quando foi colocada no chão.

– Majestade, eu lhe trouxe a garota!

Bianca tossia feito uma louca, mas conseguiu ouvir o que o troll dissera. Fez um esforço para se ajoelhar, ainda tossindo e a surpresa se estampou em seu rosto. Diante dela estava Zac, com o olhar igualmente surpreso.

Bianca ficou tão atônita que até parou de tossir. A sua volta, outros trolls observavam curiosos.

– Levem-na para os meus aposentos! – ordenou o rei.

Bianca foi erguida e arrastada de qualquer jeito por corredores que ela reconheceu. Foi jogada dentro do mesmo aposento onde encontrara Zac quando fora resgatá-lo. Só que ele não tinha asas e nem garras.

Zac controlou a ansiedade. Pegou um grande jarro de vinho e partiu em direção aos seus aposentos. Deu uma ordem expressa e muito direta:

– Ninguém entra aqui – disse aos guardas. – NINGUÉM!

Os guardas, munidos de tacapes pouco amistosos, concordaram sem hesitar. Zac entrou e Bianca estava de pé no meio do quarto. Ela se virou rapidamente assim que ouviu a porta se abrir. Estava molhada dos pés à cabeça e morria de frio, tremendo muito. Zac tinha uma jarra de barro nas mãos. Ele caminhou até uma mesa meio bagunçada e colocou a bebida em um copo. Bebeu de uma vez e voltou a olhar para ela. A menina tremia, os cabelos desgrehados colando-se ao rosto lívido, a água pingando no meio do quarto. Ele caminhou até um canto e pegou uma manta. Foi até ela e colocou gentilmente em suas costas, enrolando-a. Os olhos de Bianca brilharam com a esperança.

– Zac? Você sabe quem eu sou? Você se lembra de mim?

Ele estava diante dela, o mesmo rosto, só mais endurecido. Ele meneou lentamente a cabeça, acabando com as esperanças dela. Ela deixou a cabeça pender, cansada e levemente desesperada. Voltou a olhar para ele, os olhos marejados.

– Você sabe quem você é?

A pergunta pareceu confundi-lo. Então ele se afastou um pouco dela, respondendo:

– Eu sou o rei da Corte Unseelil, a infame, a cruel, a detestável e temível Corte Unseelil!

Bianca ficou em silêncio por alguns instantes, apenas olhando para ele.

– Não, não é não...

– Você ousa duvidar do meu sangue real? – gritou ele, parecendo um animal pronto a atacar.

Bianca nem piscou.

– Você está enganado... Você já foi um troll... Mas um dia, você mudou por dentro e deixou de ser.

– Está maluca, humana.

– Você sabe! – gritou Bianca, de repente, enfrentando-o.

Ela deixou a manta cair e caminhou até ele tão decidida que o rei deu alguns passos para trás.

– Você sabe que há mais em você do que isso! Você sabe!

– Eu não sei do que você está falando!

– Sabe, sim! – gritou ela de novo. – Tanto sabe que mandou me trazer aqui! Você sabe quem eu sou! Pode não se lembrar, mas aí dentro, você sabe!

Confuso, o rei a olhou, sacudindo levemente a cabeça.

– Quem é você? – disse ele, sem tirar os olhos dela – O que é você?

– Eu sou Bianca de Sant’anna Grandier. E eu sou...

Bianca não soube se definir. O que ela era, ele queria saber. Um milhão de coisas passou pela sua cabeça, todas verdades num momento e mentiras em outro. Como poderia responder aquilo? Então a única verdade daquele momento veio aos seus lábios.

– Eu sou o seu primeiro amor.

Bianca sentiu o momento. Sabe quando você sente o momento? Lá no fundo de seu coração ela sabia que tinha nas mãos a solução para aquele problema e tudo residia em aproveitar aquele momento. Então, ela se esticou, pois ele era um pouquinho mais alto que ela, e colou seus lábios nos dele. Ele tentou se afastar, mas ela pegou o rosto dele com as duas mãos e deu-lhe um beijo de longa metragem, um beijo de puro amor e desespero.

Quanto seus lábios se afastaram, ela abriu os olhos e ele estava fazendo uma careta de nojo.

– Por que fez isso?! – perguntou ele, limpando a boca com as costas da mão.

– “Isso” foi um beijo! E não precisa fazer essa cara de nojo! – ofendeu-se Bianca. Imagine, se um troll tem horror ao beijo dela, era melhor desistir de vez de achar alguém na vida. Ia morrer solteira e cheia de gatos.

– Pois isso foi estranho, melado e desagradável!

– Beijo é o que pessoas que amam dão umas nas outras! – tentou explicar Bianca.

– Você está louca, humana. Sou um troll! Não amo nada nem ninguém.

Ele se virou e caminhou na direção da porta.

– Você não é um troll! É um humano, como eu!

Ele parou.

– E antes disso, você foi um anjo.

Ele se virou e olhou para ela, os grandes olhos azuis fixados nela.

– E eu posso provar! – decretou Bianca.

Ele voltou a caminhar na direção dela.

– Então prove – disse ele, secamente.

Bianca ainda tinha a mochila agarrada às suas costas. Pegou-a sem olhar e a abriu de qualquer jeito. Muita coisa dentro estava molhada e rezou para o pó do espelho das almas não ter se diluído no poço que virou o lago subterrâneo, no que possivelmente era uma passagem mágica usada pelos trolls e goblins. Isso explicava porque a Corte Unseelil surgia sem aviso em pontos tão dispares do reino a cada noite. Tudo isso passou pela cabeça dela em segundos, enquanto ela remexia na bolsa tentando achar o saco vermelho.

Impaciente, virou a bolsa de ponta-cabeça e despejou tudo no chão. Espalhou as coisas com as duas mãos, incrédula.

– Onde está? – disse para si mesma. – Eu guardei na minha bolsa! Tinha que estar aqui!

E então ela achou um objeto brilhante. Pegou devagar um dos brincos de Leanan Sidhe, erguendo-o para olhar melhor, enquanto a realidade se ajustava em sua cabeça.

Pegou a bolsa e confirmou suas suspeitas. Aquela não era sua bolsa. Era a bolsa de Analice. Quando correram atrás das fadas, pegaram as primeiras coisas que viram, sem olhar direito, pois precisavam ir atrás delas. Ela se virou para o rei, ainda de pé esperando.

– E então? – perguntou ele, de braços cruzados.

– Não está aqui... – respondeu ela. – Está com minha amiga...

– Claro... O cachorro comeu sua lição de casa... Vamos – disse ele, erguendo-a pelo braço. – Você vai para a prisão, até que eu decida o que fazer com você.

– Viu? Viu? Você É um humano! – disse ela, meio histérica. – Olhe o que acabou de dizer!

Ele continuou arrastando-a.

– O quê? Que vou levá-la pra prisão?

– Não! – continuou ela, temendo chegar à porta. – O que você disse antes, sobre o cachorro comer meu dever de casa!

Ele parou.

– Como troll, você já foi à escola? – perguntou ela. – Se trolls não vão à escola aqui, como você sabe o que é um dever de casa? Sem falar que essa é uma expressão típica do meu mundo! Do NOSSO mundo!

Ele olhou para ela muito surpreso. Solto seu braço e ela viu um lampejo em seus olhos. Podia não ser a lembrança do velho Zac, mas ao menos era a faísca de uma dúvida. Como numa disputa de advogados num tribunal americano, ela só precisava disso: uma dúvida razoável.

– Como sabe disso? – perguntou ele. – Como sabe que eu não sou o que pareço?

– Porque eu vivi tudo isso com você. Eu estava ao seu lado. É por isso que você se lembra de mim, embora não saiba porque – explicou ela.

Então ele pegou sua mão e a guiou para um degrau. Sentou-se e fez com que ela se sentasse.

– Conte-me o que você sabe.

A Cabana

Pé de Vento ergueu a mão em um sinal para pararem. Estavam numa floresta e já estava anoitecendo. Esperaram para ouvir o que o ex-escravo ia dizer, mas ele apenas observou longamente a área.

– Não é um bom lugar este aqui... – concluiu. – Melhor continuarmos.

– Mas já está ficando escuro! – observou Marcos.

– Aqui não!

E continuou na frente, sem dar ouvidos a eles. Marcos olhou para Lorena que fez um movimento com os ombros. Então eles continuaram o caminho, até que Marcel achou uma coisa muito interessante.

– Olhem! Uma cabana!

Eles se aproximaram do lugar. Era uma casa de madeira cheia de mato em volta, cercada por árvores. Desmontaram e Marcel foi verificar a porta. Estava aberta e não havia ninguém morando ali há muito tempo.

– Nem acredito! – comemorou Marcel. – Vamos passar uma noite com um teto sobre nossas cabeças!

Pé de Vento observava uma árvore próxima. Passou a mão sobre uma marca de garra feita no tronco. Olhou mais adiante e viu a mesma marca em outra árvore.

– Aqui não é bom! – gritou para os outros.

– Nenhum lugar é bom nessa terra dos infernos! – concordou Marcel. – Aqui, pelo menos, estaremos mais protegidos!

Estavam todos levando as coisas para dentro da casa e Pé de Vento viu que era voto vencido. Porém, quando entrou na cabana, entrou com seu cavalo.

– O que está fazendo?! – perguntou Marcel, espantado.

– Lá fora é perigoso – explicou Pé de Vento. – Meu cavalo fica comigo.

– Eu acho que ele tem toda razão! – concordou Lorena. – Vou lá fora buscar o meu!

– Eu também!

Marcel ficou olhando incrédulo para aquelas pessoas. E para aqueles cavalos. Então saiu e pegou o seu também.

O espaço era grande, dividido entre uma grande sala com lareira e um quarto. Tinha poeira por toda a parte, uma mesa estava de pernas pra cima e algumas cadeiras estavam jogadas pelo lugar. Uma cama velha estava no quarto e as janelas estavam praticamente seladas, de tão fechadas.

– Alguém não gostava de deixar o sol entrar!... – comentou Lorena, tentando abrir uma janela emperrada.

– Deixe, eu ajudo.

Pé de Vento fez um esforço e abriu a janela. O vento entrou, tirando um pouco o cheiro de passado.

– A casa do senhor Jardanet era muito melhor! – reclamou Marcos.

Acenderam velas e dois lampiões, tornando o lugar bem mais iluminado. Marcel e Marcos colocaram a mesa na posição certa, enquanto Lorena e Pé de Vento pegavam as cadeiras que estavam jogadas.

– Deve ter tido uma festa muito louca aqui! – comentou Marcel.

Eileen reclamou que estava com fome e a comida que traziam em suas mochilas e bolsas foi colocada sobre a mesa. Não era muita coisa, mas o suficiente. No dia seguinte, porém, teriam que renovar suas provisões.

– Passaremos por uma cidade ou teremos que caçar um pato? – perguntou Marcel, comendo um pedaço de queijo seco e salgado.

Os cavalos, amarrados num canto da sala, se agitaram, batendo os cascos.

– Há uma cidade no caminho – explicou Pé de Vento. – Passaremos por ela antes do meio do dia.

– Então é melhor guardar algo para a manhã – lembrou Lorena, já separando alguns pedaços de bolo e algumas frutas, deixando que apenas Eileen se fartasse com eles.

Mais uma vez, os cavalos relincharam e bateram os cascos, parecendo muito nervosos.

– O que há com eles? – perguntou ela.

– Eu já os alimentei! – defendeu-se Marcos, antes que alguém o acusasse.

Lorena embrulhava tudo de volta no pano e colocava na mochila quando uma forte pancada na porta os assustou.

– O que foi isso? – perguntou Marcos, com farelo de pão no rosto.

Eles se levantaram cautelosos e foram até as janelas. Eileen foi atrás de Lorena, não querendo ser deixada sozinha. Olharam para a porta e não viram nada.

– Melhor fecharem as janelas... – aconselhou Pé de Vento.

Eles fecharam todas as janelas, trancando-as.

– Vamos – disse Marcel. – Vamos voltar ao jantar.

Quando retornaram a mesa, Lorena viu a mesma comida que tinha guardado de volta.

– Quem desembrulhou a comida que eu guardei? – perguntou.

Ninguém assumiu a autoria do crime, então ela guardou tudo novamente, colocando dentro da bolsa. Já estavam no final da refeição quando outra pancada os fez saltar das cadeiras.

– O que diabo é isso? – Marcel se levantou irritado.

Todos foram com ele, tentando ver pelas frestas da cabana se havia algo lá fora. Talvez fosse um animal ou um elemental brincalhão. Mais uma vez, não viram nada.

Quando todos se viraram, a mesa estava de pernas para o ar equilibrada em cima das cadeiras.

Lorena não evitou um grito de susto. Eileen imediatamente se agarrou em sua perna, assustada.

– Eu já vi isso antes... – disse Marcos.

– Onde? – perguntou Marcel.

– No filme Poltergeist. E não acabou muito bem.

Pé de Vento se virou para eles.

– Eu disse que aqui não era um lugar bom!

Nova pancada na porta fez todos pularem de novo. Mas dessa vez, a pancada continuou. A porta tremia a cada solavanco. Lorena pegou Eileen e a abraçou. A menina começara a chorar e os cavalos estavam em pânico.

– Marcel, o pó que a Oisin lhe deu! – lembrou Marcos.

Marcel correu e pegou o saco de pó. Colocaram rapidamente nas janelas e na porta, enquanto as batidas continuavam.

– Pé de Vento, você tem ideia do que é isso? – perguntou Marcel.

O jovem, que parecia tão assustado quanto ele fez uma rápida negativa com a cabeça.

– Eu sei o que é isso! – gritou Marcos. – Isso é uma assombração!!!

As batidas pararam. Eles se mantiveram congelados, esperando algo mais. Então, o barulho começou a soar acima deles.

– Está no telhado! – disse Lorena.

– Parecem cascos... – observou Marcel.

As batidas no telhado realmente pareciam passos, ou saltos, e se espalhavam por todo o lugar. Poeira caía em cada batida. E então, houve silêncio. Ouviam apenas sua própria respiração e seus corações em pânico.

– Acho que foi embora... – disse Marcel.

Ninguém respondeu nada. Continuavam apreensivos, apenas aguardando, que era tudo o que podiam fazer.

Até que uma nova batida, dessa vez na janela, os fez gritar. A batida parecia algo se jogando contra a madeira e dessa vez percorreu todas as janelas, como se procurasse um ponto fraco. Voltou para a porta na frente deles e continuou a bater, fazendo um barulho ensurdecedor. Eileen tampava os ouvidos com as mãozinhas, protegida por Lorena, que já procurava sua espada, embora achasse que ela não ia ajudá-la ali.

E então a porta se abriu e uma rajada de vento varreu o pó que colocaram no chão. Marcel se levantou rapidamente e num movimento único jogou todo o pó que ainda tinha bem na frente deles. Um urro terrível foi ouvido, um som tenebroso, e o pó ajudou a formar uma carranca, uma cara horrível, gritando sua dor pela noite adentro.

E então desapareceu.

Marcel correu e fechou a porta de novo, branco como um papel.

– Como sabia que aquilo ia funcionar? – perguntou Pé de Vento.

Marcel estava com dificuldades para falar.

– Não sabia... – disse, enfim.

Se eles pudessem, teriam saído correndo dali imediatamente. Mas era noite e a noite no mundo das fadas era repleta de perigos. Haviam se passado algumas horas e nenhum outro fenômeno sobrenatural foi visto. Colocaram a mesa na posição correta, de novo, e se ajeitaram para dormir todos no mesmo lugar, pois ninguém queria ficar separado, e a cama do quarto ficou vazia.

Todos já estavam dormindo, pois estavam cansados. Lorena viu que Marcel ainda estava acordado, olhando fixamente para o teto.

– Você foi muito corajoso – disse ela, baixinho para não acordar os outros.

Ele sorriu.

– Obrigado.

Ela sorriu também e aninhou a cabeça no ombro dele, que passou a embalar Lorena e Eileen em seu abraço protetor.

Na cela em frente

Urbain não tinha ideia do quanto dormira, mas foi o bastante para chegar aonde tinha que chegar. Não teve oportunidade de tramar nenhum plano de fuga. Sentia-se um tanto fraco e foi difícil abrir os olhos. O que o forçou foi a lembrança de Bianca na janela. Ela estava histérica e sabia que ela ia sair correndo dali e enfrentar aqueles homens por ele. Que chance teria uma menina de 17 anos contra aqueles brutos? Ele poderia ter resistido, mas isso só aumentaria o perigo. Preferiu se render para que saíssem logo dali, deixando as meninas e o elfo em segurança.

Abriu os olhos de vez e viu um teto de pedras. Tentou se levantar e sentiu as costas doerem. Havia marcas de grilhões em seus pulsos, mas estava livre deles. Olhou em volta e viu paredes e grades. Estava sentado numa cama de madeira dura presa às paredes por correntes grossas.

– Acordou, bonitão?

Ele ouviu a voz feminina, mas não discerniu de onde ela vinha. Levantou-se e deu dois passos até a grade, onde viu apenas um corredor mal iluminado.

– Como se sente?

Dessa vez ele percebeu que voz vinha da cela na frente da dele, o que devia ser um engano. O que estaria fazendo uma mulher ali naquele covil?

– Me sinto horrível... – respondeu ele. – Quem está aí?

Uma forma feminina se desenhcou na escuridão da cela em frente, ficando na meia luz. Urbain piscou várias vezes. Ela tinha longos e cheios cabelos negros que cobriam os ombros desenhados e um corpo escultural.

– Eu sou Urbain Grandier – apresentou-se ele, intrigado em encontrar aquela mulher ali. – Quem é você?

Ela caminhou até a grade, entrando na luz. Ela tinha grandes olhos azuis delineados de preto e lábios carnudos e rubros. No entanto, estava descabelada, o vestido estava puído e rasgado e as unhas estavam maltratadas.

– Meu nome é Leanan Sidhe – apresentou-se ela. – Sou uma fada.

– É? – estranhou Grandier. – E o que faz aqui?

Ela se apoiou na grade com cara de deboche.

– Passeando! O que você acha que eu faço aqui? Fui capturada, como você!

– Achei que só pegassem humanos!

– Não, a crueldade é bem democrática. Eles escravizam qualquer um.

– Onde estão suas asas? – perguntou Urbain.

Leanan olhou para ele e seus olhos eram tristes. Então ela mostrou os pulsos, onde haviam uns braceletes escuros.

– O que é isso? – perguntou Urbain.

– Os grilhões que me aprisionam – respondeu ela. – Eles tiram minha magia. E, junto com ela, minhas asas...

– Eu sinto muito – disse ele, suavemente. – Esse não é lugar para uma dama como você.

Ela sorriu, genuinamente feliz.

– Obrigada! Há tempos não escuto algo gentil.

Passos e vozes interromperam a conversa. A fada imediatamente se refugiou no fundo da cela. Dois guardas surgiram no corredor. Colocaram uma cuia de mingau, ou algo parecido, e um copo com água, numa portinha na cela de cada um.

Eles pararam na frente da cela da fada e começaram a rir e a gritar ofensas.

– Onde está sua beleza agora, docinho?

– Você não é mais tão bonita, afinal!

– Na verdade, você é bem patética! Uma pobre coitada sem beleza alguma!

E então gargalhavam. Urbain se enfureceu.

– Parem com isso, seus imbecis! – vociferou, e sua voz imponente ecoou por todo o corredor.

Os guardas o olharam com certa surpresa. E então se retiraram, deixando antes uma ameaça:

– Sua hora vai chegar...

Quando teve certeza de que tinham ido embora, Urbain tentou contato com a fada de novo.

– Pode vir, eles já foram.

Ela hesitou, e então veio até a grade. E Urbain tomou um susto. Ela estava mais baixa, mais estranha, o rosto parecia meio torto e os cabelos pareciam bem mais ralos e sem vida. A reação dele quando a viu a fez encher os olhos d'água. E então ela se jogou para a escuridão da cela e, por mais que ele a chamasse, ela não retornou naquela noite.

Depois que Bianca fora brutalmente tirada deles, Bran e Analice ficaram momentaneamente perdidos. Viram o troll voar para longe com sua amiga, quebrando e derrubando galhos e folhas.

Eles correram o quanto puderam atrás deles, até que não havia mais nada para perseguir.

– E agora? – perguntou Analice, com pouco fôlego.

Bran se apoiou nos joelhos e então se ergueu, respirando. Ele não respondeu porque não fazia a menor ideia.

– De onde veio esse troll? – perguntou ele.

– Lá de trás! – respondeu Analice.

E então Bran lembrou de algo.

– Espere! Ele disse que o rei deles queriam a Bianca! Não foi isso?

Analice tentou se lembrar. Eram muitas emoções no mesmo dia, era difícil lembrar de tudo.

– É, ele disse isso.

– O rei deles é o Zac!!!

– Então... Ele a levou direto para ele!!!

– É só ela jogar o pó do espelho das almas e tudo estará resolvido! – comemorou Bran, com alegria.

E então Analice, que também sorria, franziu o cenho, como se lembrasse de que alguma coisa não estava se encaixando. Ela pegou a pequena mochila que estava nas suas costas e seu sorriso se desfez.

– Ela não pode fazer isso, Bran... – disse ela.

Bran não entendeu. Então ela abriu a bolsa e retirou o saquinho vermelho.

– Na correria atrás das fadas, nós sem querer pegamos a bolsa uma da outra.

O elfo colocou as mãos na cabeça.

– Por Paralda, por que nada dá certo?! – exclamou, gritando de frustração.

– Temos que levar isso para ela! – falou Analice, em tom de urgência. – Ela está sozinha no meio da Corte Unseelil e se não conseguir convencer Zac de que ele não é um troll, vai acabar pendurada de cabeça para baixo em cima de alguma panela de sopa!

Então voltaram correndo para o local do círculo das fadas. Nessa corrida, esbarraram em duas pessoas. Caíram todos sentados no chão.

– Ah, não! Vocês de novo! – reclamou Bran.

Diante deles, Maeve e Fergus estavam caídos. No entanto, eles pareciam bem assustados e se levantaram o mais rápido que puderam e continuaram a correr mata adentro.

– O que deu neles? – perguntou Analice, sendo ajudada a se levantar por Bran.

Antes que ele pudesse responder, uma voz firme foi ouvida.

– Auto lá! Vocês dois! Parados!

Em um segundo, Bran e Analice se viram cercados por meia dúzia de guardas armados com um uniforme parecido com o de Fergus. O casal imediatamente se rendeu, mas tentou explicar que era um engano. Não funcionou.

Foram levados sob custódia, deixando para trás o círculo das fadas que os levaria para mais perto de Bianca.

O rei dos trolls ouviu com atenção a história de Bianca. Apenas contando a história ela via o quanto era surreal. Rezava para que ele acreditasse nela e colocava em cada palavra toda sinceridade que podia. Quando terminou, ele ficou um tempo olhando para o nada. Bianca esperou alguns momentos, mas ele não dizia nada.

– Você acredita em mim? – perguntou ela.

Ele pareceu pensar longamente. E então voltou a olhar para ela.

– Não...

Os ombros de Bianca caíram e ela sentiu vontade de chorar. O que mais tinha, o que mais poderia fazer para provar a ele a verdade?

– É uma história muito bonita, mas coisas assim não acontecem... – disse ele, se levantando. – Trolls são trolls. Não podem ambicionar ser nada além disso.

– E se eu pudesse lhe provar? – perguntou ela, numa última cartada.

Ele se virou para ela, levemente interessado. Ela se levantou.

– Eu tenho um pó preparado por um grande mago. Ele lhe mostrará suas vidas passadas. E, ao vê-las, você recuperará a memória delas e poderá escolher qual delas quer viver nesta vida.

Os olhos dele brilharam.

– Eu posso escolher?

– Pode – respondeu ela, mesmo sabendo que ele poderia escolher voltar a ser um anjo, ao invés de ser o seu Zac que trabalha nos Correios. – Você pode escolher.

– Muito bem! – decidiu ele. – Onde está esse pó?

– Com meus amigos Bran e Analice!

– E onde eles estão?

– Onde eu estava! – explicou Bianca. – É só mandar um desses trolls os buscarem, como fez comigo!

Zac pensou por um momento e concordou. Virou-se para ir dar a ordem.

– Mas não mande nenhum que tente matá-los, como aquele tentou fazer comigo! – alertou Bianca.

O rei parou e se virou.

– Quem tentou matar você?

– O grandão de chifre quebrado! Tentou me estrangular – disse ela, mostrando o pescoço arroxeadado, – e teria conseguido se não fosse o meu pai.

Zac tocou o pescoço machucado da moça. Então a pegou pelo braço.

– Ouça, você vai ficar aqui. Vou trancar a porta e deixar guardas.

– Não vou fugir! – reclamou Bianca.

– Não é por isso – respondeu Zac. – Mas é porque acho que você corre perigo. Eu dei uma ordem direta para que não machucassem. Vou deixar você aqui em segurança enquanto investigo isso. Também mandarei alguém atrás dos seus amigos.

Ele saiu e Bianca ficou ali dentro daquele aposento enorme e cheio de tralhas. Assim que saiu, Zac deu ordens para os guardas.

– Ninguém entra aqui além de mim, entenderam? NINGUÉM!

Passou a chave e a levou consigo. Precisava ter uma conversa com Jurubin.

Um presente para uma fada triste

Jurubin estava comendo um pernil de alguma coisa que ele nem sabia o que era e pouco lhe importava, pois estava faminto. Quando o rei apareceu, ele se engasgou, acreditando ter levado a moça errada.

– Jurubin, acompanhe-me! – ordenou o rei.

O troll limpou as mãos nos pelos do corpo e seguiu atrás de sua majestade. Entraram por um corredor e o rei abriu uma porta. Era uma sala tosca como todas as outras onde guardavam coisas pilhadas que ninguém queria (sim, os trolls também são acumuladores, dentre outras coisas).

– Você voltou sozinho – disse o rei. – O que houve com Task e Boldan?

– Sucumbiram, majestade... – respondeu Jurubin.

– A que?

– Quando achamos a moça, havia mais humanos com ela. Dois eram homens armados com quem Task e eu brigamos. Matamos um, mas Task perdeu a cabeça.

– Ele fez alguma loucura? – perguntou o rei.

– Não, majestade, ele perdeu a cabeça mesmo! O homem negro o decapitou com um facão que ele pegou numa carroça.

– Hum... E Boldan?

– Então! Aí eu fui atrás dos humanos que fugiram e, seguindo a trilha, achei o corpo de Boldan. Não sei quem ou o que o matou, mas talvez tenham sido os humanos que perseguíamos.

O rei se virou, caminhando um pouco entre um velocípede da Estrela e um órgão da Atma.

– Alguém lhe deu uma ordem diferente da minha, Jurubin? Sobre trazer a menina viva?

– Não, majestade! Não que eu me lembre!

– Sabe se Boldan comentou alguma coisa estranha com vocês?

Jurubin baixou os olhos e colocou a mão no queixo, fazendo um beijo. Era assim que ele ficava quando pensava.

– Não, majestade! Ele não comentou nada depois que conversou com Kajinski.

Zac arregalou os olhos, confirmando suas suspeitas.

– Está bem, Jurubin – disse, enfim. – Você fez um ótimo trabalho.

O troll riu, feliz com a aceitação.

– Pode voltar a comer. Darei ordens para que você possa comer e beber tudo o que quiser por três dias!

Jurubin ficou tão feliz que deu um salto e fez alguns barulhos estranhos. Então saiu correndo. O rei sorriu, contagiado pela felicidade do troll. E então ele pensou. Por que estava feliz? Não era ele que ia comer e beber a vontade – embora pudesse. Ficou pensando em algumas coisas, antes de sair, dando alguns passos entre Aquaplays sem água, latinhas de Coca-Cola que dançam e guarda-chuvas da Madonna.

Urbain comeu a gororoba que lhe deram e bebeu a água avidamente. Percebeu que a tontura e fraqueza que sentia era fome. Sentiu-se melhor imediatamente assim que comeu. Já podia pensar em como sair daquela enrascada de novo.

Olhou ao redor com mais atenção. Aquela cela fria lhe lembrava muito a cela em que ficara em Loudun e isso fez sua coluna e nunca se arrepiarem. Galdrun lhe dissera que iria pagar. Sentou-se, preocupado. Urbain já fora torturado antes. Tinha sido uma experiência assustadora, horrível e que ele se esforçara muito para esquecer. Nunca comentava a respeito, mesmo quando Lorena entrava no assunto, porque ele nunca deixaria seu orgulho ser quebrado dessa maneira. No entanto, de vez em quando, ainda tinha pesadelos terríveis que o faziam acordar gritando e suando. Será que teria que passar de novo por aquilo?

Galdrun também dissera que o fariam recuperar o prejuízo. Isso, por incrível que pareça, não era ruim. Significava que precisariam dele vivo. E inteiro. Sentiu-se menos aterrorizado com essa possibilidade. Olhou para a cela onde a fada se escondera. A comida e a água continuavam intocados. Foi até a grade.

– Leanan? – chamou ele.

Ela não respondeu.

– Vamos, Leanan... – insistiu. – Precisa comer...

– Estou horrível... – lamentou-se ela lá de dentro.

– Não está, não. Você é linda. Aqueles idiotas nunca viram uma mulher tão linda na vida deles!

Houve uma pausa.

– Obrigada...

Ele percebeu que ela sorrisse quando dissera aquilo. Mas ainda não pegara a comida.

– Façamos um trato! – disse ele. – Eu lhe darei uma coisa! Se você gostar, come a comida!

– O que você pode me dar estando preso aí dentro? – perguntou ela.

Urbain deu sua risada contagiante.

– Você que é uma fada deveria saber que há coisas que ninguém pode tirar da gente, que nenhuma grade pode deter, que nenhum grilhão pode aprisionar! Então? Aceita a minha proposta? Lhe darei algo. Se não gostar, não come. Mas se gostar, vai comer essa deliciosa iguaria de prisão para ficar mais forte.

Houve mais uma pausa e ele teve certeza de que venceria pela curiosidade, comum não por ela ser uma fada, mas por ser uma mulher.

– Está bem! Trato feito.

Urbain sorriu e ele não sabia, mas de seu canto escuro, o coração da fada se iluminou ao ver aquele sorriso. Ele encostou-se à parede e procurou na memória o presente perfeito para aquele momento. Então começou.

As fadas... eu creio nelas!

Umas são moças e belas,
Outras, velhas de pasmar...
Umas vivem nos rochedos,
Outras, pelos arvoredos,
Outras, à beira do mar...

Algumas em fonte fria
Escondem-se, enquanto é dia,
Saem só ao escurecer...
Outras, debaixo da terra,
Nas grutas verdes da serra,
É que se vão esconder...

O vestir... são tais riquezas,
Que rainhas, nem princesas
Nenhuma assim se vestiu!
Porque as riquezas das fadas
São sabidas, celebradas
Por toda a gente que as viu...

Quando a noite é clara e amena
E a lua vai mais serena,
Qualquer um as pode espreitar,
Fazendo roda, ocupadas
Em dobar suas meadas

De ouro e de prata, ao luar.

O luar é os seus amores!
Sentadinhas entre as flores
Ficam-se horas sem fim,
Cantando suas cantigas,
Fiando suas estrigas,
Em roca de oiro e marfim.

Eu sei os nomes de algumas:
Viviana ama as espumas
Das ondas nos areais,
Vive junto ao mar, sozinha,
Mas costuma ser madrinha
Nos batizados reais.

Morgana é muito enganosa;
Às vezes, moça e formosa,
E outras, velha, a rir, a rir...
Ora festiva, ora grave,
E voa como uma ave,
Se a gente lhe quer bulir.

Que direi de Melusina?
De Titânia, a pequenina,
Que dorme sobre um jasmim?
De cem outras, cuja glória
Enche as páginas da história
Dos reinos de el-rei Merlim?

Umas têm mando nos ares;
Outras, na terra, nos mares;
E todas trazem na mão
Aquela vara famosa,
A vara maravilhosa,
A varinha de condão.

O que elas querem, num pronto,
Fez-se ali! Parece um conto...

Mesmo de fadas... eu sei!
São condões, que dão à gente
Ou dinheiro reluzente
Ou joias, que nem um rei!

A mais pobre criancinha
Se quis ser sua madrinha,
Uma fada... ai, que feliz!
São palácios, num momento...
Beleza, que é um portento...
Riqueza, que nem se diz...

Ou então, prendas, talento,
Ciência, discernimento,
Graças, chiste, descrição...
Vê-se o pobre inocentinho
Feito um sábio, um adivinho,
Que aos mais sábios vai à mão!

Mas, com tudo isto, as fadas
São muito desconfiadas;
Quem as vê não há de rir,
Querem elas que as respeitem,
E não gostam que as espreitem,
Nem se lhes há de mentir.

Quem as ofende cautela!
A mais risonha, a mais bela,
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
É inimiga agressiva,
É serpente que ali está!

E têm vinganças terríveis!
Semeiam coisas horríveis,
Que nascem logo no chão...
Línguas de fogo, que estalam!
Sapos com asas, que falam!
Um anão preto! um dragão!

Ou deitam sortes na gente...
O nariz faz-se serpente,
A dar pulos, a crescer...
É-se morcego ou veado...
E anda-se assim encantado,
Enquanto a fada quiser!

Por isso quem por estradas
For, de noite, e vir as fadas
Nos altos, mirando o céu,
Deve com jeito falar-lhes,
Muito cortês e tirar-lhes
Até ao chão o chapéu.

Porque a fortuna da gente
Está às vezes somente
Numa palavra que diz.
Por uma palavra, engraça
Uma fada com quem passa
E torna-o logo feliz.

Quantas vezes já deitado,
Mas sem sono, inda acordado
Me ponho a considerar
Que condão eu pediria,
Se uma fada, um belo dia,
Me quisesse a mim fadar...

O que seria? Um tesoiro?
Um reino? Um vestido de oiro?
Ou um leito de marfim?
Ou um palácio encantado,
Com seu lago prateado
E com pavões no jardim?

Ou podia, se eu quisesse,
Pedir também que me desse
Um condão, para falar

A língua dos passarinhos,
Que conversam nos seus ninhos...
Ou então, saber voar!

Oh, se esta noite, sonhando,
Alguma fada, engraçando
Comigo (podia ser?)
Me tocasse co'a varinha
E fosse minha madrinha,
Mesmo a dormir, sem a ver...

E que amanhã acordasse
E me achasse... eu sei! Me achasse
Feito um príncipe, um emir!...
Até já, imaginando,
Se estão meus olhos fechando...
Deixa-me já, já dormir!

Houve um silêncio. Urbain deixou o sorriso em seu rosto ficar ali por mais um tempo. Ele lera tantas vezes essa poesia de Antero de Quental para Bianca quando pequena que a decorou. Juntou-a ao seu acervo mental de poesias que faziam ninho em seu coração. Lembrou da pequenina com olhos brilhantes ouvindo com atenção cada palavra, surpreendendo-se com o mundo das fadas. “Talvez tenha sido um tipo de presságio...”, pensou ele.

E então ele viu a mãozinha branca sair da escuridão da cela em frente e pegar o prato de mingau.

Humanidade

O rei voltava para seus aposentos quando deu de cara com Kajinski batendo boca com os guardas na frente do seu quarto.

– Majestade! – disse Kajinski, fazendo uma reverência breve. – Esses idiotas não me deixam entrar em seus aposentos!

– Eu sei – respondeu secamente de braços cruzados. – Foram ordens minhas!

Kajinski observou que os olhos de seu rei estavam diferentes. Observou as garras em suas mãos, mais claras, mais parecidas com unhas.

– Podemos falar, majestade? – perguntou Kajinski, abaixando a cabeça.

– Devemos! Mas não aqui. Venha.

O rei saiu e Kajinski ainda deu uma última olhada para a porta fechada, com a certeza do que ela guardava.

Caminharam pelos corredores iluminados por archotes nas paredes.

– Soube que Jurubin voltou... – comentou Kajinski.

– É, ele voltou.

– E trouxe o que vossa majestade pediu?

O rei o olhou de lado, deixando clara sua desconfiança.

– Trouxe.

– E os outros? Task e Boldan? Não voltaram ainda?

– Não.

Chegaram a uma porta de madeira escura que o rei abriu. Entraram e era uma sala de reuniões no mínimo peculiar. Tinha uma grande mesa de madeira rústica no meio. Os pés eram troncos de árvores. Havia pedaços de tronco que serviam como cadeiras e um mapa carcomido pendurado na parede, acima de uma cadeira melhor talhada e mais imponente.

– E nem vão voltar.

Kajinski olhou surpreso para o rei que o olhava nos olhos.

– Estão mortos.

– Mas isso é...

– Você mandou Boldan matá-la.

Kajinski engoliu o resto da frase e paralisou. O rei continuava olhando para ele, talvez esperando uma resposta, embora aquilo não tivesse sido uma pergunta.

– Mandei, majestade...

Kajinski baixou a cabeça. Viu que não poderia mentir. O rei não era um apatetado desmiolado como a maioria dos trolls. Ele já sabia e tentar ocultar a

verdade só iria piorar a situação.

A aparente calma do rei desapareceu de repente e ele bateu na mesa e gritou.

– Mesmo que eu tenha dado ordens expressas para não feri-la!!!

– Mas foi para o seu bem, majestade... – continuou Kajinski.

O rei avançou para cima de Kajinski, as asas abertas como a sombra da morte. Suas mãos encontraram o pescoço de seu conselheiro, imprensando-o em cima da mesa.

– Você pensa que eu sou seu brinquedo?! Acha que pode me desafiar assim?!

E Kajinski viu novamente os olhos do rei brilharem do jeito que ele queria.

– Essa menina será sua perdição, majestade! – disse Kajinski, se engasgando. – Ela o leva para um mar de ilusão, tentando fazê-lo ser o que não é!

O rei largou o pescoço do conselheiro e viu que suas unhas estavam mais uma vez escuras. Kajinski tossiu e foi se levantando devagar.

– Essa é a sua natureza... – disse. – Por que quer renegá-la?

O rei se afastou, ficando de costas para ele. Kajinski caminhou lentamente até o mapa.

– Este é o mapa do tempo de seu pai. A Corte Unseelil tinha domínio por todas essas regiões. Todos nos temiam e podíamos pegar o que quiséssemos de qualquer um. Podemos voltar a ser como antes! Só depende de você, Zayn.

Aquele nome fez a cabeça de Zac girar. Ouviu aquele nome muitas vezes. Olhou para a cadeira que ostentava alguns entalhes. Sentou-se no degrau ao pé dela e passou a mão no entalhe onde trolls levavam um homem pelos ares. Viu a si mesmo como um ser pequeno, sentado ao pé da cadeira onde seu pai dava ordens. Na frente dele, trolls riam e falavam sobre já terem o pagamento para o dízimo. Saiu de seu devaneio com a voz de Kajinski ao seu lado.

– Era aí que seu pai se sentava e planejava os ataques – disse. – Você se sentava ao pé dele quando criança. Depois, você e seu irmão passaram a acompanhar a Corte e a trazer ouro para aumentar o tesouro do rei.

O rei se levantou e tonteou. Colocou a mão na cabeça, sentindo uma pontada.

– Está bem, majestade?

– Nunca mais contradiga uma ordem minha! – vociferou o rei, voltando a ficar de pé. – Não me interessa se você acha que é o melhor, da próxima vez que você fizer algo assim, eu mesmo arranco sua cabeça!

E então ele saiu, deixando Kajinski sozinho.

Bianca já tinha estudado todo o aposento. Ali tinha achado uma espada que seu pai usou muito bem na fuga, da primeira vez que ali estiveram. Remexeu no mesmo baú e achou algumas coisas, como taças de ouro e prata, um caldeirão de cobre, tecidos e joias. Achou um vestido seco. Era bonito, vermelho e marfim, e também achou um manto negro de veludo. Tirou seu vestido molhado e trocou de roupa, antes que pegasse uma pneumonia. O vestido era um pouco mais comprido que ela, mas caiu bem. Voltou ao baú e encontrou um pequeno cordão de criança com um pingente em forma de fada. O primeiro pensamento que veio à sua mente foi pegá-lo para dar à Eileen e, um segundo depois, a tristeza caiu sobre ela como um balde de neve. Ficou pensativa, sentindo uma enorme vontade de chorar, quando a porta se abriu.

O rei entrou e foi até ela.

– Vamos fazer o que você disse! – falou ele, com certo ânimo. – Vamos mandar buscar sua amiga e usar o pó mágico que você falou.

Bianca concordou com a cabeça e voltou a olhar para a pequena joia nas mãos.

– Você não está feliz? – perguntou ele. – Não era isso que queria?

– Era! – respondeu ela. – É que lembrei de algo que me entristeceu.

– Pois diga! Mandarei açoitar quem a deixou triste!

Bianca deu um sorriso triste.

– Temo que isso não seja possível... Ninguém açoita a morte.

Ele se sentou de frente para ela.

– Nós conhecemos uma fadinha. Você salvou a vida dela. A Corte Unseelil tinha arrancado as asas dela, mas, contra tudo o que todos acreditavam, as asas voltaram a nascer, mas ela nunca mais voou. Ela era linda, sabe? Uma princesinha, de cabelos encaracolados, rostinho de anjo e fazia pequenas magias. Foi a magia dela que me salvou quando você... Bem, eu a amava. Nós a amávamos...

– O que houve com ela? – perguntou ele, temendo que seus trolls tivessem algo a ver com o desfecho daquela história.

– Ela morreu – disse Bianca, com um nó na garganta. – Ela estava escondida numa casa em que homens maus tacaram fogo. Por isso estou triste...

Uma lágrima desceu pelo rosto dela. E depois outra. O rei parecia não saber o que fazer, ficando ali na sua frente sem reação nenhuma. Até que ele estendeu a mão e suavemente limpou a lágrima de seu rosto.

– Fadas não morrem. Só adormecem para acordar em uma flor que desabrocha numa futura manhã.

Ela olhou para ele, surpresa pelas palavras bonitas e principalmente pelo seu tom de voz. Então ela percebeu que ele estava olhando atônito para sua própria

mão. Ela pegou sua mão e observou enquanto as garras negras viravam unhas humanas perfeitamente normais.

Urbain ficou feliz em ver a fada devolver o prato vazio e depois beber toda a água do copo.

– Há quanto tempo está aqui? – perguntou ele.

– Semanas, acho...

– O que é esse lugar? Uma prisão?

– Um tipo de prisão. É onde eles mantêm seus escravos. Você deve ter dado trabalho. Aqui é onde colocam os que consideram perigosos...

Urbain sorriu orgulhoso. Era bom ser considerado perigoso.

– Por que não vem para a luz? – chamou ele.

A fada se aproximou e dessa vez ele ficou de queixo caído. Os cabelos ondulavam sobre os ombros, o rosto tinha uma perfeição de boneca e os lábios rubros eram cheios. Os olhos eram azuis e brilhavam como a Lua no mar.

– Nossa! O que aconteceu? Você está linda!

Ela sorriu daquele jeito que só as mulheres bonitas sabem sorrir.

– Eu sou uma musa – explicou ela. – Eu dou inspiração aos artistas. Porém, enquanto estiver com essas algemas, não tenho meus poderes e fico vulnerável às palavras que me atiram. Se me dizem coisas cruéis e horríveis, elas se refletem na minha aparência. No entanto, se me dizem palavras de amor e beleza, elas se refletem em mim também.

Urbain estava pasmado, admirado com aquela que ele considerou a mulher mais bonita que já vira. Precisou se forçar a sair daquele encanto e voltar a se concentrar no problema que tinham.

– Leanan, eu quero sair daqui. Tenho esposa e filha e a última coisa que quero é ficar na mão de alguém que tem a clara intenção de me machucar.

– Como já aconteceu antes, não é?

Ele se surpreendeu.

– Como sabe?

– Meus poderes de visão mística estão embaçados. Mas consigo ver alguns vislumbres e vi um pedacinho do seu passado enquanto você pensava nele, assim que acordou. Eu sinto muito o que lhe fizeram...

Urbain agradeceu com um leve aceno de cabeça, um tanto constrangido de ter revelado o que teve tanto trabalho para esconder nas profundezas de sua alma.

– Mas você dizia que tem um plano... – voltou ela, encostando o rosto perfeito na grade fria.

– Bom, estou trabalhando nisso... Por enquanto, preciso de informação. O que você pode me dizer sobre esse lugar?

Durante as horas daquela noite, Urbain e Leanan conversaram. Sentados no chão, ele fazia perguntas e ela respondia o que sabia. Aquela era a prisão de uma grande arena onde escravos lutavam, como nas velhas arenas romanas. Não só humanos, mas também seres encantados eram jogados na arena para deleite e lucro de outros seres, humanos e encantados. Poderia levar semanas até que o levassem, ou poderiam levá-lo no dia seguinte, não havia como saber. Tudo dependeria do oponente certo.

– Por que você está aqui? Não vão jogá-la na arena, vão?

Leanan fez uma pausa, olhando o chão por um momento.

– Estou aqui há semanas... Não sei o que planejam para mim na arena, mas posso garantir que não é nada bom...

Urbain só podia imaginar que era algum tipo de espetáculo mórbido, como quando jogavam criancinhas aos leões nos tempos antigos.

– Não se preocupe! Nós vamos sair daqui!

Ela o olhou e sorriu. Então, continuou contando o que sabia, até que, exaustos, dormiram um pouco, cheios de planos e esperanças.

Aprisionados

Analice e Bran foram devidamente escoltados até o palácio, onde o rei em pessoa quis vê-los. Foram levados até sua presença real, onde seu filho, o príncipe também estava.

– Vocês sabem do paradeiro da princesa Maeve e do traidor que a raptou?

Bran e Analice imediatamente se olharam, vendo que não era bem essa a história.

– Não, senhor! – respondeu Analice. – Nós não fazemos a menor ideia!

– Mentirosos!!! – gritou o rei, batendo no braço do trono. – Vocês sabem de alguma coisa! Provavelmente até os ajudaram!

O capitão da guarda falou que estavam no encalço da princesa quando os encontraram, o que só piorou sua situação. O rei perguntou de novo e como não houvesse resposta, mandou que os jogassem no calabouço até que refrescassem suas memórias.

Assim que foram jogados na cela escura, Bran disparou:

– Eu falei que isso não ia dar certo!

Analice não disse nada. Deu uma volta pela cela, onde só havia feno no chão. Na parede de frente para a cela havia uma pequena janela com grades por onde a luz da lua passava.

– Temos que contar ao rei a verdade – disse Bran.

– Não podemos! – virou-se Analice.

– E o que vamos fazer? Apodrecer aqui?

– Não, precisamos levar o pó do espelho das almas para Bianca, salvar Zac, impedir uma guerra e achar a família dela. Temos muita coisa para fazer ainda.

– E o que você sugere?

– Calma! Estou pensando!

Analice andou pela cela de novo.

– Pare de olhar pra mim! – reclamou.

– O quê?

– Não consigo pensar com você olhando para mim desse jeito! É muita pressão!

Bran jogou os braços para o ar e virou-se para a parede. Analice começou a andar de novo. Ela andou de novo e de novo, e deu muitas e muitas voltas na pequena cela, até que finalmente disse:

– Tive uma ideia... – Você tem razão! Vamos contar a verdade ao rei!

A noite não foi bem dormida, pois tudo o que pensavam era em sair daquela cabana assombrada. Assim que o primeiro raio de sol surgiu, eles levantaram acampamento e saíram dali a galope, sem exagero.

Mais à frente, diminuíram a velocidade e voltaram ao trote normal para não exaurir os cavalos. Lorena ia em seu cavalo com Eileen, pensando sobre os perigos daquele lugar. Esperava que Bianca soubesse se virar.

– Parece preocupada.

Ela olhou para o lado e viu Pé de Vento. Era um rapaz muito bonito, com cabelos compridos e rosto angulado que lembrava muito um índio americano. Marcos e Marcel iam mais a frente, conversando entre si sobre algo relacionado à diferença entre biscoito e bolacha.

– Você parece um índio apache – respondeu ela.

Ele riu.

– É isso que a preocupa?

E foi a vez dela de rir.

– Não, não é isso que me preocupa. É que este lugar tem tantos perigos!... Estou preocupada com a minha filha. Ela está por aí sozinha. Ela e o meu futuro genro.

Pé de Vento já tinha ouvido a história em várias partes de Marcos, Marcel e até mesmo de Eileen. Ele sabia quem era Bianca, Zac e da aventura pregressa deles.

– Pelo que eu ouvi, sua filha e seu futuro genro se viram muitíssimo bem – respondeu ele.

Lorena foi obrigada a concordar. Não tiveram tempo de ouvir toda a aventura de Bianca, mas pelo pouco que ela falou, ela passara por muita coisa e conseguira voltar em um só pedaço.

– Confie um pouco mais nela – aconselhou Pé de Vento. – Afinal, preocupar-se não vai ajudar em nada.

– Tem razão. Vamos falar de outra coisa. Qual a sua história?

O rapaz a olhou surpreso.

– Bom, eu nasci, eu cresci e agora estou aqui!

– Você é bom em resumir coisas, mas tenho certeza de que tem bem mais para contar!

Pé de Vento abriu um belo sorriso e então contou sua história.

Quando criança, ele gostava de correr e brincar nos bosques. Sua mãe não tinha problemas com isso, mas não permitia que ele chegasse perto do riacho. Ela

dizia que uma donzela iria buscar seu filho e levá-lo para longe. Emenik, no auge dos seus 12 anos, não acreditava muito nisso, mas para não perturbar a mãe, que afinal era uma mulher muito boa, mantinha sua promessa de não se aproximar do riacho.

Ele gostava de ajudar pequenos animais. Felizmente, não havia no Reino das Fadas coisas horríveis como armadilhas e os animais viviam livres. Mas às vezes se feriam, caíam em algum buraco, ou ficavam presos em algum emaranhado de cipós. Um dia, Emenik ajudou um pássaro colorido que tinha ficado preso num espinheiro. Ele o tirou de lá e o levou para casa. Cuidou de suas feridas com a ajuda da mãe, até que o pássaro ficasse bom e pudesse voar.

Ele o levou para fora e o soltou.

A vida seguiu e quando Emenik fez 17 anos, finalmente quebrou sua promessa. Estava muito calor e ele achou que não teria problemas em dar um simples mergulho no riacho. E assim ele o fez. Nos primeiros momentos, tudo foi festa. O sol estava lindo e a água estava fresca e ele lamentou não ter feito isso antes pelo medo bobo de sua mãe. Ele mergulhou e quando voltou, havia uma donzela com ele. Ela era linda e sorria. Ele começou a conversar com ela. Queria saber quem ela era, o que fazia ali, onde vivia. Ela disse que lhe contaria tudo se ele fosse com ela.

Ele não entendeu. Então ela o pegou pelo braço e o puxou para baixo. Ele se lembrou imediatamente das recomendações da mãe e se debateu. Solto a mão dela e voltou para a superfície. Mas a ninfa voltou e tentou puxá-lo para baixo. A luta estava ferrenha, mas ele estava perdendo. Até que conseguiu se agarrar a uma pedra.

Nessa pedra havia um pássaro. O mesmo pássaro que ele ajudara anos antes. E o pássaro virou uma mulher pequena com asas, com as mesmas cores dele.

– Ouça, menino, você salvou minha vida – disse ela. – E estou aqui para agradecer.

– Tá, de nada!

E a sereia o puxou novamente para baixo. Nova luta e mais uma vez ele conseguiu escapar de seus braços e se agarrar novamente na pedra.

– Como eu ia dizendo... – continuou a mulher passarinho. – Vim aqui para lhe dar meu presente!

A ninfa saltou em cima do garoto.

– Socorro! – gritou o rapaz.

– Tome! Eis o meu presente por ter salvo a minha vida! – disse a mulher passarinho, soprando na direção do rapaz um encanto.

Emenik então sentiu algo diferente. Ele se virou e virou um tufão. A água se agitou e afastou a ninfa, que nadou para longe assustada. Ele se ergueu acima da

água e percebeu que tinha virado um vento nervoso, girando em espiral contínua. Assustado, ele parou, e caiu na água com grande barulho.

O pássaro voou sobre sua cabeça.

– Estamos quites agora!

– E foi assim que Emenik virou Pé de Vento! – terminou ele.

A essa altura, Marcel e Marcos também estavam prestando atenção.

– Nossa! Que história legal! – Marcos pegou um caderninho e uma caneta e começou a anotar algo.

– O que está fazendo? – perguntou Marcel.

– Anotando as coisas incríveis deste mundo! Quando sair daqui, vou escrever um roteiro! Ou um livro! Ou os dois!

Marcel meneou a cabeça com mais um dos planos para enriquecer de Marcos.

– E como você foi parar no mercado de escravos? – perguntou Marcel.

– Ah... Essa história não é tão bonita... – disse Pé de Vento, que agora sabiam se chamar Emenik.

Eu estava longe de casa, levando milho para vender na cidade vizinha. Me emboscaram e quando vi, estava a caminho do mercado de escravos.

Pé de Vento explicou que a escravidão não era uma prática tão incomum no Reino das Fadas, mas estava crescendo. Se antes ficava restrita a certas regiões mais dominadas por trolls e goblins de má índole, agora acontecia em qualquer lugar.

Com a conversa, nem perceberam quando chegaram a uma pequena cidade, onde poderiam comprar provisões para o restante da viagem, o que fizeram rapidamente. Comeram um pouco e seguiram viagem, rumo ao que chamavam de Cidade Obscura, onde havia ao menos três arenas, sendo uma a maior. Era onde Pé de Vento achou que Urbain estaria. E os outros acreditavam que era uma boa aposta.

Às vezes, as escolhas são poucas.

A surpresa de ver suas mãos como as de um humano fez o rei passar alguns minutos apenas as observando, como se não acreditasse no que seus olhos viam.

– Eu lhe disse! Você é um humano!

Ele olhou para ela.

– Você tem um estranho efeito sobre mim.

Ela sorriu, feliz.

– Não sei se isso é bom!

Ela desfez o sorriso.

– Meu conselheiro, Kajinski, acha que você faz parte de algum tipo de ilusão.

O nome soou algum sino na cabeça de Bianca.

– Kajinski? – perguntou ela. – Eu conheço esse nome! Lembrei!!! Era o troll esquisito que mandou te sequestrar e tentou te manipular como rei!

Como já tinha ouvido a história toda, ele sabia do que ela estava falando, mas isso também poderia ser um truque.

– Precisamos do pó do espelho das armas.

– Almas!

– Isso – continuou ele. – Mas não sei se mandar algum troll será seguro. Kajinski já mandou um dos meus trolls te matar. E esses trolls são uns estúpidos!

– E se nós fôssemos lá buscar o pó?

Aquela ideia pareceu surreal pela expressão do rosto dele.

– Não podemos!

– Claro que podemos! Você é o rei! Você pode qualquer coisa! – insistiu Bianca. – A menos que você tenha alguma coisa mais importante na sua agenda...

– Eu ia invadir o castelo de Asram! – lembrou ele.

Bianca arregalou os olhos e o pegou pelos ombros.

– Zac, pelo amor de Deus, colabora!!! Você não pode matar ninguém! Se você derramar sangue, se tirar a vida de alguém, ficará preso nessa forma por toda essa vida!

– Preciso pensar em tudo isso... – disse ele, saindo.

Bianca foi atrás, mas ele a impediu.

– Você fica aqui.

– Por quê?

– Porque é muito difícil pensar com você por perto.

E saiu, deixando Bianca sozinha de novo.

Caminhou pelos corredores escuros até achar a saída da colina encantada. Voou pelo céu escuro onde a lua imperava. Olhou as montanhas ao longe, o brilho de pequenas fadas fazendo danças em círculos em uma colina, as florestas que ganhavam um tom azulado com a lua. Tudo aquilo lhe parecia familiar, mas distante. Ele sentia falta de alguma outra coisa, de algum outro lugar. Se a humana estivesse certa, ele poderia ser outra coisa, algo além de um troll cheio de ódio e rancor. Ele olhou na direção do castelo de Asram. Naquele momento, não tinha mais tanta raiva dele. Não a ponto de começar uma guerra. O que mudara?

Olhou para suas mãos e viu unhas comuns.

Voou ainda mais alto, sentindo que aquilo fazia parte dele tanto quanto respirar. Passou por rios e planícies, até chegar à Colina dos Amores Perfeitos. Pousou no alto de uma torre do castelo. Estava escuro e ele estava sozinho. Não foi difícil passar despercebido. Cercou a torre, procurando uma entrada. Esquivou-se de um guarda que estava concentrado no que pudesse vir lá de fora. Deu a volta pelo outro lado e andou silenciosamente pelo telhado que ligava uma torre a outra. Esquivou-se de mais um guarda e finalmente achou uma janela. Não uma janela qualquer, mas a janela da qual ele precisava.

O luxuoso quarto estava na escuridão. Já era muito tarde e elfos, assim como humanos, não tinham hábito de trilhar os caminhos da lua. Zac se aproximou da cama onde Asram dormia. Poderia terminar com tudo ali mesmo.

Asram acordou com uma mão tapando sua boca. Debateu-se assustado como qualquer um que fosse acordado dessa maneira. Viu Zac diante dele fazendo um sinal de silêncio com uma mão enquanto tapava sua boca com a outra.

– Não vim machucá-lo! – disse Zac. – Só vim conversar.

Vendo que Asram parara de se debater, embora mantivesse o ar desconfiado, Zac retirou a mão.

– Você é burro ou louco? – perguntou o elfo.

– Os dois, eu acho. Eu vim conversar sobre essa guerra.

– Guerra que você começou! – acusou Asram. – Atacando minhas plantações e comprometendo a alimentação do reino!

– Eu comecei?! – indignou-se Zac. – Você começou quando nos traiu! Quando me torturou para conseguir o que já era seu! Olhe no que eu me transformei! Eu sou fruto de sua ambição desmedida!

– Você só se transformou no que já era por dentro! – respondeu Asram, aumentando o tom de voz. – Uma vez um monstro, sempre um monstro!

Zac não respondeu. Não podia dizer o quanto aquelas palavras o feriram.

– Eu vim pedir que suspendêssemos essa guerra... – disse, com voz rouca. – Mas estou vendo que isso não é possível...

Asram se inclinou para ficar mais perto dele.

– Eu vou destruir você e todos da sua raça. Vocês são a corrupção desse mundo. Nada de bom pode vir de coisas como você! Volte para seu covil, abominação, e aproveite seus últimos momentos! GUARDAS!

Zac teve vontade de estrangulá-lo ali mesmo, mas não o fez. Virou-se e saltou pela janela no instante em que a porta do quarto se abriu com guardas entrando correndo.

Ainda lançaram algumas flechas, mas nenhuma nem passou perto. Ele saiu incólume. Ou quase. Seus olhos brilhavam com lágrimas que o vento secava na fonte.

Voou de volta à colina encantada onde a Corte Unseelil se reunia. De longe, era apenas uma grande colina, mas se soubesse onde, poderia encontrar a porta e veria um outro mundo acontecendo lá dentro.

Ele voltou aos seus aposentos onde Bianca estava. Ela estava dormindo e ele se aproximou dela com cuidado. Tirou uma mecha do seu rosto e ela acordou. Sorriu ao vê-lo, achando que iriam partir para encontrar Analice e Bran. Mas ele a segurou.

– Vou mandar escoltá-la para fora daqui.

– O quê? – ela ergueu o tronco, recostando-se na parede onde tinha um tapete pendurado atrás da cama no lugar da cabeceira.

– Eu pensei no que você disse – continuou ele. – Eu gostaria de ser outra pessoa. Mas não sou. Eu reuni esses trolls, eles dependem de mim. Eu prometi uma guerra e é uma guerra que eles vão ter.

Ela pegou a mão dele e não viu garras.

– Eu sei que Asram machucou muito você – disse ela. – Mas essa vingança está destruindo você, não ele.

– Não é pela vingança – respondeu ele. – Nem por Asram.

– Então por quê? Eu não entendo!

Ele tentou achar as palavras certas.

– Porque eu não aguentarei se você estiver errada.

E então ele saiu de novo.

Bianca ficou desolada. Não sabia onde tinha errado e, pior, não sabia mais o que poderia fazer.

Zac se dirigiu até um grande salão onde ele reunia os trolls para os pronunciamentos. Foi melhor deixar qualquer esperança de ser outra coisa além do que era para trás. Agora poderia continuar com sua vida e com seus planos. Ouviu

um burburinho seguido de silêncio. Estranhou e se aproximou do salão com cuidado. Alguém estava fazendo algum discurso. Se escondendo nas sombras, observou com cuidado. Era Kajinski. E estava fazendo um discurso bastante inflamado.

– Nosso rei foi corrompido pelos humanos! – dizia ele. – Nós tentamos trazê-lo de volta, mas era tarde demais. O sangue humano já o dominou. Mas ele cumpriu sua missão nos reunindo aqui e mostrando quem são nossos inimigos e qual é a nossa força!

Os trolls urraram em aprovação.

– Agora, é hora de tomarmos uma posição, irmãos! – continuou Kajinski. – Precisamos destruir a sombra humana que paira sobre nós! Há uma humana nos aposentos do rei! Iremos lá e a destruiremos! E se ele ficar no nosso caminho, saberemos de que lado ele está!

Mais urros de aprovação. O rei saiu dali e correu, ainda ouvindo Kajinski pedindo que os trolls o aceitassem como seu rei.

Bianca ficou sem saber o que fazer depois que ele saiu. Sentou-se no degrau perto do que parecia um trono e ficou lá, com o coração apertado, se sentindo sozinha. Sentiu lágrimas subirem e achou que ia quebrar, desmoronar ali mesmo, não só por aquilo, mas por tudo de errado que estava acontecendo. Então fechou os olhos e respirou fundo. Tudo tem solução. Mas não podia entrar em pânico. Já estivera em situações desesperadoras antes, e conseguira sair, porque não entrou em pânico e não desistiu.

Abriu os olhos. Não ia desistir. Era filha de Urbain e Lorena. Aquelas duas pessoas desafiaram as leis do tempo para se encontrarem. Ela mesma podia ser considerada uma pessoa impossível de ter acontecido. E, no entanto, ali estava ela, num mundo que a maioria das pessoas acredita ser pura fantasia.

Se Zac não queria ir atrás do pó do espelho das almas, ela iria. Ele ia soltá-la de qualquer forma. Imploraria a ele que não matasse ninguém até que se encontrassem de novo e iria atrás do raio do pó que ela fez o favor de deixar para trás num descuido idiota.

De repente, Zac entrou correndo e pegou o manto negro que ela encontrara e a bolsa, entregando tudo para ela.

– Temos que ir agora! – disse ele, puxando-a pelo braço.

– O que houve? – perguntou ela, sem entender nada.

– Se não formos agora, vão matar nós dois!

Perto daquela árvore, ao lado daquela pedra

Os dois guardas de sua porta tinham sido dispensados assim que ele entrou para pegar Bianca. Zac os mandara em uma missão urgente fora dali, pois não os queria contaminados com a revolução de Kajinski. A missão era procurar a Loira Sem Cabeça, uma assombração que estava causando tumulto das imediações. Os trolls não questionaram e saíram imediatamente, para seu alívio.

Saíram e correram pelos corredores. Praticamente todos os trolls estavam com Kajinski, mas não ficariam lá por muito tempo.

Zac guiou Bianca para a saída mais próxima que ele conhecia, mas era também a saída mais usada. Ouviu um burburinho e percebeu que já estavam em seu encaço.

– Estão se aproximando! – disse Bianca, ouvindo passos e grunhidos.

Zac entrou numa pequena caverna onde havia carne salgada pendurada, grãos e outros mantimentos. Não eram muito limpos nem muito organizados e justamente por isso poderiam se esconder. Ele se enfiou com ela no fundo da caverna. Usou algumas ervas penduradas para ocultá-los.

Ouviram passos e vozes. A porta se abriu, assustando Bianca. O troll caminhou pelo aposento e, de repente, as ervas foram afastadas como uma cortina e ele os viu.

Jurubin ficou olhando atônito. Bianca e Zac não disseram nada. Houve alguns segundos de silêncio e então Jurubin voltou a ocultá-los com as ervas penduradas. Outro troll surgiu na porta e viram Jurubin responder enquanto guiava o outro troll para fora.

– Não tem nada aqui!

Zac soltou a respiração que estava presa até agora.

– Melhor ficarmos aqui mais um pouco, até essa confusão passar... – sugeriu Bianca.

– Infelizmente, acho que essa confusão vai demorar a passar...

Ela queria perguntar o que aconteceu, mas achou melhor fazer silêncio. Ficaram atentos, ouvindo o movimento. Após algum tempo, o burburinho se afastou e o silêncio se fez.

– Acho que já podemos sair – sussurrou Zac.

Eles saíram da pequena reentrância onde estavam e então a porta se abriu. A cor deixou seus rostos e Bianca achou que sua alma tinha deixado o corpo. Jurubin apareceu na porta, fazendo um movimento com a mão.

– Venham!

Eles seguiram o troll por corredores escuros até uma saída menos usada. Na hora de se despedirem, o troll se virou para seu rei deposto.

– Eles disseram que sua majestade se transformou num humano... – disse ele. – É verdade?

Zac viu em seus olhos a grande necessidade que ele tinha de ouvir uma resposta sincera. Então ele mostrou as mãos, onde agora unhas humanas substituíram garras negras.

– É verdade, meu amigo – respondeu.

– Então, um troll pode sonhar em ser algo mais além de um troll? – perguntou Jurubin, com olhos brilhantes.

– Pode! – respondeu Zac. – E você já começou seu caminho para a transformação. Obrigado!

E então eles saíram pela relva no meio da noite, penetrando na floresta escura, enquanto um troll ficou na porta, observando-os, sonhando em ser algo mais.

Quando o dia nasceu, Analice usou todo o seu fôlego para chamar a atenção de algum guarda. Um jovem surgiu, querendo saber o motivo daquela algazarra toda.

– Nós queremos ver o rei! Decidimos contar a verdade!

O jovem guarda pareceu surpreso. Olhou em volta como se procurasse olhos e ouvidos alcoviteiros.

– O que exatamente vocês vão falar? – sussurrou.

– Não é da sua conta, ô fofoqueiro! – disparou logo Analice.

O guarda olhou novamente para ver se não tinha ninguém vindo.

– Pois é melhor me contarem primeiro e eu levo a notícia para sua majestade!

– Não! Só falamos com o rei! Se ele quer a princesa Maeve e o traidor, terá que nos receber e aceitar nossos termos.

Sem ter outra resposta além daquela, o guarda saiu. Menos de meia hora depois, voltou com alguém que parecia ser de patente superior. Abriram a grade e escoltaram os dois até a presença do rei.

Chegando lá, o rei, de extremo mau humor, os recebia em um café da manhã numa mesa formidável.

– É bom que vocês tenham algo de bom a dizer – disse ele, pegando leite quente. – Ou eu vou mandá-los para o calabouço ter uma conversa com meu inquisidor.

Bran engoliu em seco. Já vira o que um inquisidor podia fazer e Zac era uma prova. Inquisidor era um dos nomes usados para torturadores, presentes em muitos dos castelos e reinos daquele mundo, embora alguns reinos mais avançados tenham abolido totalmente este ofício tenebroso.

– Majestade, nós realmente vimos o casal de que nos falou – disse Analice com toda impostação de voz de que era capaz. – Não sabíamos que eram uma princesa e seu sequestrador. Mas sabemos para onde podem ter ido.

O rei ergueu os olhos, parecendo interessado.

– Muito bem – disse. – E onde eles estão?

– Eles procuravam alguma coisa perto de uma árvore.

– É uma floresta! – retrucou o rei. – Precisa ser mais específica!

– Bem, tinha uma árvore com galhos que faziam mais ou menos assim, e uma pedra à direita... – Analice começou a fazer mímicas.

– Não, a pedra ficava à esquerda – interferiu Bran.

– Tem certeza? – perguntou Analice, confusa.

– Tenho, porque do outro lado tinha aquela árvore fininha onde tinha um ninho de sargaços.

– Mas ali não era...

– Chega! – interrompeu o rei. – Vocês vão levar meus guardas até lá. E é bom que encontrem alguma coisa que valha a pena, ou vocês vão direto para o calabouço!

Pouco depois, Analice e Bran estavam na floresta, indo na direção do círculo das fadas. Só que não estavam sozinhos. Com eles, seis guardas procuravam alguma pista da princesa desaparecida e seu terrível raptor.

– Falta muito? – perguntou o Capitão, um homem alto com cabelos escuros e curtos.

– Calma, estou tentando me lembrar! – disse Analice. – Tem muita árvore aqui! Isso me confunde!

O Capitão revirou os olhos, imaginando que aquilo não daria em nada e que estavam perdendo tempo.

Bran e Analice andavam um pouco a frente deles e trocaram um olhar. Sabiam que ali tinha uma mata um pouco mais fechada onde poderiam tentar despistá-los. O plano era de repente, cada um correr para um lado e se encontrarem novamente no círculo das fadas, que os levaria para a Colina dos Amores Perfeitos. Era um plano simples e arriscado. Qualquer um dos dois que fosse pego colocava em risco a fuga do outro. Bran deixou claro que se ele fosse pego, Analice deveria seguir em frente, mas ela não concordou. Ou saíam ambos dali, ou não saía ninguém.

Os guardas se dividiram, mas eram humanos e Bran era um elfo. Elfos eram conhecidos pela agilidade e velocidade. Nenhum dos dois lhe faltava. Analice, porém, era uma humana. Mas uma humana que vencera algumas competições de corrida na sua antiga escola. Ela correu, sentindo os guardas logo atrás dela, até chegar num ponto em que só havia uma ravina que ela não conseguiria saltar.

Alguém a agarrou fortemente e a puxou para o lado, tapando sua boca. Ela foi arrastada para um buraco no tronco de uma árvore enorme e enfiada lá dentro. Só então ela conseguiu ver quem era. Era o jovem guarda que insistia em saber mais. Ele fez um sinal para ela ficar em silêncio e em seguida deu a volta na árvore, já falando.

– Nada aqui, Capitão!

Imediatamente, o Capitão e outro guarda foram na direção oposta. O guarda voltou para onde estava Analice e explicou antes que ela falasse alguma coisa.

– O homem que dizem ter sequestrado a princesa é meu amigo. Foi meu capitão e ele nunca faria isso. Vocês os encontraram, não foi?

A moça pensou por um segundo que talvez fosse uma daquelas ciladas de filme onde alguém se faz passar por seu aliado só para ter uma informação e depois te destruir. Mas também pensou que às vezes as pessoas são genuínas e nem tudo precisa ser uma conspiração.

– Nós os encontramos... – respondeu ela. – Maeve e Fergus estão bem. Apaixonados e bobos, mas bem.

O guarda sorriu.

– Vou fazer o possível para distrair meus colegas e meu capitão. Fuja com seu amigo! E se encontrarem Maeve e Fergus, digam que Edward está torcendo por eles!

Analice sorriu e abraçou o guarda num impulso, pegando-o de surpresa. Então correu na direção do círculo das fadas, rezando para que Bran tivesse conseguido fugir sem a ajuda que ela teve a sorte de receber.

Ela correu pela floresta com cuidado, parando de vez em quando para ouvir algum barulho. De fato, não ouvia nada. Chegou ao círculo de fadas e se escondeu num arbusto de flores amarelas, olhando em volta para ver se Bran aparecia.

Os segundos se passaram como se fossem horas e ela começava a ficar nervosa. Não poderia ir sem ele.

– Vamos, Bran... – murmurou. – Cadê você?...

– Aqui!

Analice gritou com o susto de alguém aparecer do nada ao seu lado.

– Droga, Bran! Minha alma saiu do meu corpo agora!

Eles correram para o círculo e esperaram um pouco. Seus pés começaram a flutuar e uma brisa perfumada os envolveu. Viram um guarda surgindo a vários metros e gritando para os outros que os tinha encontrado. Então ele e mais dois que surgiram logo atrás, correram na direção deles.

– Vai dar tempo! – disse Analice, entredentes, nervosa. – Vai dar tempo!

E então eles desapareceram bem diante dos olhos dos guardas. O primeiro chegou a tentar saltar sobre eles, mas não agarrou nada além de vento.

Poucas horas antes, Zac e Bianca corriam floresta adentro. Correram o bastante para se afastarem o máximo possível da colina encantada onde a Corte Unseelil tinha sua morada. Então, o fôlego de Bianca acabou e ela parou.

– O que aconteceu? – perguntou Bianca, recostando-se numa árvore.

– Um golpe – respondeu Zac.

Então ele lhe contou o que vira. Bianca se lembrou do tal troll.

– Eu nunca confiei nele! – disse.

Zac não respondeu. Ele olhava em volta, preocupado e confuso. Seu mundo acabara de virar de ponta cabeça.

– E agora? – perguntou Bianca. – O que você vai fazer?

Zac ainda olhou para trás, onde podia ver a colina sob a luz da lua.

– Onde você disse que poderíamos conseguir esse pó do espelho das almas mesmo?

A beleza está nos olhos de quem vê

– Você sabe voar, sabia?

Zac olhou para Bianca, tentando acompanhá-lo em uma caminhada puxada pela floresta escura.

– Sei.

Ele continuou andando, deixando-a para trás.

– Então por que não voamos? – perguntou ela, vendo que ele não entendera a ironia.

– Porque lá em cima somos um alvo. Vamos nos afastar o máximo que pudermos e esperar que eles desistam de vir atrás de nós.

Bianca parou para respirar.

– É. Parece um bom plano.

Quando achou que não estavam sendo seguidos, Zac a pegou de repente e voou, o que lhe deu um baita susto. Ele pousou com ela no alto de uma árvore gigantesca.

– Por que fez isso?! – reclamou ela, se refazendo.

– Aqui é mais seguro. Temos que ir até onde seus amigos estão e pegar o pó do espelho das almas. Onde eles estão?

Bianca pensou um pouco, mas aí olhou para baixo e ficou tonta.

– OK... – tentou se concentrar. – Da última vez que nos vimos, eles estavam muito longe, há cinco dias daqui.

– Onde? – perguntou Zac.

– Não importa! – respondeu ela. – Eles não estão mais lá!

– Como sabe? – estranhou ele.

– Porque quando nos separamos, eles estavam de frente para um círculo de fadas que os deixaria perto da Colina dos Amores Perfeitos. De lá, iríamos procurar você.

Fazia sentido. A Colina dos Amores Perfeitos era um lugar bem grande e tinha em seus arredores o reino de Asram. Do outro lado, havia uma série de colinas menores. Uma delas era a colina encantada onde Zac costumava reinar sobre a Corte Unseelil.

– Bem... – disse ele, olhando acima do ombro dela. – Há um bosque ao pé da colina onde há muitas fadas, o Bosque do Cervo de Prata. Imagino que o círculo onde entraram vá direto para algum círculo de fadas nesse bosque.

– Onde fica?

– Perto do reino de Asram...

Bianca pensou por um momento.

– Talvez ele não faça nada... – comentou.

Zac balançou a cabeça lentamente negativamente.

– Podemos esperar o pior de Asram.

Bianca pensou mais um pouco.

– Bom, pelo menos sabemos o que esperar dele.

Zac se preparou para descer com Bianca, mas ela implorou para ficarem mais alguns minutos. Estava exausta e suas pernas e pés doíam.

– Precisamos nos afastar da Corte. Se eles nos alcançarem, não teremos chance.

E dizendo isso, pegou a moça nos braços e pousou novamente no chão e continuaram a andar.

A floresta foi ficando densa e a luz da lua não mais podia iluminar o caminho. Bianca foi ficando insegura, tentando acompanhar Zac pelos sons de passos, pois via cada vez menos.

– Zac?

– Que é? – respondeu sem paciência.

– Não posso seguir você no escuro!

Ele parou e pegou na mão dela. Continuaram o caminho em silêncio.

– Puxa... – disse ela em dado ponto. – Os trolls do meu mundo são mais falantes...

Ele parou de andar, olhando-a surpreso.

– Há trolls no seu mundo?

– Ih, um monte! A maioria fica na Internet, mas sempre tem uns ao vivo e a cores também...

– O que é Internet? Um reino?

Bianca riu.

– Desculpe, Zac! Foi uma piada. Meu mundo tem coisas incríveis também, e é possível que tenha trolls como os daqui, mas devem viver muito escondidos. Mas meu mundo é de humanos. Nem sempre podem ser chamados assim, mas...

Ele ficou parado olhando para ela falando sem esboçar reação até dizer:

– Não entendo nada do que você diz.

E então voltou a andar.

Bianca tentou começar mais alguma conversa, mas estava sem fôlego. Subiram, desceram, pularam, passaram por baixo de galhos, até que finalmente

chegaram a um lugar alto. O sol estava nascendo e Bianca puxou Zac, fazendo-o parar. Ela olhava admirada para a aurora, enquanto ele continuava olhando para ela com rosto duro.

– O que está fazendo? Por que parou?

Bianca segurou suas mãos e então mostrou a vista.

– Olhe isso!

Estavam no alto de numa pequena ribanceira. Diante deles, um vale se estendia com colinas, rios, árvores e lagos. Mais a frente, no meio de uma cadeia de montanhas, o sol nascia, espalhando dourado pelo céu que deixava sua palidez cinza para se tornar azul vivo. A cada minuto, seu domínio aumentava, fazendo os rios brilharem e o verde da relva se acender. As cores ganhavam vida era tanta beleza que os olhos não conseguiam alcançar toda sua extensão.

– Não entendo – disse ele. – O que você quer que eu olhe?

Bianca se virou surpresa. Não era possível que ele não estivesse vendo o mesmo que ela.

– Zac, você não vê a beleza disso? O sol, esse vale, as cores... O amanhecer é lindo aqui! É como um quadro com cores que ainda não inventaram!

– É só o sol, Bianca! Ele nasce todos os dias. Vamos embora!

E então ele a puxou para continuarem o caminho. Bianca ficou triste, não por ela ter perdido o espetáculo do pôr do sol, mas por ele não ter sido capaz de vê-lo. Quando alguém que amamos não consegue ver a beleza que nós vemos, é como descobrir que a pessoa que você ama está cega.

Pé de Vento tinha uma enorme curiosidade sobre o mundo de onde aqueles três vieram. Suas perguntas preencheram o caminho até a Cidade Obscura. Seriam dois dias inteiros até chegar lá e a viagem estava tranquila.

– Deve ser incrível poder viajar em uma máquina voadora! – disse ele com ar de criança diante da roda gigante pela primeira vez.

Marcos deu uma gargalhada.

– Você vira vento, meu amigo! Não tem nada mais incrível do que isso!

– Mas aqui tem muitos perigos! – disse Pé de Vento.

– Ah, lá também, não se iluda! – Marcel acabou logo com as ilusões do rapaz.

Ele olhou para Lorena, como se precisasse de confirmação.

– Vocês tem homens maus lá?

– Infelizmente, temos, Pé de Vento.

Ele ficou um instante cabisbaixo, pensando.

– E são muitos?

– Mais do que nós gostaríamos – respondeu Lorena.

– São muitos! – tornou Marcel. – Centenas! Milhares! Centenas de milhares!

– Não exagere Marcel! – reclamou Marcos. – A verdade, Pé de Vento, é que há muito mais pessoas boas que ruins. O que acontece é que as ruins fazem mais barulho.

– Pois eu gostaria de conhecer seu mundo! – disse Pé de Vento. – Mesmo com as pessoas más! Parece fascinante! Especialmente isso que vocês falaram de cinema.

– Cinema.

– Isso!

No meio da tarde, fizeram a parada para se esticarem e comerem alguma coisa. Eileen ficou aos cuidados de Marcos que adorava brincar com a pequena. Ele estava fazendo um truque muito bobo com as mãos. Fingia separar um dedo do outro num pretenso truque de mágica. Fez uma grande introdução e quando finalmente separou seu polegar em dois, Eileen abriu a boca e deu um grito terrível, saindo correndo em seguida.

Marcos saiu correndo atrás dela, enquanto os outros riam do truque que saiu pela culatra.

Estavam numa planície com relva verdejante e algumas ruínas de pedras escuras. Comeram e descansaram. Havia um otimismo contagiante de que tudo ia dar certo e, pelo menos por alguns momentos, toda a preocupação tinha desaparecido. Quando terminaram, Pé de Vento foi levar os cavalos para beber água numa fonte próxima. Marcos e Eileen foram encher os cantis.

Lorena procurou por Marcel e o viu nas ruínas. Levantou-se e caminhou até ele.

– Você está bem? – perguntou ela.

Ele pareceu surpreso com a pergunta, mas Lorena sempre fora muito perceptiva.

– Estou, claro.

Ela continuou olhando para ele, como se esperasse uma continuação.

– Só quero que isso tudo termine, só isso.

Ele se encostou na parede carcomida da ruína olhando a bela vista de flores do campo amarelas que se estendiam por toda aquela área se encontrando com o céu azul pincelado de rosa e lilás.

– Não está feliz com o casamento com Oisin? – perguntou ela.

Marcel demorou um pouco para responder e então meneou lentamente a cabeça, numa negativa triste. Lorena não entendeu.

– Marcel, ela é linda!... Achei que...

– Ela não é você!

Ele disse isso olhando diretamente em seus olhos e Lorena se viu presa no espanto do inesperado.

– Eu passei todos esses anos procurando alguém, Lorena... – disse ele, voltando a olhar as flores amarelas. – Tive muitos bons relacionamentos. Talvez algumas paixões. Mas nunca amei de verdade nenhuma delas. E me pergunto se um dia ainda vou amar.

Lorena continuava em silêncio, sem saber o que dizer.

– Entende agora por que eu começo a odiar esse lugar? Ele está fazendo tudo vir à tona. Loudun se tornou real aqui. E como se não bastasse, ando sonhando com aquele lugar! O lugar onde você se encontrou e eu te perdi.

– Pensei... – Lorena começou a tentar estruturar as palavras. – Pensei que gostasse de Urbain... Ele te tem como o melhor amigo dele...

Marcel riu, não um riso debochado, mas um riso de desespero.

– Você não faz ideia do quanto tentei odiar Urbain! Desde o começo, eu olhava todos os seus defeitos com uma lupa, e tentava ignorar todas as suas qualidades. Eu me esforcei tanto que tinha momentos em que eu queria partir a cara dele! Prometi a mim mesmo que jamais cairia nesse feitiço que ele tem, nesse poder de Lestat que ele exerce sobre as pessoas!

Ele se virou para Lorena.

– Mas ele é um grande homem... E eu acabei gostando dele. Então, imagine o meu dilema. Saber que amo a mulher do meu melhor amigo...

– Marcel, eu não sei o que dizer...

Então ele a olhou longamente e se inclinou. Ela não fugiu. Seus lábios se tocaram longamente.

Lorena se lembrava do primeiro beijo de Marcel. Foi uma desgraça. Sentiu-se inadequada, frustrada e perdida. Agora, porém, foi um beijo diferente. Tinha um gosto de tristeza, de lágrima talvez. Seus lábios se separaram. Então Marcel sorriu.

– Obrigado.

– Pelo quê?

– Por me dar essa lembrança...

Então ele pegou na mão dela.

– Vamos... Vamos salvar seu marido e meu amigo!

Mundo pequeno este!

Caminhavam pela floresta, agora de dia, e Zac parecia não perceber – ou não se importar – com o cansaço de sua companheira de viagem. Bianca o observava, sempre indo na frente, determinado e distante, falando pouco e mal prestando atenção nela. Isso ficou claro quando ela tropeçou num galho e caiu. Ele se virou sem demonstrar emoção.

– Caiu?

– Não! – respondeu ela. – Sentei pra assistir ao jogo da Copa!

Ele continuou olhando para ela sem entender.

– Claro que eu caí! – respondeu ela, esperando que ele se mexesse para ajudá-la.

– Ah, tá! Então levanta! Temos que ir.

E continuou andando na frente. Bianca balançou a cabeça, horrorizada. Levantou-se e foi atrás dele.

– Um pouco de cavalheirismo não vai matá-lo, viu? – disse ela.

– Um pouco de quê? – perguntou ele distraído.

– Ah, deixa pra lá...

Bianca não queria dar o braço a torcer e dizer que estava cansada. Mas estava. Estava moída, e estava com fome, e exausta, e precisava parar.

– Podemos parar um pouco? – pediu ela, num fiapo de voz.

– Melhor continuarmos, ou seus amigos podem ir embora antes de chegarmos. Se é que já não foram...

– ZAC!

Ele se virou e percebeu que Bianca estava parada, recostada numa árvore.

– Eu não consigo mais andar – explicou ela. – Estou cansada, estou faminta e estou exausta. Então, eu lamento, se você quiser ir, te encontro lá. Eu estou parando.

E então se sentou, recostada na árvore e ofegante.

Ele pareceu hesitar, como se realmente estivesse pensando em largá-la para trás. Então continuou andando. Bianca não acreditou, mas estava tão cansada que não disse nada. Fechou os olhos por alguns minutos. Se suas forças voltassem, ela tentaria ir atrás dele. Ou não. No momento estava tão acabada que qualquer mínimo esforço parecia impossível.

De olhos fechados, ouvia os pássaros e o farfalhar das folhas das árvores. Viu ela e Analice em uma colina e milhares de balões voando acima delas em um

céu impecavelmente azul. Seus pais estavam lá. Viu Eileen rindo entre eles. Viu Zac lhe oferecendo flores lindas e dizendo:

– Coma!

Ela não entendeu. Mas ele enfiou as flores no seu nariz repetindo.

– Come logo!

E então ela acordou com Zac diante dela com um punhado de frutas nas mãos quase coladas em seu nariz.

– Coma logo para que possamos ir!

Bianca pegou uma das frutas e cheirou. Tinha cheiro de chiclete de tutti-fruti. Ele se sentou perto dela.

– Achei que tinha ido embora.

– Você disse que estava com fome. Fui buscar algo para você comer.

Ele também pegou uma fruta parecida com um cacho de amoras e comeu.

– Quando fomos ao reino de Asram pela primeira vez – disse ela, – ele não era o rei. Era um príncipe. Seus pais é que comandavam o reino.

– É mesmo? – perguntou ele sem muito interesse.

– Onde eles estão? Quer dizer, não pareciam assim pessoas maravilhosas, mas será que apoiariam o filho se soubessem que ele está tramando uma guerra?

– Talvez, se for uma guerra contra trolls – respondeu Zac. – Somos odiados por todo o lugar.

– Porque vocês também procuram, né?

Ele olhou para ela.

– Sem ofensa, Zac, mas seu povo é uma praga!

– É o que somos. É o que sabemos fazer. Sempre foi assim.

– Tá, deixa isso pra lá, eu tô cansada demais para ter um papo existencialista. Só queria saber o que houve com os verdadeiros regentes do reino.

Retomaram a caminhada assim que comeram e Bianca sentia as pernas doerem, mas compreendia a pressa. Bran e Analice já deveriam estar na floresta, indo sabe-se lá para onde, depois do atalho do círculo das fadas. Estava tão cansada que não pensou na possibilidade deles não terem entrado no círculo das fadas depois que ela foi levada pelo troll. Nem no que aconteceria se eles não estivessem por lá. Nem no que fazer se Zac não pudesse voltar a ser quem ele de fato era.

Algumas horas depois, chegaram, a floresta em que estavam acabou e viram o descampado que se estendia até a Colina dos Amores Perfeitos. Ela parecia multicolorida, e o motivo eram as milhares de flores que nela cresciam.

– Ela é linda!

E quando ela ainda admirava o lugar, Zac a pegou nos braços e levantou voo.

– Achei que não queria se arriscar a ser visto – disse ela, abraçada ao seu pescoço.

– Andar num descampado é o mesmo que voar num céu limpo. Então...

Bianca olhou lá embaixo pequenos animais correndo e a floresta de onde viera, que separava a colina enfeitada que era a morada dos trolls da Colina dos Amores Perfeitos. Do outro lado dessa colina era o reino de Asram, composto em sua maioria por elfos e humanos. De fato, Bianca não se lembrava de ter visto outros seres encantados por lá.

Bianca olhou Zac, tão perto dela e, ao mesmo tempo, tão distante. Ele se virou e deu de cara com o rosto da menina a alguns centímetros do dele.

– O que está olhando? – perguntou.

– Você, oras!

Bianca percebeu que ele começou a ficar sem graça e ela se divertiu com isso. Ela desejou muito dar um beijo nele e transformar aquela na cena mais romântica de sua vida inteira. Mas da última vez que tentou, foi um fracasso. Então ela se contentou em viver aquele momento.

Chegaram ao alto da colina. Zac colocou Bianca no chão e caminhou para ver melhor a área que os cercava. Bianca se deparou com o lugar mais colorido e florido que ela já vira na vida. Perfumes diferentes se elevavam, tornando o ambiente doce. As flores pareciam ter flores de outras cores nelas e Bianca se inclinou para observar uma melhor. Nisso, Zac se virou para falar alguma coisa e bateu suas enormes asas de morcego. Imediatamente, dezenas de milhares de borboletas voaram numa reação em cadeia. Tinham todos os tamanhos e todas as cores e voavam em torno deles, suas asas brilhando com o sol. Bianca sorriu e abriu os braços, num giro gracioso e lento, deixando que as borboletas voassem em volta dela.

E depois de alguns minutos vivendo esse momento de encanto e doçura, ela percebeu que Zac estava de pé diante dela, a apenas alguns passos, olhando-a fixamente. Ele ia dizer algo, mas ela o interrompeu.

– Por favor, Zac! Não venha me dizer que são apenas insetos!

Ele não disse nada, mas continuou olhando para ela com um olhar estranho. Então ele deu um leve sorriso.

– Eu só ia dizer que você está muito bonita...

Ela ficou atônita, as borboletas ainda a circulando, os cabelos balançando algumas mechas com a brisa perfumada, a saia do vestido acompanhando o movimento das flores. Ela sorriu, sem perceber que também ruborizou.

E então as borboletas foram pousando nas flores ou indo embora, rareando, ficando apenas algumas a voar em torno deles. Ela caminhou até ele e olhou a vista estonteante. Reconheceu de imediato a antiga cidade de Analice, onde ela e Sacti

causaram alvoroço ao pousar quando levaram Zac quase morto e pediram ajuda. Zac, ao lado dela, apontou para um bosque cor de cobre e ouro a alguns quilômetros do reino.

– Seus amigos devem ter saído ali, se passaram mesmo pelo círculo das fadas. Claro que daqui parece uma área bem menor. Ainda teremos que andar bastante quando chegarmos ao bosque, pois círculos de fadas costumam ficar mais escondidos.

– Podemos perguntar para uma fada! – disse Bianca.

Zac riu.

– Claro! Se encontrarmos uma que não saia voando desesperada assim que me vir!

– Suas asas não recolhem? – perguntou Bianca.

Ele a olhou sem entender.

– Quando você era um anjo, estava sempre recolhendo suas asas.

– Não faço ideia do que você está falando.

– Tá, deixa pra lá. Podemos ir voando daqui até o bosque?

Zac olhou, preocupado com as imediações.

– Há seres encantados ao pé dessa montanha. E Asram mantém guardas em suas torres. Elfos têm uma visão muito boa, poderiam nos avistar.

– OK... – conformou-se ela. – Viação canela, então.

– O quê? – perguntou ele, sem entender.

– Deixa pra lá...

Lorena temia que o caminho até a Cidade Obscura fosse desconfortável. Ela ainda estava digerindo o que acontecera nas ruínas lá atrás e receava que Marcel se tornasse... diferente.

E, de certa forma, ele se tornou. Marcel estava mais falante e parecia mais leve, como se tivesse tirado um peso dos ombros. Lorena se perguntava como ele pudera viver todo aquele tempo com tamanha dor. Ela também se lembrava de que não fora o primeiro grande amor de Urbain. Ele amava Madelaine. Talvez, se ela não tivesse tido aquele trágico e inesperado fim, ela nunca tivesse tido sua chance. Como Marcel, talvez os visitasse frequentemente e ajudasse a criar seus filhos, sem nunca dizer o que ia em seu coração.

Os caminhos do coração são íngremes. E complicados. Todos precisamos aprender a lidar com esses caminhos, pois são eles que nos levam ao destino final. Marcel escolheu ficar perto do amor de sua vida e se tornar parte do mundo dela. Ele poderia ter escolhido desaparecer, como fazem tantos amores perdidos por aí.

Mas ele escolheu ficar ao lado dela e aceitar a amizade de Urbain, o que também é uma forma de amor. Para isso, não bastava ter um coração grande, mas também um coração nobre e forte.

Lorena pensava nisso tudo enquanto via Marcel rir com as bobagens de Marcos e Pé de Vento. Ela nunca tinha percebido que grande homem ele era, e que coração encantadoramente belo ele tinha. Seus olhos se cruzaram e ela não desviou. Ela lhe sorriu e entrou na conversa.

Antes do fim daquele dia, eles se depararam com algo que não estava no mapa.

– Por que tem uma cidade aqui? – perguntou Marcel, confuso olhando o mapa. – Essa é a Cidade Obscura?

Pé de Vento também parecia confuso.

– Pode ser que nem as favelas lá no Rio, gente – explicou Marcos. – Você passa de dia não tem nada e quando passa de tarde já tem uma comunidade inteira lá, com conflito com a polícia e tudo.

– Bom, talvez o mapa não esteja correto – ponderou Lorena. – Erros acontecem.

A cidade não era muito grande e parecia bem normal. Aparentemente, era uma cidade de humanos, pois não chegaram a ver encantados nas ruas semivazias.

– Isso é ótimo! – comemorou Marcel. – Poderemos ficar numa estalagem! Isso quer dizer que dormiremos numa CAMA! Poderemos comer em PRATOS!

Ele estava tão feliz que não cabia em si. Continuaram andando observando as casas simples, o mercado e uma carroça que vinha lentamente e parou diante do que parecia uma estalagem.

– Olha! Olha! Uma estalagem!!!

Marcel apertou o passo, puxando seu cavalo, com um sorriso de criança no rosto. Os outros o seguiram. Assim que chegaram na entrada, um casal descia da carroça. O rapaz deu a mão para a moça, mas ela pisou em falso e caiu. Marcos e Marcel ajudaram imediatamente e então perderam a cor ao reconhecerem aquelas pessoas.

– Princesa Maeve?! – espantou-se Marcel.

– Fergus?! – chamou Lorena, que estava chegando com Eileen.

A princesa saltou de alegria no pescoço de Marcel, abraçando todos os outros a seguir. Fergus os cumprimentou entusiasmamente, enquanto a carroça ia embora tão lentamente quanto chegou.

– O que... O que estão fazendo aqui? – perguntou Marcel, que ainda torcia para uma explicação razoável.

– Nós fugimos! – respondeu ela.

E ficaram os dois rindo para eles, esperando talvez alguma congratulação.

– Vocês ficaram loucos?! – explodiu Marcel.

– Vocês sabem que podem começar uma guerra? – interferiu Lorena.

– Você me disse para ver o que acontecia! – explicou Maeve. – Pois nós ficamos e a verdade é que o príncipe não tinha o menor interesse em mim. Ele estava muito mais interessado em ir caçar com o Fergus do que em ficar comigo!

– Eu disse! – riu Marcos. – Eu disse que esse gato é Félix!

Por algum motivo que ninguém entendeu, Eileen achou isso muito engraçado e começou a gargalhar. Marcel e Lorena se entreolharam, vendo que o problema que ajudaram a criar voltara para assombrá-los.

– Vamos entrar e comer alguma coisa – sugeriu Marcel. – Depois vemos o que fazemos.

E então eles entraram e pediram quartos e um bom jantar.

A fada na cela em frente

Sua cela não dava margem a uma fuga e isso ele já percebera. Por outro lado, Urbain não era só inteligente. Era muito criativo. Quando pequeno, era muito pobre e aprendera a tirar leite de pedra e a fazer limonada com os pouquíssimos limões que a vida já lhe dava. Leanan Sidhe, a fada na cela em frente, era uma grata surpresa. Ela lhe confienciara seus poderes e agora ele sabia de tudo o que ela era capaz. No entanto, com os braceletes de ferro encantado que seus captores lhe colocaram, ela era apenas uma mulher normal que mudava de aparência conforme as palavras que lhe eram ditas e os sentimentos que lhe eram dedicados, mais ou menos como quase todas as mulheres do mundo.

– E então? – perguntou a fada. – Já tem um plano para nos tirar daqui?

– Estou trabalhando nisso... – respondeu Urbain.

– O que falta?

Ele pensou em tudo o que tinha nas mãos e não era muito, pois tudo estava bloqueado. Ele não podia lutar preso, Leanan não podia ajudar com os braceletes e assim permanecia num impasse, como se tivesse com fome diante de um restaurante com um cartão de crédito bloqueado.

– Uma oportunidade... – respondeu ele, finalmente.

Algumas horas depois, ouviram barulho de passos, vozes e o tilintar de chaves num molho. Prestaram atenção e logo surgiu um homem bem vestido na companhia de outros que eles reconheceram como os carcereiros que apareceram antes. O homem bem vestido tinha cabelos grisalhos e barba rente. Tinha joias que perdiam seu brilho na escuridão da prisão.

Ele ficou diante de Urbain, analisando-o com um sorriso.

– Ora, ora, ora... O que temos aqui? O fujão que me custou cinco bons escravos. Vejamos como você pode me ser útil...

Então ele se virou para a cela de Leanan.

– E como está nossa fada do inferno? Está gostando de suas acomodações?

Ele se virou para os carcereiros.

– Achei que ela estava horrorosa!

– E estava! – defendeu-se um dos homens.

O homem rico se virou para Urbain, decifrando a charada.

– Ah, ela deve ter encontrado palavras gentis e bons pensamentos então...

A fada não respondeu. Apenas encarava o homem com olhos brilhantes. O homem ficou no meio dos dois, dirigindo-se à Urbain.

– Não se deixe enganar, amigo... Ela parece uma deusa, mas é um demônio. Ela vai encantá-lo, lhe dar tudo e depois lhe tirar o chão. E quando nada mais lhe restar, ela vai tirar sua vida.

– Seu filho tirou sua própria vida! – disse Leanan, se lançando para frente e segurando nas grades. – Foi uma escolha dele, não minha. Nem sua.

O homem bateu na grade com um bastão que um dos carcereiros trazia, como um cassetete de policial, acertando os dedos dela. A moça gritou, se afastando.

– Você me tirou meu filho! E eu vou vê-la ser destruída, assim como vi meu filho ser destruído pelo seu feitiço!

– Seu covarde! – gritou Urbain.

O homem se virou para ele, o rosto contorcido de rancor.

– Você a defende?

– É uma mulher e está indefesa – respondeu Urbain. – Quer vingança, coloque-nos na arena!

– Cale a boca, Urbain! – gritou a fada.

– Que tipo de vingança é essa? Nos colocar numa cela e ficar nos alimentando! – continuou Urbain.

– Na Arena, pelo menos teremos alguma chance e, se falharmos, você terá sua vingança de um jeito que todos poderão ver!

– Cale a boca, seu tolo! – vociferou Leanan. – Não sabe o que está dizendo! Vai acabar nos matando!

– Ao menos teremos uma chance! – berrou Urbain.

– E você acha que ele nos daria algum tipo de chance de sairmos vivos de lá?

– Silêncio vocês dois! – gritou o homem.

Todos ficaram quietos e o homem sorriu. Urbain fez uma expressão de que não tinha pensado nisso e que talvez tivesse sido precipitado. O homem virou-se para Leanan Sidhe, vendo o quão ela estava nervosa.

– Parece que seu novo amigo deu sua sentença, fada... – disse. – Colocarei os dois na arena. Os dois são belos, vão fazer a plateia vibrar! Ganharei nas entradas e nas apostas e ainda terei o prazer de ver os dois serem destroçados diante da multidão.

Urbain fechou os olhos, desolado, e Leanan caiu de joelhos, em pranto. Ele riu, satisfeito com a decisão e saiu, levando seus homens consigo e dando uma ordem.

– Alimente-os bem hoje! Quero-os fortes para durarem alguns minutos na arena amanhã. Espalhem a notícia que teremos uma atração especial.

Assim que eles desapareceram na escuridão dos corredores e nenhum som era ouvido, Urbain ergueu a cabeça e as sobrancelhas. Leanan tirou as mãos do rosto sem nenhuma lágrima e olhou para o corredor para se certificar que estavam sozinhos. Então, os dois sorriram um para o outro.

– Aí está nossa oportunidade! – disse Urbain.

A estalagem era esquisita. Um homem e uma mulher de meia idade os serviram com um sorriso, mas pareciam um tanto... quietos. Estavam todos famintos e o encontro inesperado com o jovem casal que definitivamente não deveria estar ali foi colocado de lado. Marcos olhava em volta enquanto esperavam a comida. As paredes tinham flores e pássaros num papel de parede cor de marfim. Os móveis eram antigos e alguns quadros coloriam as paredes.

– Interessante a decoração desse lugar, não? – comentou ele. – Parece meio século XIX...

Os outros olharam e perceberam que o lugar estava vazio.

– Aparentemente ninguém vem muito a esta cidade... – comentou Marcel.

– Deve ser porque ela não está no mapa – respondeu Lorena.

– Tem bolo? – perguntou a fadinha.

– Deve ter querida! – disse Lorena, fazendo um afago na menina que estava muito abaixo deles por causa da cadeira. – Nunca vi ninguém comer tanto açúcar quanto você! Além do Marcos, claro!

A comida foi servida. Eles comeram grãos parecidos com arroz, só que mais saborosos e mais coloridos, carne e uma torta de legumes deliciosa. De sobremesa, veio um bolo de cacau com um recheio de frutas vermelhas divino. Um leve gosto de vinho apontava lá longe, o que abriu o apetite para tomarem o licor que foi oferecido logo depois.

– Foi a melhor coisa que eu já comi! – disse Lorena. – Muito obrigada!

A senhora de cabelos loiros presos num coque sorriu e balançou a cabeça, aceitando o elogio. Quando terminaram, subiram para os quartos pelas amplas escadarias de madeira que rangiam.

– Vocês notaram algo estranho aqui? – perguntou Pé de Vento.

– Só o fato de ninguém ter tentado nos matar, o que é muito estranho realmente... – respondeu Marcel, feliz com a barriga cheia e mais feliz ainda com a perspectiva de uma cama quentinha.

Os quartos ficavam muito próximos, o que era tranquilizador. Não eram muito grandes e seguiam o estilo do restaurante. Marcos foi até sua janela e ficou

observando as pessoas na rua por alguns minutos. Logo depois, bateu na porta de Marcel, que já se preparava para um banho.

– Pé de Vento tem razão – disse Marcos, assim que entrou. – Tem alguma coisa estranha aqui.

– Ah, nem vem! Pé de Vento sempre acha que o lugar tem um problema! É muito exigente esse cara! Não tem nada de errado com esse lugar, é perfeito! Olhe! Tem até uma sala de banhos!

– Mas...

– Mas nada! Estou indo para meu banho e depois para uma cama quentinha! Vai perturbar a Lorena com suas neuras!

E foi empurrando o amigo para fora do quarto, fechando a porta assim que o expulsou.

Marcos ficou parado alguns segundos e então foi para o quarto ao lado. Assim que Lorena abriu a porta, ele entrou.

– Pé de Vento tem razão. Tem alguma coisa estranha aqui.

Apesar de cansada, Lorena não estava tão desesperada por um banho e uma cama quanto Marcel e quis saber mais sobre o que Marcos vira. Ele a levou até a janela.

– Olhe isso!

Lorena observou um casal passeando de braços dados numa calçada. Um senhor passeava com o cachorro na coleira. Uma mulher obesa ia na mesma direção. Uma chuvinha fina tinha começado e as pessoas da rua abriam seus guarda-chuvas.

– Qual o problema? – perguntou Lorena.

– Eu fiquei alguns minutos observando essas pessoas e elas não se falam! – disse Marcos. – Elas passam rentes umas às outras e não se cumprimentam, não falam nada.

– Algumas cidades são assim mesmo, Marcos – explicou Lorena, indo pegar Eileen para lhe dar um banho.

– Não sei... Ainda acho estranho...

Marcos voltou para seu quarto e Lorena e Eileen entraram na sala de banhos. Havia uma banheira de madeira redonda e velas acesas. As duas estavam nuas dentro da banheira e Lorena lavava o cabelo fino da menina, enquanto ela brincava com a espuma.

– Quando acharmos Ban, nós vamos embora? – perguntou Eileen.

– Embora para onde, querida? – Lorena estava um pouco distraída, talvez pelo cansaço.

A menina se virou para ela com seu rostinho lindo.

– Embora pra casa! Vocês vão levar Eileen, não vão?

– Você não tem família aqui?

A menina abaixou a cabeça e a balançou dizendo que não, fazendo um beicinho.

– E quanto a Ariane e Danzir? Eles vão sentir sua falta se você partir?

– E Eileen vai sentir sua falta se você for... E de Ban. De Marcos. Marcel... Bianca... Zac...

Lorena sentiu que a menina estava ficando tristonha. Pegou o rostinho delicado com a mão e lhe sorriu.

– Vamos combinar uma coisa, está bem? Quando for a hora de irmos, faremos tudo para você ir conosco!

A menina abriu um sorriso e saltou em cima dela, jogando água e espuma para todo lado. Lorena retribuiu o abraço, pensando se não estava prometendo mais do que poderia entregar.

Noite silenciosa

Era fim do dia quando Zac e Bianca finalmente chegaram ao bosque. A distância era grande para ir a pé e Zac era relutante em voar, se tornando um alvo. Seu encontro com Asram deixara claras as intenções do elfo e ele não podia arriscar cair nas mãos dele de novo.

O bosque era de beleza sem igual. Suas árvores tinham uma tez dourada e as folhas no chão brilhavam com a cor do cobre. As folhas ainda nas árvores eram amarelas e alaranjadas e com a luz do sol poente parecia que tudo era feito de ouro.

– Que lugar lindo!

– É só uma floresta, Bianca! – retrucou Zac.

– Zac, não é possível que você não veja a beleza desse lugar! – irritou-se Bianca. – Ela caminhou para um ponto onde a luz do sol incidia sobre ela e abriu os braços.

– Olhe para essas cores! – dizia ela. – Olhe para essas árvores! Esse brilho dourado, a luz do sol!

Ele ficou parado olhando para ela.

– Vai me dizer que isso não é bonito?

Ele sorriu e caminhou até ela, tirando uma folha que caíra nela enquanto ela discursava sobre a beleza local.

– Você tem razão – disse ele. – É bonito, sim...

E eles se olharam por um momento sob aquela luz dourada, cercados de árvores de ouro e sobre um tapete de folhas de centenas de tons de cobre. As asas dele também recebiam essa luz e pareciam mais aveludadas e acobreadas ali. Bianca sentiu o coração se acelerar, como da primeira vez que sentiu uma incontrolável vontade de beijá-lo. Ela queria muito que aquele beijo acontecesse, mas dado o último beijo ter sido um fracasso de proporções titânicas, ela preferiu deixar que ele tomasse a iniciativa. E ele não tomou. Apenas a olhou longamente, como se estudasse seus traços, decorasse seus olhos, observasse com atenção cada pequeno detalhe. E então ele pareceu entristecer.

– Vamos, ainda temos um pouco de luz – disse ele. – Vamos encontrar seus amigos.

O sono dos justos era algo divino. Marcos sorria com seu travesseiro e cobertor quando Pé de Vento o sacudiu e ele acordou gritando coisas sem sentido.

– Não fui eu! Grita! Pega! Corre! O quê?...

Ele reconheceu Pé de Vento mandando-o fazer silêncio. Então Pé de Vento o chamou até a janela. Marcos foi até lá e viu uma coisa assustadora. Três homens em ternos pretos flutuavam pela rua molhada sem tocar o chão. Eram muito brancos e calvos e suas mãos eram longas e possuíam longas unhas. Seus rostos eram a coisa mais assustadora que Marcos já vira, e isso vindo de alguém que já vira a Mula Sem Cabeça. Eles sorriam um sorriso horrendo, os olhos injetados, os dentes desproporcionais.

– O que é isso? – perguntou Marcos.

– Não sei, mas não é bom! Vamos avisar os outros!

Eles saíram e se dividiram no corredor. Pé de Vento alertou Lorena, que dormia abraçada à fadinha. Lorena espiou rapidamente a janela e não precisou de maiores confirmações para compreender o perigo. Arrumou-se em tempo recorde, porque acostumada aos perigos do mundo das fadas, dormia meio arrumada e deixava tudo quase pronto em caso de ter que sair correndo. Como agora.

No corredor, encontraram Marcos e Marcel, que saiu arrumado e com suas coisas, mas reclamando.

– Se for uma das pegadinhas do Marcos ou uma das histerias do Pé de Vento, eu juro que eu mato um de vocês!

Maeve e Fergus chegaram logo depois e, ao olhar por trás deles, Marcel parou de falar e seus olhos se arregalaram.

– OK. Acredito em vocês!

Os outros olharam para trás. Lorena não pôde deixar escapar um grito de horror, assim como Eileen. Os três homens flutuando escada acima e virando na direção deles.

Eles correram desesperadamente até o fim do corredor onde havia uma escada que descia. Olharam para trás e os três homens fantasmagóricos continuavam a sorrir e a flutuar na direção deles. Marcos preparou sua besta e atirou, acertando em cheio o da direita. Os homens pararam. Todos olharam para a ferida do outro. Este fez uma cara tristonha exagerada, balançando a cabeça lentamente, como se estivesse muito chateado com o ocorrido. Então, retirou a flecha como se fosse uma poeira do ombro. Os outros sorriram e se cumprimentaram. E então todos viraram para eles com um rosto raivoso.

– Acho que só os irritei! – disse Marcos, começando a correr em seguida.

Lorena, com Eileen no colo, corria aterrorizada. Todos desceram as escadarias e foram até a porta da frente, que estava trancada. Um pontapé de Pé de Vento arrombou a porta e eles saíram correndo pela noite.

Correram na direção dos cavalos e os montaram, vendo ainda os três homens bizarros flutuando calmamente em seu encalço. Dispararam com os

cavalos na direção contrária, Marcos dividindo o cavalo com Fergus e Marcel dividindo o seu com a princesa. Olharam para trás e não viram os homens.

– Acho que os deixamos para trás! – disse Lorena.

– Tá, mas eu não quero voltar pra lá! – respondeu Marcos.

– Vamos embora, qualquer lugar no meio do mato é melhor que isso! – concordou Marcel, que já não pensava em sua cama quentinha.

Eles passaram pela última casa da pequena cidade e depois de alguns galopes, notaram algo estranho e preocupante.

– Aquela não é a estalagem? – perguntou Lorena, suando frio.

Ficaram em silêncio e pararam os cavalos. Estavam novamente na entrada da cidade, onde estiveram pela primeira vez naquela tarde.

– Vamos! Vamos voltar! – sugeriu Marcel.

Eles deram meia volta e correram por alguns segundos por um caminho escuro até, mais uma vez, estarem de volta à rua da estalagem.

Como isso aconteceu? – perguntou Marcel.

– É um feitiço! – respondeu Pé de Vento, irritado consigo mesmo por não ter visto isso antes. – É uma maldita cidade amaldiçoada!

– O que fazemos? – perguntou Marcos.

Os três homens viraram uma esquina e entraram na rua onde eles estavam, sorrindo e movendo suas mãos horrorosas como se estivessem muito felizes em vê-los.

– Venham!

Pé de Vento desceu do cavalo e os outros o seguiram. Eles correram a pé por uma ruela.

– O que está fazendo? – perguntou Marcel.

– Precisamos encontrar alguém que possa nos contar a história dessa cidade – respondeu ele, batendo nas portas das casas que encontrava. – Assim saberemos como quebrar a maldição ou matar aquelas coisas. Ou os dois!

Na terceira porta, um casal abriu uma pequena fresta.

– Por favor! Precisamos de ajuda! – disse Lorena, com Eileen nos braços.

O casal se entreolhou e hesitou. Então abriram a porta e deixaram que eles entrassem.

Eles empurraram um móvel para a frente da porta e já iam empurrar outros contra as janelas, quando o casal chamou sua atenção com gestos. A mulher, uma moça de cabelos ruivos longos, escreveu algo num caderno e mostrou para eles.

“Eles não entram aqui”.

E então eles respiraram fundo e relaxaram um pouco.

– O que são aquelas coisas? – perguntou Lorena.

A moça rabiscou no caderno.

– “Os três magros da forma”, leu Marcos.

– “Os três magos da força”, seu analfabeto funcional! – corrigiu Marcel.

O homem trouxe um livro antigo com ilustrações e mostrou para eles. Lorena leu e resumiu em voz alta para que todos entendessem.

– O livro relatava o caso que ocorrera naquela cidade há muitos anos. Eles tinham três papa-defuntos, três irmãos. Um dia, descobriram que eles usavam os corpos de seus entes queridos para praticar necromancia. A população revoltada os linchou e os pendurou na forca mais próxima. Antes de morrerem, eles amaldiçoaram a cidade. Desde então, a cidade não tem um lugar fixo. Ela aparece e some, ficando apenas 24 horas em cada local. Suas vozes foram roubadas, assim como foram as deles, que não tiveram um julgamento e não puderam se defender. E todo visitante que chega passa a fazer parte da maldição.

– Como assim? – perguntou Marcel. – O que acontece se eles nos pegarem.

– Perderemos as nossas vozes e ficaremos presos aqui para sempre... – respondeu Lorena.

Ela olhou de lado e viu a carranca horrorosa no vidro da janela, o que a fez dar um tremendo berro. Marcel foi lá e fechou a cortina.

– O que fazemos então? Esperamos amanhecer?

O marido pegou o caderno da esposa e escreveu.

“Se amanhecerem aqui, perderão suas vozes e ficaram presos também”.

– Vamos pensar... Deve haver algo que eles não suportem. Algo com que possamos enfrentá-los...

O casal se entreolhou, como se hesitasse. Então a mulher escreveu no caderno.

“Eles odeiam música. Destruíram todos os instrumentos musicais da cidade.”

– Acham que podemos usar isso? – perguntou Pé de Vento.

Marcel voltou a perguntar ao casal.

– Vocês já viram o que acontece quando eles ouvem música?

Eles anuíram com a cabeça e escreveram:

“Eles apenas ficaram parados”.

– Se eles ficarem parados, podemos matá-los! – disse Pé de Vento.

– Não sei... – hesitou Lorena. – Parece muito fácil... Então a gente chega lá, canta uma musiquinha e matamos os monstros, que nem musical infantil? E se não funcionar?

– Não falta muito para o amanhecer... – respondeu Marcel. – Que outra alternativa nos resta?

Ao som dos bandolins

Ainda tinham muito tempo até que fossem jogados na arena. O tempo passa bem mais devagar quando se está preso numa cela pequena, úmida e escura. Felizmente, Urbain podia contar com a boa conversa de Leanan Sidhe, que conhecia tudo sobre arte, literatura e música. Falaram sobre Alexandre Dumas, Sartre, Platão, Leonardo Da Vinci e outros bem menos conhecidos, mas que estavam na memória ancestral da fada da inspiração. Em dado momento, Urbain não resistiu à curiosidade.

– O que houve entre você e o homem que nos comprou?

– Klaus – respondeu ela. – É o nome dele. Algumas pessoas não aceitam as coisas como elas são. Mas ao invés de tentarem mudá-las, procuram alguém para culpar.

Leanan deu um longo suspiro recostada na parede fria da prisão antes de contar a história.

– Sou uma musa, uma fada da inspiração. E sou uma das melhores, acredite! Muitos artistas solicitam minha presença. Nem todos a merecem. Às vezes, lhes dou uma inspiração, mas nunca mais retorno e cabe a eles buscar a inspiração por si mesmos para suas obras. O problema é que algumas pessoas se apaixonam pela ideia da musa e não toleram viver sem esse sopro divino que lhes dou. Foi o que aconteceu com Renée, o filho de Klaus. Ele queria pintar obras primas, mas não conseguia sair da tela em branco. Eu dei uma forcinha! Numa tarde, quando ele estava diante daquela tela em branco pelo trigésimo dia, eu soprei a inspiração para ele pela janela. Ele pintou o quadro em três dias e foi uma obra-prima, elogiada por todos os reinos, colocada em destaque no palácio de seu pai.

– E o que aconteceu então?

– Ele quis mais, como todo artista! Mas dessa vez, eu não o ajudei. Ele estava sendo movido pelo ego, não pelo amor a alguém ou alguma coisa. Ele pintou diversas obras, todas medíocres, algumas especialmente horrendas. Começaram a fazer piadas dele e por mais que tentasse, aquela primeira obra fora a única pela qual ele era lembrado. Então, um dia, ele se cansou de tentar e pulou da torre mais alta do palácio do pai.

Urbain ficou um pouco em silêncio, pensando sobre a história.

– Palácio construído com o dinheiro de escravos, imagino...

– Esse sempre foi o negócio de Klaus, do pai dele e do pai do pai, antes dele.

– É um homem odioso... – disse Urbain. – Mas é inimaginável a dor da perda de um filho, ainda mais dessa forma.

Leanan riu.

– Todos morrem, querido! Até nós, seres encantados, morremos. Faz parte da vida. Mas nós não desaparecemos, apenas sumimos na curva.

– Bem... Isso é muito bonito, mas... Vamos tentar não sumir na curva amanhã, OK?

No bosque, a chegada da noite encerrou a procura pelo círculo das fadas para Bianca e Zac. Bianca deu graças a Deus que podia parar. Retirou os sapatos e massageou os dedinhos doloridos. Zac se aproximou e ela deu um grito.

– Não chegue mais perto!

Ele parou assustado, imaginando alguma armadilha.

– Não quero que você sinta o meu chulé! – explicou ela, continuando a massagem nos pés.

Ele riu.

– Eu vim de um covil de trolls que detestam o contato com a água! – explicou ele. – Não precisa se preocupar comigo!

Ele se sentou do lado dela, que ainda olhou de lado.

– Eu avisei!

Quando ela terminou, ele a pegou nos braços e alçou voo para a mais alta das árvores, cujo tronco poderia ser um prédio de tão antiga. Lá em cima, os galhos eram tão grandes e se entrelaçavam, criando uma cama segura, desde que não se mexessem demais para os dois lados. Eles estenderam o manto de Bianca no galho mais largo e se deitaram nele. Bianca remexia com alegria seus dedinhos livres, provocando uma risada em Zac.

– Não ria de mim!

– Não estou rindo de você! Estou rindo dos seus dedinhos!

Bianca riu também, gostando de ver um pouco do velho Zac de volta. O vento estava um pouco frio e ela se aninhou no ombro dele. De onde estavam, podiam ver a lua em seu brilho nacarado e um arco-íris a sua volta. No céu, Abaixo dela, um grande lago brilhava com seu reflexo e fadas iluminadas de todas as cores bem pequenininhas voavam ao seu redor.

– Nossa... Que lindo!..

– O quê? O céu?

Bianca o olhou com um sorriso.

– Você não consegue ver a beleza disso?

– Não, eu sou um troll. Trolls não foram feitos para verem a beleza.
Ela tirou a cabeça do ombro dele para olhá-lo com ar de reprovação.
– Você não precisa ser um troll o tempo todo, sabia?
– Por que você se importa? Todo mundo sabe como são os trolls, por que essa insistência em esperar mais de mim?

– Porque eu sei que você é mais do que um troll.
Zac olhou para ela e ela percebeu uma mágoa.
– Quem lhe disse coisas ruins? – perguntou ela. – Kajinski?
– Não... – respondeu ele, baixando a cabeça. – Asram. Eu fui ter com ele ontem e ele disse... Bem, ele disse o que todos sabem. Trolls são criaturas horríveis e ele vai fazer tudo para nos varrer do reino.

Ele voltou a olhar para a lua, mas não era ela que ele via.
– Quero que faça uma coisa – disse ela. – Feche os olhos por um minuto.
Ele não entendeu o porquê, mas ela insistiu, colocando o rosto dele de frente para a lua.

– Apenas ouça agora...
– O que? São grilos, sapos, fadas cantando, o de sempre...
– Cale a boca e escute!

Então ele ficou lá de olhos fechados. Ela se aproximou do ouvido dele e sussurrou algo que decorara nos tempos de escola, algo que seu pai lera para ela quando estava triste porque as outras crianças não gostavam muito dela e diziam que ela era maluca. Ela chegava chorando em casa, descabelada (porque alguém sempre lhe puxava os cabelos) e abraçava o pai. Ele, calmamente, pegava-a no colo, sua eterna princesinha, e a levava para a biblioteca, dizendo que a verdade sempre estava ali, em algum lugar. Era só procurar. Ele pegava um dos livros de J. G. de Araújo Jorge, seu poeta favorito, e lia essa poesia para ela.

“Tu podes ser igual a todo mundo
Teres defeitos mais que toda a gente,
– Que importa? Se este amor cego e profundo
Teima em dizer que te acha diferente!
Para mim (eu que te amo mais que um louco),
Os que falam de ti são línguas más,
– Ah! Todo amor que te dedico é pouco
E é sempre pouco o amor que tu me dás!

Sou a sombra que segue os teus desejos
E aos teus pés, numa oferta extraordinária
A minha alma vendeu-se por teus beijos...

Falam de ti... Escuto-os... Fico mudo...
Quanta maldade cruel, desnecessária
Se eu já sei quem tu és... Se eu sei de tudo!”

– Abra os olhos agora...

Ele abriu e viu aquela lua gigante, cercada de estrelas, as cores das fadas brilhando sobre o lago onde a lua se refletia perfeitamente. Bianca notou que o rosto dele mudou, os olhos brilharam e foi como se o corpo inteiro dele dissesse “Aaahhh... É isso!...”

– Viu?

Ele anuiu com a cabeça e virou-se para ela, sorrindo. E então ele se inclinou e a beijou. E então foi como da primeira vez e ela percebeu que quando se ama alguém de verdade, sempre será a primeira vez.

Estar numa cidade fantasma não fazia parte dos planos deles, mas tem coisa que simplesmente acontece. Deixaram Eileen dentro da casa, pois não podiam prever se aquele plano ia funcionar. Lorena se colocou no meio da rua e esperou. Logo, os três seres bizarros surgiram com seus sorrisos rasgados. Lorena sentiu o coração acelerar e o corpo inteiro gelar. Tomou fôlego e esperou que chegassem um pouco mais perto.

Quando estavam a apenas alguns passos dela, pôs-se a cantar Bandolins. As criaturas pararam de repente e arregalaram os olhos. Entreolharam-se e continuaram paradas.

Elas tentavam continuar, mas não conseguiam. Fizeram uma careta de ódio e suas mãos se contorceram.

Ao lado deles, surgiram Marcos e Marcel, também cantando, fazendo um belo coro que os cercou. De trás, veio Pé de Vento com uma espada. Ele os cortou num único golpe. Uma fumaça preta surgiu de onde a espada cortou e logo os corpos se uniram, como se nada tivesse acontecido.

– Continuem! – gritou Marcel. – Continuem!

Com a surpresa, Lorena e Marcos pararam a cantoria e foi o bastante para que as criaturas avançassem neles furiosos. Um deles virou-se e arranhou com suas garras Pé de Vento, que se desequilibrou, caindo para trás. Outro avançou em Marcel e o terceiro apertou o pescoço de Lorena.

Marcos começou a cantar desesperado a única música que lhe veio à cabeça. Estava tão desesperado que cantou gritando.

No meu espaguete coberto de queijo
Perdi meu bolinho, que agora eu vejo
Rolar pela mesa, caindo no chão
Meu pobre bolinho rolou pro portão
Passou no jardim e isso foi mal
Meu pobre bolinho agora é mingaaaaAAAAAAu!

As criaturas soltaram suas vítimas e se contorceram com as mãos nos ouvidos. O céu começou a ficar cinzento, anunciando a chegada do sol, o que tornava vencer aquela batalha emergencial.

– Não é só a música! – gritou Marcel. – É a nota! Temos que atingir notas altas!

Lorena recomeçou a cantar Bandolins imediatamente. Marcos e Marcel a seguiram em coro. Pé de Vento ergueu sua espada e esperou. Quando eles alcançaram uma nota alta ao mesmo tempo, Pé de Vento deu golpes seguidos de espada, cortando-os em pedaços. Dessa vez, ele sentia que estava batendo em algo, e não só em vento. Uma fumaça rubra saiu de dentro dos cortes, mas eles não se fechavam mais. A cantoria continuou até que um último golpe foi dado e as três criaturas explodiram em fumaça preta e vermelha e simplesmente desapareceram.

Nesse exato instante, o sol nasceu. As pessoas saíram de suas casas, ainda perplexas. E então elas falaram. Percebendo que tinham suas vozes de volta, começaram a rir, festejar e se abraçarem. Eileen correu para Lorena e o casal, acompanhados de Maeve e Fergus, vieram em seguida.

– Vocês conseguiram! Quebraram a maldição! Como podemos agradecer?

Marcel riu. Tudo o que ele queria era uma cama pra dormir e terminou encenando alguma sequência de Os Caça Fantasmas. Virou-se para o casal.

– Vocês teriam café aí?

Reflexo

Bianca acordou com um raio de sol em seu rosto. Abriu os olhos rapidamente quando sentiu um bater rápido de asas diante dela. Ela achou que era um beija-flor. E era! Mas tinha uma fada montada nele. Eles ficaram diante dela por alguns segundos e então voaram para uma parte mais alta da árvore. Zac acordou e sorriu para ela.

– Vamos aproveitar a luz!

Calçaram os sapatos e pegaram o manto que lhes servira de cama. Ele a abraçou e desceram juntos até o pé da gigante árvore. Ele já ia embora quando ela perguntou:

– Não vai agradecer?

Ele se virou confuso, procurando alguém além deles.

– À árvore! – explicou ela, como se fosse óbvio. – Ela nos deu pousada durante a noite, temos que agradecer!

Ele voltou, meio perdido.

– Tá bom!

Então ele se virou para a árvore e disse:

– Valeu!

– Não é assim!

Bianca o puxou e colocou as mãos dele e as suas no casco da árvore.

– Agora, feche os olhos e sinta gratidão.

– Como é isso?

Bianca respirou profundamente. Era como ensinar uma criança.

– Pense na noite que tivemos, no sono, na lua e se sinta feliz e mande essa felicidade para a árvore, pois isso não teria sido possível sem ela.

Zac sabia que ela não ia sossegar até que ele fizesse aquilo, então fechou os olhos e pensou na noite. Poderia ter dormido em qualquer lugar, não via sentido em ser grato por ter dormido. Até que se lembrou do beijo que deu em Bianca. Nesse momento, seu coração se encheu de algo precioso, como se ele mesmo estivesse transbordando do néctar mais doce. E aí ele entendeu que isso era gratidão.

Bianca também agradeceu.

– Quem lhe ensinou isso? – perguntou ele, quando voltaram a caminhar pelo bosque dourado.

– Você! – respondeu ela. – Quando me guiou aqui da primeira vez.

Zac sorriu, achando aquilo tudo incrível. Nunca parara para pensar em de onde vieram, ou para onde iriam. Era surpreendente que tivessem vindo de tão

longe e ainda não tivessem limites para onde pudessem ir.

– Você tem alguma ideia de onde podemos achar esse círculo de fadas?

– Eles costumam ficar perto de flores de fadas, como dedaleiras... – disse Zac, olhando em volta.

E seguindo rastros de flores, eles não demoraram a encontrar o que estavam procurando.

Ficaram parados olhando para o círculo de pedras e cogumelos branquinhos.

– E agora? – perguntou Bianca.

– Sei lá! – retrucou Zac. – Achei que soubesse! Os amigos são seus!

Bianca colocou a mão no queixo pensando em como seria bom ter um celular nesse momento.

– Sabe o que seria ótimo? – disse ela, desiludida. – Que eles aparecessem na nossa frente nesse exato instante!

E então, Analice e Bran apareceram no círculo de fadas bem na frente deles.

– Puxa! – espantou-se Zac. – Você é boa!

– Bianca!!! Você está viva!

Analice saltou num abraço para a amiga.

– Claro que estou!

– E você achou o Zac! – disse Bran.

– Pois é! Mas o pó do espelho das almas ficou com você! – explicou Bianca. – Ainda está, né?

Analice remexeu na sua bolsa e pegou o saquinho vermelho, para alívio de Bianca e Zac.

– Ótimo! Vamos fazer isso logo! – disse Zac.

Ele se colocou parado a alguns passos dele, nitidamente ansioso. Bianca respirou fundo. Era a hora da verdade. Ele poderia voltar para ela. Ou não. Poderia escolher ser um anjo. Poderia voar para longe de uma vez por todas.

– Você verá suas vidas passadas e então é só escolher a vida que você quer ter agora – explicou Bianca.

– Está bem! Ande logo!

Bianca meteu a mão no saquinho e puxou um punhado de pó cor de prata e brilhante. E então jogou na frente dele, esperando que funcionasse.

O pó fez um desenho de redemoinho e se uniu em raios de luz prateada, como uma teia. E então, num brilho único, transformou-se em um espelho flutuando diante dele, fino como um cílio e numa perfeição de imagem que parecia real.

Então, Zac, Bianca, Analice e Bran começaram a ver a imagem de Zac desaparecer e o viram se transformar num troll. Não no troll bonito que ele era agora, mas numa criatura bem esquisita e grotesca. Ele voava e sequestrava humanos e fadas, sempre sob o comando de seu irmão, que Bianca gelou em ver de novo.

O momento em que algo mudou dentro dele, quando ajudou o humano prisioneiro da Corte Unseelil, foi seguido por um céu azul de construções magníficas. Bran não conseguiu prender um “UAU” ao ver tamanha beleza em um lugar acima das nuvens. Ele se viu como um elemental do ar, em uma forma cada vez mais suave e delicada, a serviço dos anjos de Raphael. A seguir, ele ganhou forma e asas. Viu sua missão ao lado de Bianca e sua morte. E aquilo foi um choque, pois foi como morrer de novo. Analice levou a mão à boca, suprimindo uma expressão de espanto e Bianca sentiu os olhos se encherem d’água.

E então o espelho mostrou o universo, espirais de estrelas e dois anjos a sua volta. E a seguir, ele era um humano. Um humano qualquer, um humano normal, um humano ordinário, o que era tudo o que ele gostaria de ser.

Em sua mente, fez sua escolha com tanta força e certeza que até na lua o ouviriam.

A imagem no espelho ficou esmaecida, assumiu a cor violeta e então mostrou novamente seu reflexo.

Seu sorriso de ansiedade se desfez. Era seu reflexo, ainda como um troll. Nada mudara.

Bianca deu um passo a frente, estupefata.

– Não pode ser! Você não fez direito!

– Eu fiz! – defendeu-se Zac. – Eu pensei na minha escolha!

– Então não era para pensar! Era para dizer! Diga!

– Eu escolho ser humano! – disse Zac.

Bianca o olhou com surpresa e um sorriso. Mas ele logo se apagou quando voltou a ver a imagem no espelho ficar violeta e voltar a mostrar o reflexo dele como o que ele era naquele momento: um troll.

Os olhos de Zac se encheram d’água. Seu rosto se contorceu. Num golpe de fúria, deu um murro no espelho e este se desfez em milhares de pontos luminosos que desapareceram no ar.

Bianca olhou para o saquinho em sua mão, atônita e desapontada.

– Foi isso mesmo o que Frabatto disse? – perguntou Analice.

– Será que erramos em alguma coisa? – disse Bran.

– Nosso erro ... – respondeu Zac, cabisbaixo.

Ele se virou para eles com olhos muito magoados.

– ...foi acreditar que alguém como eu podia ser mais do que é.

E então bateu asas e desapareceu acima das copas douradas. Bianca ainda o chamou, mas ele não voltou.

Bianca teve uma vontade quase incontrolável de jogar aquele saquinho, que ainda continha pó, contra o tronco de uma árvore, mas sabia que isso não ia resolver nada.

– O que fazemos agora? – perguntou Bran.

Bianca pensou um pouco.

– Precisamos levá-lo ao Frabatto.

– Mas ele...

– Ele vai voltar! – respondeu Bianca. – Mas precisamos dar um jeito em Asram também.

– Como assim? – assustou-se Analice. – Vamos matá-lo?

– Não, Analice! Não queremos matar ninguém!

– O Zac quer! – completou Bran.

– Sabe? – disse Bianca olhando para ele. – Eu gostava mais quando você era quietinho e quase não falava!...

– O que você tem em mente? – tornou Analice.

Bianca começou a andar pelo lugar.

– Analice, quem mandava naquela bagaça eram os pais de Asram, certo?

– Sim, o rei Oldebaran e a rainha Nístika.

– E onde eles estão?

– Foram visitar um reino vizinho para um casamento.

– Essa visita ia demorar muito? – perguntou Bianca.

– Algumas semanas. Ainda não teriam voltado.

– Não tenho certeza disso – disse Bran.

As meninas olharam para ele.

– Quando Asram capturou vocês e Zac virou um troll, achei que tinha que avisar ao rei e à rainha sobre o que estava acontecendo – explicou Bran. – Mas eu não podia usar os meios padrões, ou Asram ia me jogar no calabouço por traição.

– O que você fez? Mandou um e-mail? – perguntou impaciente Bianca.

Bran não tinha ideia do que era um e-mail, mas ele não entendia metade das coisas que Bianca falava mesmo, então prosseguiu.

– Eu mandei um silfo levar o recado para eles.

– E aí?

– E aí que nós fugimos logo depois e eu não tive como pegar nenhuma resposta!

– Como você faz para pegar a resposta?

– Vou até ao local onde o silfo mora e o chamo com um encantamento e o pagamento.

– Onde é isso? – perguntou Bianca, tramando um plano em sua cabeça.

– Não muito longe daqui – respondeu ele.

Bianca andou mais um pouco. Então parou e tomou sua decisão.

– Vocês dois vão até o silfo e tentam descobrir qual foi a resposta do rei e da rainha.

– E você? – perguntou Analice.

– Eu vou levar Zac até Frabatto. Ele saberá o que fazer.

– Sozinha? – retrucou Bran. – Não é seguro!

– Bran, nós estamos nas portas de uma guerra entre trolls, humanos e elfos! Isso vai ser uma carnificina se não impedirmos. Eu estarei bem, acredite! Vão e vejam se o rei e a rainha concordam com os desmandos do filho deles!

Analice abraçou a amiga. Trocaram de bolsas e se abraçaram de novo. Então os dois saíram correndo, pois Bianca estava certa. Não tinham muito tempo.

Fogo cruzado

A adrenalina não permitia o pousar do cansaço. Mas Marcel reclamava assim mesmo.

– Uma cama! Uma cama quentinha! Um teto sobre nossas cabeças! É só o que eu pedi! E aí eu pergunto: É muito, produção?

– Eu quero ver vocês me sacanearem quando eu cantar Oswaldo Montenegro nas festas agora!

– Jamais! Eu nunca mais reclamo! – concordou Marcel. – Na verdade, acabei de me tornar o fã número um do Oswaldo! Se não fosse pela música dele, estaríamos mudos, assombrando em silêncio uma cidade nômade.

– Eu achei muito corajoso o que você fez! – disse Maeve, com olhos admirados para Lorena.

– Eu só cantei, meu bem! – riu Lorena. – Quem fez a maior parte foi o Pé de Vento!

O rapaz abriu seu sorriso de galã, aceitando os elogios. E assim prosseguiram por metade do dia, quando pararam para comer e se esticar. E durante o almoço, regado a doações dos moradores da cidade repletos de gratidão, resolveram ter uma conversa com o casal rebelde.

– O que vamos fazer com vocês? – perguntou Marcel.

– Podemos acompanhar vocês! – disse Fergus. – Ir para onde estão indo, nos instalarmos, criar uma família!

– Cale a boca, Romeu! – ralhou Marcel. – O amor te deixou burro! Vocês são um para-raios de problemas! Quando o rei os encontrar, vai prender e enforcar qualquer um que esteja por perto, ainda mais se formos nós! Ele vai nos culpar por isso, será que não entendem?

Maeve respondeu da única maneira que sabia. Chorando. As lágrimas desciam pelo rosto de porcelana e Marcos logo foi consolá-la.

– Pô, Marcel! Olha o que você fez! Você fez a Maeve chorar!

Lorena sorriu para Marcel e disse que cuidaria disso. Então ela se virou para Maeve lentamente.

– Para de choradeira! – disse, firmemente. – Se é grandinha o bastante para fugir com o amor da sua vida, é bom aguentar o tranco! O amor não é para fracas, então pare com isso ou te dou uns tapas!

Maeve parou imediatamente, olhando-a com olhos arregalados.

– Bem, precisamos resolver isso antes que os dois reinos entrem em guerra... – disse Lorena. – Uma guerra significa mortes, fome e muito desgaste.

Não faz sentido isso acontecer por causa de um casal apaixonado.

– Se o filho do rei é gay, esse casamento não ia funcionar mesmo. E se nós colocássemos tudo em pratos limpos?

– Nós? – Marcel entrou na conversa. – “Nós” quem, cara pálida? Nós não temos nada a ver com isso!

– Agora temos, Marcel! – respondeu Lorena. – E vamos fazer o nosso melhor, OK?

Marcel bufou. Detestava assumir problemas alheios e ali parecia que eles choviam.

Então, combinaram levar o jovem casal para o Reino do Norte, depois que resgatassem Urbain. Daí seguiriam para a Colina dos Amores Perfeitos, último paradeiro que tinham de Bianca. Claro que muita coisa podia acontecer no meio do caminho para mudar seus planos...

E aconteceu.

Não viram quando os guardas surgiram. Ainda estavam comendo quando foram cercados e facilmente rendidos. Marcel ainda tentou pegar uma espada, mas uma flecha perto de sua mão o dissuadiu.

– Princesa Maeve! – disse o capitão, correndo para ajudá-la a se levantar. – Você está bem?

– Me solte, seu bruto!

Os guardas tinham agarrado Fergus como um criminoso e ela correu e bateu neles até que o soltassem. A confusão no rosto dos guardas e, principalmente do capitão, era evidente.

– Estão apaixonados – resumiu Marcel. – Por isso fugiram. Queriam morar numa casinha de sapê com cerquinha branca e um cachorro saltitando na varanda.

Os guardas se entreolharam.

– Não foi essa a informação que tivemos – explicou o capitão. – Mas isso não faz diferença. Nossas ordens são claras. Temos que levar vocês dois e quem estiver junto para o castelo.

Marcel se virou para Lorena com cara de “eu avisei”. E foram levados.

Bianca andava na floresta berrando o nome de Zac. Colocou a mão na cintura, impaciente.

– Vamos lá! Apareça!

– Pra quê?

Ela olhou para cima e o viu empoleirado num galho de árvore.

– Pra conversar! – explicou Bianca.

– Não tem o que conversar! – respondeu ele. – Você é humana e vai voltar pro seu mundo perfeito e levar sua vidinha perfeita! E eu ficarei aqui, sendo o que sempre fui!

– Zac! Para de se lamentar! Ainda temos chance! Vamos juntos até o Frabatto e ele nos dirá como fazer o pó funcionar!

– Não!

Bianca arregalou os olhos e piscou várias vezes.

– Não?! Como assim não?

– Não é não! Chega de sonhar! Vamos nos contentar com o que temos e ficamos por aqui!

– Eu não acredito! Achei que você era mais...

– Quieta!

Ela percebeu que ele estava atento a algo além deles. Num segundo, ele percebeu algo e saltou no chão, pegando-a pela mão.

– Os trolls estão aqui!

Ele correu com ela pela mata e Bianca, numa rápida olhada para trás, viu os vultos se movendo atrás deles, escondendo-se em árvores. E para seu terror, eram muitos!

Passaram por uma mata um pouco mais fechada e Bianca continuava ouvindo passos, saltos, grunhidos, cada vez mais próximos.

A mata deu lugar a uma área de relva verdejante com um morro baixo logo adiante. Sem ter mais obstáculos como galhos, árvores e solo íngreme, eles aceleraram e correram ainda mais.

E foi quando, de repente, diante deles surgiu acima do morro, um exército de elfos e humanos. Diante deles, Asram em um cavalo branco dava um sorriso de vitória.

Zac estancou, imaginando como Asram soubera. Logo imaginou que seus perseguidores trolls provavelmente não tiveram o mesmo cuidado que ele ao evitar voar, anunciando sua presença e denunciando a deles.

Olharam para trás e um exército de trolls saiu da mata, correndo e saltando, fazendo chão tremer. Asram deu a ordem, encarando isso como um ataque. Talvez ele não soubesse que Zac não estava liderando aquele exército. Mas isso não mudava o fato de Zac e Bianca estarem agora entre dois exércitos inimigos. E o pior: ambos queriam suas cabeças.

Bianca se virou para ele, os olhos brilhando, o coração aos saltos. Ele olhou em volta, procurando algum lugar seguro para ela, mas não havia como sair dali.

Zac se virou para ela, balançando levemente a cabeça em desespero.

– Me perdoe... – disse ele. – Eu não queria que acabasse assim.

– Ainda não acabou! – disse ela, tentando fazer sua voz soar mais alta que os sons da guerra.

Zac viu Kajinski liderando seus trolls contra o exército de Asram. A sua frente, Asram e seus elfos se aproximavam rapidamente com um grito de guerra. Os elfos chegariam primeiro, com pequena diferença. Então ele focou no inimigo mais urgente.

Largou a mão de Bianca, deixando-a sozinha e lançou-se contra Asram. O impacto o lançou para fora do cavalo e os dois rolaram enquanto outros homens corriam.

– Você é muito abusado, troll!!! – gritou Asram. – Ousa me atacar com suas bestas sem inteligência?

Somente então Zac percebeu que Asram e todos os seus homens achavam que ele estava liderando um ataque contra o reino.

– Pare o ataque, Asram! – gritou Zac. – Pare e eu me rendo agora!

Asram sorriu.

– E quem disse que eu quero sua rendição?

Sacou a espada e partiu para cima de Zac.

Bianca não sabia o que fazer. Ficou de frente para os elfos e humanos que corriam em sua direção, imaginando que sua vida estava chegando ao fim de uma maneira muito estranha. Ela não fechou os olhos, mas sentiu que a visão embaçou com as lágrimas que estavam subindo.

Para sua surpresa, os soldados passaram direto por ela. Ela ouviu o som de espadas em carne, urros, porretes em cabeças. Virou-se e viu a cena dantesca de homens e elfos brigando com trolls. Matando alguns, ferindo outros, e os trolls reagiam com a mesma fúria, rasgando as gargantas dos soldados como se fossem tecidos velhos.

Um troll derrubou um soldado e viu Bianca, de pé no meio daquela confusão, uma donzela de vestido vermelho e marfim esperando para ser trucidada, pois era conhecida a fama dos trolls em destruir coisas bonitas.

Com um sorriso de satisfação em sua cara feia, o troll, munido de um porrete cheio de pregos na extremidade, andou na direção dela com um propósito nefasto. Um soldado surgiu entre eles e um golpe em seu peito o derrubou imediatamente. Bianca deu alguns passos trôpegos para trás, sem saber o que fazer para se defender daquilo.

A criatura com mais de dois metros ergueu o porrete e o desceu com força. Bianca se encolheu, como se isso fosse minimizar o impacto. Sentiu um empurrão

e ouviu um som metálico. Quando olhou, viu que alguém se colocara na sua frente e detivera o golpe com um escudo. Percebeu que esse alguém era o capitão que ela salvara do celeiro em chamas, aquele que os ajudara da primeira vez que ela e Zac estiveram no castelo de Asram e ainda não eram inimigos.

O capitão deu vários golpes no troll e se defendeu de vários outros, até que conseguiu ferir sua perna e afugentá-lo. Com uma cara irada, o troll saiu de combate, deixando que outros assumissem seu lugar. O capitão se virou para Bianca.

– Fique perto de mim!

Ela obedeceu. Viu uma espada caída no chão e a pegou. Era leve o bastante para que ela pudesse segurá-la e ficou perto do homem que acabara de salvar sua vida.

Asram era muito hábil com a espada, mas Zac era muito ágil. Um dos golpes de Asram cortou Zac ao lado do abdome. Ele gritou e o sangue escorreu, fazendo o elfo sorrir. Os olhos de Zac brilharam e ele partiu para cima de seu inimigo. Uma garra conseguiu feri-lo no ombro, fazendo o elfo se desequilibrar e cair para trás.

O capitão não parecia ter medo dos trolls que avançavam contra ele e continuava sua luta. Um troll pousou por trás dele. Bianca avisou e enfiou a espada em seu estômago. A fera gritou e voou para longe num voo meio torto.

A supremacia do exército dos elfos e humanos se fez clara quando Kajinski gritou uma retirada. Os trolls correram, mancaram, e saíram do campo, voltando para a floresta como podiam, largando os feridos à sua própria sorte. O capitão deu a ordem para continuarem a perseguição e logo uma onda de elfos, humanos, homens, mulheres, jovens e de meia idade, seguiu os trolls a caminho da floresta.

Bianca imediatamente voltou sua atenção para Zac, que ainda brigava com Asram.

O elfo caiu de costas no chão e Zac avançou nele com nada mais do que suas garras. Sua intenção era agarrá-lo e erguê-lo num voo para longe dali, onde o convenceria a desistir da guerra. Ou, ao menos, a deixar Bianca livre. Seus homens não arriscariam atirar flechas com a possibilidade de atingir seu príncipe.

Assim que agarrou Asram pelos braços, este usou os pés para jogá-lo para trás. As asas se abriram, ajudando-o a manter o equilíbrio, enquanto Asram num salto acrobático se colocava novamente de pé. Num movimento rápido e gracioso como uma dança, Asram desenhava arcos perfeitos com sua espada, cortando Zac em três lugares. Uma no braço, outra perto das costelas e mais uma na perna.

Bianca correu até ele, vendo o sangue jorrar e gritando para que eles parassem.

– Sua defensora se metendo, como sempre – disse Asram. – Assim que terminar com você, darei um jeito nela...

Talvez fosse o sangue se esvaindo de seu corpo, talvez fosse a ameaça à menina, mas algo fez os olhos de Zac brilharem e a fúria se manifestar como uma ventania abrupta que derruba árvores e arranca telhados. Zac avançou para Asram, desviando-se de seus golpes, até chegar perto o bastante para lhe dar um murro que tonteou o elfo. Na sequência, Zac lhe deu mais socos, até finalizar com um pontapé no peito que jogou o elfo para trás. Os homens de Asram perseguiam os trolls, deixando-o por sua conta, pois sabiam também que a honra os impediria de interferir, caso o troll estivesse vencendo de forma justa.

Quando caiu, Asram soltou a espada que caiu ao seu lado. Zac saltou em cima dele e apertou seu pescoço. O elfo se debateu, sentindo o ar faltar. A vida começou a se esvair, a visão começou a escurecer e ele se debatia ainda mais diante do olhar cheio de ódio de Zac.

Bianca se atirou de joelhos perto deles, em desespero.

– Não faça isso, Zac! – implorou ela.

– Por que não? – rugiu ele. – Não há mais motivo, o pó não funcionou!

– Não é por isso! – insistiu ela.

– Ele é um monstro! – gritou ele.

– MAS VOCÊ NÃO É! – berrou ela.

O olhar de Zac perdeu a fúria. Suas mãos então soltaram o pescoço do elfo que tossiu desvairadamente, procurando o ar que lhe fora roubado. Zac se levantou e então uma rede caiu sobre ele.

Ao ver que o príncipe precisava de reforços, o capitão ordenou que retornassem. Assim que chegaram, viram Zac se levantando e usaram uma rede, algo que detém a grande maioria dos seres encantados. Desorientado, Zac caiu quando lhe acertaram com socos e murros e passou a ser espancado. Bianca gritou e tentou se meter no meio deles, para impedir o crime, mas era pequena perto de pessoas com armadura. Alguém a retirou. Eles iam matá-lo e ela já tinha passado por isso antes. Não ia passar de novo. Mordeu a pessoa que a segurava e se atirou em cima de Zac. Se iam trucidá-lo, então iriam ter que viver sabendo que trucidaram uma garota humana também. Talvez a sombra do remorso os fizessem parar.

Seus planos foram frustrados quando alguém maior e mais forte a tirou de cima de Zac, que parecia imóvel sob a rede. Bianca se debateu e gritou, mas parou quando percebeu que não estavam mais espancando Zac. E havia um motivo.

Uma luminescência violeta o envolvia por inteiro. Os homens se afastaram, achando aquilo estranho. Asram surgiu entre eles, também olhando aquilo que começava a se tornar uma bola de luz violeta, até que numa explosão, cegou a

todos. Quando voltaram a enxergar, viram, imóvel, debaixo da rede, não um troll, mas um jovem humano.

O plano de Marcos

Pé de Vento foi inteirado da confusão em que estavam ainda no caminho. Assim que chegaram aos portões do castelo, alguém se aproximou de Fergus. Era um jovem guarda cujo uniforme diferia dos outros. Fergus reconheceu com surpresa o amigo que julgava que nunca mais iria ver.

– Edward?!

O soldado pediu permissão para o capitão da guarda para falar com seu antigo capitão. A permissão foi concedida por cortesia e eles puderam falar por alguns breves minutos antes de entrarem no castelo e encararem o seu destino diante de um rei furioso e um príncipe meio que largado no altar.

– Achei que tinha sido levado como escravo! – disse Fergus.

– E fui! Um homem valente que foi vendido no mesmo dia que eu no mercado do submundo me ajudou a fugir! Voltei para cá, para saber se você tinha conseguido chegar a salvo com a princesa e o rei me incumbiu de ajudar no resgate dela, pois tinha sido sequestrada. Imagine minha surpresa ao saber que tinha sido sequestrada por você!

– Não a sequestrei. Mas fico feliz que esteja a salvo, amigo...

O minuto de cortesia acabou e ele foi empurrado para continuar o caminho.

– Acha que vão nos prender? – perguntou Pé de Vento.

– Na melhor das hipóteses – respondeu Marcel, que parecia conformado com sua sina ou cansado demais para lutar contra o sacana do destino que vivia lhe passando a perna.

– Calma, gente! – disse Marcos. – Eu tenho um plano!

Marcel revirou os olhos, lembrando como os planos de Marcos geralmente levavam a um problema ainda maior do que o que estavam tentando resolver.

Chegaram à sala do trono onde o rei do Norte, Conwal, aguardava com seu filho Boreas.

– Então foram vocês que se aproveitaram da minha confiança para sequestrar a noiva do meu filho? – disse ele.

– Não sequestramos a princesa! – respondeu Lorena com firmeza.

– Então, como explicam o que aconteceu?

Todos engoliram as palavras, incluindo Maeve. Se a verdade fosse dita, Fergus perderia a cabeça ali mesmo e ela cairia em desgraça, ainda jogando o reino do norte contra o do sul. O que fazer então?

– Nós os encontramos e estávamos trazendo-os de volta! – respondeu Marcel.

– Então é verdade que o jovem capitão sequestrou a princesa! – confirmou o rei.

– Majestade! Eu gostaria de fazer uma petição!

Todos olharam para Marcos, surpresos e preocupados. Marcos deu um passo à frente e falou com voz imponente.

– Nós lhe contaremos tudo! Mas antes é imperativo que eu possa falar um minuto a sós com seu filho.

O jovem príncipe arregalou os olhos e o rei franziu o cenho.

– Para quê?

– Para lhe contar um segredo! – respondeu Marcos. – Ele é o noivo de Maeve, tem que ser o primeiro a ouvir o que tenho a dizer!

– Que segredo é este homem? – perguntou o rei, curioso.

– É um segredo que eu não ousaria falar para outros ouvidos, majestade, por honra, por moral, por... por loucuras a beira mar e insanidade ao sol poente, pois segredos nascem nos corações dos que ouvem e crescem como um kraken, destruindo sonhos e ideais nos dias das noites mais escuras e nas noites dos dias mais claros!

Ninguém entendeu nada do que Marcos falara. Nem ele.

O rei olhou para o filho que deu de ombros.

– Você tem um minuto – declarou o rei.

Marcos fez uma reverência, agradecido. Dois guardas acompanharam Marcos e o príncipe para uma sala adjacente. Os guardas ficaram na porta do lado de dentro.

– E então? – perguntou o príncipe com o nariz empinado e braços cruzados, mesmo estando ele também curioso. – O que tem a dizer.

– Eu sei que você é gay! – disse Marcos.

– Sou o quê?! – o rapaz pareceu não entender.

– Eu sei que você gosta de homens!

O rapaz imediatamente arregalou os olhos e suas bochechas pegaram fogo.

– Como ousa!... Eu vou faz...

– Mas seu pai não sabe de nada, o inocente! – continuou Marcos. – Senão ele não estaria tão animado com seu casamento com a Maeve.

– Seu... Seu...

– Cala a boca e me escute! Podemos fazer sua vida ser ótima e seu pai continuará sem saber, se nos ajudar!

Dessa vez, o príncipe pareceu interessado.

– Diga.

– Você vai dizer que Fergus levou a princesa ao seu mando.

– Como?

– Porque você achou que ela não o amava. Fergus deveria ouvir tudo o que ela falasse e então contar pra você. No final, era só um teste de amor. Afinal, a moça vai reinar ao seu lado.

– Grande coisa o seu plano... Vocês se salvam, a princesa se casa, meu pai fica feliz, mas o que eu ganho?

Marcos colocou o braço por cima do ombro do príncipe, segredando-lhe no ouvido as vantagens.

– Fergus e Maeve vão dever esse grande favor a você e em troca eles vão acobertar todos os seus namoros a partir de agora. Imagine, os dois serão seus cúmplices leais e manterão suas histórias não só para seu pai, mas também para toda a corte.

O rapaz pensou um pouco, ainda não muito convencido.

– Você poderá viver o amor que quiser, meu amigo! E Maeve e Fergus poderão viver o amor deles também. Todos ficarão felizes. E então? O que me diz?

Meia hora depois, Lorena, Marcos, Pé de Vento e Marcel estavam livres. O rei lhes agradeceu pelo serviço, oferecendo sua hospitalidade, mas eles queriam mesmo era ir embora. Pediram um momento com Maeve e Fergus, para se despedirem como foi da outra vez. Dessa vez, o príncipe foi junto, muito atencioso com sua amada.

A sós, Marcos contou sobre o arranjo. Fergus se indignou. Maeve ruborizou. Marcel se espantou. Pé de Vento riu.

Um burburinho de protestos começou a se elevar, mas Marcos logo apresentou a todos a alternativa: suas cabeças rolando.

O príncipe riu, mas Marcos não se esqueceu dele.

– E não ri não príncipe da Sapucaí, porque até a sua cabeça real vai rolar se o seu pai souber que você é fã da Lady Gaga!

Ficaram em silêncio. E então, se despediram. Maeve chorou. Como chorava aquela menina! Mais de saudades de seus novos amigos do que por outra coisa. O príncipe se despediu de todos também, mais se deteve num abraço mais longo em Marcel, terminando com uma piscadela.

E assim eles retomaram seu caminho, deixando, mais uma vez, o reino do Norte e do Sul com sua aliança de paz baseada num casamento arranjado mais falso que cenário de novela.

Assim que se afastaram, Marcel olhou com respeito para o amigo.

– Gostei de ver! – cumprimentou.

– Eu manjo dos paranauês! – sorriu orgulhoso Marcos.

E apressaram os cavalos para chegarem à Cidade Obscura.

Zac sonhava com uma canção. Não compreendia muito o que ela dizia, mas era doce e triste ao mesmo tempo. Os olhos pesados abriram com dificuldade e ele percebeu que sua cabeça repousava em algo macio e quente. Se levantou, sentindo todo o corpo doer.

– Você está bem?

Ele viu o rosto de Bianca fora de foco. Piscou algumas vezes, a cabeça latejando. O rosto dela, que antes parecia um balão flutuando diante dele, agora assumia detalhes. Ela parecia preocupada.

– Oi... – respondeu ele.

– Como se sente?

– Como se fosse a seleção brasileira jogando contra a Alemanha na Copa de 2014... – respondeu ele, colocando a mão na cabeça.

Ela riu e ele levou alguns segundos para entender o que ele mesmo dissera. E então ele entendeu. Arregalou os olhos e procurou pelas grandes asas de morcego. Então tocou suas orelhas, percebendo que não estavam mais pontudas. Sorriu, incrédulo, para a moça.

– Funcionou!

– Funcionou! – concordou ela.

Ele riu e logo parou com um gemido.

– Au! Tudo dói!

– Os homens de Asram te deram uma tremenda surra... – explicou ela. – Covardes...

Bianca contou que os homens paralisaram quando o viram se transformar em humano. Mesmo assim, Asram deu ordem para que o matassem, mas o capitão Arland não permitiu. Era um humano e merecia um julgamento. Era a lei. Asram concordou. Aparentemente, não tinha muita opção. O capitão era bem quisto e respeitado por ser um homem justo, se entrassem em desacordo, havia uma grande chance dos homens ficarem ao lado dele. Também não pegava bem matar um garoto desacordado que parecia ter sido vítima de algum feitiço. No fim das contas, foram jogados na cela e desde então, horas se passaram e nada acontecera.

Bianca lhe fez uma carícia nos cabelos escuros.

– Como se sente?

Ele fechou os olhos e então sorriu.

– Eu me lembro de tudo... Da sorveteria... Do cinema... De você metendo um bolinho na minha cara...

Ela abriu um sorriso de felicidade pura e plena.

– E também me lembro de ter asas e de ter caminhado com você nesse mundo... Parece que foi ontem!

Então ele franziu o cenho, como se algo não se encaixasse.

– Não faz sentido... – disse ele.

– O que não faz sentido?

– Eu me lembro de... ter morrido. E então me lembro de ter vivido uma vida humana completa. Me lembro do acidente dos meus pais, do meu irmão, do nosso apartamento...

– Isso é ótimo! – comemorou ela.

– Você não entende? – tornou ele. – Como seria possível eu ter vivido essa vida humana ao mesmo tempo em que era um anjo?

Bianca entendeu o que o preocupava.

– Me disseram que o tempo é fluido aqui – respondeu ela. – Talvez os anjos possam...

– Talvez não seja verdade...

Ela não entendeu e balançou a cabeça levemente. Ele olhou para ela de novo.

– Somos nossas lembranças... Acho que eles me mandaram de volta com lembranças de um passado que não tive, mas que precisava para ser um humano.

– Isso quer dizer que...

Ele pareceu meio perdido.

– Não sei... Talvez seja loucura minha. Ou talvez eu não tenha vivido tudo o que acho que vivi.

– Eu vi fotos suas de criança.

– Anjos podem fazer isso. Eu me lembro de vê-los mudando vidas simplesmente mudando lembranças das pessoas.

Bianca olhou para o nada por um momento.

– Zac...

Ele olhou para ela de novo.

– Isso realmente importa?

Ele ficou parado um segundo. Então abriu um grande sorriso.

– Na verdade, não!

E se inclinou para dar um beijo nela. Quando seus lábios se separaram, ele colou sua testa com a dela, acariciando seus cabelos.

– Obrigado por não desistir de mim...

O som de chaves e passos os fez se prepararem. Alguém estava vindo.

Bianca ficou aliviada ao ver o capitão com mais um guarda. Dessa vez, Zac se lembrava dele. Ele trazia dois pratos de comida e bebida. Abriu a porta e entregou para eles, que começaram a comer. Estavam com muita sede e fome.

– Obrigada! – disse Bianca, com a boca cheia. – Não só pela comida, mas por ter me protegido na batalha e por ter intercedido por Zac.

O capitão aceitou o agradecimento com um movimento de cabeça.

– Infelizmente, não sei se poderei fazer isso de novo.

Eles o olharam preocupados.

– O príncipe quer executar vocês dois.

Bianca se engasgou e precisou tomar um copo de água.

– E qual a acusação? – perguntou Zac.

– Traição. Ele alega que vocês estão trabalhando com os trolls e que Zac se transformou em um deles por meio de alguma feitiçaria.

– Não fizemos nada disso! – reclamou Bianca. – E Asram não deveria poder fazer nada! Ele é o príncipe! Não é o rei! Cadê o rei Oldebaran e a rainha Nístika?

– Ainda não voltaram e enquanto estiverem fora, é o príncipe que dá as ordens. Mas eu não concordo com o que ele está fazendo. Exigi um julgamento justo para vocês. Será amanhã pela manhã. Se conseguirem provar sua inocência, estarão livres. Mas se não conseguirem, a sentença será aplicada imediatamente. Eu desejo sorte a vocês.

O capitão se retirou, juntamente com seu guarda, deixando os dois sozinhos com a sombra de uma lâmina a pairar sobre suas cabeças.

O poder da inspiração

Chegaram à Cidade Obscura antes de escurecer. Era uma cidade grande com muitas pessoas nas ruas. Falava-se alto e havia sempre algum negócio acontecendo. Pé de Vento fez algumas perguntas e logo voltou com informações.

– Há três arenas na cidade. Ele pode estar em qualquer uma delas.

– Como vamos saber em qual? – perguntou Lorena, ansiosa por estar tão perto.

– Vamos ter que sair perguntando... – respondeu Pé de Vento.

Sair perguntando não parecia uma ideia tão boa quando não se sabia o que exatamente perguntar. Não usariam o nome dele para anunciar uma luta, pois a primeira coisa que escravos perdem é o nome. E tudo isso baseados num palpite de Pé de Vento. Numa hipótese terrível, Urbain poderia ter sido enviado às minas, ou ter sido vendido a piratas. Mas eles não queriam pensar nisso. Estavam ali agora e fariam tudo o que pudessem para encontrá-lo.

Depois de uma hora de perguntas, alguém se interessou pelo que estavam procurando. Um senhor altivo de cabelos brancos e manto escuro, elegantemente vestido, se aproximou deles depois de ouvi-los perguntando para ambulantes.

– Estão procurando algo muito específico, pelo que ouvi... – disse ele. – Posso saber por quê?

Eles não esperavam esse tipo de pergunta e gaguejaram respostas incompreensíveis. O senhor os olhou nos olhos.

– Vocês conhecem o escravo que estão procurando, não conhecem?

Lorena não conseguiu evitar olhar para Marcel e Marcos.

– É meu marido – confessou ela. – Achamos que ele foi trazido para cá, mas não conseguimos achá-lo.

O homem fez sinal para que falasse baixo e diminuiu também o tom de voz dele.

– Parentes e amigos de escravos não costumam ser bem vistos aqui. São sinal de problemas. Venham comigo.

Ele se virou e seguiu pelas ruas apinhadas de gente e os quatro o seguiram. Marcel, como sempre, estava desconfiado, mas aquilo era o mais perto de uma pista que eles foram capazes de encontrar.

Depois de virar num beco escuro, o homem entrou numa porta à direita.

– Acho que vamos acordar numa banheira cheia de gelo e sem os rins... – murmurou Marcos.

Lorena segurou a mão de Eileen. A menina olhava atentamente para ela e Lorena temeu pela sua segurança. Uma coisa era eles se arriscarem. Outra bem diferente era arriscar a vida da criança.

Pé de Vento não compartilhou a hesitação e entrou. Os três ainda se entreolharam, mas não viram muita saída.

A porta dava para uma espécie de bar fechado. O homem foi até uma mesa e os chamou. Pediu bebidas e todos se sentaram juntos.

– Meu nome é Jonas. Faço parte de um grupo anti escravidão que procura comprar e libertar escravos. Geralmente, compramos os mais fracos, os que terão menos chances de sobreviver nas arenas ou nas minas.

– Por que nos chamou aqui? – perguntou Marcel.

– Porque eu acho que vi o homem que procuram.

Urbain e Leanan foram levados cabisbaixos para a arena. Antes de entrarem, o ex-padre olhou para a fada cativa.

– Está pronta?

Ela anuiu com a cabeça, os olhos azuis brilhando.

Ouviram quando os anunciaram. Aumentaram seus feitos de forma que ele parecia um herói de três metros e pintaram Leanan como se ela fosse alguma vilã superpoderosa de histórias em quadrinhos.

– Se pudermos fazer metade do que dizem, ficaremos muito bem... – comentou Leanan.

O portão de grades se abriu e eles entraram. A multidão berrou. Urbain olhou o lugar, já calculando o próximo passo. Ele estava algemado, assim como Leanan, e olhou para ela surpreso.

– Não vão nos soltar?!

– Eu lhe disse que eles não nos dariam chance...

Eles caminharam para o meio da arena. No céu acima deles, as estrelas já brilhavam. O lugar era enorme e estava lotado. Então, ele se virou para ela.

– É a hora!

Então eles ficaram de frente um para o outro, se aproximaram e se beijaram longamente.

A multidão fez um súbito silêncio, espantada com aquela reação inesperada de dois amantes se despedindo, de duas pessoas lindas dando seu último beijo. Nas arquibancadas, um homem baixinho lembrou do seu primeiro amor e imaginou como ela estaria agora, tantos anos depois. Uma mulher que antes gritava por sangue, naquele momento desejou um dia ser beijada daquela maneira. Um jovem

pensou que gostaria de um dia provocar aquela reação nas pessoas. Um jovem que tinha o coração amargo sentiu um pouco de doçura ao imaginar que ele também poderia encontrar a pessoa ideal. Uma mulher madura sentiu o coração se encher de tristeza ao saber que aquele beijo era um adeus.

Foram apenas alguns segundos de perplexidade, mas milhares de pensamentos e sentimentos foram lançados.

Quando seus lábios se separaram, Leanan sorriu. Ela podia sentir os corações e almas dando-lhe um fio de sonho e energia necessária para o plano dar certo.

Suas algemas caíram no chão, assim como os braceletes de ferro encantado que detinham seus poderes. Imediatamente, asas enormes surgiram em suas costas, irisadas e brilhantes, com detalhes em violeta, azul e furta-cor.

Vendo o que estava acontecendo, Klaus deu a ordem para que soltassem logo o oponente. Urbain e Leanan viram o outro portão se abrir, mas não viram o que estava lá dentro. Ele estendeu para ela os pulsos acorrentados.

– Rápido!

Ela os tocou e imediatamente as correntes caíram na areia. E então o chão tremeu.

Passos pesados vinham da escuridão, vendo a porta aberta. Gemidos terríveis se seguiram e um estranho som de correntes. Urbain sentiu a nunca se arrepiar e Leanan pareceu paralisar, pois ela sabia o que era isso.

E então surgiu na arena um gigante de aparência tenebrosa, com correntes que passavam pelo seu corpo, botas feitas com peles de animais e cabeças decapitadas amarradas em sua cintura. E as cabeças gemiam, presas numa morte sem fim, os olhos revirados, as bocas semiabertas escorrendo uma baba viscosa. O gigante, repleto de cicatrizes no rosto, trazia um tacape com pregos e pontas e olhava em volta, analisando o território.

– *On s'est vachement trompé...* – disse Urbain, de queixo caído.

– É Jack, o Acorrentado! – disse Leanan.

E como se ouvisse o seu nome, Jack olhou para eles e deu um passo em sua direção. Leanan alçou voo num salto e desapareceu. Urbain chegou a ver o rastro de pontos brilhantes que ela deixou e então Jack chamou novamente sua atenção. Voltando a si, Urbain começou a correr procurando algo que pudesse fazer, além de ser destroçado por um gigante.

Um grupo que gritava por sangue viu surgir diante deles a fada que desaparecera. Ela soprou sobre eles um pó brilhante e imediatamente um homem teve uma ideia para construir um segundo andar para sua casa e transformá-la num bar. Outro teve uma ideia para uma poesia que honrasse Diane, a deusa da caça. Outro ainda pensou em como seria bom se pudesse pintar os móveis de sua casa,

tornando-a mais bonita e aconchegante e desejou fazer um altar para os deuses nórdicos.

E a cada ideia, Leanan sentia-se mais forte e mais brilhante. Voou para um grupo mais perto de onde Urbain estava e soprou neles sua magia de inspiração. Uma mulher desejou esculpir um animal incrível, um tigre dentes de sabre totalmente branco, mesmo que não esculpisse nada há anos. Outro homem teve um sopro de inspiração para uma canção que falasse da superação, e pensou em voos mais altos. Em um homem de meia idade inspirou a vontade de ver uma luta justa. O homem se levantou e saltou para perto da arena, onde um guarda armado estava. Pegou sua espada e a jogou para o homenzinho que fugia do gigante. Não fora difícil tirar a arma do guarda porque ele estava embevecido pela beleza de Leanan, flutuando diante dele.

Urbain viu a espada voar em sua direção e a pegou no ar com maestria. Então parou de fugir. Derrapou e parou em posição de combate, olhando para o gigante que vinha correndo em sua direção, erguendo o tacape para um golpe fatal. Urbain esperou que ele se aproximasse e então rolou para o lado ao ver o tacape descendo e explodindo ao seu lado. Imediatamente, deu um corte no pulso, agora ao seu alcance, com toda a sua força. A pele cinzenta se rasgou e sangue jorrou na arena, enquanto um urro se elevava.

Enquanto isso, Leanan continuava seu processo de inspirar aquelas almas brutas. Era como jogar sementes em solo pedregoso, mas sempre havia um ou outro que podia se inspirar. E a cada inspiração que nascia no coração de alguém, ela recebia de volta em dobro a energia dada, ficando mais forte. Olhou para a arena e viu que Urbain, depois de cortar o pulso do gigante, saltou sobre seu braço e, com mais um salto, cortou seu rosto. Agora o gigante soltara a clave e levava a mão no rosto ferido, com mais um urro de dor.

Irritado e com muito ódio, o gigante passou a perseguir Urbain sem o tacape, tentando acertá-lo como se ele fosse um inseto. Assim que desceu a mão para tentar esmagá-lo, Urbain se abaixou e ergueu a espada, esperando o impacto.

Outro urro de dor invadiu a arena, pois Jack enfiara sua própria mão na espada em riste de Urbain. Segurou a própria mão com uma carranca de dor e então ficou com muita raiva.

Urbain correu e Jack foi atrás dele. Quando estava quase o alcançando, Urbain parou bruscamente e mudou de direção, passando por baixo de suas pernas, confundindo o gigante. Assim que chegou perto dos pés, desferiu um golpe terrível no tendão de aquiles. Jack gritou e caiu sob um joelho, perdendo o equilíbrio.

E então veio o golpe que Urbain não esperava. Num movimento rápido com a mão, Jack acertou Urbain e o jogou tão longe que ele bateu na murada que

cercava a arena e caiu no chão, provavelmente desacordado. Jack riu e se levantou, caminhando confiante na direção de sua presa.

Urbain sentia o perigo se aproximando e tentava se levantar, atordado, mas seu corpo não lhe obedecia. A visão estava turva e sentiu a respiração ficar difícil. O chão tremeu com a aproximação de Jack que ergueu a clava para esmagar seu oponente caído.

Leanan surgiu de repente diante dele como uma luz rápida e cegante. O gigante, incomodado com sua luz, tentou espantá-la com a mão livre, mas logo uma surpresa o atingiu. A cada vez que Leanan sumia, ela reaparecia com uma forma diferente.

Como uma deusa nórdica, ela ergueu o martelo e o acertou no queixo, fazendo-o dar alguns passos para trás. Ele revidou, tentando acertá-la com a clave, mas ela desapareceu. Quando surgiu, o fez pelas costas no chão, e dessa vez era Diana, a deusa da caça, apontando para ele sua flecha. Uma após a outra, acertou o gigante no peito. Irritado, ele ergueu o enorme pé para esmagá-la.

A turba se levantou em gritos, ansiosa pelo desfecho daquela luta épica e inesperada. O gigante esfregou o pé, tendo certeza de que tinha esmagado a fada. Quando o retirou, porém, não havia nada além de areia.

Ela surgiu novamente, dessa vez como um tigre dentes de sabre. Avançou nas costas do gigante, arranhando suas costas. Dessa vez, porém, Jack conseguiu ser rápido. Agarrou o animal e ele voltou a ser novamente a fada Leanan. Ele a segurou diante dos seus olhos, furioso, e então começou a esmagá-la lentamente.

Leanan sentiu a morte chegar. Jack, como muitos seres encantados, era imune à sua magia de inspiração e ela não conseguia se concentrar o bastante para fazer outra coisa. Urbain gritou e correu na direção do gigante de espada em punho. Jack se inclinou e esticou sua mão livre para esmagar Urbain contra o chão. Apoiado em seu joelho, ele conseguiu. Urbain não conseguia se mover para sequer arranhá-lo e não conseguia respirar direito. Não acreditou que aquele seria seu fim.

Lorena, Marcos, Marcel e Pé de Vento andavam apressados acompanhados de Jonas e estranhavam o movimento do lugar. Acharam que aquele não era um lugar para Eileen e a deixaram com Sarah, uma das mulheres resgatadas por Jonas que agora trabalhava com ele ajudando outros ex-escravos numa casa usada como refúgio na floresta.

O burburinho era constante e aromas diversos se misturavam. Era como uma partida de final de campeonato, com muita animação e vendedores de bebidas e petiscos. Nenhum muito apetitoso. Marcos chegou a ver um que parecia um

espetinho torradinho de ratos. Ele fez uma cara parecida com a que você está fazendo agora.

Depois da entrada, caminharam um pouco e acharam um lugar bem na frente. Não sabiam o que estava acontecendo, pois a multidão estava em silêncio, boquiaberta. Olharam para a arena e seus queixos caíram também.

Urbain estava beijando uma linda mulher de cabelos escuros no meio da arena.

Antes que pudessem falar qualquer coisa, uma pancada fez o estádio tremer. Logo depois, viram surgir o gigante de cerca de cinco metros com cabeças penduradas na cintura. A seguir, viram Urbain se livrar das correntes como por magia e a mulher desaparecer num voo.

– Ele vai morrer! – gritou Lorena. – O que vamos fazer?!

Marcel apontou um local por onde poderiam passar. Só precisavam passar pela multidão e saltar a murada. Tinham vindo com suas armas, claro, escondidas por baixo de mantos, e agora, mais do que nunca precisariam delas.

No tempo que levaram para passar pela multidão viram Urbain fazer o que sabia fazer muito bem: surpreender numa boa briga. Viram a mulher aparecer e desaparecer na arquibancada e não tinham a menor ideia do que ela estava fazendo.

Quando estavam quase chegando à murada, foram detidos por um homem enorme e careca que não gostou de vê-los tentar passar a frente dele.

– Este lugar é meu! Voltem lá pra trás!

– Calma, nós só queremos...

O homem apertou o pescoço de Marcos com uma só mão. Lorena, Marcos e Pé de Vento lhe deram vários socos e pontapés, e foi como se eles fossem mosquitos que não conseguiam nem ser inconvenientes. Então Pé de Vento desistiu e jogou os braços para o ar.

Ele virou um tufão que jogou o homem para cima. Quando caiu, esmagou outros espectadores. Ainda como tufão, ele abriu caminho para que eles pudessem chegar até a murada.

Urbain ainda tentava resistir, mas Jack o estava esmagando contra a terra, enquanto esmagava a fada com a outra mão. E de repente, o gigante urrou de dor, pois alguém lhe cortara os tendões da outra perna. Ao mesmo tempo, Urbain viu que o gigante retirara rapidamente a mão sangrando. Então ele viu Lorena com a espada suja de sangue logo a frente dele. Mais a frente, viu Marcos e Marcel atacando as pernas e pés do gigante, enquanto um inexplicável tufão do tamanho de um

humano levava poeira e areia para os olhos de Jack, deixando-o cego e desorientado.

Ele soltou a fada, já meio desacordada, e Pé de Vento a pegou no ar antes que caísse no chão. Ele a apoiou nos braços.

– Você está bem?

Ela abriu os olhos azuis e sorriu. E ele se apaixonou imediatamente, como qualquer homem o faria, pois ela estava pronta para usar sua magia de novo.

Marcos, Marcel, Lorena e Urbain cercaram o gigante, atacando-o sem parar. Leanan surgiu mais uma vez, dessa vez como uma águia gigante que atacou o gigante com bicadas poderosas em seu olho e em sua cabeça. Usando a corda que Marcos fizera tanta questão de levar, enlaçaram suas pernas e o derrubaram. O som que ele fez ao cair no chão foi tão grande que todo o estádio pareceu saltar. E então houve silêncio. O gigante caiu e não se levantou.

Tão perto do fim

A noite não foi das mais fáceis para Zac e Bianca. A ideia de um julgamento não lhes caiu muito bem. Mas ao menos era melhor do que os executarem de vez. Quando se está numa cela escura, onde a única luz é a lua por uma janelinha gradeada, pensa-se muito. Zac ainda estava todo dolorido, mas Bianca não o via reclamar. Ele parecia, no entanto, muito melancólico.

– Você está bem? – perguntou Bianca.

Estavam sentados juntos, apoiados um no outro, como sempre foi, e ele olhava longamente a lua na janelinha.

– Estou pensando na Lua Azul...

Bianca sorriu, lembrando da canção e do momento mágico chamado Lua Azul.

– A Lua das Fadas... – disse ela. – Foi como tudo começou, não?

– Eu gostaria que essa história tivesse um fim diferente...

– Ainda não terminou, Zac! Você é sempre tão pessimista, não sei como conseguiu esse emprego de anjo!

Eles riram juntos. Estavam de mãos dadas, sentindo o calor um do outro.

– Se tudo acabar amanhã – disse Bianca, – nunca mais verei meus pais...

– Eu sinto muito...

– Não se lamente. Não é culpa sua. Mas, eu juro, se eu morrer, vou assombrar Asram até o fim dos dias dele! Vou ser pior que poltergeist ou aquela boneca do demônio, a Anabelle!

Zac riu da ira da menina e então lembrou de uma história.

– Você conhece a história da Canção dos Quatro Ventos?

Bianca disse que não, então ele contou.

– Há seres encantados que pertencem ao norte. São os gnomos e elementais da terra. Há os do Sul, que são as salamandras, elementais do fogo. Há os do Leste, silfos e fadas do ar. E há os do Oeste, ondinas e ninfas da água. Acredita-se que o vento traz a energia de cada um dos reinos de acordo com a direção de onde ele sopra, se os elementais estiverem em equilíbrio. Um vento do norte, por exemplo, traria prosperidade e riquezas. O vento do Sul traria coragem e vitória. O vento do Leste traria inspiração e amizade. E o vento do Oeste traria amor e emoção. Mas há uma lenda que diz que quando tudo está perfeito, em total equilíbrio, o vento sopra das quatro direções e em seu assobio, ele canta uma canção perfeita que realiza todos os desejos.

– Que bonito!...

Ele se virou para ela e sorriu.

– Bianca, quando estou com você, eu ouço a canção dos quatro ventos. Não importa se estamos num parque de diversões, na casa da sua família, no cinema ou numa cela escura esperando um julgamento. Quando estou com você, tudo está perfeito. Sempre.

E então ele a beijou e ela sentiu que lágrimas nasciam de seus olhos. Quando se separaram, secaram as lágrimas no rosto um do outro.

– Talvez tudo acabe amanhã... – disse ela, em tom sério, mas calmo. – Eu entendo o que está acontecendo. Zac, eu quero mais! Eu quero crescer com você! Nós não temos nem 20 anos! Quero descobrir coisas com você, aprender coisas novas, viajar, viver novas experiências! Quero que você seja a última pessoa que eu vejo de noite e a primeira que eu vejo de dia. Ainda há muita coisa... Tanta coisa... Quero ver os filmes mais mentirosos ao seu lado e torcer na próxima Copa pra gente não perder de 7 a 1!

– Eu também! – riu ele. – Eu também quero viver muitas coisas com você, Bianca! Você me faz rir e querer ir mais longe. Ir até outros mundos!

Então ela calou por alguns momentos.

– Mas talvez isso não aconteça... – disse ela.

Ele parou de sorrir e acariciou os cabelos dela, sem tirar os olhos de seu rosto.

– Eu sei...

– Mas que quero que saiba que se tudo acabar amanhã... – disse ela. – Se tudo acabar amanhã, eu estarei muito feliz de ter vivido tudo isso com você. Não acredito que a vida se trate de quantidade. Acredito que se trate de qualidade! E eu tive a melhor vida que alguém poderia ter. E se eu tiver que terminá-la, que seja ao seu lado, porque ao seu lado eu também ouço a canção dos quatro ventos. Mesmo no último minuto.

Eles se abraçaram e choraram por algum tempo. Depois, secaram as lágrimas e falaram sobre sua defesa. Tentaram dormir, mas não conseguiram. Então conversaram sobre a vida que gostariam de ter quando aquilo tudo acabasse.

Para surpresa deles, o julgamento não seria realizado no castelo, mas ao lar livre. Havia uma bancada com o trono de Asram e cadeiras imponentes onde conselheiros respeitáveis se sentaram. Zac e Bianca logo avistaram dois postes. Bianca esperava forcas ou guilhotinas e não entendeu muito bem o que era aquilo. Preferiu não pensar nisso e focou sua atenção no que estava acontecendo diante dela.

Ao redor deles, o povo estava assistindo, curioso. No final das contas, aquele mundo não era assim tão diferente do seu.

Asram se levantou e começou o julgamento. Como esperavam, ele os acusou de tramar uma guerra desde a primeira vez em que estiveram em seu castelo, levando um dragão, um inimigo natural dos elfos, e insistindo em ficar mesmo quando foram instruídos a irem embora. Asram apontou o dedo para Zac, acusando-o de usar magia para se transformar num troll e assim incitar a guerra entre eles e a Corte Unseelil. Ele colocou todos os argumentos de forma inflamada e Bianca teve que fazer um grande esforço para não gritar que tudo o que saía de sua boca eram mentiras.

Quando ele terminou, Zac se pronunciou de forma calma e contida. Explicou que nunca tiveram a intenção de provocar nenhuma guerra. Contou como foi sequestrado do mundo dos homens para assumir um trono que não queria. E que nada daquilo teria acontecido se não tivesse sido cruelmente torturado pelo príncipe Asram, o que despertou o pior nele e o transformou no troll que ele já foi.

Bianca falou sobre como foi enganada por Asram e como ele tem sido covarde em suas ações que não condizem com um príncipe.

A multidão fez silêncio quando eles terminaram. Foram palavras duras e os olhos de Asram brilhavam de ódio. Ele pediu aos conselheiros que dessem o veredicto. Os cinco homens discutiram brevemente o caso. E então, desconfortavelmente rápido, decidiram.

Cada um foi dizendo seu veredicto.

– Culpados – disse o primeiro.

– Inocentes – disse o segundo, provocando um olhar de soslaio de Asram.

– Culpados – disse o terceiro.

– Inocentes – disse o quarto.

Um burburinho se elevou na multidão. Restou ao último conselheiro o resultado final. O homem de longas barbas demorou um pouco e finalmente falou.

– Culpados!

Bianca e Zac apertaram as mãos um do outro sem acreditar. Asram sorriu e se levantou, dando a ordem para que a execução fosse imediata. Guardas arrastaram os dois jovens para os postes que Bianca vira e os amarraram neles. Arqueiros se posicionaram e aí Bianca entendeu como morreria. O capitão mandou os arqueiros se prepararem.

Bianca olhou a multidão, pasma, mas inerte. Quis gritar para fazerem alguma coisa. Quis gritar que não queria morrer. Mas então eles se olharam, ainda perplexos. E ela se acalmou. Ele sorriu, aquele sorriso de que tudo ia ficar bem. Ela sorriu também e olhou para frente, os olhos cheios de lágrimas. Olhou as montanhas no horizonte, o céu colorido e as árvores balançarem. Mergulhou na

beleza daquele lugar e no amor que sempre sentiria. E deixou o medo partir de seu coração.

A ordem foi dada e as flechas voaram. Zac fechou os olhos lentamente quando elas partiram. Bianca ficou de olhos bem abertos, pois não queria perder nem um segundo de vida. Se havia algum remorso naquele momento foi dos momentos perdidos com bobagens. Momentos de birra em que deixou de falar com seus pais, ou com algum amigo. Momentos em que preferiu jogar vídeo game do que estar com Cacao. Momentos que escorreram pelos seus dedos e ela não fez nada para impedir, gastos na Internet, vagando tolamente sem se fixar em nada. Ah, se pudesse ter esses momentos de volta!...

A verdadeira alma

Zac abriu os olhos. Todos estavam pasmos olhando para eles. Virou-se para Bianca e ela estava ao seu lado. Viva. Estavam vivos!

Diante da confusão do que acontecera, viu Asram gritando com o capitão e seus arqueiros. O fato é que ninguém queria matá-los, pois não acreditavam em sua culpa, e por isso, todos erraram propositalmente suas flechas.

Isso enfureceu Asram, que saiu de si, pegando ele mesmo um arco e apontando para o casal. No entanto, antes que ele escolhesse qual dos dois mataria primeiro, Analice surgiu bem diante dele.

– Pare!!!

– Analice?! – disse ele, surpreso, baixando um pouco o arco ainda armado.

Ao lado dela, Bran também chegou. Os dois ofegantes e descabelados, como se tivessem corrido muito.

– Ah, os traidores resolveram se reunir hoje! – disse, com sarcasmo.

– Asram é o verdadeiro traidor! – gritou Bran.

Interjeições de surpresa e indignação se elevaram entre a multidão e os conselheiros. Antes que Asram tivesse a oportunidade de mandar prendê-lo, Analice disse a verdade.

– Ele aprisionou os próprios pais para manter o poder! O rei Oldebaran e a rainha Nístika estão presos em segredo dentro do castelo!

– Você está louca, Analice! – gritou Asram. – Pois saiba que você também será acusada de traição e, como esses dois aí, verá a morte ainda hoje!

– Eu posso provar! – gritou Bran. – O rei e a rainha estão presos numa sala secreta cuja passagem está no quarto do príncipe. Ele mesmo leva comida e água quase todo dia para eles. A passagem fica na parede onde tem um grande quadro pintado dele mesmo. É só moverem a lamparina que está presa à parede como uma alavanca e a porta secreta vai se mostrar!

Agora estavam todos em silêncio. Asram se empertigou, e deu a ordem.

– Capitão! Prenda esses dois agora!

Porém, nada aconteceu. Ele se virou para o capitão e se deparou com olhares inquisidores.

– Perdão, majestade, mas precisamos verificar a história deles.

– Vocês são idiotas?! – berrou o príncipe. – É claro que essa história é inventada e eles estão apenas ganhando tempo!!!

– Então vossa majestade não se importará em esperar alguns minutos.

O capitão enviou seis de seus homens aos aposentos do príncipe e ficou presente, pois queria evitar que Asram parasse de esperar e tomasse a justiça em suas mãos.

– Vocês vão se arrepender disso! – ameaçou Asram, rosnando para o capitão e seus homens.

Então se dirigiu à Analice.

– Você é minha noiva! Deveria ficar do meu lado!

– Não, Asram! Nenhum amor pode se edificar em terreno pantanoso...

Dois dos homens do capitão, um elfo e um humano, voltaram correndo e falaram algo em segredo ao capitão. Este então deu a ordem.

– Soltem os garotos... E prendam o príncipe!

A confusão se instalou. Os conselheiros se levantaram e gritaram coisas que ninguém ouviu, a multidão berrava contra o homem que os estava jogando numa guerra com os trolls e Asram vociferava imprecações. Analice e Bran correram para soltar os amigos, que se abraçaram assim que viram livres.

Todos ouviram a voz do capitão se elevar acima de todas as outras.

– Encontraram o rei e a rainha num quarto secreto, exatamente onde eles disseram que estaria! Eles disseram que voltaram por um caminho das fadas assim que souberam dos desmandos do filho por um silfo. Ao voltarem, no entanto, foram feitos prisioneiros.

– Vocês não veem?! – gritou Asram, sendo seguro por dois guardas humanos. – Era nossa chance de nos livrarmos deles! Os trolls são uma praga que empestiavam esse mundo! Nós poderíamos ter acabado com todos eles de uma vez por todas!

Bianca deu alguns passos a frente.

– Você é que é o monstro aqui, Asram! Você ia nos matar, você torturou Zac e ele achava que você era um amigo!

– Nem tanto, estava mais para conhecido, tipo um cunhado... – falou Zac.

Asram se enfureceu de tal forma que conseguiu empurrar os guardas e se livrar deles. Então ele puxou a espada e correu na direção dos garotos.

Bianca pensou rápido e pegou no bolso o saquinho vermelho que Frabatto lhe dera. Jogou num só movimento o pó na frente de Asram, apenas para distraí-lo antes que ele chegasse a eles e desse tempo dos guardas e do capitão fazerem alguma coisa.

Diante de Asram surgiu um espelho e ele estancou ao ver sua vida passada, visível e exposta a todos ali presentes. O garboso elfo surgia no espelho como uma das criaturas que ele combatia. Movendo-se grotescamente, grunhindo e arrancando asas de fadas, Asram tinha sido um troll. Guardas, anciãos e todo o

povo viam a vida passada de Asram, suas atrocidades, seu corpo disforme, suas garras e presas em carrancas animais.

– Isso é mentira! – gritou ele, os olhos brilhando como se ele estivesse louco. – Isso é mentira!!!

As pessoas começaram a rir. A fúria dentro de Asram crescer e então algo ainda mais espantoso aconteceu. Sua voz se tornou gutural e animal e garras surgiram no lugar de suas unhas. Ele se curvou e cresceu, quase duplicando de tamanho. Asas de morcego, negras como a noite, nasceram em suas costas, esticando-se tortas para o céu. O corpo se tornou grotesco e peludo, rasgando partes de suas finas vestes principescas. Seu belo rosto esticou, formando uma carranca e quando ele olhou novamente no espelho suspenso magicamente no ar, viu seu terrível reflexo.

Um urro horrível ecoou por toda a praça. Asram olhou em volta e viu o olhar horrorizado das pessoas a sua volta. Então ele voou, batendo suas asas negras e desaparecendo no céu.

Reencontros e despedidas

Uma vez que o gigante caíra inconsciente, a turba foi ao delírio, empolgada com tamanho espetáculo. Jonas gritou por Lorena que o viu numa das saídas da murada. Um grupo de homens armados se aproximava pelo outro lado, provavelmente para impedir que os escravos fugissem. Lorena avisou os outros com um assobio e todos correram para onde Jonas estava. Leanan voou e levou Lorena para cima. Pé de Vento levou Marcos e Marcel. Urbain, como é um exibido, escalou o lugar como se usasse arames de filme chinês em filme de ação.

Então todos correram, sendo guiados por Jonas que se ocultou sob o manto. Todos eles fizeram o mesmo, passando um manto para Urbain.

– Não contávamos com uma pessoa a mais – disse Marcel, desculpando-se por não ter um manto com capuz para Leanan.

Ela sorriu.

– Tolinho... Eu não preciso!...

E imediatamente ela se transformou em uma velhinha bem diante dos olhos deles.

O lugar mergulhou no caos, com pessoas invadindo a arena para ver o gigante de perto. Começaram a chutá-lo e pisoteá-lo e eles ainda viram quando a mão do gigante começou a se mexer.

– Vamos logo que isso aqui vai pegar fogo! – gritou Marcos.

Conseguiram correr até a saída, ouvindo o barulho atrás deles. Jack se levantara e não acordou de bom humor. Começou a esmagar pessoas, jogá-las longe e até comeu algumas. Irritado, ele começou a quebrar as muradas e a destruir as arquibancadas atrás de mais vítimas. Tentaram contê-lo com flechas, mas não adiantou.

Já estavam a vários metros da arena quando a viram pegar fogo. Pessoas corriam atarantadas, tentando escapar por todas as saídas.

– Viu? Eu disse que isso ia pegar fogo! – falou Marcos.

Assim que se viram em um beco mais deserto, Jonas tirou o manto.

– Tivemos sorte! Por pouco, os...

E não conseguiu terminar, porque Urbain pegou seu pescoço e o imprensou contra a parede. Os outros tentaram segurá-lo.

– Ele é um mago que compra escravos para experiências!!! – gritou Urbain, continuando a apertar o pescoço do homem. – Eu o vi no mercado dos escravos comprando uma mulher e uma criança!

– É um disfarce! É um disfarce! – gritavam os outros. – Ele salva escravos!

E Urbain finalmente foi retirado de cima do homem, e finalmente ouviu o que os outros estavam falando ao mesmo tempo.

– Ele compra escravos mais fracos para salvá-los! – explicou Lorena. – Ele nos ajudou a achar você!

Urbain ainda parecia incrédulo, mas não havia muito tempo para maiores explicações.

– Temos que ir! – disse Jonas, com a voz meio rouca por causa do estrangulamento.

Eles correram por ruas pouco movimentadas, o que era muito difícil, pois a cidade mergulhou num caos, com pessoas e seres encantados correndo para todas as direções. Cheiro de fumaça podia ser sentido a quarteirões da arena e cinza era levada pelo vento. Mas isso não era o pior!

– *La vache!!!* – disse Urbain, que acabava voltando ao francês em situações limite e aquela era, sem dúvida, uma situação limite.

Pela cidade, Jack o acorrentado, corria, pisoteando pessoas e destruindo o que podia em seu caminho. Leanan, que voltara a ser uma mulher bonita sem asas para não chamar muito a atenção, se pronunciou.

– Que ele destrua tudo! Essa cidade não presta!

Eles continuaram correndo, se afastando do epicentro da confusão, até que finalmente chegaram em um bosque. Jonas parecia saber para onde estava indo e eles o seguiram, até que avistaram uma bela casa onde crianças brincavam e uma mulher os observava da porta. Assim que se aproximaram, as crianças, algumas encantadas, outras humanas, correram para Jonas que as abraçou. A mulher veio se aproximando com um sorriso. Urbain sentiu um amargo na boca ao lembrar-se de Eileen.

E seus olhos se arregalaram de surpresa quando ele ouviu a vizinha chamando seu nome.

– Ban! Ban! Ban!

Correndo na direção dele com suas asinhas pequenininhas, ele viu Eileen sem acreditar. Correu na direção dela e se abraçaram. Ele não segurou as lágrimas e quis vê-la melhor.

– Eu achei que você tinha morrido, meu anjo!

– Eu fugi!

Ele não falou, ainda sem palavras por vê-la diante dele.

– Pela janela! – explicou ela, que achou que ele não tinha entendido.

E então o olhar dela foi atraído por outra coisa.

– Mamãe?...

Urbain olhou para trás e viu Lorena parada, também com um olhar surpreso.

– Mamãe!!!! – gritou a fadinha, pondo-se a correr na direção de Leanan Sidhe.

Leanan estava atônita, olhando a menina, e a recebeu nos braços quando ela saltou. Suas asas se abriram e brilharam juntas. Urbain se levantou, aproximando-se de Lorena. Ambos estavam desapontados. De alguma forma, queriam que Eileen ficasse com eles. Urbain pegou a mulher pelos braços, fazendo-a olhar para ele.

– Você veio por mim... – disse ele. – E me salvou de novo.

Ela sorriu, os olhos cheios de lágrimas.

– É um velho hábito...

E se beijaram.

Leanan ficou com eles, feliz em ter reencontrado a filha perdida. Eileen se perdera em um círculo de fadas. Depois, foi atacada pela Corte Unseelil muito longe dali e Leanan não acreditava que iria reencontrá-la. Comeram um pouco na casa de refugiados onde Urbain conhecera formalmente a mulher que vira no mercado de escravos e a criança, ambos robustos e saudáveis. Ele desculpou-se por não ter podido ajudar e desculpou-se com Jonas, por tê-lo estrangulado. O outro entendeu perfeitamente.

Enquanto comia, Urbain não tirava os olhos de Eileen. Estava tão feliz em vê-la viva que começava a se perguntar se valia a pena cumprir sua promessa de matar os três homens que o escravizaram. Estavam quase todos juntos agora. Não dedicara muito tempo em seus planos de vingança, pois aprendera que o mais importante era, antes de tudo, sobreviver.

– Vamos para minha floresta! – disse Leanan para Urbain e os outros. – Lá faremos uma grande festa para festejar a volta de minha Eileen!

– Adoraríamos, Leanan – disse Urbain. – Mas temos que encontrar minha filha, Bianca, e o namorado dela, Zac.

– Oh!... Sabem onde eles estão? – perguntou ela, tentando ajudar, colocando os cotovelos sobre a mesa e olhando-os com os infinitos olhos azuis.

Leanan era uma distração constante. Não era alguém com quem era possível se acostumar e todos os homens e mulheres da mesa estavam de queixo caído e levemente desastrados. Menos Urbain. De alguma forma, ele já a conhecia, ele já a vira quando estava vulnerável e já a considerava uma boa amiga.

– Ela estava indo para a Colina dos Amores Perfeitos – respondeu Urbain.

– Eu sei onde tem um círculo de fadas para lá – disse ela. – Me permitam ajudá-los! Vocês me deram a liberdade e devolveram a minha vida!

E ela abraçou a fadinha, cobrindo-a de beijos. Lorena deu um olhar comprido para elas, evitando sentir a inveja branca que nascia no seu coração.

Depois da refeição, prepararam-se para partir. Pé de Vento se aproximou deles.

– Bem... Parece que minha parte do acordo foi cumprida! – disse ele com seu sorriso charmoso.

Lorena retribuiu o sorriso e lhe fez um cumprimento de cabeça.

– E nós agradecemos – respondeu ela. – Não teríamos conseguido sem você.

– Mas se quiser, pode vir conosco! – convidou Marcos. – Você parece ter gostado do nosso mundo, talvez possa conhecê-lo!

Pé de Vento sorriu e então olhou para trás, onde crianças brincavam com espadas de madeira.

– Essas crianças estavam à venda no mercado de escravos... – disse ele. – Só os deuses sabem onde estariam agora se não fosse pelo trabalho de Jonas.

– Parece que você encontrou uma nova missão... – comentou Marcel.

Pé de Vento estendeu a mão para eles Marcos e Marcel e se despediu de Lorena com um longo abraço apertado que ele aproveitou muito bem.

Assim, despediram-se de todos e prosseguiram com Leanan e Eileen. Logo, acharam um círculo de fadas bem escondido. Tiveram que passar por uma parede de heras para chegar nele, mas era o que Leanan disse ser o certo.

– Este círculo os levará até a Colina dos Amores Perfeitos – disse ela. – Espero que encontrem suas crianças.

Eileen puxou a roupa de Urbain e ele se abaixou para vê-la.

– Fica! – disse a menina.

– Não posso, meu anjo... Bianca e Zac precisam de nós.

Ela fez um beicinho e baixou os olhos.

– Você vai voltar? – perguntou ela.

– Talvez – disse ele, surpreso em ouvir a própria resposta. – Quem sabe? Mas você e sua mãe poderão nos visitar sempre que desejarem!

Ela o abraçou e ele a apertou, sentindo o coração já bater no ritmo da saudade. Eileen então foi até Lorena e sussurrou em seus ouvidos:

– Você é uma mãe muito boa!

Elas se abraçaram e se beijaram. Eileen foi até Marcel e ele se abaixou. Ela se sentou na perna dobrada dele.

– Você precisa deixar o coração livre, senão ele não voa! – disse ela.

Ele franziu o cenho, surpreso. Ela o abraçou.

Então foi até Marcos, seu companheiro de brincadeiras. Abraçaram-se longamente.

– Você vai se lembrar de mim? – perguntou ela.

– O tempo todo! – respondeu ele.

Quando Eileen terminou, foi a vez de Leanan se despedir. Ela deu um beijo nos lábios de Urbain. Marcel e Marcos olharam surpresos, esperando a reação de Lorena. Mas Leanan foi até ela e disse:

– Cuide bem dele! É um homem muito especial.

E deu um beijo nela também, fazendo os homens arregalarem ainda mais os olhos.

E, ainda atordoados, todos entraram no círculo de fadas.

Chegaram num belo jardim e ouviram vozes. Correram na direção delas e viram uma praça repleta de pessoas perplexas e um troll voando. Viram Bianca, Analice, Bran e Zac.

– Não acredito! Achamos todos! – comemorou Marcel.

– Não acredito que perdemos a festa toda! – reclamou Marcos, vendo que as pessoas estavam atônitas.

Eles correram, chamando por Bianca e quando ela os viu, tirou os olhos do troll que já tinha virado um pontinho muito distante e correu para eles. O abraço de quem se ama é algo que não pode ser engarrafado e vendido, mas se fosse, seria um alívio na saudade.

A seguir, abraçaram Zac, que estava todo dolorido, mas não se importou, e abraçaram Analice. Vendo que Bran ficou de fora, o puxaram e o incluíram no abraço.

Aquela foi uma tarde de muita conversa, pois muita coisa tinha acontecido. Mas a conversa foi interrompida quando o rei Oldebaran e a rainha Nístika os chamaram à sua presença. Eles foram e viram um rei e uma rainha abatidos e tristonhos, mais pela traição e decepção do que pelo cativeiro, pois Asram sempre fez tudo para que não lhes faltasse nada.

– Nós lamentamos o que nosso filho fez – disse o rei. – E agradecemos pelo que vocês fizeram. Gostaríamos de lhes oferecer alguma coisa como recompensa.

– Não precisa, não foi por isso que agimos – respondeu Bianca.

Seu tio Marcos quase teve um treco quando ela disse isso, mas ela não percebeu.

- Mas há algo que desejamos– disse Marcel. – Voltar para casa.
- Isso nós podemos arranjar.

Tiveram algum tempo antes de partirem. Foram necessárias muitas explicações para colocar a verdade em pratos limpos. Quando as explicações terminaram, restou apenas a despedida. Marcaram de partir no crepúsculo do dia seguinte. Então, de tarde, Bianca e Analice saíram para um passeio nos jardins do castelo.

No começo, caminharam em silêncio. Era assim que começavam as despedidas.

- Você não sente falta deles, Analice?

A moça olhou para as árvores, sabendo do que a amiga estava falando.

- Sinto... Mas sinto saudade de uma lembrança. Das viagens de férias, quando saíamos todos juntos. Isso já não acontecia há anos.

- Não sente vontade de voltar?

Analice meneou a cabeça com um sorriso.

- Nem um pouco. Aqui é o meu lar. É como se eu sempre tivesse vivido aqui.

Bianca tentou entender. Muitas pessoas vão para terras estrangeiras e se encontram. Talvez seja essa coisa de vida passada.

- Sabe o que dizem? – tornou Analice. – Que quando deixamos algo nosso num lugar, ficamos eternamente ligados a ele.

Bianca parou de frente para uma belíssima árvore de copa imensa, repleta de um tipo estranho de flores laranjas, azuis e douradas que a cobriam por completo. Então ela retirou a garrafinha do Urisk do pescoço. Puxou um fio de cabelo e o colocou dentro da garrafinha. Sussurrou para dentro da garrafinha:

- Deixo para esta terra meu amor e minha gratidão e espero que um dia me receba de volta.

Soprou e fechou com a rolha. Colocou o vidrinho dentro de uma fresta no tronco da árvore.

- Pronto! Agora sabemos que eu vou voltar e que poderemos nos ver de novo! – disse ela com um sorriso.

Analice estava com os olhos cheios d'água. Olhou a amiga nos olhos.

- Obrigada, Bianca. Sou uma privilegiada por ter uma amiga como você.

Bianca pegou nas mãos dela.

- Obrigada a você, Analice, por ter ficado ao meu lado. Eu não teria conseguido sem você.

Elas se abraçaram, coração com coração, e nesse momento as flores estranhas da árvore voaram, revelando-se borboletas. Elas se assustaram com a

revoada súbita e então começaram a rir com a beleza do inesperado. As borboletas eram pequenas e de todas as cores e voavam por todo o lugar, cercando-as em alegria, até pousarem novamente na árvore, que parecia ser seu dormitório.

As duas amigas continuaram a caminhar lentamente no passeio pelo bosque.

– Então? Zac voltou a ser o que era? – perguntou Analice.

– Ah, voltou! Não é mais o retardado emocional que era quando troll! E se lembra de quase tudo. Ele tem uns lapsos da vida de anjo e de troll, só lembra de algumas coisas. Mas se lembra da vida de humano. E se lembra de mim!

– Isso já está ótimo!

– E você? Vai ficar bem?

Analice sorriu olhando para o céu azul.

– Vou, sim. Lamento por Asram. Lamento por eu não ter sido capaz de torná-lo melhor.

– Você tentou, Analice. Mas ele fez suas próprias escolhas.

– Os pais dele estão muito tristes...

– Fique com eles. Eles vão precisar do seu amor mais do que nunca.

Ficaram em silêncio por mais alguns passos.

– E Bran? – perguntou Bianca.

– O que tem ele?

– Ainda está caidinho por você?

Analice sorriu, franzindo o nariz e ganhando um ar sapeca.

– Talvez.

– E você? – insistiu Bianca. – Sente alguma coisa por ele?

– Talvez.

Elas riram, se deram os braços e continuaram conversando enquanto folhas douradas caíam.

Lorena acordou, tendo finalmente podido dormir longamente numa cama confortável. Urbain não estava ao seu lado e ela ergueu a cabeça. Viu que ele estava na sacada do quarto olhando a vista. Ela se envolveu em um lençol e foi até ele. Percebeu o marido olhando as montanhas ao longe. Um dragão voava entre as nuvens coloridas, o céu era azul brilhante e havia relva verdejante, lagos brilhantes e flores maravilhosas até perder de vista.

Lorena o abraçou por trás.

– Mal notei o quanto este lugar é lindo... – murmurou ele.

– Eu sinto muito por você ter passado por tudo isso.

Ele a abraçou.

– Sabe? Eu jurei matar uns caras...

Lorena o olhou e não tinha uma expressão de surpresa. Era Grandier. Surpresa seria se ele não tivesse jurado ninguém de morte, considerando a situação.

– Podemos ficar mais tempo, se preferir... – disse ela. – Mas se o fizéssemos, gostaria que fosse para vermos a beleza do lugar. Juntos. E não para matar alguém.

Urbain riu.

– Vamos, querido!... – riu Lorena. – Deixe que o karma tome conta deles!

Beijaram-se e resolveram sair para um passeio. Colocaram suas roupas e quando estavam na porta, Urbain se virou para a sacada.

– Aquilo lá era um dragão?!

No horário marcado, se reuniram no jardim secreto do castelo, onde havia um belíssimo círculo de fadas. Bianca já havia lembrado que precisavam do Elixir de Tir Nan Og para voltarem no tempo certo, mas a rainha apenas sorria. Conhecía as regras. Uma criada de longos cabelos dourados lhes serviu copos e o elixir.

– Vocês conseguiram???? – surpreendeu-se Bianca. – A rainha Paralda lhes deu? Eu quase morri para conseguir uma única dose desta coisa da primeira vez que vim!

– Ela nos deu há muito tempo – respondeu a rainha Niksa. – Digamos que Paralda e nós tínhamos um acordo que foi pago com uma boa quantidade do elixir.

Bianca já ia pegar um copo para si quando contou e viu que havia apenas cinco copos.

– Péra! Somos seis e só tem cinco copos!

– Na verdade, Bianca, você não precisa do elixir! – explicou o rei. – Você já esteve aqui e já o tomou. Os efeitos dele perdurarão por toda a sua vida.

– Como a água das Asrais! – lembrou Bianca, feliz em saber disso.

A criada ofereceu a bandeja para Marcel e ele pegou um dos copos de vidro colorido. Olhou para a bebida por alguns segundos. Devolveu o copo para a criada e então se virou para os amigos.

– É aqui que nos despedimos.

Os outros pararam e olharam para ele. Tinham se esquecido de que Marcel quebrara uma das regras. Ele beijara Oisin. Mais do que isso. Ele se casara com ela.

– Não! Vamos resolver isso! – disse Marcos.

– Sim, vamos falar com Oisin! – concordou Urbain. – Podemos dar um jeito!

– Amigos! – Marcel os chamou. – Vão para casa.

Ele parecia incrivelmente sereno e estendeu a mão para Urbain. Este o puxou para um abraço, agradecendo-lhe pela amizade. Marcos o abraçou, com lágrimas nos olhos.

– Posso ficar com seu apartamento? – perguntou.

– Pode.

– E seu carro?

– Pode, mas cuide bem deles. Eu vou voltar!

Bianca chorou ao se despedir do tio, não conseguindo imaginar a vida sem ele e se sentindo culpada por tê-lo arrastado para aquilo, mas ele a consolou.

– Não fiz nada de que me arrependa!

E ele olhou para Lorena.

– Nada mesmo!

E a abraçou longamente.

– Não é um adeus... – disse ela, as lágrimas rolando pelo rosto.

– Não é um adeus... – respondeu ele.

E assim, entraram no círculo das fadas, deixando para trás Marcel, que retornou para a ilha perfeita e paradisíaca onde uma belíssima moça de cabelos dourados o esperava. Analice foi acolhida pelo rei e rainha como uma filha e ela se perguntava se voltaria a ver Bianca, Zac e sua estranha família maluca.

Não muito longe dali, um passarinho caiu do ninho. Se alguém pudesse contabilizar, milhares de passarinhos caem dos ninhos todos os dias, neste mundo e em outros, e milhares dessas pequenas vidinhas se perdem sem nunca terem ganho os céus em voos de liberdade. Pois este era um desses passarinhos. Caído, só poderia esperar um predador qualquer, ou alguém de mau coração, e sempre há desses, tanto quanto passarinhos caem dos ninhos.

E alguém se aproximou. Uma mão grotesca pegou o passarinho com delicadeza. Então, o elevou até a árvore e o recolocou em seu ninho.

Dois trolls que observavam o terceiro troll fazer isso perguntaram curiosos:

– Então é verdade que podemos ser outra coisa? – perguntou um deles, continuando a conversa que tinham antes de encontrarem o pássaro.

– Sim, é verdade! Eu mesmo vi! – respondeu o que colocara o pássaro no ninho. – Podemos ser anjos, humanos, qualquer coisa!

– E como fazemos isso?

– Fazendo escolhas melhores, eu acho!... – respondeu Jurubin.

E seguiram conversando sobre essa nova possibilidade que se espalhava entre os trolls, enquanto o passarinho recebia sua mãe para alimentá-lo em seu ninho.

Epílogo

Não se volta o mesmo de uma aventura como essa e agora a família que se reunia com constância compartilhava segredos e uma história inimaginável. A cadeira vazia de Marcel sempre foi sentida e não houve uma única vez em que seu nome não foi mencionado. Lorena, vez por outra, se flagrava chorando pelo amigo que deixou no outro mundo.

Mas a vida continua e ela continuou. Zac saiu dos correios e resolveu tentar a faculdade. Bianca seguiu o mesmo caminho. Nenhum dos dois tinha certeza do que queria e era normal. Marcos os aconselhava:

– Não importa o que façam, divirtam-se sempre!

O jovem casal decidiu fazer uma viagem para a Irlanda, onde aprenderiam inglês e conheceriam lugares novos, antes de mergulharem numa faculdade. Ninguém se opôs. Era mais do que claro que aqueles dois sabiam se virar. Trabalharam por quase um ano para ajudar a pagar a viagem, tiraram passaporte e fizeram planos.

Às vezes, Zac era surpreendido por uma lembrança. Ele e Bianca passaram o ano tentando entender como a vida dele era possível ali no mundo dos homens. Chegaram à conclusão que não importava e que deveriam desfrutar a chance que lhes foi dada. Mal sabiam eles que Uriel tinha seus truques.

Urbain e Lorena viam Bianca e Zac começarem a alçar voos cada vez mais distantes e mais longos. A lembrança de Eileen e a ausência de Marcel deixaram um buraco permanente neles e ambos sentiam isso. Até que um dia, Urbain se virou para Lorena numa tarde de domingo quando olhavam os pássaros nas árvores no bem cuidado jardim.

– Vamos ter um bebê?

Lorena olhou para ele e se deparou com aquele sorriso que a conquistou. Ela também abriu um sorriso.

– Se você não quiser ter, podemos adotar! – continuou ele, sabendo o quanto a gravidez exigira de Lorena da primeira vez.

– Que tal fazermos ambos?

E então se beijaram, fechando o acordo.

Marcos não estava brincando quando falou do apartamento e carro de Marcel. Ele realmente se apossou e passou a morar lá. Usou o escritório para começar a escrever seu livro. Arrumou a mesa, pegou todas as suas anotações, pegou uma caneca de cappuccino, colocou uma música e... Nada aconteceu. Ficou

diante da tela em branco. Começou 38 vezes e 38 vezes apagou a frase. Os dias se passavam e a tela continuava em branco. Marcos começou a desanimar.

Aquele livro seria a realização de sua vida. Passara a vida se divertindo e levando a vida numa boa, mas agora sentia a necessidade de fazer algo relevante. Por isso queria escrever o livro, contar tudo o que viu e tudo o que ouviu. Bianca continuava desenhando e Zac gostava de pintar. Resolveu inserir os dois no seu projeto e fazer um grande livro ilustrado dos seres encantados.

Porém, nada disso iria acontecer se ele não o escrevesse.

No terceiro dia, a tela continuava em branco. A janela estava aberta. Marcos não viu, mas sentiu uma brisa diferente. Olhou para a janela onde viu um passarinho colorido no batente. Ele tinha o peito laranja, o corpo azul real e o rabo vermelho, com uma crista amarela. Atrás de Marcos, Leanan Sidhe soprava seu brilho de estrelas, envolvendo-o por completo. Ela olhou para a janela e sorriu para a menina fada sentada no batente, usando um vestido laranja e vermelho, com um laçarote azul real.

E então Marcos voltou a olhar para a tela branca. Seus dedos começaram a se mover rapidamente pelo teclado e não pararam mais. Ele nunca mais viu uma tela em branco por muito tempo.

Um ano depois...

Lorena não estava brincando quando disse que queria filhos. Entraram na fila de adoção e foram chamados para uma criança linda de quatro anos que muito lembrava Eileen. Logo depois, ela engravidou. Urbain estava orgulhoso e feliz e sentia que aquele era o melhor momento de sua vida.

Numa noite, ele ouviu um barulho na cozinha. Levantou-se e verificou o quarto da pequena Amanda. A menina dormia tranquilamente. Ele a cobriu e beijou sua testa carinhosamente.

Desceu as escadas e foi até a cozinha. Não havia nada. Pegou um copo com água e o levou. Ouviu outro barulho, dessa vez na sala. Mais cauteloso, caminhou até lá.

Discerniu uma sombra com mais de dois metros e meio recortada no meio da sala. O coração acelerou. Acendeu a luz e perdeu a cor.

— Olá, padre...

Urbain se assustou e derrubou o copo. Para sua surpresa, o copo parou centímetros antes de alcançar o solo e ficou paralisado. Ele voltou a olhar para o fauno ancião que continuava ali, no meio de sua sala, com um sorriso enigmático, tomando uma xícara de chá.

— O quê... o que você... — balbuciou Urbain.

O fauno sorriu e seus olhos brilharam.

– Lembra que você me deve um favor? Pois bem... Vim cobrar...

Fim

Table of Contents

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Prioridades](#)

[Capítulo 2](#)

[Prisioneiro](#)

[Capítulo 3](#)

[O homem que gostava de histórias](#)

[Capítulo 4](#)

[Tão perto, tão longe...](#)

[Capítulo 5](#)

[O Tachan](#)

[Capítulo 6](#)

[Entre as chamas e a noite](#)

[Capítulo 7](#)

[Um traço de luz na escuridão](#)

[Capítulo 8](#)

[Com licença, onde fica o setor de informações?](#)

[Capítulo 9](#)

[A sina de um escravo](#)

[Capítulo 10](#)

[A escuridão dentro de nós](#)

[Capítulo 11](#)

[A verdade nos espelhos](#)

[Capítulo 12](#)

[O que nos muda](#)

[Capítulo 13](#)

[Indo às Compras](#)

[Capítulo 14](#)

[Ventanias](#)

[Capítulo 15](#)

[Prision Break](#)

[Capítulo 16](#)

[A Feira Encantada na Estrada Assombrada](#)

[Capítulo 17](#)

[Notícias ruins sempre nos encontram](#)

Capítulo 18

Caminhos separados

Capítulo 19

Batendo de porta em porta

Capítulo 20

Perdendo a compostura

Capítulo 21

O Riacho das Pedras Roladas

Capítulo 22

É preciso ir devagar

Capítulo 23

A Canção das Fadas

Capítulo 24

O fundo do poço nem sempre é o fundo do poço

Capítulo 25

A Cabana

Capítulo 26

Na cela em frente

Capítulo 27

Um presente para uma fada triste

Capítulo 28

Humanidade

Capítulo 29

Aprisionados

Capítulo 30

Às vezes, as escolhas são poucas.

Capítulo 31

Perto daquela árvore, ao lado daquela pedra

Capítulo 32

A beleza está nos olhos de quem vê

Capítulo 33

Mundo pequeno este!

Capítulo 34

A fada na cela em frente

Capítulo 35

Noite silenciosa

Capítulo 36

Ao som dos bandolins

Capítulo 37

[Reflexo](#)

[Capítulo 38](#)

[Fogo cruzado](#)

[Capítulo 39](#)

[O plano de Marcos](#)

[Capítulo 40](#)

[O poder da inspiração](#)

[Capítulo 41](#)

[Tão perto do fim](#)

[Capítulo 42](#)

[A verdadeira alma](#)

[Capítulo 43](#)

[Reencontros e despedidas](#)

[Epílogo](#)